

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

LÍRIAN SIFUENTES

**“TODO MUNDO FALA MAL, MAS TODO MUNDO VÊ”:
ESTUDO COMPARATIVO DO CONSUMO DE TELENÓVELA
POR MULHERES DE DIFERENTES CLASSES**

Porto Alegre
2014

LÍRIAN SIFUENTES

**“TODO MUNDO FALA MAL, MAS TODO MUNDO VÊ”:
ESTUDO COMPARATIVO DO CONSUMO DE TELENVELA
POR MULHERES DE DIFERENTES CLASSES**

Tese apresentada como requisito para a obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Carolina Escosteguy

Porto Alegre
2014

LÍRIAN SIFUENTES

**“TODO MUNDO FALA MAL, MAS TODO MUNDO VÊ”:
ESTUDO COMPARATIVO DO CONSUMO DE TELENÓVELA
POR MULHERES DE DIFERENTES CLASSES**

Tese apresentada como requisito para a obtenção
do grau de Doutora pelo Programa de
Pós-Graduação em Comunicação Social da
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Aprovada em _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA:

Ana Carolina Escosteguy, Dr.^a (PUCRS)
(Presidente/Orientadora)

Antonio C. La Pastina, PhD (Texas A&M University)

Veneza Mayora Ronsini, Dr.^a (UFSM)

Nilda Jacks, Dr.^a (UFRGS)

Juremir Machado da Silva, Dr. (PUCRS)

Porto Alegre
2014

AGRADECIMENTO

À orientadora Ana Carolina Escosteguy, por compartilhar sua competência, e me ajudar a crescer como pesquisadora;

À professora Veneza Ronsini, por ter me “contagiado” com os interesses de pesquisa e pela pesquisa, e por me acompanhar em mais esse momento;

Ao professor Antonio La Pastina, que tão bem me recebeu na Texas A&M, fazendo com que os poucos meses que passei lá parecessem muito mais, visto os aprendizados levados. Obrigada por estar presente nesse momento final e trazer suas contribuições ao trabalho;

Aos professores Nilda Jacks e Juremir Machado da Silva, pelas contribuições na banca de qualificação, e pela aceitação gentil à participação na banca de avaliação final do trabalho;

À Capes, pela bolsa de Doutorado e pela bolsa para o Doutorado Sanduíche;

Aos colegas dos grupos de pesquisa por que passei nesses quatro anos, pela amizade e parcerias: grupo do projeto de Gênero, Grupo Obitel e GEISC;

Aos colegas, amigos e alunos de Chapecó, especialmente Keli, Milena, Angélica, Valéria e Dirceu, por tornarem minhas estadas muito mais felizes;

A todos que colaboraram diretamente com a pesquisa indicando possíveis entrevistadas: Aline, Camila, Carmem, Charles, Eduardo, Juliano, Júlio, Júnior, Laura, Lúcia, Márcia, Maúcha, Rodrigo.

Às minhas entrevistadas, que me surpreendiam positivamente a cada encontro. Torço muito por cada uma;

Às minhas irmãs, por compartilharem tantos momentos, desde sempre, com muito amor;

Aos meus pais, por terem sempre nos instigado a “investigar”, relacionado estudo a afeto. Levo as teorias aprendidas para a vida, e vejo a importância de vocês nesse processo. Assim, obrigada, pai e mãe, por eu ter me tornado doutora;

Ao Charles, parceiro dessa caminhada, desde o primeiro dia da graduação até o último ponto final na tese. Certamente, fez a trajetória mais leve e feliz.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo principal compreender o papel da classe social no consumo de mídia e telenovela por mulheres de diferentes grupos sociais. As classes consideradas são aqui denominadas classe média, batalhadoras e raladoras. As justificativas para esse trabalho ressaltam a ausência parcial de estudos na área da Comunicação com enfoque na categoria de classe. Ainda, o conceito de “nova classe média” – melhor definida como nova classe trabalhadora – é tomado sem problematização pelos estudos da área e não colaboram para a análise do consumo midiático por parte desse público, se não por um viés mercadológico. O entendimento sobre o conceito de classe social, bem como de *habitus* e capitais, parte das reflexões de Bourdieu e Souza. Entende-se que, desse modo, é possível buscar uma melhor compreensão acerca da relevância do pertencimento de classe para as apropriações midiáticas por parte dos públicos, neste caso, 12 mulheres, quatro de cada classe social, moradoras da Grande Porto Alegre, com idade entre 27 e 37 anos. A pesquisa foi desenvolvida ao longo de 10 meses e fez uso dos instrumentos entrevista em profundidade, formulário e observação. O percurso de pesquisa em campo e de análise contou com o estudo dos modos de vida individuais e de classe; mapeamento do consumo de mídia individual e de classe; e exame das leituras da telenovela, especialmente em relação à análise de representações de classe e de gênero, individual e de classe. Após, foi efetuado o exame comparativo entre as três classes sobre cada um dos três eixos. Os resultados apontam para a diferença substancial das análises de novela de acordo com o capital cultural acumulado. A classe média, grupo com capital cultural mais elevado, realiza as leituras mais críticas acerca da telenovela, tanto no que se refere às representações de classe quanto de gênero. Além disso, esse grupo, juntamente com o de batalhadoras, tem um conhecimento muito superior ao das raladoras acerca da gramática da novela. Em outros aspectos, as leituras das diferentes classes convergem, como no caso da indicação da personagem representante da típica mulher brasileira, em que as respostas não variaram de uma classe para outra. Por fim, o método comparativo, para o estudo da classe social e do consumo da telenovela, mostrou-se profícuo, sendo possível captar características importantes de cada grupo, em relação a seus modos de viver e de ver a mídia e a telenovela.

Palavras-chave: Comunicação. Classe social. Consumo midiático. Telenovela. Estudo comparativo

ABSTRACT

This study aims to comprehend the role of social class in consumption and social uses of media and *telenovela* by women from different social groups. The classes considered here are called middle class, “battler” and “fighter”. The justifications for this study emphasize the partial lack of studies in Communication with a focus on social class variable. Furthermore, the concept of “new middle class” – best defined as new working-class – is taken without question by studies of the area and do not contribute in the analysis of media consumption by that public, if not by a marketing bias. The knowledge of the concept of social class, as well as habitus and capital, comes from the reflections of Bourdieu and Souza. Thus, it is possible to have a better comprehension about the relevance of class belonging for media appropriation by the public, in this case, 12 women, four of each social class, living in Porto Alegre region, aged between 27 and 37 years. The research was conducted over 10 months and made use of the instruments in-depth interview, form and observation. It was analyzed the study of modes of individual and social class living; mapping of individual and social class media consumption; and examination of the readings of the *telenovela*, especially in relation to the analysis of representations of class and gender, individual and class. After it was realized the comparative study between the three classes on each of the three axes. The results point to a substantial difference analyzes of *telenovela* according to the accumulated cultural capital. The middle class, the group with higher cultural capital, takes readings more critical about the *telenovela*, both in relation to representations of class and gender. Moreover, this group, along with the “battlers”, has a much higher knowledge about the grammar of *telenovela* than the “fighters”. In other aspects, the readings of the different classes converge, as in the statement of the representative character of the typical Brazilian woman, in which responses did not vary from one class to another. Finally, the comparative method to the study of social class and consumption and social use of *telenovela* proved to be significant, and it can capture important features of each group in relation to their ways of living and watch the media and the *telenovela*.

Keywords: Communication. Social class. Media Consumption. Telenovela. Comparative study.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Classes sociais segundo diferentes critérios	38
Gráfico 2 – Identidade de classe	39
Gráfico 3 – Evolução da desigualdade na renda familiar <i>per capita</i> no Brasil: Coeficiente de Gini (1977-2007)	64
Gráfico 4 – Evolução da desigualdade na renda familiar <i>per capita</i> no Brasil, segundo a razão entre os 10% mais ricos e os 40% mais pobres (1977-2007)	64
Gráfico 5 – Evolução do saldo líquido médio anual decenal das ocupações geradas segundo faixa de remuneração no Brasil (em mil)	65
Gráfico 6 – Evolução da composição ocupacional segundo faixa de remuneração (%)	66
Gráfico 7 – Média salarial de homens e mulheres	79
Gráfico 8 – Rendimento médio por domicílio, em salários mínimos, nos bairros/cidades de moradia das entrevistadas	109
Gráfico 9 - Quantos dias da semana, de segunda a domingo, utiliza internet	244
Gráfico 10 - Quantos dias da semana, de segunda a domingo, lê jornal	244
Gráfico 11 - Quantos dias da semana, de segunda a domingo, ouve rádio	245
Gráfico 12 - Quantos dias da semana, de segunda a domingo, lê revista	245
Gráfico 13 - Quantos dias da semana, de segunda a domingo, assiste a TV	246
Gráfico 14 - Na residência, TV aberta, paga ou ambas, por renda familiar	246

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Letra da música “Vida de empregue”, da novela <i>Cheias de Charme</i>	73
Figura 2 – “Vitrine da classe C” mostra elementos da nova classe em <i>Avenida Brasil</i>	74
Figura 3 – A nova mulher da nova classe C segundo a revista <i>Veja</i>	80
Figura 4 – Mapa de localização da moradia das entrevistadas - Grande Porto Alegre	108
Figura 5 - Jornal Nacional - 51,89% das famílias têm renda entre R\$ 1.064 e R\$ 4.591	280
Figura 6 - SBT Brasil - 51,89% da população brasileira compõe a nova classe média	280
Figura 7 - Jornal da Band - cresce o número de famílias na classe média (em gráfico)	281
Figura 8 - Jornal da Cultura- cresce o número de famílias na classe média (em quadro) ...	281
Figura 9 – Destaque à ascensão da classe média na capa do Estado de S. Paulo de 06/08/08.....	283
Figura 10 - Destaque à ascensão da classe média na capa da Zero Hora de 06/08/08	284
Figura 11 – Capa da revista <i>Época Negócios</i> de 04/11/09	288

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Opinião de brasileiros, em telejornais, sobre sua situação financeira atual 279

Quadro 2 – Telejornais da Globo destacam a necessidade de melhorar a educação no país
..... 282

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Proporção de homens e mulheres por tipo de ocupação e relação homem/mulher por ocupação e por classe de renda, Brasil, 2011	78
Tabela 2 – Entrevistadas – dados pessoais	105
Tabela 3 – Consumo de mídia (Classe média)	143
Tabela 4 – Consumo de Mídia (Batalhadoras)	184
Tabela 5 – Consumo de mídia (Raladoras)	219
Tabela 6 – Consumo de mídia (Todas as classes)	243
Tabela 7 – Você gosta de assistir a novela?	249

LISTA DE SIGLAS

Cesuca – Complexo de ensino superior de Cachoeirinha

EJA – Educação para Jovens e Adultos

FGV – Fundação Getúlio Vargas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Ibope – Instituto brasileiro de opinião pública e estatística

INSS – Instituto Nacional de Seguridade Social

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

RBS – Rede Brasil Sul

SAE/PR – Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República

SBT – Sistema Brasileiro de Televisão

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSM – Universidade Federal de Santa Maria

UFSM-CESNORS – Universidade Federal de Santa Maria – Centro de Educação Superior Norte-RS

Ulbra – Universidade Luterana do Brasil

UNIJUÍ – Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	PELA RESTAURAÇÃO DA IMPORTÂNCIA DA CLASSE SOCIAL	21
2.1	ESTUDOS CULTURAIS, MARXISMO E CLASSE SOCIAL	22
2.2	BOURDIEU: CONTRIBUIÇÕES AOS ESTUDOS CULTURAIS.....	30
2.3	DO CONCEITO À PESQUISA EMPÍRICA.....	37
2.3.1	Classe média	41
2.3.2	Batalhadores	44
2.3.3	Ralé	46
2.4	CLASSE E GÊNERO: ARTICULAÇÕES POSSÍVEIS.....	51
3	CLASSE EM FOCO: A NOVA CLASSE TRABALHADORA	60
3.1	NOVA CLASSE MÉDIA?.....	61
3.1.1	A ideologia meritocrática	70
3.2	A TELENÓVELA EM BUSCA DA CLASSE EM ASCENSÃO.....	71
3.3	A “NOVA MULHER” DA “NOVA CLASSE”	77
4	ESTUDO DAS PRÁTICAS DE RECEPÇÃO MIDIÁTICA	83
4.1	UM NOVO MODO DE PESQUISAR AS AUDIÊNCIAS.....	83
4.2	UM PASSO ADENTRO: AS PESQUISAS ETNOGRÁFICAS.....	86
4.3	ATUALIDADE DOS ESTUDOS DE AUDIÊNCIA.....	89
4.4	DE QUE ESTUDO ESTAMOS FALANDO?.....	94
5	DISCUSSÃO METODOLÓGICA	103
5.1	GRUPO ESTUDADO.....	105
5.2	INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	110
5.2.1	Entrevista	111
5.2.2	Formulário	114
5.2.3	Observação e diário de campo	115
5.3	DESCRIÇÃO E ANÁLISE.....	118
6	CLASSE MÉDIA: “TEM QUE ESTUDAR, TEM QUE SE FORMAR, TEM QUE TRABALHAR, TEM QUE SER INDEPENDENTE”	121
6.1	QUEM SÃO	121
6.2	MODOS DE VIVER	125
6.3	MODOS DE VER: MÍDIA	135
6.4	MODOS DE VER: TELENÓVELA	143
7	BATALHADORAS: “TU SEMPRE BATALHAR PELO QUE TU QUER, TU TRABALHAR, TU IR ATRÁS”	159
7.1	QUEM SÃO	159
7.2	MODOS DE VIVER	162
7.3	MODOS DE VER: MÍDIA	177
7.4	MODOS DE VER: TELENÓVELA	185
8	RALADORAS: “SÓ O FATO DE EU NÃO TÁ ROUBANDO, ME PROSTITUINDO E NEM MATANDO, PRA MIM TÁ TUDO BOM”	197
8.1	QUEM SÃO	197
8.2	MODOS DE VIVER	200

8.3	MODOS DE VER: MÍDIA	213
8.4	MODOS DE VER: TELENODELA	219
9	SIMILITUDES E SINGULARIDADES.....	232
9.1	MODOS DE VIVER	232
9.2	MODOS DE VER: MÍDIA	240
9.3	MODOS DE VER: TELENODELA	248
10	CONCLUSÃO.....	254
	REFERÊNCIAS.....	260
	APÊNDICE A – A “nova classe média” no jornalismo: estudo preliminar.....	276
	APÊNDICE B – Roteiro Entrevista 1.....	292
	APÊNDICE C – Roteiro Entrevista 2.....	293
	APÊNDICE D – Roteiro Entrevista 3.....	294
	APÊNDICE E – Formulário Econômico-Midiático.....	295
	APÊNDICE F – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	297

1 INTRODUÇÃO

O tema da “nova classe média” repercute e ganha espaço na mídia em 2008. De lá para cá, viemos tomando conhecimento de um novo grupo de brasileiros que ascendeu socialmente e alcançou o que parecia inalcançável: pertencer, em massa, à classe média. Essa, ao menos, foi a “história vendida” pelo jornalismo, pelo governo, por agências de mercado, etc., nos últimos seis anos. Não demorou a surgirem, especialmente na Sociologia e na Economia, trabalhos refletindo sobre o enquadramento desse grupo. Algo que logo ficou comprovado é que houve, de fato, um nível de crescimento na renda de uma parcela de brasileiros e uma alavancada social que tirou muitos da pobreza. Fora isso, há pouco consenso.

A questão crucial, parece, está na justificativa que o próprio Marcelo Neri (2008, 2010) – o “pai da nova classe média”, coordenador da pesquisa da FGV que, em 2008, apresentou dados tão otimistas que davam conta dessa ascensão em massa, atual Ministro da Secretaria de Assuntos Especiais da Presidência da República e presidente do Instituto de Pesquisa Aplicada – apresentou sobre a nomenclatura usada: ele se refere a uma “classe econômica”, não a classe social, assim, “é a classe média no sentido estatístico” (NERI, 2008, p. 48). Bem, essa diferença não é discutida, não, ao menos, na grande mídia, e, o que ficou, é que temos uma nova classe média.

Se, de um lado, temos um “equivoco de avaliação”, pois, como discutiremos, esse grupo não pode ser entendido como “classe média”, por outro, o tema trouxe a questão de classe de volta à cena. No entanto, ainda que seja possível perceber, em alguma medida, essa retomada, pouco é dito/entendido, e ainda parece politicamente incorreto falar sobre classe social, como se estivesse sendo feita uma hierarquização entre as pessoas quando se “classifica”. As classes sociais não falam sobre a qualidade das pessoas, sobre seu valor, mas sobre a posição que elas ocupam em uma estrutura social capitalista, em que alguns lucram com a exploração do trabalho de outros. Em uma sociedade tão desigual como a brasileira, deixar de falar de classe é colocar para baixo do tapete a desigualdade social que atinge, em cheio, a população do país. Portanto, vamos falar de classe social, “afinal, é apenas conhecendo e reconhecendo a dor e o sofrimento injustos que podemos mitigá-lo. ‘Enfeitá-lo’ e negá-lo é, ao contrário, a melhor maneira de torná-lo eterno.” (SOUZA, 2013, p. 67).

Nesse preâmbulo, a temática da “nova classe média” permite salientar a atualidade da questão de classe no contexto brasileiro e ajuda a entender os motivadores para o estudo que se pretende desenvolver aqui. É a – relativa – ascensão de uma classe social no Brasil que nos

impele a tratar dessa problemática, juntamente com a crença na importância das questões de classe para a compreensão do consumo de mídia. Estamos em consonância com Morley (1996, p. 129), que defende a realização de estudos que situem a classe social em posição central para a compreensão das diferentes leituras midiáticas efetuadas pelos indivíduos. O autor grifa a importância de “uma abordagem que relacione interpretações diferentes à estrutura socioeconômica da sociedade e, assim, mostre que os membros de classes e grupos diferentes [...] interpretam diferentemente uma mensagem dada”¹.

Esse é o contexto que nos leva a formular a seguinte questão, norteadora dessa pesquisa: Qual o papel da classe social no consumo de mídia e telenovela por mulheres de diferentes grupos sociais? Acerca da celebrada “nova classe média”, ela constitui peça central nesta investigação. Juntam-se a ela – que aqui denominamos de classe batalhadora, partindo da discussão de Jessé Souza (2010) – a classe média e a “ralé” – essa última também discutida por Souza (2009). O objetivo é realizar um estudo comparativo que nos ajude a compreender de que forma a classe social conforma diferentes leituras de mídia, de forma mais ampla, e de telenovela, especificamente.

Na Comunicação, não é de hoje que se verifica uma afonia no tocante ao estudo de classe social. Mais recentemente, devido ao fenômeno da “nova classe média”, proliferaram estudos na área em que a temática da classe passou a aparecer. Contudo, são estudos que estão mais próximos de pesquisas de mercado do que de investigações científicas. Os estudos de comunicação sobre esse grupo social, nomeadamente os que relacionam esse tema à telenovela (IORIO, 2012; MAURO; TRINDADE, 2012; SOBRAL, 2012; TARAPANOFF; FERNANDES, 2012), ao abordar o acontecimento “nova classe média”, desconsideram as discussões que vêm sendo travadas sobre a questão (SOUZA, 2010, 2013; POCHAMANN, 2012; BARTELT, 2013; KERSTENETZKY; UCHÔA, 2013; QUADROS; GIMENEZ; ANTUNES, 2013).

Assim, entendemos que há uma lacuna importante no campo da Comunicação no que se refere à análise de classe social, ainda pouco abordada, e, especificamente, em termos de pesquisas que, a partir de uma postura crítica, tomem a questão da “nova classe média” visando a compreender o consumo midiático desse grupo, mesmo porque, em matérias jornalísticas, o foco que o grupo recebe é, majoritariamente, pelo viés do consumo. Uma vez que essa classe permanece central tanto em debates políticos quanto nas representações midiáticas, a necessidade de investigação científica é notável.

¹ Essa, assim como todas as demais citações em língua estrangeira, foram traduzidas pela autora da tese.

Como foi brevemente mencionado, não concordamos com a denominação “nova classe média” por entendermos que essa classe que ascendeu socialmente é uma nova classe trabalhadora (SOUZA, 2010), e não uma “nova classe média”. Mesmo assim, em algumas circunstâncias, usamos a expressão porque entendemos que ela nos vincula a uma determinada discussão, em que o tema ficou marcado pelo selo da “nova classe média”.

Pochmann (2012), embora tenha o mesmo ponto de vista sobre esse grupo não representar uma classe média, entende que tampouco há uma nova classe, seria apenas a velha conhecida classe trabalhadora. No entanto, assim como Souza, entendemos que a ascensão desse grupo social representa um fenômeno novo, e que essa classe tem características novas e complexas, que a diferem da antiga classe trabalhadora. Seria, assim, uma “classe social nova e moderna, produto das transformações recentes do capitalismo mundial” (SOUZA, 2010, p. 26).

Destarte, temos os seguintes objetivos de pesquisa: a) conhecer os modos de viver dos três grupos considerados, buscando compreender os *habitus* e os capitais, nos termos de Bourdieu, de mulheres das classes média, batalhadora e raladora; b) mapear e comparar o consumo midiático dos referidos grupos; c) identificar divergências e consonâncias no capital cultural das distintas classes e, especialmente, verificar se o capital cultural diferenciado acarreta em diferentes leituras da telenovela; d) verificar similitudes e singularidades da classe batalhadora em relação às demais no que concerne aos modos de viver e de ver, isto é, nas apropriações de telenovela efetuadas por elas.

Nossa concepção acerca dessas três classes – média, batalhadora e raladora – é de que sua definição não está atrelada à renda ou à quantidade de bens que possuem, mas sim a visões de mundo e práticas que conformam modos de ser e de viver, e, por consequência, de se relacionar com produtos midiáticos. Isso quer dizer que entendemos que o principal distintivo quando se fala em classe é a cultura. Assim, poderíamos demarcar que a classe média é aquela que possui capitais, tanto cultural quanto econômico e social, em quantidade significativa para permitir a reprodução de sua classe ao longo de outras gerações. A classe batalhadora pode ser identificada como aquela que a ascensão se deu como fruto do empenho pessoal, pela disciplina e por outras pré-disposições básicas que permitiram a ela se diferenciar da “ralé”. Essa, por sua vez, é uma classe desprovida dessas pré-disposições básicas que permitem a organização familiar, o sucesso escolar e profissional, em um ciclo em que a primeira é pré-requisito para os demais. Essas noções, fundamentais para esta pesquisa, têm origem no pensamento de dois sociólogos que serão largamente utilizados e discutidos aqui: Pierre Bourdieu e Jessé Souza.

Acreditamos que as reflexões de Bourdieu podem ser muito profícuas para a pesquisa em Estudos Culturais. Como ressaltam Couldry (2003, 2010), Barros Filho e Martino (2003) e Garnham e Williams (1980), Bourdieu é uma importante inspiração para o estudo da classe social e das relações de poder no âmbito dos Estudos Culturais, especialmente para desenvolver uma articulação entre estrutura social e agência individual. Por sua vez, Jessé Souza reflete sobre a aplicação das teorias de Bourdieu na modernidade periférica brasileira (SOUZA, 2003), servindo em muitos momentos a este estudo por desenvolver determinados conceitos bourdianos na pesquisa empírica com classes populares no Brasil.

Assim como a escolha das três classes sociais apontadas – média, batalhadora e raladora – como grupo a ser estudado, outra especificidade importante é o fato de termos restringido os informantes apenas a mulheres, as quais têm protagonismo nesse novo grupo social em foco, como abordaremos no capítulo 3. O objetivo é compreender e comparar as leituras sobre as mulheres na telenovela que cada uma das classes realiza, pois, como hipótese, acreditamos que o capital cultural mais elevado proporcionará interpretações mais igualitárias e menos conservadoras no tocante às relações de gênero. Assim, não temos o intuito de fazer uma análise de gênero propriamente, não possuindo essa categoria, portanto, a mesma centralidade da de classe social. Pelo contrário, o exame que envolve as relações de gênero é um meio para a análise comparativa de classe. Nossa aproximação à categoria de gênero se assemelha à segunda perspectiva de investigação exposta por Shalev (2008, p. 422):

Perspectivas feministas sobre a intersecção entre classe e gênero permitiram importantes insights, mas se concentraram em como a desigualdade de gênero contribui para a desigualdade de classe e como a subordinação de classe oprime as mulheres. Menos comumente discutida é a interação entre classe e gênero no sentido de que as implicações de gênero estão condicionadas à classe.

Aqui, as implicações de gênero consideradas são aquelas que transparecem nas leituras da telenovela efetuadas pelas entrevistadas, e não exatamente na forma como experimentam, concretamente, a vivência como mulheres.

Ainda, buscaremos compor um mapeamento comparativo do consumo de mídia e, especialmente, desenvolver a investigação das apropriações da telenovela. O estudo de consumo midiático serve como antessala para a análise envolvendo o folhetim. A escolha pela telenovela como produto midiático para estudo se dá por ser o melodrama uma matriz cultural historicamente presente na América Latina, e, embora costume ser relacionada às classes populares, percebe-se, no Brasil, um largo consumo também da classe média. Considerando a hipótese de que a telenovela é um produto “transclassista”, pretende-se, primeiramente,

averiguar se isso se confirma entre as entrevistadas e, em segundo lugar, e mais importante, compreender distinções na relação das mulheres das distintas classes com o produto, o que inclui verificar a relação construída com o gênero ao longo de suas vidas; o espaço cotidiano reservado às telenovelas; o tipo de interação e envolvimento com as tramas; as leituras das representações de gênero e de classe social.

Cientes de outras pesquisas que também tiveram o propósito de estudar as relações de distintas classes sociais com a telenovela – destacamos, nesse sentido, os trabalhos de Leal (1986), Lopes, Borelli e Resende (2002) e Ronsini (2012) – avaliamos que os objetivos deste trabalho se aproximam mais daqueles investigados por Leal (1986), que se preocupou em realizar um estudo comparativo das leituras da novela *Sol de Verão* por duas classes antagônicas; do que aos de Ronsini (2012), que investigou o papel do consumo de mídia na reprodução simbólica da dominação de classe, ou, o papel da televisão na reprodução ideológica e no sentido que os receptores dão às codificações da mídia. A diferença é que, de um lado, temos uma pesquisa que visa a compreender em que aspectos o pertencimento de classe origina leituras distintas da mídia, enquanto, do outro, o intuito é identificar o papel da mídia na conformação de ideologias de classe. Outra semelhança ao estudo de Leal é que, aqui, as informantes são também mulheres. Na pesquisa de Ronsini, os jovens foram o grupo enfocado.

Por outro lado, talvez a maior diferença da nossa proposta para a investigação de Leal (1986) esteja no espaço de tempo transcorrido, de 28 anos. Basicamente, a especificidade temporal permite que, em nosso caso, tenhamos um fenômeno sobre o qual queremos colocar luz. Curiosamente, a década de 1980 também experimentou um período de ascensão social no Brasil, como observa Guerra et al. (2006). No entanto, mesmo que tivesse sido assunto abordado por Leal, as características da ascensão ocorrida naquele momento diferem substancialmente da que conferimos hoje.

Outra ressalva acerca da formatação desta pesquisa é de que este não é um estudo de recepção, tampouco analisa uma novela específica. Em vez disso, queremos abranger aquelas novelas que são importantes para cada uma das pesquisadas, para compreender as relações de cada grupo com o gênero televisivo, especialmente, em relação às leituras das problemáticas de classe social e relações de gênero. Não estamos em busca das respostas acerca de uma trama em específico ou de uma gama de personagens, por exemplo, e é por isso que, conforme será discutido no capítulo 4, propomos aqui a realização de um estudo de consumo, mais abrangente que o estudo de recepção, e que serve ao nosso objetivo de investigar as relações das classes com o produto telenovela, e não de compreender as decodificações

efetuadas, como entendemos ser o objetivo dos estudos de recepção. De tal modo, entendemos, resumidamente, os estudos de consumo midiático como aquele que focaliza a relação do público com os meios ou com um gênero, sem atentar para a decodificação de mensagens específicas. Preocupa-se em estudar como o contexto do receptor afeta a experiência midiática e como essa impacta o indivíduo.

Sobre a metodologia de pesquisa, vale apontar que a opção por desenvolvermos um estudo comparativo se deve ao entendimento de que esse método permite colocar em evidência, através das diferenças entre os grupos sociais, características centrais de cada um. “É lançando mão de um tipo de raciocínio comparativo que podemos descobrir regularidades, perceber deslocamentos e transformações, construir modelos e tipologias, identificando continuidades e descontinuidades, semelhanças e diferenças” (SCHNEIDER; SCHIMITT, 1998, p. 49), tornando possível, assim, o entendimento de aspectos que regem os fenômenos sociais. Para os autores, o método comparativo também fornece maior objetividade científica, pois a comparação permitiria formular leis capazes de explicar o social.

Como instrumentos de coleta de dados, fazemos uso de entrevista semiestruturada, formulário e observação. Todos eles foram aplicados com as 12 entrevistadas, quatro pertencentes a cada grupo. Elas têm entre 27 e 37 anos e residem em Porto Alegre ou região metropolitana. As mulheres pertencentes à classe média são: assistente social, fisioterapeuta, tradutora e publicitária. As batalhadoras são: técnica em gestão, manicure, assistente administrativa e vendedora por telemarketing. Já as raladoras são: em dois casos, diarista, em um, auxiliar de serviços gerais e, em outro, desempregada. A pesquisa de campo ocorreu, em uma fase inicial, nos meses de maio, junho e julho de 2012 e, posteriormente, de agosto a dezembro de 2013 e nos meses de janeiro e fevereiro de 2014. Foram, no mínimo, três encontros com cada uma das informantes.

Esta tese está dividida em dez capítulos. No capítulo a seguir, discutimos a questão da classe social, reivindicando a retomada da importância das investigações com esse viés no campo dos Estudos Culturais, pois, conforme observado na primeira seção desse capítulo, essa foi uma das questões fundantes da corrente, todavia, atualmente, encontra-se pouco desenvolvida. Na segunda seção, indicamos as principais contribuições de Bourdieu para este estudo, ressaltando o que afirmamos anteriormente acerca da proficuidade de seus conceitos para a pesquisa que relaciona classe social e Estudos Culturais. A terceira seção apresenta critérios diversos utilizados para a definição de classes sociais para a pesquisa empírica. O critério de que mais nos aproximamos é o de divisão por ocupações, embora ele seja

complementado com o estudo dos capitais. Essa seção conta, ainda, com uma breve apresentação das classes que serão estudadas, a partir de outros autores. Por fim, a primeira seção discute as articulações possíveis entre classe social e gênero na pesquisa em Estudos Culturais. Destacamos, mais uma vez, que o estudo do gênero está em função do estudo da classe, por isso, as categorias aparecem articuladas nesse ponto.

O terceiro capítulo se dedica a discutir a “nova classe média” ou, como chamamos em seu título, nova classe trabalhadora. Primeiramente, buscamos articular autores que deixam claro que o fenômeno vivido pelo Brasil não possui como produto uma classe média nova, mas sim uma classe trabalhadora com maior poder de consumo e outros aspectos novos. Também apresentamos, no capítulo 3, a repercussão em torno das telenovelas *Cheias de Charme* e *Avenida Brasil*, que enfocaram essa classe em ascensão, em 2012. Essa seção, assim como a seguinte, sobre a busca pela mulher da classe C (nomenclatura do mercado para esse grupo) enquanto consumidora, apresentam um relato a partir de matérias jornalísticas, de modo a contextualizar os acontecimentos que envolvem esses temas. Relacionado a esse capítulo, apresentamos, no Apêndice A, o que denominamos de um estudo preliminar sobre o modo como a temática da “nova classe média” apareceu no jornalismo, ficando claro como a mídia “comprou a ideia” da “nova classe”, como comentam autores que estudam esse grupo, como os próprios Souza (2010) e Pochmann (2012), mas sem desenvolverem a temática e apresentarem exemplos sobre o que estão falando.

No capítulo 4, destacamos aspectos, que julgamos importantes para esta pesquisa, acerca dos estudos das práticas de recepção midiática. Primeiramente, seguimos uma linha mais ou menos cronológica, nos itens 1 e 2, sobre o desenvolvimento dos estudos da área, em que algumas tendências, principalmente metodológicas, destacam-se. Na terceira seção, discutimos alguns dos tópicos que pensamos serem desafios importantes do campo dos estudos de audiência na atualidade. Por fim, na última seção do capítulo, construímos uma discussão entre estudiosos do tema da audiência para apontarmos de que forma podem ser entendidas quatro vertentes que entendemos estarem incluídas nos estudos das práticas de recepção midiática: a pesquisa sobre consumo, os estudos de recepção, os estudos de identidade e a pesquisa sobre usos sociais dos meios.

O capítulo 5 trata da metodologia utilizada, objetivando descrever e refletir sobre as escolhas no percurso da pesquisa. O capítulo inicia apontando a necessidade de reflexão metodológica no campo da Comunicação, onde a preocupação com metodologia é pouco significativa; faz uma apresentação das mulheres entrevistadas; discute o uso dos

instrumentos de coleta de dados entrevista, formulário e observação; e assinala as linhas gerais das descrições e análises dos dados.

Os capítulos 6, 7 e 8, cada um dedicado a uma das classes pesquisadas, estão estruturados de forma igual, para que os mesmos aspectos sejam descritos e analisados para serem, posteriormente, no capítulo 9, postos em comparação. Os quatro capítulos referidos estão dispostos com a apresentação das entrevistadas, modos de vida, consumo de mídia e modos de ver a telenovela. No capítulo 9, são apontadas algumas das tantas comparações em que poderíamos investir. Foi preciso recortar e colocar em destaque, via comparação, alguns dos elementos avaliados como centrais para a compreensão de cada classe e para que seja possível responder aos objetivos aqui indicados.

Ao término da pesquisa, entendemos que o método comparativo foi muito rico ao nos permitir ver as singularidades e as semelhanças entre as classes. Um dos objetivos foi tentar entender a classe batalhadora em relação às outras, buscando desvendar se há aproximações mais recorrentes dessa com classe média ou raladora. Entendemos que essa classe mantém independência em relação às outras duas, embora tenha sido comum que, em alguns aspectos das leituras de telenovela, tanto no que refere às representações de classe e gênero, quanto, principalmente, em relação ao conhecimento da “gramática” da telenovela, as batalhadoras tenham se aproximado das compreensões da classe média.

Finalmente, destacamos que essa foi uma empreitada bastante laboriosa, visto o volume de dados gerados quando se estuda e se coloca em relação três classes sociais com todas as suas peculiaridades. Talvez por isso, em alguns momentos, certos aspectos possam não ter sido suficientemente aprofundados, todavia, entendemos que essa é uma característica do método comparativo, que, por vezes, perde um pouco em detalhamento para ganhar em alcance.

2 PELA RESTAURAÇÃO DA IMPORTÂNCIA DA CLASSE SOCIAL

Enquanto muitos aboliram a classe social do vocabulário e da prática acadêmica, outros seguem caminho inverso e reivindicam a centralidade da classe em pesquisas sociais. Incluímo-nos no segundo grupo, para o qual a classe social permanece exercendo papel fundamental na organização e no funcionamento das sociedades contemporâneas. “A classe pode ter sido abolida retoricamente em muitos textos, mas uma quantidade impressionante de evidência empírica confirma que ela permanece como uma força essencial para modelar a maneira como vivemos hoje” (MURDOCK, 2009, p. 33).

Munt (2000) tem a mesma percepção de Murdock, e vê indícios agudos de que classe permanece estruturante dos modos de vida e de compreensão do mundo.

Não obstante sua existência objetiva como uma categoria empírica, e sua duradoura existência objetiva como experiência vivida, os efeitos da privação relativa não só afeta as chances de vida (quantificável), mas também estilos de vida, no modo como medimos e diferenciamos nosso status social (qualificável). As gradações desse status social informam e determinam nossa mobilidade no espaço social; elas afetam nossas práticas corporais, circunscrevem nossa realidade ideal, nosso senso de “eu”. (MUNT, 2000, p. 3).

Munt e Murdock são ingleses – e não por coincidência, uma vez que foram os Estudos Culturais britânicos que mais a fundo levaram o enfretamento da questão de classe –, todavia, essas evidências empíricas, de que fala Murdock, não são percebidas mais claramente lá do que aqui, no Brasil, onde, sabemos, os índices de desigualdade social estão entre os mais significativos do mundo².

Falando do Brasil, sua realidade social e as pesquisas aqui desenvolvidas, Souza (2006; 2009; 2010) assinala que a temática das classes sociais e das diferenças entre os diferentes grupos sociais têm sido encobertas, tendo como uma das principais consequências a invisibilização da desigualdade social, que resulta em violência simbólica com os menos abonados na medida em que se ocultam os conflitos sociais fundamentais. Para Souza, são tornados invisíveis os capitais econômico e cultural das distintas classes, apesar de esses serem chave para a compreensão da hierarquia social. Assim, são tornadas invisíveis “as causas efetivas e reais da desigualdade, da marginalidade, da subcidadania e da naturalização da diferença que nos caracteriza primordialmente como sociedade” (SOUZA, 2006, p. 17).

² O Brasil atingiu, em 2011, o menor nível de desigualdade social já verificado desde o início das séries históricas, em 1960. Mesmo assim, a desigualdade brasileira está entre as 12 mais altas do mundo (IPEA, 2012).

Nos estudos feministas, Skeggs (1997b, p. 127) também percebe um “fazer invisível a desigualdade”. Para a socióloga, as pesquisadoras têm se preocupado cada vez mais com a demanda do “reconhecimento”, e pouco com a questão “redistributiva”, sendo essa “parte da razão porque classe desapareceu da agenda feminista”.

Na perspectiva da Comunicação³, Murdock (2009, p. 32) analisa que há uma “recusa em reconhecer que a classe permanece sendo um importante princípio estrutural de cada aspecto da vida no capitalismo recente”. Para ele, deixar de pensar a classe social como estruturante das relações comunicativas – seja no âmbito da produção, do texto ou da recepção – “bloqueia uma visão abrangente das condições contemporâneas”.

Para Baker e Beezer (1996, p. 25), “o conceito de classe deixou de ser o conceito crítico central. Na melhor das hipóteses, passou a ser uma ‘variável’ entre outras [...]; na pior, dissolveu-se com todo o resto”. Segundo os autores, entre os motivos para esse “dissolvimento”, podem ser apontados os argumentos pós-estruturalistas que veem todas as lutas sociais como meramente discursivas.

Aqui, daremos foco à relação dos Estudos Culturais com o marxismo, assim como com os estudos de classe de forma mais ampla, os quais se estabelecem desde a constituição da corrente, como informam os autores tratados no tópico seguinte. Também refletiremos sobre as contribuições de Bourdieu para o campo dos Estudos Culturais e, especialmente, para este trabalho, por meio dos conceitos de *habitus* e capitais, destacadamente, e de distinção, de modo secundário.

O capítulo ainda discute os critérios mais utilizados para a classificação em classes sociais, e faz um esforço de definição dos critérios a serem empregados nesta pesquisa. Por fim, articulamos o conceito de classe social ao de gênero, tendo em vista que esse estudo toma as mulheres como objeto de pesquisa. Destacamos, porém, formas de articulação das categorias e não a categoria de gênero propriamente.

2.1 ESTUDOS CULTURAIS, MARXISMO E CLASSE SOCIAL

A relação dos Estudos Culturais com o marxismo está presente desde suas origens, seja como crítica, influência ou adoção propriamente. Para Curran (2010, p. 280), “o marxismo não é simplesmente parte dos aspectos históricos, ele, de fato, influencia o caráter

³ Dos 373 trabalhos submetidos para o evento da Compós de 2014 - mais reconhecido evento brasileiro de pesquisadores de Comunicação -, em apenas um a palavra “classe” aparece no título, corroborando para mostrar que essa temática não está preocupando os comunicólogos brasileiros.

dos estudos culturais”. Embora um uso mais aberto do marxismo tenha sido notado em um período específico do desenvolvimento dos Estudos Culturais britânicos, a influência de Marx pode ser notada nos textos fundadores da disciplina.

As versões sobre o papel do marxismo nos Estudos Culturais variam. Entre os que vêm uma ligação mais estreita, como Grossberg (1986 apud SPARKS, 1996), a disciplina, na Inglaterra, poderia até mesmo ser chamada de “estudos culturais britânicos marxistas”. Essa, contudo, não é a versão “oficial”. Hall discorda de que em algum momento os Estudos Culturais britânicos tenham se tornado marxistas.

A ideia de que marxismo e estudos culturais entraram em um lugar, reconheceram uma afinidade imediata, juntaram as mãos, num momento teleológico ou hegeliano de síntese, e então houve o momento de fundação dos estudos culturais, é completamente equivocada. Não poderia ser mais diferente. (HALL, 1996b, p. 266).

O autor afirma que isso não significa dizer que ele, assim como a disciplina, não foi profundamente influenciado pelas demandas colocadas pelo projeto teórico marxista, como questões referentes a poder, classe, ideologia, etc.. Mantem, contudo, que “nunca houve um momento quando estudos culturais e marxismo representaram um perfeito ajuste teórico” (HALL, 1996b, p. 265). Mais do que isso, considera que a relação dos Estudos Culturais com o marxismo se deu a partir do “engajamento com um problema”, e “não com uma teoria, e nem mesmo com uma problemática” (Ibid.). Esse problema refere-se, por exemplo, a um entendimento restrito de “cultura” em Marx e seus seguidores, como Williams trata pontualmente, e de que trataremos adiante.

Johnson esquematiza os aspectos em que percebe, mais claramente, a influência marxista sobre os Estudos Culturais. Para ele, são três premissas principais dessa relação:

A primeira é que os processos culturais estão intimamente vinculados com as relações sociais, especialmente com as relações e as formações de classe, com as divisões sexuais, com a estruturação racial das relações sociais e com as opressões de idade. A segunda é que cultura envolve poder, contribuindo para produzir assimetrias nas capacidades dos indivíduos e dos grupos sociais para definir e satisfazer suas necessidades. E a terceira, que se deduz das outras duas, é que cultura não é um campo autônomo nem externamente determinado, mas um local de diferenças e de lutas sociais. (JOHNSON, 1999, p. 13).

Nos trabalhos inaugurais, de Hoggart, Williams e Thompson, são identificáveis os vetores destacados por Johnson⁴. Ressalta-se o foco dado à classe trabalhadora, desde dentro,

⁴ O autor também se dedica a essa discussão em “Three problematics. Elements of a theory of working class culture”, capítulo do livro “Working class culture” (1979).

sendo uma das questões originárias dos Estudos Culturais. Como aponta Munt (2000, p. 4), “[...] a cultura da classe trabalhadora britânica tornou-se o texto, assim como a teoria, para a nova disciplina”. Vale destacar que a categoria de classe social, embora fortemente vinculada ao marxismo, tem “vida própria” nos Estudos Culturais, tendo sido tema de estudos antes de um uso mais extensivo das ideias de Marx. “Os Estudos Culturais foram um campo formado por classe social” (Ibid., p. 2).

Sparks (1996) buscou traçar a trajetória da conexão entre Estudos Culturais e marxismo, destacando os momentos em que houve uma maior aproximação ou um afastamento entre ambos. O autor avalia que a relação, de um modo mais harmônico, durou cerca de 20 anos, tendo iniciado entre 1968 e 1972, e tendo se encerrado junto ao colapso da União Soviética. Para ele, foram os Estudos Culturais desse período – anos 1970⁵ e 1980 –, ou, os estudos culturais mais marxistas, que ficaram mundialmente conhecidos e tiveram grande sucesso de exportação.

Nessa linha do tempo, Sparks também avalia a adesão à teoria marxista das figuras mais importantes da fundação da disciplina, que também sofreu alterações ao longo dos anos. Em primeiro lugar, o de mais fácil classificação, segundo ele, é Hoggart, que, simplesmente, não era, e nunca foi, marxista. Isso não significa que não considerasse a questão de classe fundamental, visto que a vida da classe trabalhadora recebeu centralidade em sua obra. De outro lado, dentre os três “pais fundadores”, Thompson foi, certamente, o mais claramente marxista.

Williams, nas décadas de 1950 e 1960, fez dos aspectos criticados no marxismo temas centrais de sua obra, que deram base aos Estudos Culturais. Em sua perspectiva, a) Marx e seus seguidores deram pouca importância à compreensão da cultura, em detrimento da centralidade da economia; e b) o entendimento que o marxismo tinha de “cultura” era restrito, o termo indicando não mais que os produtos intelectuais e imaginativos de uma sociedade, quando deveria ter sido usado para se referir a um modo total de vida, o que estaria em concordância com a própria forma marxista de entender a sociedade. Em outros aspectos, no entanto, Williams se aproximava do marxismo, especialmente ao entender a classe como elemento definidor da experiência cultural. Nos anos 1970, após a transformação de conduta teórica do Centro, declarou-se marxista.

⁵ Entre as principais obras dessa primeira década “marxista”, podem ser destacadas as coletâneas “Resistance through rituals” (HALL; JEFFERSON, 1975) e “Working class culture” (CLARKE; CRITCHER; JOHNSON, 1979).

Hall, por sua vez, experimentou uma clara transição, tal qual a notada nos Estudos Culturais britânicos como um todo, tendo o ano de 1968 um papel importante nessa mudança. Se, nos anos 1950, Hall considerava o marxismo obsoleto, a partir dos anos 1970, tomou em grande parte o olhar marxista, principalmente por meio da compreensão de Althusser de ideologia, a qual o Centro passou a seguir.

O que se notou, entre o final dos anos 1960 e o início dos anos 1970, conforme Sparks (1996), foi a substituição da “totalidade expressiva”, como foco de interesse dos estudiosos do CCCS, pelo problema da “determinação de classe”, com ênfase no estudo da ideologia⁶. Essa mudança teve repercussão no posicionamento dos fundadores. Hoggart, Thompson e Williams afastaram-se do Centro. Thompson por não concordar com a adoção das ideias de Althusser, que estavam sendo largamente empregadas nas pesquisas do grupo; Williams, apesar de ter se declarado marxista, seguiu em outra direção, intelectual e política, com forte inclinação materialista. Já Hall foi figura central na adoção do marxismo althusseriano-estruturalista, liderando o desenvolvimento dos Estudos Culturais que vieram a ser largamente exportados.

A filiação a Althusser, apesar de ter impacto importante, não durou muito anos. Logo, Hall passou a seguir as reflexões de Gramsci, e começou a se afastar do estruturalismo althusseriano, que teve, segundo Sparks, no máximo dez anos de duração como linha de frente teórica no CCCS. A adoção de Gramsci por Hall é claramente percebida em seu bastante difundido modelo “encoding/decoding”, apresentado pela primeira vez em 1973.

O modelo inspira aquele que é considerado o primeiro estudo empírico de audiência nos Estudos Culturais. Em “*The Nationwide Audience*”, de 1980, Morley partiu da hipótese de a classe ser um fator central para a decodificação realizada pelo receptor. Sua intenção era compreender o modo como leituras diferentes se relacionavam como as posições sociais da audiência. Para tanto, sua pesquisa foi constituída por grupos com distintos níveis educacionais e diferentes origens sociais e culturais.

Entre os resultados encontrados, indica que “a posição de classe, por exemplo, não apresenta relação direta com os marcos de decodificação” (MORLEY, 1996, p. 170). Assim, seus achados não permitiram relacionar, de forma clara, a condição de classe dos grupos estudados e suas leituras, já que outros fatores conformaram tal decodificação.

⁶ A definição de Hall (1996a, p. 26) para o conceito de ideologia foi assim resumida pelo autor: “Por ideologia eu entendo os enquadramentos mentais – as línguas, os conceitos, categorias, imagens do pensamento e os sistemas de representação – que diferentes classes e grupos sociais empregam para construir sentido, negar, descobrir e tornar inteligível o modo como a sociedade funciona.”.

Morley, contudo, questiona os resultados do próprio estudo, e afirma que está “disposto a aceitar que a tarefa de investigar a complexa configuração das relações entre fatores estruturais e práticas culturais foi abordada de maneira somente superficial pelo estudo sobre a audiência de *Natiowide*” (Ibid., p. 181-182). Ainda, admite que “há problemas significativos na formulação das classes que se faz no livro *The ‘Nationwide’ Audience*. Os termos “classe média” e “classe trabalhadora” se empregam, em geral, meramente como rótulos descritivos aos quais não se dedica uma explicação” (Ibid., p. 182).

A conclusão a que chega em “*The Nationwide Audience*”, julgando não ser possível relacionar as decodificações às posições socioculturais, serviu, contudo, como justificativa para o “escanteamento” da problemática da classe social nos estudos de audiência, como o próprio autor aponta em 2006: “Lamentavelmente, meu próprio estudo inicial sobre a audiência de *Nationwide* (...) parece ter tomado parte inconscientemente em instalar essa ortodoxia particular” (MORLEY, 2006, p. 9).

Graeme Turner (1996) sinaliza que a tentativa de Morley, em “*The Nationwide Audience*”, de relacionar diferentes leituras a determinantes de classe fracassou, e a busca por realizar conexões entre a posição social e o consumo da mídia, de modo geral, foi uma “perda de tempo”.

Em direção contrária, o trabalho de Sujeong Kim (2004), “Rereading David Morley’s *The ‘Nationwide’ Audience*”, apresenta dados manipulados por software que mostram que a decodificação dos grupos investigados por Morley era mais definida pela posição de classe do que ele pôde perceber na época. Kim afirma:

[...] fazendo uso de um método estatístico, este trabalho demonstra que as decodificações do programa [Nationwide] feitas pela audiência, apresentadas por Morley, são na verdade claramente determinadas pelas posições sociais. [...] os resultados parecem restaurar a importância da classe social no processo interpretativo, a qual tem sido deslocada e ignorada em muitos estudos midiáticos atuais. (KIM, 2004, p. 1).

Conforme Kim (2004), Morley não foi bem sucedido em fornecer uma visão clara dos padrões de leitura dos receptores. Uma das consequências disso foi o entendimento de que o estudo falhou em comprovar uma relação entre as decodificações da audiência e sua posição de classe. Kim relata que Turner e Fiske, por exemplo, argumentaram que a pesquisa de Morley serviu para provar que Hall, com o modelo encoding/decoding, supervalorizou o papel da classe social. Morley, em uma autoanálise publicada originalmente em 1992, esclarece que o destaque oferecido à classe estava relacionado com uma reflexão própria, contrariando a ideia de que o modelo de Hall dava peso central à questão de classe. O que

Kim mostra em seu trabalho de “reanálise” dos dados da pesquisa de Morley é que ele não estava equivocado em relação à pressuposição de significância da classe, mas, sim, que sua interpretação foi falha nesse sentido⁷.

Após “*The Nationwide Audience*”, em seu estudo seguinte, “*Family Television*” (1986), Morley se concentra nas relações de gênero no âmbito doméstico. Embora deixe claro que a mudança não significa desconsiderar a importância da análise de classe, a transição remete às transformações que os Estudos Culturais experimentaram dos anos 1980 em diante. Nessa década, ocorre um distanciamento contínuo do marxismo, e um fortalecimento do feminismo⁸, assim como dos estudos de etnia, que vão paulatinamente substituindo o espaço da categoria de classe social.

Segundo Medhurst (2000, p. 29), classe é hoje, “em muitos sentidos, a ‘identidade perdida’ entre as identidades políticas, que quase nunca figura nos mapas intelectuais que muitos estudantes politicamente motivados delineiam para si”. A autora avalia que, diferentemente, os Estudos Culturais têm sido fonte de empoderamento identitário para muitas mulheres, gays, lésbicas e negros, que encontram no campo subsídios para defenderem suas posições e se fortalecerem enquanto grupo. A mesma reflexão é feita por Munt (2000, p. 8), salientando a retirada da classe da pauta do debate público: “Enquanto tem havido debate público nos últimos 20 anos sobre imagens positivas das mulheres, pessoas de cor, e gays e lésbicas, não tem havido um clamor equivalente para as representações da classe trabalhadora.”

A internacionalização dos Estudos Culturais também contribuiu, em um determinado momento, para a proliferação de enfoques provenientes de outros países, que foram ganhando importância, especialmente dos Estados Unidos, onde a cultura popular e a resistência da audiência passaram a estar entre os assuntos principais. É facilmente notada a diferença dessa linha de estudos para aquela dos anos 1970, no auge da filiação marxista. Munt (2000) afirma que a versão americana pode ser acusada de uma abordagem liberal da temática do prazer,

⁷ O trabalho de Kim, além de trazer um novo olhar sobre a clássica pesquisa de Morley, restaurando a importância do papel explicativo da classe social para as leituras da audiência, salienta também que o método estatístico/quantitativo pode ser de grande valia para os Estudos Culturais, sendo os resultados do próprio estudo uma prova disso. Complementa, todavia, que “sem o enfoque qualitativo, não podemos explicar ‘como’ esses fatores sociais condicionam o processo de comunicação, e qual a natureza das práticas culturais nos contextos sócio-históricos” (KIM, 2004, p. 162).

⁸ Uma passagem emblemática dessa trajetória diz respeito ao comentário de Hall (1996b, p. 269) sobre a entrada do feminismo no CCCS, em que diz que “como um ladrão na noite, [o feminismo] rompeu; interrompeu, fez um barulho inconveniente, prendeu o tempo, defecou na mesa dos estudos culturais”. Brunsdon é uma das feministas do Centro que se mostra descontente com tal descrição – “Na primeira vez em que li essa explicação, eu imediatamente quis ‘deslê-la’ (BRUNSDON, 1996, p. 280)” – e apresenta sua versão para essa “interrupção” em “A thief in the night: stories of feminism in the 1970s at CCCS” (BRUNSDON, 1996).

dando uma centralidade pouco crítica à resistência do receptor. A observação da autora se estende também a seu país, uma vez que considera que a Inglaterra acabou incorporando o modelo americano, com questões como a de classe sendo esquecidas⁹.

Em um momento seguinte, Medhurst (2000, p. 22) considera que há uma homogeneização internacional dos Estudos Culturais, o que não é coerente com os princípios da disciplina. Afirmar que temos hoje “McCultural McStudies”, “com o mesmo gosto em qualquer lugar que você vá”. Para a autora, uma maneira de resistir a essa homogeneização é “reexaminar questões de classe, pertencimento e cultura, com as quais o projeto dos Estudos Culturais começou” (Ibid.). Hall (1996c, p. 402) concorda que essas eram indagações centrais nos anos iniciais da disciplina, e que foram deixadas de lado, sendo substituídas por estudos mais autocentrados. “Nos estágios iniciais, talvez nós falássemos muito sobre classe trabalhadora, subcultura. Agora ninguém fala sobre isso. Eles falam sobre mim mesmo, minha mãe, meu pai, meus amigos, e isso é, com certeza, uma experiência muito seletiva.”

Ao mesmo tempo em que se percebe esse esmorecimento da questão de classe nas pesquisas realizadas sob o marco dos Estudos Culturais, nunca cessaram os estudos com destaque a essa abordagem, com fiéis estudiosos defendendo a importância da pesquisa sobre classe. No caso de Morley, após “Family Television” (1986), em que a classe social não foi o mote central, na década de 1990, em *Televisión, audiencias y estudios culturales* (1996)¹⁰, por exemplo, o autor retoma a defesa pelo estudo da posição de classe.

Se não podemos adotar uma posição determinista e supor que a posição social de uma pessoa irá determinar automaticamente seu marco conceitual e cultural, devemos ter em conta que os contextos sociais fornecem os recursos e estabelecem os limites dentro dos quais operam os indivíduos (...). Suas leituras individuais estarão enquadradas por formações e práticas culturais compartilhadas, que, por sua vez, estarão determinadas pela posição objetiva que ocupa o indivíduo na estrutura social. Com isso não queremos dizer que a posição social objetiva de uma pessoa determine sua consciência de um modo mecânico; a pessoa entende qual é sua situação e reage a ela no nível das subculturas e dos sistemas de sentido (MORLEY, 1996, p. 128-129).

No artigo “Class-ificações Mediadas: Representações de classe e cultura na televisão britânica contemporânea”, Morley (2010b) defende intensamente a importância da classe social nos estudos da mídia, levando a cabo três debates históricos: a) relacionado aos debates sobre essencialismo de classe na pesquisa de audiência da mídia; b) acerca dos primeiros

⁹ Munt (2000) mostra-se claramente descontente com esse esquecimento. Para ela, “classe, parece, é uma questão morta” (p. 3), pois “falar de classe não é popular” (p. 3) e “porque não é sexy o suficiente para os intelectuais” (p. 7).

¹⁰ Publicado originalmente em 1992, com o título “Television, Audiences and Cultural Studies”.

debates de sociologia educacional sobre classe, linguagem, poder e privação cultural; e c) em relação às teorias marxistas de classe e, em particular, as formulações de Marx¹¹ sobre a categoria do lumpemproletariado.

Para Morley (2006, p. 10), “apesar das alegações de muitas teorias pós-estruturalistas, classe continua muito presente, em formas novas e em constante transformação”. Além do mais, considera que “as classes ainda são instituições sociais muito poderosas”, destacando que, no Reino Unido, “a posição da classe ao nascer ainda é um indicador muito poderoso do provável status social de uma pessoa na sua vida adulta” (Idem, 2010b, p. 12).

Retornando ao tema do marxismo e seu uso nos Estudos Culturais, o que alguns dos nomes mais importantes dos Estudos Culturais vêm afirmando mais recentemente leva a uma reflexão vislumbrando a retomada de muitos de seus conceitos basilares, entre eles, certamente, o de classe.

- a) Na ótica de Hall (1996a), uma vez que “as circunstâncias materiais são a rede de constrangimentos, as ‘condições de existência’ para pensamentos práticos e reflexão sobre a sociedade” (p. 44), “o marxismo está absolutamente certo, contra todos os idealismos, em insistir que nenhuma prática social ou conjunto de relações pairam livres dos efeitos determinados das relações concretas nas quais estão localizadas” (p. 45).
- b) Nas palavras de Morley (2010a, p. 257), “não vejo como dar sentido ao mundo sem o uso de certas categorias que são derivadas de Marx”.
- c) Johnson (1999, p. 14) pondera que, “para mim, muitos dos caminhos levam de volta a Marx, mas as apropriações precisam ser mais amplas”.

É com esse cenário em vista que, neste trabalho, pretendemos dar centralidade ao estudo da classe social e sua relação com o consumo midiático de mulheres de distintas origens sociais. Para uma melhor apropriação dessa categoria, consideramos, assim como Couldry (2010), que Bourdieu é uma importante inspiração para pensar a classe social e as relações de poder no âmbito dos Estudos Culturais, especialmente para desenvolver uma articulação entre uma concepção de estrutura social e a agência individual. Bourdieu, ao enfocar a esfera simbólica das relações de poder, destacando os aspectos culturais

¹¹ Acerca de seu posicionamento sobre o marxismo, Morley (2010a, p. 258) expõe: “Que tipo de marxista sou? Bem, não sei, o próprio Marx negou sempre ser um marxista, então, não vou subscrever um tipo dado de marxismo, mas penso que qualquer forma de análise que tente operar sem certas categorias derivadas de Marx, tais como classe, estruturas de propriedade de um certo tipo e a forma de circulação do capital pode não ser produtiva.”

relacionados à estrutura social, e não o meramente econômico, traz contribuições importantes que podem ser apropriadas pelos Estudos Culturais.

Assim, parece-nos coerente fazer uso dessas teorias de modo combinado, mesmo que suas perspectivas não sejam de todo convergentes. Barros Filho e Martino (2003) têm a mesma compreensão, encontrando importantes pontos em comum entre Bourdieu e Estudos Culturais.

Esse paralelo teórico assenta-se sobre uma base de preocupações comum, uma sociologia do conhecimento e da prática a partir do senso comum, das práticas e linguagens cotidianas. Tanto Bourdieu quanto Williams, Thompson ou Hoggarts [sic] privilegiam a prática cotidiana e suas motivações como objeto de estudos, ultrapassando certas barreiras acadêmicas para mostrar que a essência ‘natural’ das ações está na verdade vinculadas a estruturas anteriores geradoras da conduta social. Obviamente o método – análise sociológica de um lado, análise ‘textual’ de outro – encontra cruzamentos por vezes conflitantes, mas não chegam a comprometer o desenvolvimento dessa ideia. Os Estudos Culturais, em grande parte, foram influenciados pelo estruturalismo francês e pelo marxismo, fontes nas quais Bourdieu também buscou elementos para a construção de sua ampla elaboração teórica. (BARROS FILHO; MARTINO, 2003, p. 29, nota 406).

A seguir, enfocaremos naquelas que consideramos as principais contribuições de Bourdieu para esta pesquisa.

2.2 BOURDIEU: CONTRIBUIÇÕES AOS ESTUDOS CULTURAIS

As três grandes contribuições de Bourdieu¹², na ótica de Souza (2003), são o conceito de *habitus*, a compreensão dos capitais e o desvelamento do gosto na produção de distinções. São exatamente esses três conceitos que nos interessam aqui e sobre os quais serão feitos alguns apontamentos. A leitura de Souza sobre Bourdieu interessa especialmente porque o sociólogo brasileiro se preocupa em fazer uso da teoria bourdiana para entender a “periférica modernidade brasileira”, tendo desenvolvido valiosas pesquisas empíricas dessa forma.

A teoria do *habitus* tem origem no conceito aristotélico de “hábito”, originalmente desenvolvido com um sentido semelhante ao que Bourdieu dará ao *habitus*. Segundo Barros

¹² Bourdieu nasceu em 1930, em uma cidade no interior da França com cinco mil habitantes, filho de um funcionário da empresa de correios francesa. “Na França, o fato de vir de uma província distante, sobretudo quando ela se encontra ao sul de Loire, confere ao emigrado algumas propriedades equivalentes às da situação colonial.” (BOURDIEU, 1992 apud BARROS FILHO; MARTINO, 2003, p. 14). Depois dos 20 anos de idade, começa a ter contato com a alta burguesia parisiense. É clara a influência das vivências pessoais de Bourdieu para o desenvolvimento de seus estudos. “O fato de sermos constantemente lembrados de nossa estranheira nos leva a perceber coisas que outros podem não ver ou não sentir.” (Ibid.).

Filho e Martino (2003), a fonte de Bourdieu foi Wittgenstein, o qual, por sua vez, retomou a reflexão aristotélica de hábito. Em Aristóteles, o hábito é um saber aprendido, observado e experimentado sensorialmente, sendo um equívoco considerar um “hábito” qualquer saber inato. O filósofo grego já entendia que a educação, em seu sentido mais abrangente, pode “programar” hábitos futuros, que dependem, portanto, da trajetória de cada indivíduo, ou seja, de condições particulares de existência, desenvolvidas no meio social de que se faz parte. Assim, “ninguém pode pensar, dizer ou entender o que quer que seja além de sua própria história” (BARROS FILHO; MARTINO, 2003, p. 76).

Bourdieu apresenta o conceito de *habitus* pela primeira vez em “La reproduction”, escrito junto com Passeron e publicado em 1972 (ORTIZ, 1983). Desde então, a noção aparece espalhada, com maior ou menor aprofundamento, em vários de seus trabalhos. Para o francês, *habitus* é um “[...] sistema subjetivo, mas não individual, de estruturas interiorizadas, esquemas de percepção, de concepção e de ação, que são comuns a todos os membros do mesmo grupo ou da mesma classe [...]” (BOURDIEU, 1983a, p. 79).

Cada *habitus* é único, um coletivo individualizado, pois cada indivíduo possui uma trajetória singular, vivendo experiências em uma ordem própria e, por consequência, de forma distinta. Porém, membros de uma mesma classe estão sob as mesmas condições de existência e, assim, “a história do indivíduo nunca é mais do que uma certa especificação da história coletiva de seu grupo ou de sua classe” (BOURDIEU, 1983a, p. 80). É na família que está o princípio da estruturação do *habitus*, que continuará sendo formado na escola, mas já com as restrições impostas pelo arcabouço familiar. Essa formação oriunda de família e escola estará no princípio de todas as experiências ulteriores.

Assim sendo, é fruto de dada condição social e econômica. A posição passada na estrutura social estará sempre com o indivíduo, na forma do *habitus*, assim como estará a posição presente. Essas práticas são, contudo, “inconscientes”, espontâneas, e essa falta de consciência está relacionada à unidade de classe, para Bourdieu (1983a, p. 74, nota 31), pois avalia que “a unidade de uma classe repousa fundamentalmente no ‘inconsciente de classe’”. Na leitura de Ortiz (1983), a internalização das representações objetivas, determinadas pelas posições sociais ocupadas, garantem a relativa homogeneidade dos *habitus* subjetivos, que pré-moldam possibilidades e impossibilidades.

Souza aponta que a classe social, mais do que deixar herança material, deixa bens imateriais – o *habitus*: é um modo de se comportar, uma visão de mundo, o estímulo e o *background* para o estudo, uma maneira de se relacionar, aprendidos desde a mais tenra idade. Sem isso em vista, pensa-se que o “modo de ser”, pensar, agir, dos indivíduos das classes

médias é “produto ‘mágico’ do talento divino”, reconhecendo-se os mais bem aquinhoados como “seres especiais merecedores da felicidade que possuem” (SOUZA, 2010, p. 49).

O *habitus* se define como uma forma pré-reflexiva de introjeção e inserção corporal de disposições que condicionam um estilo de vida e uma visão de mundo específica. Desse modo, o *habitus* compartilhado confere sentido à noção de ‘*habitus* de classe’ por associar objetivamente, para além de qualquer acordo consciente, pessoas em uma mesma situação de classe. Assim, classe deixa de ser percebida a partir de propriedades ou de coleções de propriedades para ser definida como fundamento de ‘práticas sociais’ similares, que permitem estratégias comuns e consequências compartilhadas mesmo na ausência de acordos conscientes e refletidos. O pertencimento à classe explica por que os indivíduos não se movem de modo arbitrário no espaço social. (SOUZA, 2003, p. 57-58).

O *habitus* é constituído no vivido e experimentado, que se torna passado e irá definir as percepções, avaliações e ações em momentos presentes e futuros, tornando as condutas e comportamentos “naturais”. Quanto mais as novas experiências se assemelham a situações já vividas, mais as soluções prontas do já aprendido são úteis, dispensando o pensamento refletido e produzindo reações espontâneas. “É porque os sujeitos não sabem, propriamente falando, o que fazem, que o que fazem tem mais sentido do que eles sabem.” (BOURDIEU, 1983a, p. 73). Na circunstância contrária, o cálculo torna-se necessário para definir o comportamento. O *habitus* é objetivamente regulado, assim como irá regular as ações futuras, embora essa regulação não dependa de regras conscientemente obedecidas.

Os condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência produzem *habitus*, sistemas de *disposições* duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los, objetivamente ‘reguladas’ e ‘regulares’ sem em nada ser o produto da obediência a algumas regras e, sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro. (BOURDIEU, 2009, p. 87).

As disposições que constituem o *habitus* são duráveis, assim como costumam ser duradouras as posições ocupadas na estrutura social, e tendem a se fortalecer. Contudo, não são imutáveis. “[...] o *habitus* não é o destino, como sugerem alguns. Sendo o produto da História, é um sistema de disposições aberto, que está sempre à mercê de experiências novas e, portanto, permanentemente afetado por elas.” (BARROS FILHO; MARTINO, 2003, p. 98-99). Há sempre margem para a formação de novas visões de mundo, mas essas estão limitadas pelos esquemas já existentes. Assim, ao mesmo em tempo que o *habitus* é influenciado pelas experiências vividas pelo indivíduo, sua transformação não será completa. Isso fica claro na

fala de uma feminista com origem na classe popular, que, apesar de ocupar atualmente uma posição de classe média, não sabe onde “se encaixar”. “Embora eu receba um salário de classe média para fazer coisas de classe média, eu nunca penso em mim mesma como uma pessoa inteiramente da classe média. Eu simplesmente não me sinto classe média [...]” (MEDHURST, 2000, p. 20).

Um aspecto central do *habitus* é sua condição de ser incorporado, no sentido mesmo de se tornar corpo, seja nos gestos, nos modos de vestir, no corte de cabelo, nas formas do corpo, etc. Os hábitos alimentares, por exemplo, estão intrinsicamente relacionados ao *habitus*, e definirão a aparência, que apresenta alguma homogeneidade dentro de uma mesma classe. Esses sinais visuais são o primeiro indício que nos permite classificar as pessoas e imaginar sua origem social. Assim, o conceito de *habitus* permite enfatizar as disposições opacas, que, pré-reflexivamente, moldam as formas de julgar e agir dos sujeitos. Souza (2006, p. 34) assinala que o *habitus* de classe é “percebido como um aprendizado não intencional de disposições, inclinações e esquemas avaliativos que permitem ao seu possuidor perceber e classificar, numa dimensão pré-reflexiva, signos opacos de cultura legítima”.

Para Bourdieu (1983a), a heterogeneidade entre gerações também não é produto dos contrastes naturais entre pessoas de idades diferentes, mas de *habitus*, resultantes de modos distintos de engendramento que fazem certas práticas serem entendidas como impensáveis ou escandalosas por um ou outro grupo de idade, assim como aconteceria em relação às classes sociais. Quanto a essas, uma vez que as disposições do *habitus* engendram ideias e ações compatíveis com as condições objetivas, “os acontecimentos mais improváveis se encontram excluídos, antes de qualquer exame, a título do *impensável*, ou pelo preço de uma *dupla negação* que leva a fazer da necessidade virtude, isto é, a recusar o recusado e a amar o inevitável”. (BOURDIEU, 1983a, p. 63).

Assim, os *habitus* constituem-se como:

- Estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes;
- Princípios geradores e organizadores de práticas e de representações;
- Sistemas de disposições duráveis e transponíveis;
- Objetivamente “regulados” e “regulares”, sem ser o produto da obediência a regras;
- Coletivamente orquestrados, mesmo que não sejam o produto da ação organizadora de um regente;
- Produtos da história, que produzem as práticas, individuais e coletivas;
- Estrutura de experiências, em que as novas se formam em função das estruturas produzidas pelas experiências anteriores.

- Garantia da presença ativa de experiências passadas, depositadas em cada organismo sob a forma de esquemas de percepção, de pensamento e de ação;
- Interiorização da exterioridade, que permitem que as forças exteriores sejam exercidas de modo durável, não sistemático e não mecânico;
- História incorporada, feita natureza, e por isso, esquecida como tal;
- Espontaneidade sem vontade nem consciência;
- Lei imanente, inscrita nos corpos por histórias idênticas;
- Garantia de conformidade das práticas e sua constância no tempo, mais do que qualquer regra formal ou qualquer norma explícita;

Souza (2003, 2006), combinando Bourdieu com Taylor, refere-se a três *habitus* distintos: o precário, o primário e o secundário.

O *habitus primário* é constituído por um conjunto básico de disposições sociais, como o domínio da razão sobre as emoções, o cálculo prospectivo e a autorresponsabilidade, que reflete em uma economia emocional e cognitiva para o desempenho satisfatório das demandas, variáveis conforme o contexto histórico, da sociedade. Aqueles que possuem um *habitus primário* desenvolvido responderão adequadamente a essas demandas, e serão considerados cidadãos produtivos e úteis para a sociedade capitalista moderna.

O *habitus precário*, considerado por Souza (2006) como o nível abaixo do *habitus primário*, é caracterizado pela ausência desse conjunto de disposições basal, e se reflete em uma personalidade e em comportamentos que não respondem às demandas modernas de uma sociedade competitiva. Sendo assim, o indivíduo não goza de reconhecimento social e não é considerado útil para o padrão moderno, vivendo em condições precárias e sendo socialmente excluído.

Por sua vez, os indivíduos com *habitus secundário* possuem esse reconhecimento e respeito que faltam aos portadores de *habitus precário* e que são escassos, embora existentes, para indivíduos com *habitus primário*. Garantido esse último, e seus fundamentos e consequências, institui critérios que permitem a distinção social, a partir do “gosto”. Nesse grupo, nota-se uma “estilização da vida”, permitida tanto pelo capital econômico quanto, especialmente, pelo capital cultural elevado. Esses indivíduos, além de possuírem as disposições básicas para serem socialmente produtivos, também contam com expressividade e autenticidade, que conformam uma identidade singular.

Essa diferenciação entre *habitus* pode ser profícua para um trabalho como este que realiza uma comparação entre classes, servindo para pensar cada um dos grupos estudados.

Para compreender qual o tipo de *habitus* de cada grupo, entendemos ser necessário fazer uso da teoria bourdiana dos capitais.

Partindo do conceito marxista de capital¹³, Bourdieu desenvolve uma teoria que cobre uma lacuna importante deixada por Marx, tratando de outras riquezas para além da econômica, relativas a aspectos culturais e simbólicos. Assim como no marxismo, mais capital significa mais poder na sociedade capitalista. Com Bourdieu, “‘capital’ deixa de ser apenas uma categoria econômica”, e passa a incluir outras condições que são decisivas “para assegurar o acesso privilegiado a todos os bens e recursos escassos em disputa na competição social. Ainda que Bourdieu admita que o capital econômico é decisivo para assegurar vantagens permanentes nesta disputa, ele não está sozinho.” (SOUZA, 2013, p. 58). Souza (Ibid.) aponta a definição de capital cultural como “uma das maiores descobertas de Bourdieu para a ciência social crítica”. Além dos capitais econômico e cultural, Bourdieu fala ainda do capital social e simbólico¹⁴, sendo esses secundários em relação aos dois primeiros.

O capital econômico, caracterizado pela posse de riquezas financeiras, seja por meio de propriedades, altos salários ou outro, é em grande parte transmitido pela herança de sangue e é o que define aqueles que pertencem à classe alta. Embora essa classe também possua medidas diferentes de capital cultural e também de capital social, o que a determina é especificamente a quantidade distintiva de capital econômico. Conforme Skeggs (1997b, 131), “nós nascemos com determinada quantidade de capital econômico, e quanto mais temos, mais fácil é para gerar mais (essa, afinal, é a base do capitalismo)”.

Por capital cultural, Bourdieu indica tudo aquilo que logramos aprender, especialmente na família e na escola, em uma medida que seja identificável e legítima para os demais. Ele é base para a classe média, que na falta de uma quantidade de capital econômico que garanta sua manutenção nessa posição de uma geração para outra, precisa transmitir capital cultural a seus filhos. O capital cultural tanto é constituído por “pré-condições afetivas e psíquicas para o aprendizado quanto pelo aprendizado em si do conhecimento julgado útil” (SOUZA, 2013, p. 61). É assim que as crianças de classe média dão valor – racional e, mais

¹³ Analisando o modelo de capitais pensado por Bourdieu, Murdock (2009, p. 39) assinala que “ele toma o conceito de capacidades de mercado de Weber e o converte na retórica de capital de Marx, argumentando que há três formas básicas de capital em circulação nas sociedades capitalistas: capital econômico, capital social – ‘composto de recursos com base em associação de grupo e uniões’ – e capital cultural (Bourdieu, 1987: 4). Neste modelo, a estrutura de classe aparece como um espaço multidimensional onde as classes são definidas, em primeiro lugar, pela quantidade ou volume de capital possuído, em segundo por sua composição, e em terceiro lugar pela constituição e peso variáveis de suas propriedades ao longo do tempo conforme tentam maximizar suas vantagens, lutando para converter a mão inicial da cartada em três ases”.

¹⁴ Muitas vezes nem mencionado, o capital simbólico nada mais é do que a forma que os demais tipos de capital adquirem quando reconhecidos socialmente. O capital precisa ser considerado legítimo para ser aproveitado.

ainda, afetivo – ao conhecimento transmitido na escola, e conseguirão bons resultados e uma continuidade efetiva e eficaz da vida escolar, que terá repercussão no mercado de trabalho. Esse sucesso não é o resultado direto do “grau de inteligência”, mas, principalmente, de disciplina, capacidade de concentração e pensamento prospectivo, valores aprendidos em casa e desenvolvidos na escola pelos membros da classe média e alta (SOUZA, 2009).

Skeggs (1997b) destaca que o capital cultural existe em três formas básicas: no estado corporizado, como disposições duradouras na mente e no corpo; no estado objetivado, na forma de bens culturais; e no estado institucionalizado, resultado de qualificações educacionais. Para a socióloga, o capital cultural não existe isolado, pelo contrário, depende de uma rede de outras formas de capital, estando sempre relacionado ao capital econômico. Souza salienta que “as precondições sociais para a constituição e transferência de capital cultural são, neste contexto, mais opacas e invisíveis do que as precondições que se aplicam ao capital econômico” (SOUZA, 2003, p. 53). Por isso, é comum entender que as “habilidades culturais” de uma pessoa são características inatas, um dom que justificava sua posição social privilegiada.

Capital social, por sua vez, “designa circuitos de relação, por vezes extremamente densos e facilmente conversíveis em outros capitais” (BARROS FILHO; MARTINO, 2003, p. 21, nota 13). Abundante nas classes altas, também pode existir nas classes trabalhadoras, mas com efeitos distintos. Enquanto na classe alta, casamentos e amizades garantem a transmissão de propriedade e a manutenção do capital econômico, nas classes trabalhadoras, as relações sociais podem garantir um emprego, a diferença é o tipo de emprego que essas redes disponibilizarão (SKEGGS, 1997b).

O terceiro conceito desenvolvido por Bourdieu que nos interessa aqui é o de gosto. Bourdieu mostra que as escolhas como o gosto são equivocadamente vistas como inatas. À negação de todas as evidências que mostram que o gosto é fruto de educação chama de “ideologia do gosto natural” (BOURDIEU, 1983b, p. 95), que “naturaliza” as diferenças reais, “convertendo em diferenças de natureza diferenças no modo de aquisição da cultura”. Ao ser naturalizada, essa distinção é vista como correta e justa, pois merecida¹⁵, baseada em talentos inatos. A introjeção dos valores de gosto, na verdade, dá-se por meio da instrução escolar, em primeiro lugar, e pela origem social, secundariamente (sendo que a educação escolar, no que refere à eficácia e duração, depende da origem social).

O gosto, propensão e aptidão à apropriação (material e/ou simbólica) de uma determinada categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadoras, é

¹⁵ Abordaremos a “ideologia meritocrática” no próximo capítulo.

a forma generativa que está no princípio do estilo de vida. O estilo de vida é um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimentas, linguagem ou *hêxis* corporal, a mesma intenção expressiva, princípio da *unidade de estilo* que se entrega diretamente à intuição e que a análise destrói ao recortá-lo em universos separados. (BOURDIEU, 1983b, p. 83-84).

Conforme Ortiz (1983), a distinção de gostos e de estilos de vida pode ser lida como luta de classes velada, em que a classe dominante exerce uma violência simbólica sobre os níveis inferiores das posições na estrutura social. O gosto, assim, mais do que uma inocente e natural preferência individual, envolve relações de poder e de dominação. O desvelamento dessas relações cabe, na perspectiva de Bourdieu, à ciência.

Os três conceitos mencionados serão empregados na pesquisa empírica, principalmente o de *habitus* e o de capital cultural, na busca por tecer relações, por exemplo, entre a posse de capital cultural elevado e o consumo de telenovela.

2.3 DO CONCEITO À PESQUISA EMPÍRICA

Além da dificuldade conceitual para definição das classes sociais, há uma dificuldade instrumental, especialmente quando pensada com a finalidade de realizar pesquisa empírica. Se tomarmos a avaliação marxista, entenderemos que existem, basicamente, duas classes antagônicas, baseadas em suas relações com os meios de produção, capitalistas e proletários (WRIGHT, 1997). Nessa divisão, não temos o delineamento de uma classe média, tão importante nas sociedades atuais, e trabalhadores braçais das indústrias estariam na mesma classe que os executivos (não proprietários) da mesma empresa. Embora esse segundo grupo também seja constituído por trabalhadores assalariados, seus níveis de especialização, autoridade, reconhecimento e rendimentos diferem-se radicalmente.

Como formas mais específicas de classificação, existem, ao menos, três métodos principais para definição das classes na estrutura social e passíveis de uso na prática da pesquisa. Uma das formas de identificar a posição social é analisando o nível de escolaridade. O título universitário seria símbolo por excelência da classe média. Porém, a educação, como critério único, é restrita, deixando de abranger outros elementos importantes.

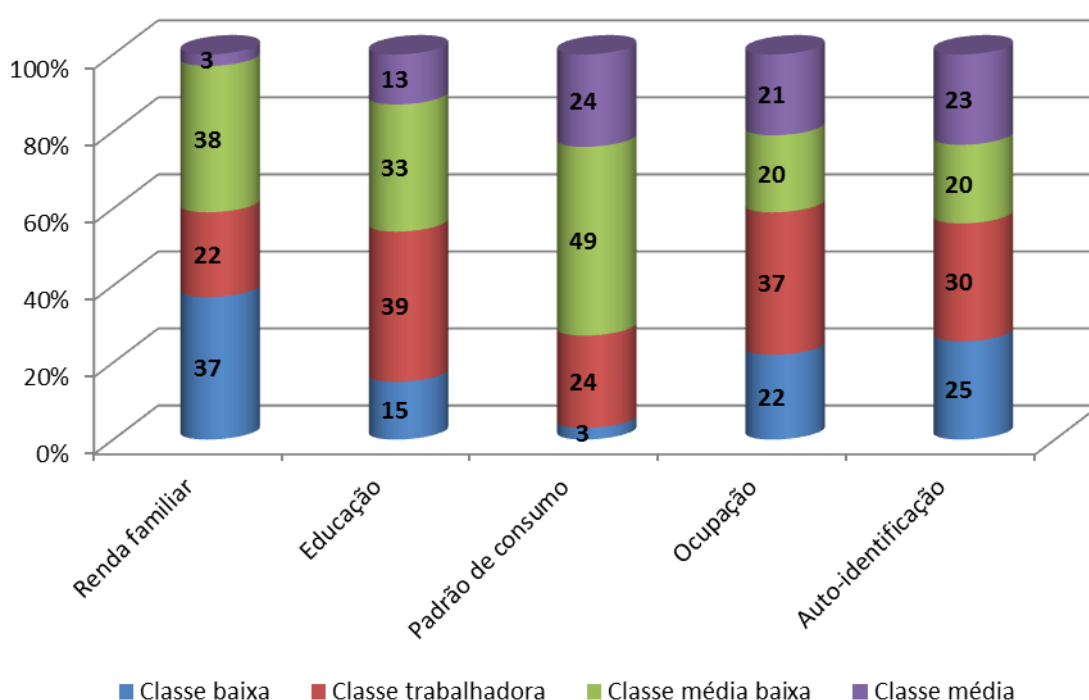
Outro parâmetro, amplamente usado, toma como princípio a renda individual ou familiar. Fazendo uso desse critério – o Critério Brasil –, o mais comum é termos uma estratificação em cinco níveis: A, B, C, D e E. No entanto, essa classificação pode ser

facilmente contestada a partir de Bourdieu, pois supõe a importância apenas do fator econômico, o que, como vimos, é insuficiente¹⁶.

Entre as classificações mais usadas, existe, ainda, aquela que indica a ocupação como elemento central. O posicionamento parte da ideia de que os rendimentos variem, há um padrão médio de vida conforme a ocupação, além da exigência de um determinado nível de escolaridade, abarcando, assim, os fatores ressaltados nas outras divisões. Quadros, Gimenez e Antunes (2013) fazem uso desse critério e chegam a cinco estratos sociais: Alta classe média; Média classe média; Baixa classe média; Massa trabalhadora; Miseráveis.

Seguindo os diferentes critérios, temos configurações distintas das estratificações, como mostra o gráfico (Gráfico 1). Há, no entanto, uma similaridade entre a classificação segundo a ocupação e a autoidentificação. Por seu turno, as divisões a partir de renda, de um lado, e de padrão de consumo, de outro, mostram-se bastante distintas.

Gráfico 1 – Classes sociais segundo diferentes critérios

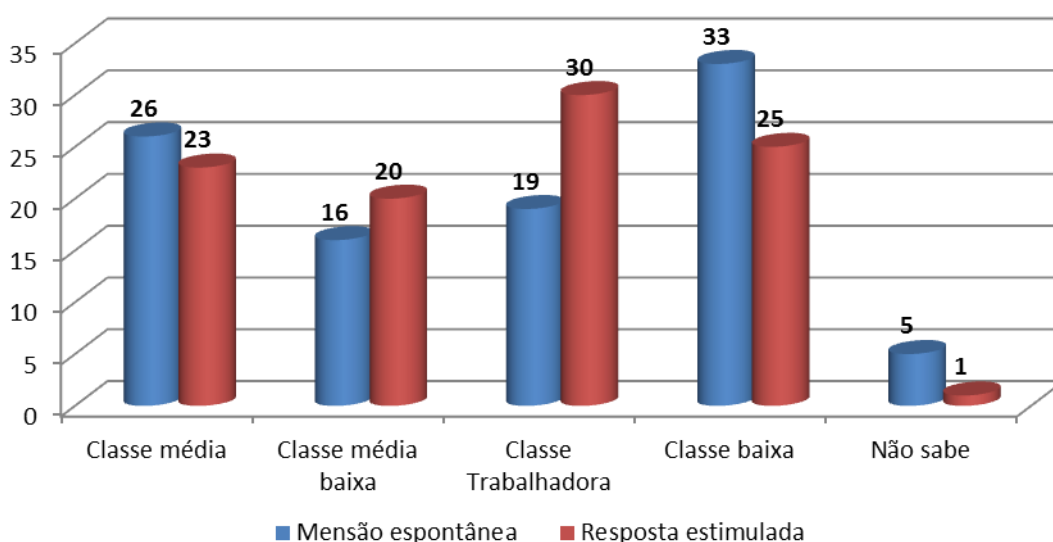


Fonte: Pesquisa sobre classe média 2008 – IBOPE (SOUZA; LAMOUNIER, 2010, p. 120)

¹⁶ Nesse sentido, Bourdieu (1983b, p. 82, nota 1) avalia: “As correlações estatísticas entre propriedades assim como os vencimentos ou o nível de instrução e tal ou qual prática (a fotografia ou a visita a museus) não autorizam fazer deles fatores explicativos: não é propriamente um baixo ou alto salário que comanda as práticas objetivamente ajustadas a esses meios, mas o gosto, *gosto modesto* ou *gosto de luxo*, que é a transcrição durável delas nas tendências e que encontra nesses meios as condições de sua realização. Isto se torna evidente em todos os casos onde, em seguida a uma mudança de posição social, as condições nas quais o *habitus* foi produzido não coincidem com as condições nas quais ele funciona e onde podemos, portanto, apreender um efeito autônomo do *habitus* e, através dele, das condições (passadas) de sua produção.”.

Por último, o critério de autoidentificação pode partir tanto de respostas espontâneas quanto estimuladas pela pesquisa, ocasião em que se oferecem as opções de classe ao entrevistado para sua própria classificação. Como se percebe no gráfico (Gráfico 2), a autoinclusão como pertencente à “classe trabalhadora” é a que mais cresce nas respostas estimuladas, enquanto a autodenominação como “classe baixa” é a que mais diminui nessa situação. Wright (1997, p. 42) expõe que a “identidade de classe estaria mais proximamente relacionada empiricamente à trajetória biográfica na estrutura de classe do que à posição de classe atual, enquanto a consciência do interesse de classe¹⁷ estaria mais amarrada à posição de classe”.

Gráfico 2 – Identidade de classe



"A que classe social pertence?"

Fonte: Pesquisa sobre classe média 2008 – IBOPE (SOUZA; LAMOUNIER, 2010, p. 18)

Embora não haja consenso sobre a classificação das classes sociais, é preciso escolher/estabelecer um critério. Assim, escolhemos tomar como ponto de partida para identificação das classes a estratificação por ocupações, pois essas carregam consigo aspectos econômicos, educacionais e de reconhecimento social. Assim como Costa (2013, p. 52),

¹⁷ Wright (1997, p. 3-4) diferencia formação de classe, luta de classe e consciência de classe do seguinte modo: “Formação de classe é a formação de atores coletivos organizados em torno de interesses de classe em uma estrutura de classes; luta de classe é a luta entre esses atores organizados coletivamente por interesses de classe; consciência de classe é a compreensão pelas pessoas em uma classe de seus interesses de classe.”.

pensamos que o “trabalho condiciona a posição social ao agregar não apenas a renda, mas as condições de vida e segurança dos trabalhadores”.

A separação por ocupações também vai ao encontro da configuração que desenvolve Wrigth (1997), partindo do princípio marxista de relação com os meios de produção, mas complexificando-o, ao destacar posições de classe¹⁸ de acordo com a propriedade dos meios de produção – dividindo os empregadores e os autoempregados – e com o trabalho – separando assalariados de acordo com a existência ou não de habilidades e autoridade. Apresenta, assim, uma estrutura básica com quatro grupos, que pode ainda ser subdividida de acordo com os interesses do estudo:

- a) Capitalistas: proprietários dos meios de produção, com empregados;
- b) Pequena burguesia: autoempregados;
- c) Classe média: ganhadores de salário que ocupam posições de autoridade – gerenciamento ou supervisão – ou em ocupações profissionais, gerenciais ou técnicas;
- d) Classe trabalhadora: ganhadores de salário em ocupações de não supervisão e em trabalhos que não são considerados profissionais, gerenciais ou técnicos.

Esse esquema de Wrigth se apropria de elementos da teoria weberiana¹⁹, visto que essa gradação de autoridade – cargos de gerência e supervisão – e de habilidade/expertise – é própria do pensamento de Weber. De forma geral, Wright considera seu esquema híbrido, fazendo uso tanto da teoria desenvolvida por Weber para a análise de classe quanto da de Marx.

¹⁸ O mais correto, segundo Wright (1997), é denominar de “posições de classe” ocupadas dentro da estrutura social, e não de classes. Mesmo assim, o sociólogo não se preocupa em segui-la sempre, apenas faz a observação. As posições polarizadas – capitalistas e trabalhadores – são as posições fundamentais na estrutura de classe capitalista.

¹⁹ A distinção entre Marx e Weber está entre os grandes temas da sociologia. Para Wright, considerá-los antagônicos é um equívoco, visto que “[...] a análise de classe de Weber deve profundamente ao legado marxista, o qual era parte do discurso intelectual geral de seu tempo” (WRIGHT, 1997, p. 29, nota 32). Entre os aspectos em comum, o sociólogo destaca que tanto a análise de classe marxista quanto weberiana definem classe *relacionalmente* e ambas as tradições identificam o conceito de classe com a relação entre pessoas e bens ou recursos economicamente relevantes. Marxistas chamam isso de relação com os meios de produção; weberianos se referem a ‘capacidades de mercado’. Mas ambos estão falando realmente sobre fenômenos empíricos muito semelhantes. As diferenças centrais podem ser encontradas nas palavras-chave de cada teoria: chances de vida, para Weber, e exploração, para Marx. Para Wright (1997, p. 35), é importante falar em exploração, pois o “conceito de classe baseado na exploração chama a atenção para o fato de que as relações de classe são relações de poder, não simplesmente privilégios”. E acrescenta: “Uma simples oposição de interesses não é suficiente para explicar conflitos ativos entre grupos. [...] Exploradores não só têm interesse em limitar as chances de vida do explorado, mas também são *dependentes* do explorado para a realização de seus próprios interesses”. O compromisso do autor com a teoria marxista, autodeclarando-se neomarxista, deve-se tanto aos aspectos científicos da proposta de Marx quanto a questões ideológicas, vinculando-se a uma “tradição socialista e suas aspirações para uma alternativa emancipatória e igualitária ao capitalismo” (WRIGHT, 1997, p. 37).

De acordo com a classificação de Quadros, Gimenez e Antunes (2013), as mulheres que compõem a amostra desta pesquisa podem ser classificadas como média classe média, baixa classe média e massa trabalhadora. Apesar de a “baixa classe média” carregar o termo “médio”, isso não significa que essas mulheres são de classe média, como será discutido no capítulo seguinte, que tratará sobre a “nova classe média” brasileira. Aqui, contudo, a partir da inspiração de Jessé Souza (2009; 2010), com as especificidades que serão apresentadas a seguir, dividimos as entrevistadas em três grupos: classe média, batalhadoras e raladoras. Entre aquelas denominadas de “raladoras”, duas são diaristas, uma é auxiliar de serviços gerais e uma está desempregada. As mulheres apresentadas como “batalhadoras” trabalham como vendedora em telemarketing, auxiliar administrativa, técnica em gestão e manicure/depiladora. Já as entrevistadas da “classe média”, são tradutora, fisioterapeuta, publicitária e assistente social.

2.3.1 Classe média

Souza e Lamounier (2010, p. 21) enfatizam que “tentar definir classe média em termos que possam ser aceitos por todos os pesquisadores é cotejar a frustração. Não existe uma definição consensual”. Cientes dessa dificuldade, procuramos destacar aspectos dessa classe que parecem mais coerentes com a perspectiva adotada neste trabalho. Essa perspectiva tem como elemento central a compreensão de que são, antes de tudo, aspectos culturais que definem esse estrato, assim como os demais.

A afirmação de Souza e Lamounier se refere especificamente à classe média, pois esse é o grupo considerado mais complexo no entendimento da malha social, mesmo que se possa avaliar que qualquer definição de classe não é consensual. A posição intermediária por si colabora para entender essa dificuldade, visto que o estrato não é “nem uma coisa nem outra”. Ademais, como exposto anteriormente, essa posição não estava prevista na composição da estrutura de classes proposta por Marx, “pai” da análise de classe.

No ponto de vista dos entrevistados da pesquisa de opinião do Ibope encomendada por Souza e Lamounier (2010, p. 21), classe média “inclui todos os que já conquistaram um patamar confortável de renda e que, embora não tenham acesso ao padrão de vida da classe alta, podem desfrutar padrões elevados de habitação, consumo e lazer”. Ademais, em grupos de discussão realizados para a investigação citada, os participantes afirmam que as pessoas de classe média “vivem bem”, “não apenas sobrevivem”. Esses aspectos estão claramente relacionados à Economia do bem-estar, que apresenta elementos importantes para entender

essa classe, mas que não são suficientes segundo a perspectiva que adotamos. Assim, a renda permitiria realizar um certo tipo de consumo e constituir um determinado estilo de vida considerado confortável, respondendo por todas aquelas aquisições que costumam ser vistas como necessidades básicas, assim como por “supérfluos” que colaboram para uma melhor qualidade de vida.

Esses aspectos, diretamente relacionados à renda, estão no escopo do que poderia ser denominado classe econômica e classe de consumo. A classe social vai além, incluindo também, como discutido, elementos educacionais, profissionais, de lazer – não só relativos ao acesso a determinados tipos de lazer, mas às escolhas, distintas entre um grupo e outro –, perspectivas de futuro, etc.

Segundo Jessé Souza (2003; 2006; 2009; 2010; 2013), a principal característica da classe média é a posse de capital cultural diferenciado. Para o acúmulo desse capital, que inicia desde a tenra infância, um aspecto fundamental é o tempo que se dedica à educação e a atividades culturais em geral. O sociólogo expõe que esse tempo, que tem um custo, é “roubado de outra classe”, e “permite reproduzir e eternizar uma relação de exploração que condena uma classe inteira ao abandono e à humilhação, enquanto garante a reprodução no tempo de classes do privilégio” (SOUZA, 2013, p. 61). Sendo a relação entre capital cultural e capital econômico íntima, o custo desse tempo só pode ser comprado pelos que possuem os recursos econômicos, num ciclo difícil de ser vencido. Assim, aumentam as chances de os filhos dessa classe conseguirem boas posições no mercado de trabalho e reproduzirem a classe de onde se originam. O elemento educacional também se destaca por diminuir a vulnerabilidade de classe, permitindo que a classe média desfrute de maior segurança e mantenha sua posição social a longo prazo.

[...] uma família de classe média, que tem menos capital econômico que a classe alta, só pode assegurar a reprodução de seus privilégios se a família possui algum capital econômico para comprar o tempo livre dos filhos, que não precisam trabalhar cedo como os filhos das classes populares, para o estudo de línguas ou de capital cultural técnico ou literário mais sofisticado. Ao mesmo tempo, a competição social não começa na escola. Para que possamos ter tanto o desejo quanto a capacidade de absorção de conhecimento raro e sofisticado, é necessário ter tido, em casa, na socialização com os pais ou quem ocupe esse lugar, o estímulo afetivo – afinal, nos tornamos seres humanos imitando a quem amamos – para, por exemplo, a concentração nos estudos, ou a percepção da vida como formação contínua onde o que se quer ser no futuro é mais importante que o que se é no presente. (Ibid., p. 58-59).

Outro fator diferencial da classe média é a autoconfiança, valor presente entre aqueles que tiveram todos os cuidados em sua criação, e que tem função importante, embora opaca, na

disputa social. A autoconfiança pode ser desenvolvida devido à garantia do respaldo financeiro da família, pela afetividade recebida desde tenra idade, pelos exemplos familiares bem sucedidos. A classe média “se reproduz pela transmissão afetiva, invisível, imperceptível porque cotidiana e dentro do universo privado da casa, das precondições que irão permitir aos filhos dessa classe competir, com chances de sucesso, na aquisição e reprodução de capital cultural” (SOUZA, 2009, p. 19).

Os valores referidos por Owensby (2004 apud GUERRA et al., 2006) como típicos da classe média são especialmente aqueles relacionados a uma postura conservadora, tanto na esfera moral quanto na política. Para ele, na classe média, salienta-se a preservação de valores morais e religiosos; a busca pela supressão de um espírito de cooperação e vontade de ascender da classe operária; e o apoio político à conjuntura vigente. Conforme Vicente (2013), os privilégios da classe média, conquistados durante os anos do “Milagre Brasileiro”, podem explicar, em parte, sua postura conservadora, comumente exposta através das contundentes críticas aos programas de distribuição de renda, por exemplo. Guerra et al. (2006) avaliam que modificações no *status quo*, através do aprofundamento das transformações das relações sociais e de classe no país, não são do interesse da classe média estabelecida. Entre os motivos estaria o encarecimento da mão de obra, que acarretaria perdas para os patrões das empresas ou mesmo das casas, tornando mais difícil a contratação de funcionários domésticos de toda ordem, como se vê em países de classe média sólida. Nesses, diferentemente do Brasil, empregadas domésticas são raridade, algo que combina questões culturais com o peso maior de seus salários nos países de capitalismo avançado. Os autores ponderam que não é difícil entender “o verdadeiro sentimento de contradição que parece atravessar esse heterogêneo grupo social: de um lado, o sonho de modernidade, de progresso, de competência, de sucesso; de outro, o favor, o contato, o apadrinhamento, os serviços, a aparência” (GUERRA et al., 2006, p. 63).

No grupo empírico de classe média da pesquisa, como será visto, são nítido diversos desses valores, como o capital cultural diferenciado, propiciado pelo acesso à educação e a outras opções culturais, as quais não fizeram parte da socialização das demais classes consideradas.

2.3.2 Batalhadores

Como exposto na introdução deste trabalho, essa classe intermediária, chamada hoje por muitos de “nova classe média brasileira” – temática que será tratada no próximo capítulo –, é aqui denominada de “classe batalhadora”, e recebe atenção especial nesta pesquisa por compor um fenômeno bastante atual e significativo no país, e no mundo²⁰.

A denominação “classe batalhadora”²¹ é tomada de Souza (2010), que assim chama o grupo que muitos estão considerando a nova classe média. Se, por um lado, o autor defende que esses sujeitos que ascenderam na última década não são uma classe média, por outro, nota que essa ascensão representa de fato um fenômeno social novo, e esses indivíduos, embora possam ser considerados, de modo mais amplo, como classe trabalhadora – como defende Pochmann (2012) –, seriam melhor compreendidos como “classe batalhadora”. Uma vez que essa discussão será aprofundada no capítulo seguinte, o que pretendemos aqui é destacar as características desse grupo social, especialmente no que concerne às suas diferenças em relação às classes que se situam “acima” e “abaixo” na pirâmide social.

Souza (2013, p. 66) entende os batalhadores como “a fração das classes populares que lograram sair deste círculo vicioso” de “não incorporação familiar, escolar e social dos pressupostos de qualquer aprendizado e trabalho moderno”, que produz a “ralé”. Entre os valores que compõem as pré-condições necessárias para o “trabalho útil”, Souza destaca o autocontrole e a disciplina para o trabalho duro e o pensamento e o comportamento prospectivos, centrais para que os batalhadores tenham conseguido ascender. Tais características são facilmente reconhecidas quando encontramos indivíduos que combinam uma longa carga horária de trabalho, em que é comum que a remuneração esteja atrelada à produtividade, com um curso noturno, muitas vezes de ensino superior. Nesses casos, e não somente neles, verificamos o quão adequado o termo “batalhador” é para os membros desse grupo.

Como expõe Fleury (2013), além de cumprir longas jornadas de trabalho, com exigências físicas e psicológicas muitas vezes extenuantes, tal parcela da classe trabalhadora se caracteriza pelos frequentes vínculos de trabalho precarizados. Nesse sentido, chamamos a atenção para a divergência com o que foi descrito como uma das características da classe média. Embora a garantia da manutenção do emprego seja uma exceção também para esse

²⁰ “Estima-se que 400 milhões de pessoas façam parte da ‘nova classe média global’ e que em 2030 esse número chegue a mais de 2 bilhões” (SOUZA; LAMOUNIER, 2010).

²¹ O tema foi abordado por Jessé Souza no livro “Os batalhadores brasileiros. Nova classe média ou nova classe trabalhadora?”, publicado em 2010.

grupo, a segurança, na vaga ocupada ou para conseguir outra, é superior devido à qualificação dos membros da classe média, frequentemente legitimada em forma de títulos e em um currículo encorpado.

A maior parte desses batalhadores emergentes se origina na “ralé”, sendo essa geralmente composta por famílias monoparentais, com problemas frequentes de alcoolismo, e estando quase permanentemente abalada emocionalmente e, portanto, com chances de futuro reduzidas. Para Unger (2010, p. 10), esse grupo que emergiu luta “com energia e engenho para escapar da ralé e entrar no rol da pequena burguesia empreendedora e emergente”. Mas o que possibilitou um comportamento que autorizou essa ascensão? Souza (2010) considera que a resposta está no capital familiar, que permitiu, através de exemplos, a transmissão de valores de trabalho duro e continuado.

‘Ascender socialmente’ só é possível a quem logra incorporar as pré-condições que o capitalismo atual pressupõe para a crescente incorporação de distintas formas de conhecimento e de capital cultural como ‘porta de entrada’ em qualquer de seus setores competitivos. A fronteira entre ralé e batalhadores [...] está situada precisamente na possibilidade da incorporação pelos batalhadores dos pressupostos para o aprendizado e o trabalho que falta à ralé. (SOUZA, 2013, p. 62).

Paralelamente ao papel da família na transmissão de valores que permitiram a ascensão dos batalhadores, Souza (2010; 2013) ressalta a Igreja como instituição importante para essa mudança de comportamento. Indica a adesão às religiões neopentecostais, especialmente, como fonte de autoconfiança, solidariedade e vínculos sociais significativos para a ascensão social. Entre os batalhadores, segundo o autor, predominam as denominações “éticas”, caracterizadas pela “regulação racional da vida cotidiana” e pela “crença na própria capacidade” (SOUZA, 2013, p. 65), diferentemente do que se verificaria entre os membros da ralé, em que são dominantes as denominações “mágicas” do pentecostalismo.

Paula (2013) ressalta o papel socializador da Igreja, permitindo um alargamento de horizontes e até mesmo contatos para a obtenção de trabalho, constituindo, em certa medida, um capital social. Ao mesmo tempo, pondera que a grande dedicação à Igreja pode enfraquecer o envolvimento com outras atividades de participação social, como sindicatos, associações de moradores, ONGs, etc. Esse é um aspecto salientado por outros autores (POCHMANN, 2012; SOUZA, 2010; SOUZA; LAMOUNIER, 2010) como peculiar a essa classe emergente – não apenas aos evangélicos –, uma vez que se verifica um escasso

envolvimento político. Assim, rarefazem-se as possibilidades desse momento se refletir em um aprofundamento das transformações das relações sociais e de classe no país²².

Entre as entrevistadas da pesquisa, uma batalhadora e duas raladoras são evangélicas. No caso da informante batalhadora, a igreja foi inserida recentemente na rotina, e não teve o papel de “recuperação”, que, por outro lado, percebe-se da história de vida de uma das raladoras. No caso das batalhadoras da pesquisa, o capital familiar, proporcionando segurança emocional e financeira, aparece como um diferencial dessa para a classe das raladoras.

2.3.3 Ralé

O termo “ralé” também é tomado de empréstimo de Souza (2009)²³. A ralé é uma classe de indivíduos “não só sem capital cultural nem econômico em qualquer medida significativa, mas desprovida, *esse é o aspecto fundamental*, das precondições sociais, morais e culturais que permitem essa apropriação” (SOUZA, 2009, p. 21). A denominação “ralé”, salienta o autor, não é usada “para ‘ofender’ essas pessoas já tão sofridas e humilhadas”, mas, sim, para “chamar a atenção, provocativamente, para o nosso maior conflito social e político: o abandono social e político, ‘consentido por toda a sociedade’, de toda uma classe de indivíduos ‘precarizados’ que se reproduz há gerações enquanto tal” (Ibid.).

A história de vida dos indivíduos dessa classe demonstra que, para além da carência econômica, há uma ausência de disciplina, autocontrole e cálculo prospectivo – as pré-condições sociais citadas por Souza –, elementos fundamentais para qualquer plano de futuro. Mattos (2009), que realizou uma densa pesquisa com prostitutas no Rio de Janeiro, narra que todo o dinheiro ganho por elas é imediatamente empregado em aquisições que as contentam por satisfazer seus desejos de consumo. A esse grupo – que representa, segundo a autora, uma metáfora perfeita para entender essa classe social, explorada como corpo –, a carência das pré-disposições sociais referidas impedem o poupar e o amparo para o futuro. Nesse sentido, o futuro é privilégio das classes dominantes, e não está acessível a todos. A ralé estaria, assim,

²² A mesma situação pode ser encontrada em outros países. Referindo-se a personagens de classes populares de um *reality show* britânico, Murdock (2009, p. 29) avalia que “esses personagens não articulam pontos de vista políticos explícitos e têm como objetivo principal simplesmente conseguir viver mais um dia, de preferência, dando risada pelo caminho”. Essa é uma imagem comum do brasileiro, que, pelo senso comum, preocupa-se apenas com o dia de hoje (o que costuma ser relacionado com a falta de “espírito” empreendedor, e não com imposições da realidade social ou com aspectos culturais), não projeta o futuro e se interessa apenas em “curtir” a vida, ou, nas palavras de Murdock, em dar risada pelo caminho. “Não existe futuro para quem é escravo de suas necessidades e inclinações naturais imediatas.” (SOUZA, 2009, p. 415). Como se pode inferir, mais do que uma característica de nação, esse modo de vida estaria ligado a um *habitus* de classe.

²³ A “ralé” foi tema do livro de Souza que precedeu “Batalhadores”, “A ralé brasileira: quem é e como vive”, publicado em 2009.

“condenada a ser ‘corpo’ sem alma ou mente” (SOUZA, 2009, p. 122), reduzida a energia muscular (Idem, 2013).

Em autores estrangeiros, encontramos uma definição semelhante para o que chamam de “subclasse”. Embora se encontrem em contexto distinto do brasileiro, consideramos que as características são bastante próximas daquelas destacadas por Souza à ralé.

A ‘subclasse’ não é um grau de pobreza; não se refere ao mais pobre dos pobres. É um tipo de pobreza: inclui aqueles que não compartilham mais as normas e aspirações do resto da sociedade, que nunca conheceu a tradicional composição familiar com pai e mãe, que está inclinado a abusar de drogas e álcool na primeira oportunidade, que vai mal na escola e que são rápidos para recorrer a um comportamento desordeiro e ao crime. (Sunday Times, 23 May 1995, p. 3) (HAYLETT, 2000, p. 71).

Entre as entrevistadas desta pesquisa, classificadas como pertencentes a esse estrato, não se verifica um comportamento desordeiro ou mesmo o uso de drogas ou o abuso de drogas. No entanto, todas têm em suas famílias exemplos próximos desse tipo de comportamento, que as afetam diretamente. Por outro lado, não julgamos que elas “não compartilham mais as normas e aspirações do resto da sociedade”. Entendemos que as entrevistadas compartilham de normas e aspirações, mas não das pré-condições para concretizá-las.

Wright (1997) ajuíza que à “subclasse” é negado o acesso a tipos diversos de recursos produtivos e, especialmente, dos meios necessários para desenvolver as habilidades que permitem adquirir esses recursos que tornariam sua força de trabalho rentável. Por esse motivo, apesar de a “subclasse” ser uma categoria de agentes sociais oprimidos economicamente, eles não são consistentemente explorados. Isso porque esse grupo não se destaca por sua produtividade, sendo assim uma classe menos importante para os capitalistas. Essa é uma grande diferença em relação aos batalhadores, que se mostram uma classe bastante útil ao capitalismo, dado que uma de suas principais características são as longas jornadas de trabalho, o esforço para produzir, e ganhar, mais, bem como sua capacidade crescente de consumo. A ralé desenvolve trabalhos mal remunerados e, embora interesse ao sistema pagar pouco a esses indivíduos, eles são pouco rentáveis. Também é comum estarem incluídos nesse estrato beneficiários de programas do governo, que não são produtivos para a sociedade. “Entendido dessa forma, a *underclass* [grifo nosso] consiste em seres humanos que são largamente prescindíveis *do ponto de vista da lógica do capitalismo* [grifo do autor].” (WRIGHT, 1997, p. 8).

Esse entendimento é compartilhado por Souza (2009, p. 23), para quem a ralé é “incapaz de atender às demandas de um mercado cada vez mais competitivo baseado no uso do conhecimento útil para ele”. É nesse sentido que a ralé se diferenciaria do lumpemproletariado marxista. Considerado um “exército de reserva” pela sua potencial participação como força de trabalho no mercado produtivo, o lumpemproletariado tinha espaço em um capitalismo em estágio inicial, em que os conhecimentos necessários por parte do trabalhador eram mínimos. Na atualidade, o nível de habilidades exigido dos “trabalhadores úteis” exclui uma larga parcela da população que não está capacitada para exercer serviços mais complexos do que os exigidos no tempo de Marx. Assim, ainda que a força de trabalho da ralé tenha espaço para ser empregada, ela não serve para substituir as capacidades dos trabalhadores produtivos do mercado moderno, não se configurando, assim, como um “exército de reserva”, e estando aquém do lugar ocupado pelo lumpemproletariado de um capitalismo inicial (SOUZA, 2009). “Desse modo, a perpetuação da ralé não pode ser explicada pelo simples fato de o mercado ter expurgado nas últimas décadas um número considerável de pessoas e não ter gerado novas condições para sua reinserção” (MACIEL; GRILLO, 2009, p. 274).

Vale destacar, ainda, que, nem mesmo na esfera que costuma ser pensada como disponível a todos da mesma forma a ralé consegue se realizar plenamente. Diferentemente do que reconhece o senso comum, a vivência do amor romântico acaba por ser improvável devido a determinadas condições objetivas de existência que conformam meninos e meninas desde a infância. O que mostram os autores de trabalho sobre “a miséria do amor dos pobres”, como diz seu título,

[...] atinge em cheio a mais cara de nossas ilusões sobre a vida: a crença de que, apesar de toda a miséria e de toda a vulnerabilidade, as chances de se encontrar o amor não se fecham para o destino dos que vivem em um universo de privação [...] Afinal, se o amor é mesmo a versão moderna secularizada da busca pela salvação, oferecendo o que outrora prometia a religião com o reconhecimento pleno das singularidades de uma pessoa, o que há de mal na pobreza se ela não nos impede de amar? Se os pobres podem amar como todo mundo, a desigualdade em nada constitui empecilho para uma vida realizada. (SILVA; TORRES; BERG, 2009, p. 168).

O trabalho mostra que a realização em outras esferas, como o reconhecimento na escola e no trabalho e o afeto dos pais, é condição para o desenvolvimento das habilidades para o amor romântico. Silva, Torres e Berg (2009, p. 169) enfatizam que “não cabe definitivamente à sociologia dizer se as pessoas se amam ou não! Mas cabe a ela sem dúvida

determinar as condições de possibilidade de qualquer experiência socialmente construída”. Assim, revelam que a desigualdade constitui um empecilho para as mais diversas formas de realização, inclusive para o amor.

Apesar da clara inspiração em Jessé Souza para a divisão e nomenclatura das classes apresentadas, no relato da pesquisa empírica apresentada neste trabalho, não chamaremos o grupo pesquisado de “ralé”. Concordamos com a denominação de Souza, conforme o argumento apresentado pelo autor, mas não nos sentimos confortáveis em nomear dessa mesma maneira. Assim, fazendo uma adaptação, designaremos como raladoras as mulheres da pesquisa empírica que se encontram na classe mais baixa considerada, enfatizando o trabalho árduo sem recompensas, mas sem deixar de atentar para o esquecimento e a marginalização que experenciam. Diferentemente das batalhadoras, esse grupo não galgou uma ascensão, não venceram batalhas na aquisição de alguma medida mais significativa de capital econômico e cultural, limitam-se a ralar a cada dia, mais ou menos sem sair do lugar²⁴.

Nesta seção, apresentamos cada classe em um enquadramento específico, como se houvesse uma demarcação entre uma e outra. Nesse sentido, é importante refletir que a fronteira entre uma classe e outra “é sempre fluída na realidade concreta”, embora aqui, devido ao objetivo de possibilitar a análise empírica, “seja importante precisamente enfatizar o contraste” (SOUZA, 2013, p. 62). Ao destacarmos esses contrastes, por vezes tão fluidos, podemos dar mais atenção a um determinado aspecto da vida de um informante do que a outro, incorrendo em uma interpretação que poderia ser distinta se vista por outro prisma. Nesse sentido, realçamos aqui a análise de uma das histórias de vida apresentadas por Jessé Souza e seus colaboradores em “A ralé brasileira”, com a qual não concordamos completamente.

Entre os ricos relatos empíricos de experiências de pobreza vividas por brasileiros, uma das exposições mais instigantes é a história de uma empregada doméstica, com a descrição de suas dores, sofrimentos e conquistas. Após uma infância e uma adolescência muito pobres, *Leninha*, ainda na juventude, passou a morar na casa dos patrões de classe média, sentindo-se, primeiramente, parte da família, porém, mais tarde, percebendo que ela não era tratada e nem se comportava como as duas filhas do casal. Nos anos em que viveu

²⁴ Se formos considerar suas histórias de vida, elas certamente avaliam que “saíram do lugar”. No entanto, julgamos que não conseguiram ascender a uma nova classe, mudando de fato suas circunstâncias sociais, embora talvez propiciem isso a seus filhos.

com essa família, aprendeu valores que os autores apresentam como de classe média, como “fazer-se de difícil para conseguir um bom marido”, e, assim, *Leninha* se casou e constituiu sua família. Como diarista, revendedora de produtos de beleza e, ainda, juntando e vendendo material para reciclagem, consegue ter em casa tudo o que considera necessário, por meio de inúmeras prestações que não a permitem diminuir o ritmo de trabalho.

Na análise de Maria Teresa Carneiro e Emerson Rocha, com supervisão de Jessé Souza, *Leninha* faz parte da ralé brasileira, uma vez que realiza um trabalho que exige apenas corpo, e não intelecto, o que está em acordo com a falta de capital cultural da mesma, tendo em vista que é analfabeta. Os autores destacam que é apenas por meio do consumo que ela gera uma aparência, para si e para os outros, de viver uma vida que está fadada a não viver.

Leninha não é dotada das *disposições*, daquelas espécies de ‘dons naturais’ que determinadas classes de pessoas possuem graças a processos de socialização que são esquecidos, que conferem às pessoas as aptidões cujos efeitos ela deseja: prestígio e reconhecimento. Não tendo essas *disposições*, Leninha não pode praticar e compreender esse modo de vida que confere às pessoas prestígio e reconhecimento [...] (CARNEIRO; ROCHA, 2009, p. 141).

Queremos salientar, contudo, que diversos traços da descrição da vida de *Leninha* podem levar a discordar dessa interpretação que a coloca como membro da ralé. Os aprendizados que adquiriu, principalmente no período em que viveu com uma família de classe média e, posteriormente, convivendo diariamente com famílias dessa mesma classe em seu trabalho, possibilitaram a ela adquirir certas disposições, além de recursos econômicos, que poderiam distingui-la da ralé. Se não consegue ter o reconhecimento de suas patroas, *Leninha* possui a admiração dos vizinhos. “Moradora de bairro de periferia, sua casa é própria e se destaca das outras bem mais humildes e precárias” (p. 127); “aprendido a admirar e desejar as liberdades e benefícios desse modo de vida burguês” (p. 136); “[...] sabe dos benefícios que tem uma moça burguesa que namora feito ‘moça de família’ [...]. ‘Aí eu namorei Carlinho serinho, mas serinho mesmo, só assim, ganhava só beijo e mais nada” (p. 137). “O drama de Leninha há muito tempo não é o de ‘pôr o que comer em casa’, mas o de tentar com todas as forças imitar o ‘truque’ das classes médias” (p. 141). A passagem, no entanto, que parece melhor demonstrar a ambiguidade da classificação de *Leninha* se refere à descrição da festa de 15 anos que proporcionou à sua filha. Ela elenca alguns dos itens comprados/contratados para a festa:

...dez garçom; quatro saco de batata, quinze caixa de Skol; gente, o tal dos, é como? Cogumelo? Gente aquilo é muito caro demais; só no cartão foi novecentos reais de compra; o tal do medalhão, eu não posso nem ver. Eu fiquei louca. A tal de batata coom... sabe como? O salgado foi servido com

foguinho embaixo do salgado. Foi muito chique, eu chorei muito. (CARNEIRO; ROCHA, 2009, p. 140).

Se, por um lado, ela não demonstra intimidade com esses itens e sua experiência faz considerá-los “chiques”, por outro, ela fez questão de ter tudo o que descreve na festa de sua filha para se distinguir. Ainda nesse sentido, em um dos trechos mais elucidativos do relato, *Leninha* conta sobre sua encenação durante a celebração. Enquanto o presente do pai, seu marido, foi um computador – comprado e pago por ela, mas presenteado pelo pai para não “pegar mal” –, o seu foi uma homenagem para a filha, escrita com a ajuda de uma de suas patroas. No momento de ler o que havia sido preparado, ela simulou um choro compulsivo, que não a permitiu dar continuidade à homenagem. Por isso, precisou contar com a ajuda da patroa, que já estava a seu lado a apoiando. Assim, *Leninha* pôde esconder de todos aqueles presentes, que já não o soubessem, o fato de ser analfabeta. “Eu me saí bem. Eu me saí muito bem” (Ibid., p. 140). Ao mesmo tempo em que o fato demonstra a preocupação com o reconhecimento social, um outro fator fundamental volta à cena: o analfabetismo de *Leninha*, característica que a exclui do sistema produtivo moderno, em que a formação escolar aparece como indispensável para as chances de progredir, conquistar reconhecimento, e deixar de ser só “corpo”.

Fizemos esse adendo exatamente para demonstrar a complexidade de uma análise desse tipo, visto o borramento dos limites quando o assunto é classe social. Esse é um dos desafios que enfrentaremos nesta pesquisa, buscando, todavia, sermos fiéis ao que foi exposto nesta seção para levar a cabo a classificação social das entrevistadas, ponto de partida para o estudo dos usos e consumo de mídia e telenovela por mulheres de distintas classes sociais.

Por fim, para concluir este capítulo, destacamos alguns aspectos que julgamos importantes para pensar, conjuntamente, as categorias de classe social e gênero, visto que entendemos que as experiências de classe, que objetivamos captar, são obtusamente atravessadas pelas vivências de gênero.

2.4 CLASSE E GÊNERO: ARTICULAÇÕES POSSÍVEIS

Uma das críticas mais frequentes e, poderíamos dizer, pertinentes à análise de classe é feita pelo feminismo. “Provavelmente toda feminista de esquerda pode concordar comigo: Marxismo nunca realmente capturou gênero.” (SKEGGS, 2008, p. 2). Desde o final dos anos 1970, é comum a crítica feminista aos pesquisadores marxistas que concordam com a

“supremacia da classe”, mesmo que poucos de fato se pronunciem nesses termos (WRIGHT, 1997).

Apesar das especificidades da subordinação feminina ao poder masculino, o marxismo não diferenciou a relação de poder dos homens perante as mulheres daquela da burguesia para com a classe operária. A dominação masculina seria apenas uma variação de uma relação que tem origens econômicas, na luta de classes. Por esse motivo, conforme Scott (1986), a inserção dos estudos feministas dentro do marxismo é controversa, uma vez que os marxistas encararam as desigualdades das relações entre homens e mulheres como um “subproduto” da estrutura econômica capitalista, ou seja, o gênero não teve *status* analítico independente.

Para as feministas, a ausência das questões de gênero, geralmente através do silêncio – como expõe Wright, não há, necessariamente, uma defesa explícita da supremacia de classe, mas a ausência da questão nas análises de classe –, significaria uma negação da importância do gênero como fator causal significativo. Além disso, Wright admite que há marxistas, especialmente aqueles trabalhando sob uma perspectiva fortemente hegeliana, que insistem que a teoria marxista tenta explicar tudo. O sociólogo julga que, embora a aspiração por um projeto teórico totalizante não deva ser rejeitada *a priori*, na prática, “o marxismo não tem sido bem sucedido em efetuar essa ambição, e as perspectivas para realizar isso não são muito promissoras” (WRIGHT, 1997, p. 241, nota 3).

Franchetto, Cavalcanti e Heilborn (1981, p. 7-8) destacam duas principais formas de pensar o lugar da mulher na sociedade, ambas marcadas pela “opressão, subordinação, exploração em relação ao mundo masculino e/ ou em relação à sociedade de classe”. Uma dessas visões entende a posição de subordinação feminina como atributo social específico de ser mulher, que não pode ser visto como menor que outros, como a classe social ou a etnia. O outro enxerga a hierarquia homem/ mulher inserida em uma relação maior de opressão, a de classe. O verdadeiro dominador seria, assim, o capitalismo. O desequilíbrio nas relações de gênero só acabaria, portanto, com o fim da dominação de classe.

No entanto, diferentemente de autores que relacionam a submissão feminina diretamente ao capitalismo, Beauvoir (1980) assegura que o materialismo histórico não responde à questão sobre a origem da opressão feminina. O que se dá é a apropriação dessa submissão por parte do capitalismo. A autora afirma que regimes socialistas não mudaram as relações de gênero.

Por outro lado, feministas radicais defendem a centralidade de gênero na pesquisa social, e, assim como o marxismo não deu destaque às questões propriamente femininas, os estudos feministas, inicialmente realizados por mulheres majoritariamente brancas de classe

média, deixaram de abordar aspectos relacionados às mulheres negras e de classes populares, exercendo, de certo modo, o mesmo papel que muitas criticam em marxistas, mas dessa vez com o protagonismo do gênero sendo reivindicado. Importante feminista no campo da Comunicação, Vega pensa que o gênero está na base da desigualdade social.

Retomo os postulados da Economia Política Feminista, que assinala que o gênero está na base da desigualdade social, sobre a qual se montam as de classe, raça, etnia, capital cultural, etc. Definitivamente penso na importância de distinguir as mulheres particulares, com a ajuda dessas categorias, todavia sem deixar de olhar que a de gênero é a estrutura sobre a qual as outras ganham sentido. (VEGA MONTIEL, 2013, p. 575).

Na história do pensamento feminista, a incorporação de outras diferenças não foi uma constante. Enquanto feministas negras, especialmente, destacavam a necessidade de incorporar o entendimento de que mulheres não são todas iguais, que não viviam o mesmo tipo de opressão, havia a ideia de que dar peso a outras diferenças, que não a de gênero, enfraqueceria o movimento. Até hoje, podemos perceber que as diferenças são reconhecidas, assim como a importância do estudo dessas, no entanto, isso não significa que essas outras identidades estejam incluídas nas investigações.

Stolke (2004) fala de uma miopia de raça/etnia e classe entre as estudiosas feministas. Trabalhos sobre essas temáticas ganharam destaque apenas nas últimas duas décadas, com o objetivo de dar voz às mulheres que não se encaixavam nos modelos que costumavam representar os estudos de gênero: mulheres brancas, ocidentais e de classe média. Esse interesse convergente em classe, raça/etnia e gênero reflete um comprometimento com a reflexão sobre a história, repleta de diferentes formas de opressão (SCOTT, 1986).

A reivindicação de que outras questões sejam interligadas a de gênero inicia na segunda metade dos anos 1970 (LUDVIG, 2006), especialmente por meio de feministas negras.

Se a teoria feminista americana branca não precisa lidar com diferenças entre nós, e a diferença resultante em nossas opressões, então como lidar com o fato de que as mulheres que limpam suas casas e cuidam de seus filhos enquanto você participa de conferências sobre teoria feminista são, a maior parte, mulheres pobres e mulheres de cor? O que é a teoria por trás do feminismo racista? (LORDE, 1984 apud LUDVIG, 2006, p. 245).

Walkerdine (1990, p. 157) avalia que as feministas que estudam classe social aprenderam muito com as feministas negras e seu modo próprio de tratar suas pesquisas e suas reivindicações. “Elas estavam com raiva, eram emocionais, não secas e racionais como muitos homens acadêmicos colocando classe como uma questão que não tinha nada a ver

com suas subjetividades”. De fato, encontramos, ainda nos 1980 e, mais destacadamente, nos anos 1990, feministas tratando de temas diretamente relacionados a suas identidades pessoais e demonstrando esse envolvimento com o tópico estudado. Entre feministas com origem na classe trabalhadora, suas experiências de vida são tomadas não só como motivação para o estudo da classe social, mas constituem relatos autobiográficos em diversos textos, demonstrando, como já expunha Hall (1996b) sobre o grupo de feministas que “irrompeu nos Estudos Culturais”, que o pessoal é político, assim como mostram que é possível fazer ciência na primeira pessoa também. É o que fazem Steedman (1986) e Walkerdine (1990), casos emblemáticos da escrita feminista em primeira pessoa, assim como Skeggs (1997b), que declara o desconforto com a “voz autobiográfica”, o que entende ser exatamente fruto de sua origem na classe trabalhadora, que a fez ver a si mesma como “não sendo interessante”. No capítulo “Classifying practices: representations, capitals and recognitions”, Skeggs (1997b), apesar do desconforto, faz uso dessa ferramenta: “Minha experiência é muito parecida com aquela documentada por Valerie Walkerdine (1990), eu me sinto uma fraude, eu sinto que algum dia alguém vai descobrir que eu não deveria realmente estar aqui” (SKEGGS, 1997b, p. 137).

É no contexto de crítica à visão branca de classe média que surge o conceito de interseccionalidade. Buscando abranger essas diferentes identidades carregadas por uma mesma pessoa, em que uma não é *a priori* mais importante que outra, faz-se útil o conceito de interseccionalidade, como possibilidade de saída para essas dicotomias estereis, como gênero/classe e gênero/etnia. O conceito surge com Kimberlé Crenshaw, jurista norte-americana negra, em 1989 (PHOENIX; PATTYNAMA, 2006), e vem recebendo grande atenção nos anos 2000, como nas edições especiais, por exemplo, da *European Journal of Women’s Studies*, em 2006, e da *Politics & Gender*, no ano seguinte.

O objetivo é apreender a articulação de múltiplas diferenças e desigualdades, possibilitando superar a noção de concorrência entre opressões. O sucesso do conceito pode ser relacionado, parcialmente, ao fato de ter sido “colocado um nome” na teorização que busca englobar mais de uma diferença em uma mesma pesquisa. Como a própria Crenshaw admite, já eram feitos “estudos interseccionais” antes de receberem este nome (PHOENIX, 2006, p. 21)

No Brasil²⁵, o conceito vem sendo usado com parcimônia, mas não deixa de se fazer presente em pesquisas feministas (BRANCO, 2008; PISCITELLI, 2008; RODRIGUES,

²⁵ A Revista Estudos Feministas publicou, em português, o trabalho de Crenshaw intitulado “Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero”, em 2002. CRENSHAW,

2013)²⁶. Em um estudo sobre uso do conceito no Brasil, Rodrigues (2013, p. 10) conclui que “interseccionalidade precisa ser melhor difundida no Brasil, um país marcado por profundas desigualdades raciais, de classe e de gênero, pois permite a consolidação de uma teoria feminista mais apropriada às especificidades locais”. Outra brasileira que se apropria do conceito, Piscitelli (2008, p. 268) salienta que “raça, gênero e classe não são âmbitos diferentes de experiência que existem isoladamente uns dos outros, nem podem ser simplesmente montados em conjunto como se fosse um lego. Essas categorias existem em e por meio das relações entre elas”. E acrescenta que “existem em relações íntimas, recíprocas e contraditórias”.

No entanto, mesmo que o objetivo da interseccionalidade seja estudar mais de uma diferença, sendo comum o destaque ao tripé gênero, raça e classe, é notável que classe é a categoria dessa tríade em que menos se investe. “Quando se pensa no conceito de interseccionalidade, geralmente as pessoas pensam em ‘raça, gênero e classe’. Em muitos estudos, no entanto, a parte da ‘classe’ é invisível, silenciosa, reconhecida como importante, mas raramente sistematicamente endereçada” (POLITICS & GENDER, 2007, p. 231). Shalev tem a mesma opinião:

Perspectivas feministas sobre a intersecção entre classe e gênero permitiram importantes insights, mas se concentraram em como a desigualdade de gênero contribui para a desigualdade de classe e como a subordinação de classe oprime as mulheres. Menos comumente discutido é a interação entre classe e gênero no sentido de que as implicações de gênero estão condicionadas à classe (SHALEV, 2008, p. 422).

Não estamos propondo um estudo de interseccionalidade. Recorremos a esse conceito por vermos aí uma possibilidade que contempla a discussão acerca da concorrência entre categorias como classe e gênero, de especial interesse neste estudo, ou gênero e raça/etnia, e outras. Não julgamos que os estudos que articulam duas ou mais categorias necessitem fazer uso do conceito. Apoiamo-nos na reflexão sobre interseccionalidade por nos associarmos ao fundamento de pluralidade contido no conceito. Skeggs, por exemplo, é uma autora que vem consistentemente articulando classe e gênero, sem se filiar à teoria da interseccionalidade. A socióloga ajuíza que as contradições entre categorias como as de classe, gênero e etnia – conforme aponta Piscitelli (2008), citada anteriormente – não permitem que elas sejam colocadas lado a lado. “Elas são lógicas diferentes que têm diferentes relações com o capital

Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2013.

²⁶ Não temos conhecimento de autores brasileiros da Comunicação empregando o conceito de interseccionalidade.

[...]. Eu acho que apenas juntá-las é não fazer o trabalho duro que é exigido para essas diferentes categorias.”

A ponderação de Skeggs não significa que ela se oponha a um cruzamento entre categorias como as de classe e gênero, pois ela própria o faz em seu trabalho²⁷, mas sobre o modo de fazê-lo, respeitando as especificidades de cada questão e os conceitos necessários para entender cada uma. Avalia, contudo, que se essas diferenças não estão na agenda, e o debate em torno da interseccionalidade os coloca em pauta, “então é bom” (SKEGGS, 2008, p. 3). Para realizar o cruzamento entre classe e gênero em suas pesquisas, Skeggs (1997a, 1997b, 2004) se apropria, especialmente, da noção de capital de Bourdieu. Segundo a autora, cada capital só existe nas inter-relações das posições sociais, pois é ao serem vividos que eles passam a existir. “Gênero, classe e “raça” não são capitais como tal, mais do que isso, eles fornecem as relações em que os capitais vêm a ser organizados e valorados” (SKEGGS, 1997b, p. 132). Apesar de fazer uso da teoria de Bourdieu, a socióloga critica a análise de gênero ensaiada pelo francês.

Em alguns trabalhos, como “A Distinção” (2008), Bourdieu faz algumas referências à situação feminina, sem aprofundamento. Afirma:

As propriedades de gênero são tão indissociáveis das propriedades de classe quanto o amarelo do limão é inseparável de sua acidez: uma classe define-se no que ela tem de mais essencial pelo lugar e valor que atribui aos dois sexos e suas disposições socialmente constituídas. Eis o que faz com que, por um lado, o número de maneiras de realizar a feminilidade corresponda ao número de classes e de frações de classe; e, por outro, no seio das diferentes classes sociais, a divisão do trabalho entre os sexos assumam formas completamente diferentes, tanto nas práticas quanto nas representações”. (BOURDIEU, 2008, p. 102).

No final de sua carreira, dedica um livro à questão de gênero, “A dominação masculina”, publicado em 1998. Para muitas feministas, melhor teria sido não abordar a temática do que o fazer como fez. A ausência de referências feministas em seu livro foi entendida como falta de “generosidade” com o feminismo. “Trinta anos após o início da segunda onda, não há um feminismo único e monolítico, o saber feminista é rico e diverso. A decisão de Bourdieu de ignorar quase todo esse trabalho é certamente um exercício não inconsciente de violência simbólica, que ele sabe tão bem analisar.” (LOVELL, 2000, p. 28-29, nota 1).

²⁷ “Para mim, você não pode fazer classe sem gênero e sexualidade e, esperançosamente, raça, que eu continuo tentando incluir” (SKEGGS, 2006, s/p).

Dentre as feministas mais conhecidas, Bourdieu cita Butler e Rubin, a primeira uma vez em nota de rodapé e a segunda, duas, também em nota. Em ambos os casos, contrapõe-se às ideias defendidas por elas, especialmente a de performatividade, de Butler (1990). Bourdieu (2007, p. 122) chama de “apelos ostentatórios dos filósofos ‘pós-modernos’” os discursos que visam “ultrapassar os dualismos”, defendendo que esses estão profundamente enraizados nas estruturas e nos corpos, não surgem da nomenclatura verbal e “não podem ser abolidos com um ato de mágica performática”. Defende que os gêneros estão inscritos nos corpos e no universo que os cerca, “longe de serem simples ‘papéis’ com que se poderia jogar à vontade”.

Apesar das críticas, as valiosas contribuições de Bourdieu para a teoria social não são desconsideradas pelas feministas. No livro “Feminism after Bourdieu”, organizado por Adkins e Skeggs e publicado em 2004, as análises, mais do que focarem a obra em que o francês tratou especificamente sobre o tema, destacam as contribuições de Bourdieu sobre a questão social de forma mais ampla e como se apropriar de sua teoria para pensar a problemática de gênero. “Essa substantiva omissão [sobre mulheres e gênero] não deveria ser tomada para dizer que o aparato teórico de Bourdieu não tem relevância para o feminismo” (ADKINS, 2004, p. 3).

Assim como o conceito de capital, apropriado por Skeggs (1997a, 1997b, 2004) e outras, como Huppatz (2012), outros aspectos da teoria de Bourdieu mostram-se valiosos para a pesquisa feminista, como o conceito de *habitus*. Bourdieu pondera que os gêneros, assim como as classes, funcionam a partir do *habitus*. “Construção social do corpo [...] é, em sua maior parte, o efeito automático, e sem agente, de uma ordem física e social inteiramente organizada segundo o princípio de divisão androcêntrico” (BOURDIEU, 2007, p. 34). O *habitus* de gênero, construído relacionalmente, também costuma ser entendido como algo naturalizado, sendo que se aprende, desde que nascemos, qual o comportamento esperado, sem serem necessárias lições pedagógicas; também é visualmente reconhecível, pelas roupas que se usa, pelo modo de se movimentar, de falar; também indica o pensável e o impensável para cada gênero, determinando aspirações. Também como pensa as questões de classe, o *habitus* de gênero é duradouro, embora não seja imutável, uma “lei social convertida em lei incorporada”, que não se pode “sustar com um simples esforço de vontade, alicerçado em uma tomada de consciência libertadora”²⁸ (BOURDIEU, 2007, p. 51).

²⁸ Em entrevista a Juremir Machado da Silva, Bourdieu admite mudanças nas relações de gênero, mas julga que são menores do que muitos costumam exaltar. “As coisas, evidentemente, mudaram, sob o efeito de diferentes fatores, dentre os quais o mais importante certamente não é, sem dúvida, o feminismo, mas antes certas

Em nossa análise empírica, pretendemos empregar tanto a noção de capital quanto a de *habitus*, buscando entender como classe e gênero interatuam nas apropriações femininas da mídia. A discussão em torno da “supremacia” de uma categoria ou outra desemboca em uma “Olimpíada da opressão” (MARTINEZ, 1993 apud HANCOCK, 2007, p. 250), essa disputa por ver qual o mais importante, qual oprime mais. Assim como Wright (1997, p. 39), pensamos que “mais do que procurar qualquer tipo de prioridade metateórica para a análise de classe sobre a análise de gênero (ou vice-versa), é importante entender as interconexões de classe e gênero em problemas específicos” (WRIGHT, 1997, p. 39). Se classe ou gênero (ou outra categoria) será “o mais importante” em uma pesquisa, isso dependerá do que estará sendo estudado. Para isso, é necessário desenvolver “o trabalho sujo de examinar empiricamente as formas nas quais classe e gênero se cruzam em uma ampla gama de questões sociais” (WRIGHT, 2001, p. 38).

Assim, concordamos com Skeggs (2008, p. 2), para quem “é importante juntar Marxismo e feminismo”²⁹. Wright (2001) elenca várias similaridades entre marxismo e feminismo, como o fato de ambos buscarem entender as condições que colaboram para a reprodução dessas opressões, bem como as consequências delas; ambos acreditam que essas formas de opressão devem e podem ser suprimidas; ambos vêm a luta dos grupos oprimidos como central para um processo de transformação social; e o fato de tanto intelectuais feministas quanto marxistas terem como uma importante justificativa para suas pesquisas a tentativa de colaborar com um projeto emancipatório de cada um dos grupos considerados. “Ambos identificam e buscam entender formas específicas de opressão no mundo – opressão de gênero, particularmente para as mulheres, no caso de feminismo; opressão de classe, particularmente para trabalhadores, no caso do Marxismo.” (Ibid., p. 28).

Apesar das similaridades, essas tradições pouco têm trabalhado juntas, com notáveis exceções. Pelo contrário, como visto, algumas das críticas mais contundentes à análise de classe e especificamente ao marxismo foram/têm sido feitas pelas feministas, que reivindicam a valorização da perspectiva de gênero para a teoria social.

Miliband (1990) lembra que as mulheres são membros de uma classe e estão situadas em algum ponto da estrutura social. Essa posição será determinante para sua identidade social,

contradições do sistema escolar — especialmente nas suas relações com o mundo do trabalho — do qual o próprio feminismo é, com certeza, por um lado, a expressão. Certas coisas realmente fundamentais, nas estruturas sociais e nas estruturas cognitivas, perpetuaram-se, sob uma forma idêntica ou transformada.” (BOURDIEU, 1999, p. 14)

²⁹ “Para mim, eu acho que não poderia fazer feminismo sem socialismo; está praticamente em meu sangue. Como você poderia analisar qualquer coisa sem analisar capital? Ele estrutura tudo [...]” (SKEGGS, 2008, p. 1).

assim como o fato de ser mulher, uma que vez que “seu sentido de uma identidade particular não reduz a importância da classe enquanto componente intrínseco de seu ‘ser social’” (Ibid, p. 440). Para o autor, a abolição da sociedade de classes, caso viesse a se concretizar um dia, não terminaria de uma vez com a opressão que sempre se fez presente na vida em sociedade. O fim da discriminação de gênero, assim como de etnia, é um empreendimento à parte, que, contudo, seria beneficiado pela criação de uma sociedade igualitária, sem classes. Wright (1997) traz dados empíricos que corroboram com essa ideia. Tendo em vista a ideia geral de que a exploração de classe intensifica opressões não-classistas, o autor esperava que, entre os resultados de seu estudo, estivesse o apontamento de que países escandinavos, com baixa desigualdade e elevado desenvolvimento social, tivessem a menor diferença de gênero em termos de autoridade no trabalho e de trabalho doméstico. No entanto, em comparação com os Estados Unidos, concluiu que a quantidade de trabalho doméstico feita pelos homens era a mesma – quase nenhuma – e que a desigualdade de gênero em termos de autoridade no trabalho é significativamente menor nos Estados Unidos do que na Suécia e na Noruega.

Miliband (1990) reflete, ainda, que não se pode perder de vista que o sujeito social é uma “entidade complexa e contraditória”, “um conjunto de elementos múltiplos” que coexistem, o que será mais visível à medida que se analisar indivíduos concretos. A discriminação, a exploração e a opressão de gênero e classe social não se anulam, somam-se. “As opressões de classe e gênero continuam como dois dos eixos mais importantes [...]: classe por causa de sua centralidade para o problema de exploração econômica e gênero devido à sua centralidade para o problema da subordinação da mulher” (WRIGHT, 2001, p. 38).

3 CLASSE EM FOCO: A NOVA CLASSE TRABALHADORA

Há alguns anos, ouvimos falar que temos uma “nova classe média” no Brasil. Tornou-se senso comum. E de que forma, se não por meio da mídia, essa ideia se difundiria tão rápida e massivamente? Precisar quando se inicia a proliferação do discurso de “nova classe média” é difícil. Um marco importante foi o dia 5 de agosto de 2008, quando a Fundação Getúlio Vargas (FGV) apresentou os dados de sua pesquisa “A Nova Classe Média”³⁰. Todos os grandes veículos divulgaram, na TV, no rádio, em jornais, revistas, na internet³¹. No mesmo dia, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) também divulgou pesquisa com dados semelhantes, mas deu foco para a queda do número de pobres no país, e não para um possível crescimento da classe média. De um lado, a FGV, especificamente o Centro de Políticas Sociais, era liderada pelo economista Marcelo Neri³². De outro, o Ipea era presidido por Marcio Pochmann. As interpretações das pesquisas foram distintas³³. Aquela que declarou termos no Brasil uma nova classe média foi a que mais repercutiu na mídia.

No entanto, antes disso, ainda em 2007 e nos primeiros meses de 2008, especialistas, governantes e matérias jornalísticas já destacavam o alargamento da classe média. Antes do “boom” midiático, gerado pela divulgação das pesquisas da FGV e do Ipea, grandes jornais e revistas estrangeiros já destacavam o fenômeno de crescimento econômico do Brasil e de sua “new middle class”.

Autores que discutiram o tema de maneira crítica salientam o papel que os meios de comunicação de massa possuíram/possuem na reprodução da crença em uma nova classe média. Souza (2010) afere que a ideia de termos uma nova classe média no Brasil é a mensagem hegemônica dos grandes veículos de comunicação. Segundo o sociólogo, a mídia e muitos intelectuais querem que todos acreditem que os brasileiros que ascenderam são

³⁰ O relatório, de 84 páginas, pode ser acessado em: http://www.cps.fgv.br/ibrecps/M3/M3_TextoFinal.pdf.

³¹ Como se pode ver no clipping produzido pela Fundação Getúlio Vargas com notícias de todo o Brasil sobre a cobertura, em agosto de 2008, de pesquisa divulgada pela FGV. Disponível em: <http://www.cps.fgv.br/ibrecps/m3/midia/midia.htm>. Acesso em: 21 fev. 2014.

³² Atualmente, Neri é presidente do Ipea e Ministro da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República (SAE/PR).

³³ Essa diferença fica clara nos livros posteriormente publicados por Neri e Pochmann. O primeiro lança, em 2010, “A nova classe média: o lado brilhante dos pobres” e, em 2012, “A nova classe média: o lado brilhante da base da pirâmide”. O segundo é autor de “Nova classe média? O trabalho na base da pirâmide”, publicado em 2012, com provável influência em seu título no do livro de Neri.

uma nova ‘classe média’, que está transformando o Brasil no país moderno e de ‘primeiro mundo’ que foi e é o maior sonho coletivo de seu povo desde a independência política em 1822. Dizer que os ‘emergentes’ são a ‘nova classe média’ é uma forma de dizer, na verdade, que o Brasil finalmente, está se tornando uma Alemanha, uma França ou uns Estados Unidos, onde as ‘classes médias’, e não os pobres, os trabalhadores e os excluídos, como na periferia do capitalismo, formam o fundamento da estrutura social. (SOUZA, 2010, p. 20).

Para Souza, as informações sobre a “nova classe média” são interpretadas sem conflitos e sem mostrar as contradições³⁴. Primeiramente, discutiremos o que é a “nova classe média” brasileira, perguntando, assim como Pochmann (2012) faz no título de seu livro sobre a temática: Nova classe média?. Abordaremos, brevemente, a problemática da ideologia da meritocracia, pois entendemos que essa tem função importante na compreensão do discurso sobre a nova classe média. Após, adentraremos na especificidade da situação da mulher nessa condição de precária ascensão social, verificando publicações que enfocaram na condição desse público, especialmente enquanto consumidora. Por fim, abordamos a temática da classe C em telenovelas da Rede Globo, nomeadamente, *Cheias de Charme* e *Avenida Brasil*, sem a pretensão de realizarmos uma análise de representações nessas telenovelas, mas ressaltando o objetivo da emissora de atingir esse público em ascensão.

3.1 NOVA CLASSE MÉDIA?

Neri (2008, 2010, 2012) entende a classe média como o estrato intermediário da sociedade. Sendo assim, a classe C, entre as cinco consideradas, seria a classe média, no sentido estatístico, e aqueles que ascenderam a esse grupo comporiam a “nova classe média”. Estariam no meio, entre os 10% mais ricos e os 50% mais pobres. Em 2008, quando a pesquisa foi apresentada, a classe C era composta por famílias com renda mensal de R\$1.064,00 a R\$ 4.561,00. Hoje, em valores atualizados, essa faixa compreende rendimentos entre R\$ 1.315,00 e R\$ 5.672,00. De 2002 a 2008, esse estrato teria passado de 44% para 52% da população brasileira.

O economista afirma que não faz um uso sociológico do termo, e, por isso, não se refere a “classe social”, mas a “classe econômica”. Entretanto, ao empregar o termo “classe”, e não apenas estrato, por exemplo, carrega a expressão de significado.

³⁴ Fizemos um “estudo preliminar”, apresentado como Apêndice A, com o objetivo de verificar como o jornalismo abordou e vem abordando a “nova classe média”. Seu objetivo foi servir como conhecimento para entender a temática, mas não constitui objetivo do trabalho desenvolver essa temática.

A nossa classe C auferem em média a renda média da sociedade, é a classe média no sentido estatístico. Dada desigualdade, a renda média é alta em relação a nossa mediana. Em relação ao resto do mundo: 80% das pessoas no mundo vivem em países com níveis de renda per capita menores que o brasileiro. Agora para aqueles que acham a renda da classe C seja baixa, acordem, pois ela é a imagem mais próxima da sociedade brasileira. A elite que se julga classe média procure as palavras *Made in USA* atrás de seu espelho. (NERI, 2008, p. 48).

Assim o economista encerra o relatório divulgado em agosto de 2008, buscando se “proteger” de eventuais críticas, especialmente em relação à baixa renda de um grupo que chama de classe média. Isso não impediu que jornalistas, especialistas e, inclusive, cidadãos, os próprios pertencentes à “nova classe média”, focassem na contradição entre o divulgado e a realidade. Como pontua Yaccoub (2011, p. 207), “ao se proteger das possíveis críticas da elite, o economista responsável pela pesquisa ignorou a percepção real do seu próprio objeto”³⁵.

Mesmo assim, a versão que predominou, e que segue como senso comum, é de que temos uma nova classe. A ideia agradou ao governo Lula e segue servindo ao governo Dilma. Em 2011, a Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República criou uma Comissão para definição da Classe Média no Brasil³⁶ e, em 2012, lançou o projeto Vozes da Classe Média (2012a, 2012b, 2013a, 2013b), que já está na quarta edição³⁷. A defesa da SAE sobre o conceito de classe média é semelhante a de Neri, mesmo antes de ser presidida por ele.

Na verdade, o conceito de classe média é apenas um instrumento analítico capaz de organizar e hierarquizar a heterogeneidade das famílias brasileiras de tal forma a identificar o grupo no meio da pirâmide social. Sua validade deve ser avaliada não em termos de sua fidedignidade, mas sim em termos de sua utilidade analítica, seja para a compreensão da dinâmica social brasileira, seja para a melhoria do desenho e da adequação dos diversos programas sociais, contribuindo, portanto, para a sua maior eficácia (SAE/PR, s/d, p. 13).

Entre os que corroboraram com o “projeto”, encontramos também trabalhos acadêmicos. Os cientistas políticos Amaury Souza e Bolívar Lamounier (2010) realizaram um estudo, patrocinado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), sobre características da classe média brasileira, a partir de uma pesquisa de opinião encomendada ao Ibope. Como explicita Armando Nogueira Neto, presidente da Confederação, na apresentação do livro, “a

³⁵ Isso é demonstrado, por exemplo, na matéria “Classe média emergente se acha pobre”, publicada pela Folha de São Paulo de 10 de agosto de 2008. A matéria será comentada na seção 2.3 deste capítulo.

³⁶ Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República (SAE/PR), Portaria Ministerial nº 61, de 27 de setembro de 2011.

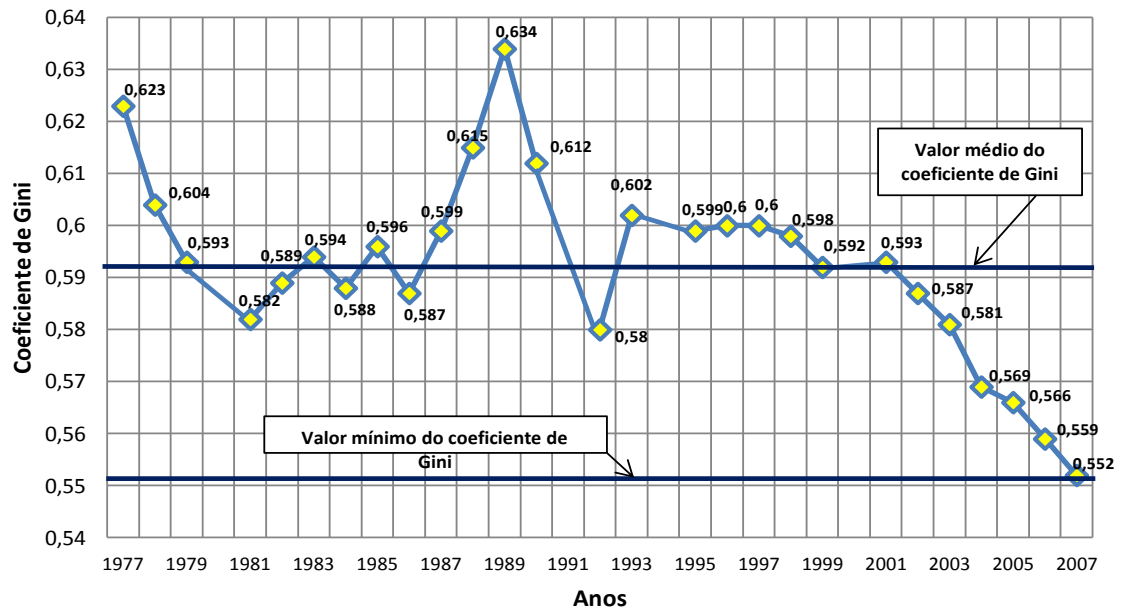
³⁷ Desde a terceira edição, o caderno é chamado Vozes da nova Classe Média.

intenção da CNI foi gerar conhecimento para orientar estratégias de mercado das empresas e contribuir para um melhor conhecimento dos valores desta nova classe em ascensão”. Indo ao encontro desse objetivo, a existência de uma nova classe média é ponto pacífico no livro. Os autores, porém, não deixam de apontar a instabilidade compartilhada por esse grupo, uma vez que possuem nível de renda ainda baixo, insegurança no emprego e falta de qualificação educacional diferenciada.

Entendemos, contudo, assim como Souza (2010, 2013), Pochmann (2012) e outros que serão aqui referenciados, que os brasileiros que ascenderam socialmente nos últimos dez anos não representam a classe média, mas uma classe trabalhadora ou, como defendido por Souza (2010), uma classe batalhadora. Para Pochmann (2012, p. 8), “não se trata da emergência de uma nova classe – muito menos de uma classe média”. A ideia central do livro “Nova classe média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira”, repetida em entrevistas de que o autor tem participado, vai contra o que os meios de comunicação vêm propagando, bem como de interesses de mercado e governistas, para os quais fazer crer que o Brasil é um país de classe média traz benefícios.

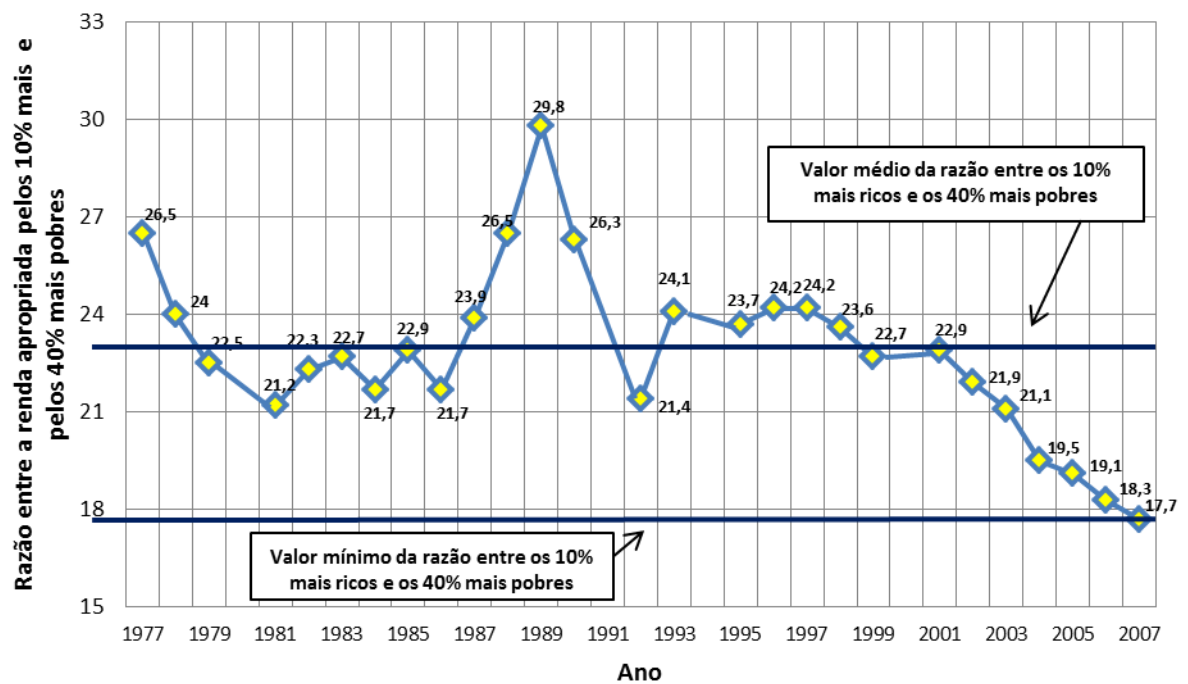
Pochmann não deixa de jogar luz sobre os dados econômicos positivos do Brasil dos anos 2000. Destaca dois fenômenos distintos que ocorreram no Brasil entre 1994, após a implantação do Plano Real, e 2010, ao término do governo Lula. Em um primeiro momento, houve, de um lado, queda na participação dos salários na renda nacional – diminuição de 9% entre 1995 e 2004 –, e, de outro, o aumento das rendas da propriedade (lucros, aluguéis, renda de terras, etc.) – crescimento de 12,3%. Entre 2004 e 2010, assiste-se à tendência diversa: foram seis anos de crescimento da participação dos salários na renda brasileira, significando 10,3% de aumento no período, e de queda no peso relativo da propriedade, representando 12,8% de decréscimo. Trazemos dois gráficos (Gráfico 3 e Gráfico 4) que ilustram essa tendência nacional, demonstrando a redução da desigualdade social no Brasil.

Gráfico 3 – Evolução da desigualdade na renda familiar *per capita* no Brasil: Coeficiente de Gini (1977-2007)



Fonte: Estimativas produzidas com base nas PNADs de 1977 a 2007 (BARROS, 2010).

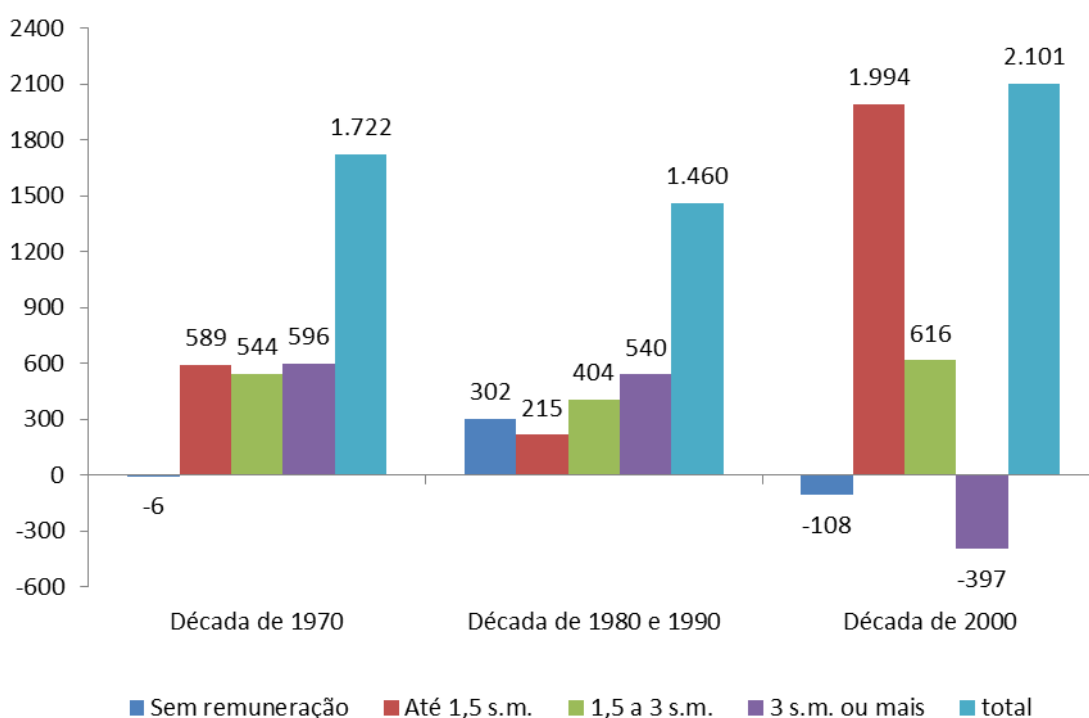
Gráfico 4 – Evolução da desigualdade na renda familiar *per capita* no Brasil, segundo a razão entre os 10% mais ricos e os 40% mais pobres (1977-2007)



Fonte: Estimativas produzidas com base nas PNADs de 1977 a 2007 (BARROS, 2010).

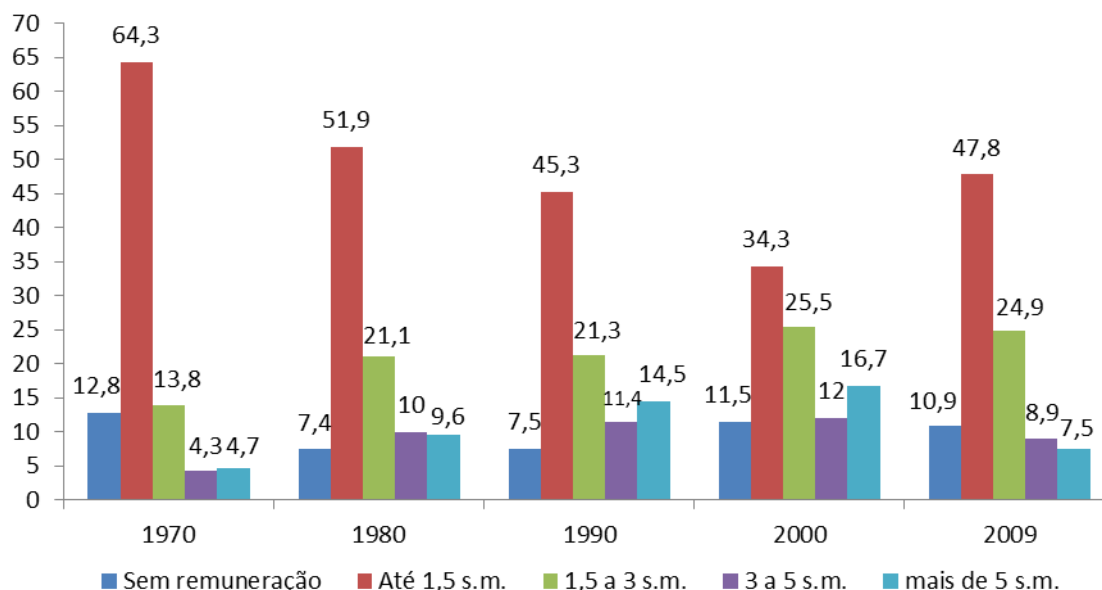
Como motivos para essa melhor distribuição de renda no país, Pochmann elenca, sob o pano de fundo do crescimento econômico, a ampliação de vagas com remuneração de até 1,5 salário, políticas públicas para transferência de renda e elevação do valor real do salário mínimo. Foram os empregos com esse nível de remuneração que mais cresceram, representando 95% das vagas abertas na última década. A expansão nas ocupações³⁸ na década de 2000 é 40% maior do que a que se verificou entre 1980 e 1990. Embora a faixa salarial que mais empregue seja a mais baixa, o aumento real do salário mínimo permite um poder de consumo maior. Dois gráficos (Gráfico 5 e Gráfico 6) mostram essa modificação na composição das faixas de remuneração.

Gráfico 5 – Evolução do saldo líquido médio anual decenal das ocupações geradas segundo faixa de remuneração no Brasil (em mil)



Fonte: Censo Demográfico e PNAD - IBGE (POCHMANN, 2012, p. 19)

³⁸ Os postos de trabalho formal cresceram 43,5% entre 2001 e 2009, chegando a 41 milhões em 2009. Todavia, o número de postos informais ainda é maior, somando 47,7 milhões em 2009 (VICENTE, 2013).

Gráfico 6 – Evolução da composição ocupacional segundo faixa de remuneração (%)

Fonte: PNAD - IBGE (POCHMANN, 2012, p. 28)

Esse cenário retrata a ascensão social dos brasileiros na base da pirâmide de trabalho, com crescimento no padrão de consumo, também em função do aumento do crédito. Entretanto, essa conjuntura não é suficiente para tirá-los da classe trabalhadora. “Seja pelo nível de rendimento, seja pelo tipo de ocupação, seja pelo perfil de atributos pessoais, o grosso da população emergente não se encaixa em critérios sérios e objetivos que possam ser claramente identificado como classe média” (POCHMANN, 2012, p. 10).

Os dados são basicamente os mesmos citados por Neri (2008, 2010, 2012) ou por Souza e Lamounier (2010), o que diverge é sua interpretação. Isso, de certa forma, mostra a “parcialidade” dos números, mesmo que esses, na maioria das vezes, pareçam o que há de mais confiável. “Nem tudo que a estatística ‘prova’ deve ser tomado como único critério de nossas análises” (COSTA, 2013, p. 53). Jessé Souza considera que o “economicismo” quando apenas os números são levados em consideração, precisa ser superado para que seja possível desenvolver uma pesquisa crítica e aprofundada. “O conhecimento estatístico é um ‘meio’ e não um ‘fim em si’, posto que está ‘a serviço’ da necessidade ‘interpretativa’, ou seja, daquilo que vai permitir reconstruir uma realidade que é visível a olho nu de modo novo e inédito” (SOUZA, 2013, p. 60).

Souza avalia que, da mesma forma que a análise de Neri (2008, 2010, 2012), a de Pochamnn (2012) é também economicista, uma vez que o destaque em seu trabalho são os dados estatísticos.

Afora uma diferença de tom, não existe nenhuma diferença substancial entre a análise estatística de Pochmann e a análise de Neri [...]. Ambos, inclusive, louvam a expansão do emprego formal com carteira assinada, o potencial de mobilidade ascendente acompanhado de inclusão no mercado de bens e consumo e a diminuição da abissal desigualdade brasileira. Até os fatores dessa mudança são percebidos por ambos do mesmo modo, na medida em que os ganhos de salário real e o aumento real do salário mínimo, por um lado, e o sucesso do Bolsa Família e do micro-crédito, por outro lado, são compreendidos como elementos decisivos. (SOUZA, 2013, p. 56-57)³⁹

As pesquisadoras Kerstenetzky e Uchôa (2013) realizam uma interessante investigação em que, tomando determinados valores como típicos da classe média, analisam se o padrão de vida do grupo considerado de nova classe média, a classe C, com renda familiar entre R\$ 1.315,00 a R\$ 5.672,00⁴⁰, corresponde ao que se poderia considerar como classe média. Os critérios selecionados pelas autoras foram “casa própria com padrões de habitação elevados com chefes com acesso a crédito, detentores de educação universitárias e planos privados de saúde, cujos filhos em idade escolar frequentem escolas particulares”. (Ibid., p. 19). A conclusão a que chegam é assim sintetizada:

[...] as evidências examinadas indicam que o perfil da assim chamada ‘nova classe média’ não exhibe a maior parte dos critérios (aqui considerados como) distintivos de uma classe média. O perfil observado da maior parte dos domicílios é: casa própria sem adensamento de moradores, contendo, porém, apenas um banheiro, com chefes sem cartão de crédito, cheque especial, plano de saúde ou educação superior, com filhos na rede pública de ensino. Surpreende ainda que na assim chamada ‘nova classe média’ haja muitos domicílios com adensamento e sem banheiro, que uma proporção significativa dos chefes tenha cursado apenas o ensino fundamental e muitos deles sejam ainda analfabetos. (Ibid., p. 23)

As autoras também apontam que mesmo em relação ao consumo desse grupo, bastante realçado, as características não são as de classe média, uma vez que, no que se refere a serviços de melhor qualidade, como seria o ensino e a saúde privados, esses não são realidade. Do mesmo modo, sem cartão de crédito ou cheque especial, até mesmo o uso do crédito precisa ser relativizado.

É importante ressaltar que uma faixa tão larga, que inicia com somente R\$ 1.315,00 mensais por família, gera discrepâncias internas. Apesar de concordarmos que a renda, considerada isoladamente, é insuficiente para a classificação que tem sido feita, percebe-se

³⁹ Consideramos, contudo, o estudo de Pochmann substancialmente distinto ao de Neri, visto que a conclusão a que o primeiro chega é avessa a do segundo. Não é apenas uma diferença de “tom”, mas de conteúdo.

⁴⁰ Uma ressalva ao trabalho realizado por elas é que as pesquisadoras atualizam a faixa de renda considerada por Neri em 2011 para o ano de 2013, mas os dados de que fazem uso são de 2008/2009, da Pesquisa de Orçamentos Familiares do IBGE.

que no estrato mais alto desse grupo, com rendimentos entre R\$ 4.220,00 e R\$ 5.672,00, 52,6% possuem plano de saúde e 19,4% dos chefes de família têm ensino superior, enquanto na outra extremidade, na faixa de ganhos de R\$ 1.315,00 a R\$ 2.768,00, 28,7% possuem plano de saúde e 3,6% têm ensino superior.

Outra questão a se verificar é como os filhos dessa classe em ascensão estão sendo formados. Nesse sentido, Kerstenetzky e Uchôa focam nas experiências de educação formal dessas crianças e jovens. A pesquisa revela que somente 17,8% dos filhos do grupo estão na rede particular de ensino, sendo 11,4% do estrato com ganhos entre R\$ 1.315,00 a R\$ 2.768,00 e 36% da faixa com renda entre R\$ 4.220,00 e R\$ 5.672,00. No grupo de meninos e meninas entre 7 e 15 anos, 97% estão na escola. Entre os jovens de 16 a 18 anos, esse número cai para 75%. Por sua vez, 15% dos jovens entre 19 e 29 anos que ainda estudam estão no ensino superior – 30% dos que têm maior renda e 9% dos que têm menor –, 45% estão no ensino médio e 18% encontram-se ainda no ensino fundamental. Diferenças significativas que ratificam as divergências encontradas nessa larga faixa de renda que constitui a classe C.

Assim, as pesquisadoras concluem que “as oportunidades para os filhos superarem limitações de seus pais nos domicílios da NCM parecem escassas” (KERSTENETZKY; UCHÔA, 2013, p. 27). Ou seja, tanto no presente não se poderia classificar tais famílias como de classe média, quanto não estão sendo criadas condições para que a nova geração alcance um padrão de vida dessa classe, “a maioria deles pode ser de fato considerada pobre sob qualquer critério que leve em consideração adequação de níveis de bem-estar” (Ibid., p. 28).

Alguns daqueles que discordam da ideia de termos hoje uma classe média tão larga consideram que o valor mínimo de renda mensal familiar necessário para ser considerado de classe média é muito baixo, R\$ 1.315 (2013), rendimento que não permitiria usufruir de um padrão de vida classe média. Para outros, o aspecto mais relevante se refere ao fato de a classe não ser determinada simplesmente pela renda. Conforme Souza (2010, p. 22), não se pode vincular a classe somente à renda, sendo esse o principal erro no qual se incorre quando se classifica os brasileiros emergentes como “nova classe média”. “O ‘segredo’ mais bem guardado de toda sociedade é que os indivíduos são produzidos ‘diferencialmente’ por uma ‘cultura de classe específica’”.⁴¹

⁴¹ A mesma ressalva, segundo Souza (2010), vale para o marxismo tradicional, que relaciona classe apenas a um lugar de produção. Segundo Murdock (2009), no entanto, para Marx, a classe social não era apenas questão de modo de produção, pois o autor levava em consideração que a classe cria uma cultura de classe.

Pensando as modificações vividas na economia da Inglaterra ainda nos anos 1950⁴², Hoggart tinha entendimento semelhante acerca da realidade vivida no país na época: “A despeito dessas modificações, os comportamentos alteram-se sempre muito mais lentamente do que se nos afigura” (HOGGART, 1973 [1956], p. 16).

Mattos (2006) igualmente destaca a relevância da dimensão sociocultural da classe social. A autora também realiza uma diferenciação do modo como utiliza o conceito em relação ao marxismo clássico, filiando-se ao pensamento de Bourdieu.

Segundo Bourdieu, o conceito de classe não está ligado tão-somente ao lugar que o indivíduo ocupa na produção, ou seja, a uma dimensão econômica, mas também a uma dimensão sociocultural que está relacionada a determinadas percepções de mundo. Sendo assim, existe uma dimensão “simbólica” na situação de classe. Enquanto em Marx a luta de classes se tornaria evidente a partir da tomada de consciência da classe operária e, portanto, da tematização política, para Bourdieu, a luta de classes opera no mundo moderno segundo critérios de distinção opacos e pré-reflexivos e é eficaz justamente por não ser articulada politicamente. [...] *A luta de classes atualmente se desenvolve na dimensão simbólica pelo acesso diferenciado de uma classe e de suas frações a bens culturais escassos*. A distinção entre as classes é baseada no julgamento estético. [grifo nosso] (MATTOS, 2006, p. 162-163).

Com uma visão que contempla capitais econômico, cultural e social, Souza, a partir de pesquisa empírica, entende que os valores da nova classe e sua visão de mundo “prática” não podem ser entendidos como de classe média. Foi através de grande esforço que as pessoas que compõem a *nova classe* trabalhadora alcançaram esse status, graças a uma grande capacidade “de resistir ao cansaço de vários empregos e turnos de trabalho, à dupla jornada na escola e no trabalho, à extraordinária capacidade de poupança e de resistência ao consumo imediato e, tão ou mais importante que tudo que foi dito, a uma extraordinária crença em si mesmo e no próprio trabalho” (SOUZA, 2010, p. 50). Diferentemente de Pochmann (2012), Souza (2010, p. 26) admite a existência de uma “classe social nova e moderna, produto das transformações recentes do capitalismo mundial”.

Como Souza propõe, essa é uma classe de batalhadores, que conseguiram alcançar uma condição de vida (ao menos parcialmente) melhor com muito esforço e, assim, por mérito. Temos, então, uma problemática cardeal para a análise de classe, que representa uma das ideologias mais presentes contemporaneamente: a meritocracia.

⁴² No Brasil, o fenômeno é mais novo, tendo ocorrido nos últimos dez anos. Não é, porém, inédito. Essa ascensão social também esteve em destaque nas décadas de 1970 e 1980 (GUERRA et al., 2006; POCHMANN, 2012). Waldir Quadros, em 1985, publicou um livro sobre a realidade socioeconômica do Brasil que levava o título de “A nova classe média brasileira”.

3.1.1 A ideologia meritocrática

A ideologia hegemônica apregoa que o merecimento faz com que os ricos sejam, e continuem sendo, ricos, e que os pobres, *fazer o quê?*, sejam pobres. Cada um, de acordo com sua competência, empenho e força de vontade, é responsável por seu fracasso ou seu sucesso. Segundo esse discurso, a desigualdade é “justa” e “legítima” por refletir o merecimento de cada indivíduo. A injustiça social fica encoberta exatamente sob a capa da meritocracia. “As sociedades modernas não ‘dizem’ que tratam todos os indivíduos de modo igual. O que elas ‘dizem’ é que dão a cada um de acordo com seu mérito. Essa é a definição de ‘justiça social’ especificamente ‘moderna’.” (SOUZA, 2009, p. 388). Essa crença, amplamente difundida, é dividida entre “dominadores” e “dominados”, e sustenta o capitalismo moderno.

A “ideologia espontânea”, de que fala Marx e, depois, Bourdieu (SOUZA, 2003), esconde a dominação enquanto tal, pois justifica a “superioridade” dos “dominadores”. É tão bem sucedida porque não precisa ser constantemente defendida, uma vez que os “dominados” são “cúmplices”. Para Souza, um dos feitos mais importantes da brilhante sociologia de Bourdieu é o “desmascaramento sistemático da ‘ideologia da igualdade de oportunidades’ enquanto pedra angular do processo de dominação simbólica típico das sociedades avançadas do capitalismo tardio” (SOUZA, 2003, p. 43). Bourdieu, ao unir agência individual e estrutura social, mostra de que forma a segunda influencia e constitui a primeira, ou seja, que no *habitus* do indivíduo está o DNA de uma classe, desvelando, assim, a origem do agir individual.

Ao se colocar em evidência o mérito individual, deixa-se de prestar atenção à constituição classista de capitais culturais e sociais, que serão determinantes para a obtenção de capital econômico. Sem esses capitais acumulados em medida significativa, as condições para concorrência não são as mesmas. E sem as pré-condições, constituídas desde a tenra infância, esses capitais não são desenvolvidos a contento, em um círculo vicioso de difícil fuga. O aclamado “mérito pessoal”, que legitima os privilégios econômicos e sociais, “não é um milagre que ‘caiu do céu’”, mas resultado da herança da cultura de classe, que é tanto afetiva quanto formal. “A ignorância, ingênua ou dolosa, desse fato fundamental é a causa de todas as ilusões do debate público brasileiro sobre a desigualdade e suas causas e as formas de combatê-la.” (SOUZA, 2009, p 23).

Ronsini (2012), em “A crença no mérito e a desigualdade”, investigou a recepção da ideologia meritocrática entre jovens de diferentes classes sociais. O objetivo de seu estudo foi

compreender as convergências e divergências das leituras da desigualdade na telenovela e a reprodução dessa ideologia. Em relação às representações da desigualdade na telenovela do horário nobre, as conclusões de Ronsini apontam que a codificação predominante encobre conflitos de classe, dissolvidos em relações de amor e/ou amizade; e apresenta os *habitus* como inatos e, em menor medida, como aprendidos, colaborando para a reprodução a ideologia do mérito. Além disso, a telenovela informa que a mobilidade social decorre exclusivamente de esforço e competência pessoal. “No final, compactua-se com a injustiça social, reproduz-se que ser pobre é bom, que o ‘povo’ é mais feliz e que ascender socialmente depende do esforço individual.” (RONSINI, 2012, p. 183).

Retomando a questão do mérito dos batalhadores, entende-se que há, sim, merecimento em sua ascensão. Contudo, não consideramos que o que diferencia batalhadores de membros da ralé é o esforço, menos ainda, não podemos deixar de localizar a origem do aprendizado do esforço contínuo e da disciplina. O que queremos frisar é que o mérito não é propriamente individual, mas produto de pré-condições sociais. No capítulo 2, na subseção sobre os batalhadores, questionamos: “Mas o que possibilitou um comportamento que autorizou essa ascensão?”. A resposta destacou a centralidade do capital familiar e o papel da Igreja, uma vez que ambos protagonizaram as bases para a incorporação de pré-condições indispensáveis para um bom desempenho no mundo capitalista.

3.2 A TELENÓVELA EM BUSCA DA CLASSE EM ASCENSÃO

Na introdução de “A ‘nova classe média’ no Brasil como conceito e projeto político”, livro que reúne vozes críticas à noção, Bartelt (2013, p. 4) elenca acontecimentos do ano anterior, 2012, que demonstram a “ofensiva de marketing na construção de uma visão sobre a NCM brasileira”. O primeiro desses acontecimentos, e talvez o que mais argumente sobre o alcance da questão, envolve novelas da Globo: “Duas novelas da TV Globo exibiram pela primeira vez a Nova Classe Média ou Classe C como protagonistas – ‘Cheias de Charme’ e ‘Avenida Brasil’, ocupando, concomitantemente e durante meses, os horários das 19 e das 21 horas”.

Na pesquisa “Classe C urbana do Brasil: somos iguais, somos diferentes”, realizada pelo Ibope (2010, p. 102), a televisão – “em suas expressões mais clássicas: novelas, programas de auditório e humorísticos” – é apontada como o principal meio de entretenimento da “classe C urbana”, e chega a 99% das casas desse estrato, com a atualização dos aparelhos como uma constante.

Aproveitando o momento de ascensão econômica, a Globo não deixou de dar atenção àquela que vem sendo chamada de “a menina dos olhos”⁴³. Em 2012, parcela importante de sua programação foi dedicada a esse público. No lançamento da grade de programas do ano⁴⁴, em março, o diretor geral Octavio Florisbal declarou que a classe C estava sendo foco de estudos e que receberia atenção especial, tanto na dramaturgia, quanto no humor e no jornalismo. Aqui, nosso interesse é por duas telenovelas que foram explicitamente dirigidas à nova classe média: *Avenida Brasil*, de João Emanuel Carneiro, exibida entre 26 de março e 19 de outubro de 2012, e *Cheias de Charme*, de Filipe Miguez e Izabel de Oliveira, que foi ao ar entre 16 de abril e 28 de setembro do mesmo ano⁴⁵.

Em *Cheias de Charme*, o trio de “empreguetes” – termo que mistura de empregada com “periguite” –, vivido pelas atrizes Taís Araújo, Leandra Leal e Isabelle Drummond, sonhava em deixar a pobreza e fazer sucesso na música. Taparnoff e Fernandes (2012, p. 8) avaliam que “as três personagens são representações típicas de uma figura presente no imaginário sobre a classe C: da mulher que batalha, passa por dificuldades, mas que no final vence devido à sua garra e força de vontade”. A novela buscou aproximar personagens, ambientes e trilha sonora de vivências típicas das classes populares. O tema de abertura da telenovela, por exemplo, “Ex mai Love”, é interpretado por Gaby Amarantos, que ficou conhecida como a “Beyoncé do Pará” e fez fama com a difusão do tecnobrega – ritmo oriundo das classes populares do Pará que une música “brega” e eletrônica. Segundo Sobral (2012, p. 7), a novela lembrava as “chanchadas do cinema brasileiro – filmes geralmente musicais, que explorando um humor popularesco e ingênuo e fizeram sucesso entre as décadas de 1930 e 1950”. O clipe⁴⁶ das empreguetes, que, na trama, “vaza” na internet, fez sucesso na rede, e chegou a ser tocado em rádios com público-alvo popular (Figura 1).

⁴³ Como mostra a edição de 15 de julho de 2012 da Folha de São Paulo, que usou a expressão para dar título a sua reportagem: “A menina dos olhos. Todos querem tirar a nova classe média para dançar”.

⁴⁴ A notícia de que a Globo miraria na “nova classe média” repercutiu em diversos veículos. Cerca de um mês e meio após o anúncio, a *Veja* abordou o assunto com mais profundidade. Sob o título “A classe C no horário nobre”, a edição de 22 de abril buscou explicar “como – e por que – a Rede Globo celebra a classe média emergente em suas duas principais novelas”.

⁴⁵ Não pretendemos adentrar na temática da representação histórica e mais ampla da classe popular nas novelas da Globo, o que já foi feito em alguns trabalhos (SOUZA, 1999; SOBRAL, 2012; RONSINI, 2012; TARAPANOFF; FERNANDES, 2012; MOURA, 2013), embora ainda aquém do necessário. Em geral, esses demonstram que a classe popular sempre esteve presente nas tramas da Rede Globo, mas majoritariamente em núcleos secundários e/ou em relações antagônicas com núcleos ricos, poucas vezes ocupando o núcleo central e, mesmo nesses casos, as representações costumam ser dos *pobres* e não da *nova classe média*, como nos casos de 2012.

⁴⁶ Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/cheias-de-charme/Empreguetes/noticia/2012/08/vida-de-empregue-o-maior-hit-da-web.html>. Acesso em: fev. 2014.

Figura 1 – Letra da música “Vida de empregue”, da novela *Cheias de Charme*



Fonte: Site Gshow da Rede Globo

Com tom mais dramático, *Avenida Brasil* apresentou a história de vingança de *Nina/Rita* (Débora Falabella) contra *Carminha* (Adriana Esteves), a madrasta que havia a deixado no lixão. A história principal se passa no bairro do Divino, subúrbio fictício do Rio de Janeiro que retrata a vida humilde, mas próspera de seus moradores. É lá onde fica o “palacete” de *Tufão* (Murilo Benício), ex-jogador de futebol e proprietário de uma fábrica de jeans e de uma rede motéis. O bairro fictício também possui o salão de beleza (Figura 2) da batalhadora *Monalisa* (Heloísa Périssé), a loja de *Diógenes* (Otávio Augusto) e a sede do *Divino Futebol Clube*. Em *Avenida Brasil*, dos 43 personagens, somente sete pertencem ao núcleo da zona sul, a região rica do Rio de Janeiro.

Figura 2 – “Vitrine da classe C” mostra elementos da nova classe em *Avenida Brasil*



Fonte: Revista Veja, edição de 22/04/12

A novela mostrou o que, segundo pesquisas de mercado, como as do instituto Data Popular (Meirelles, 2012), é uma tendência nos grupos ascendentes: *Tufão* e *Monalisa* são bem sucedidos em suas profissões e têm alto poder aquisitivo, o que permitiria a eles saírem da periferia. Influenciada pelo filho, *Monalisa* chega a se mudar para Ipanema, mas não se habitua ao bairro, pois sente falta do “calor humano” do subúrbio.

Recentemente, a periferia foi tema de uma reportagem de 16 páginas da revista *Veja*, na edição de 29 de janeiro de 2014. Menos de um mês depois, em 23 de fevereiro⁴⁷, o *Fantástico* apresentou uma reportagem, com mais de 13 minutos, sobre o mesmo tema, elaborada por Marcelo Canellas (2014). O que ambas mostram é que quem vive na periferia não pensa em se mudar, e que a favela não carrega, ao menos para os próprios moradores, o estigma que possuía. *Veja* cita outra reportagem produzida pela revista, também sobre periferia, publicada 13 anos antes, em 24 de janeiro de 2001, para mostrar as diferenças sofridas nesses espaços em pouco mais de uma década. Se no início dos anos 2000 a capa anunciava “O cerco da periferia. Os bairros de classe média estão sendo espremidos por um cinturão de pobreza e criminalidade que cresce seis vezes mais que a região central das metrópoles brasileiras”; hoje, o título é “Oi Brasil, estamos aqui. Bem-vindo ao país da periferia, tão próximo e às vezes tão distante de tantos brasileiros. Formado pelas classes C, D

⁴⁷ Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/videos/t/edicoes/v/pesquisa-revela-que-maioria-dos-moradores-de-favela-nao-quer-deixar-a-comunidade/3168351/>.

e E, é um universo de 155 milhões de pessoas que compram mais que a Suíça e a Holanda” (ALLEGRETTI, 2014).

Durante a exibição de *Avenida Brasil* e *Cheias de Charme*, diversas matérias sobre a entrada na classe C nos programas de televisão, notadamente na novela, figuraram em matérias jornalísticas. O que chama a atenção é a busca por um aprofundamento pouco comum quando o jornalismo trata de entretenimento. No artigo “A vingança da empregadinha”, assinado por Esther Hamburger e publicado no Estado de S. Paulo em 29 de julho de 2012, a pesquisadora reproduz um longo trecho de uma cena entre *Nina/Rita* e *Carminha*, que durou raros 1 minuto e 40 segundos.

Eu vou te explicar algumas coisas sobre esse quarto que você mal conhece apesar de fazer parte da sua casa. Trata-se de cômodo simples pouco iluminado e pouco arejado. Mas uma patroa do seu tipo deve achar que uma empregada não precisa mais do que isso para sobreviver. Temos TV, que às vezes pega, às vezes não (...) Vem ver o banheiro. O chuveiro é elétrico, mas não temos água quente (...) Porque apesar das promessas a resistência nunca foi trocada. O ralo entope formando uma poça de água que inunda o banheiro inteiro. Cuidado para não escorregar (...) E o cheirinho? Ruim não é? (...) Com o tempo você se acostuma (...) A cama é uma porcaria (...) o estrado quebrado. Não se mexe muito, porque senão você acorda no chão. Alguma dúvida? (HAMBURGER, 2014).

Hamburger afirma que o provocativo diálogo foge do discurso politicamente correto e suscita um tema pouco confortável para a classe média estabelecida, apresentando por meio da metáfora da “vingança da empregadinha” uma possível troca de lugares entre patroa e empregada.

Por sua vez, em 19 de outubro, dia da transmissão do último capítulo de *Avenida Brasil*, o Correio Braziliense (2014), em “Subúrbios e favelas batem ponto na teledramaturgia e aprimoram abordagem”, fez um levantamento de novelas que já haviam dado destaque à temática das classes populares, como *Partido alto* em 1984, *Pátria minha*, 10 anos depois, e, mais recentemente, *América*, em 2005, *Duas Caras*, em 2007, além de seriados. Também citou que o tema entrou com força nas tramas da Record em *Vidas Opostas*, exibida em 2006, gravada na favela.

No mesmo dia, o site da BBC britânica (CARNEIRO, 2014) deu destaque à repercussão em torno da novela, especialmente do último capítulo. Para a reportagem, a principal explicação para o sucesso da trama – que foi além do sucesso usual das novelas no Brasil – deve-se à centralidade da nova classe média, em um programa que antes dava protagonismo aos ricos. O diretor do Data Popular, Renato Meirelles, ouvido pela reportagem, avaliou que a classe C quer se ver representada, porém não da mesma forma que os novos

ricos eram representados, pois esses “queriam esconder suas origens”, enquanto os membros da classe C “são orgulhosos de suas origens”.

A matéria “A TV se rende à nova classe média”, do jornal O Globo de 20 de maio de 2012, ouviu diversos especialistas em telenovela⁴⁸ para entender de que forma a mobilidade social brasileira está influenciando a narrativa do horário nobre. Ao fim, produziu uma lista com 10 elementos que caracterizam a representação da classe C em *Avenida Brasil* e *Cheias de Charme*.

- 1- Gêneros musicais popularíssimos como pagode, sertanejo universitário, charme e tecnobrega invadiram as trilhas sonoras.
- 2- A nova classe média não quer morar no Leblon. Depois de mudar de vida, a família prefere continuar no mesmo bairro, como a de Tufão (Murilo Benício), em “Avenida Brasil”.
- 3- Taís Araújo cita o bolo preparado por Penha em “Cheias de charme” para a formatura de Elano (Humberto Carrão): “Não tem nada mais classe C que aquele bolo, enorme, com glacê de frutas, que é gostoso mesmo”.
- 4- A melhoria de vida aparece nas telas. Em “A grande família”, Agostinho (Pedro Cardoso) enriqueceu com sua empresa de táxis; Monalisa (Heloísa Périssé), em “Avenida Brasil”, com o salão de beleza.
- 5- O delicado relacionamento entre patroa e empregada aparece tanto quando é ruim — entre Chayene (Cláudia Abreu) e Penha, por exemplo —, como quando é bom, no caso dela com Lygia (Malu Galli).
- 6- Nas histórias, os personagens usam, de fato, transportes de massa como ônibus e metrô.
- 7- Assim como dizem as pesquisas, muitas famílias da ficção são chefiadas por mulheres.
- 8- A classe C aumentou seu poder econômico, mas também corre atrás de mais educação: Elano estuda Direito; já Cida (Isabelle Drummond) quer ser jornalista.
- 9- As mulheres do Divino exibem as curvas nas roupas um tantinho mais apertadas que o usual.
- 10- Com ou sem dinheiro, a família da classe C sabe como festejar: fartura, brilhos e muita música. (CASTRO; BRITTO, 2012).

Segundo Almeida (2003, p. 15), a novela “não é apenas um meio de prender o olhar dos telespectadores para depois vender esses olhares para os anunciantes nos intervalos comerciais ou através do merchandising”. Mais do que isso, ela é “*um mecanismo fundamental de promover uma educação dos sentimentos* que permite ao universo tão diversificado de telespectadores decodificar e atribuir significados aos bens e serviços anunciados em intervalos de tempo tão curtos” [grifo da autora] (ALMEIDA, 2003, p. 15). Nesse processo de “educação de sentimentos”, podemos entender que a “nova classe C” está inserida há algum tempo, e agora, mais do que nunca, os anunciantes desejam chamar a

⁴⁸ A reportagem também citou a análise de Marcelo Neri sobre a temática: “Antes, os exemplos das novelas eram de pessoas muito sofisticadas. As domésticas assistiam àquilo como quem olha de baixo. Agora, essa nova classe média quer ver um espelho do que ela se tornou. Se a novela colocar uma empregada submissa, que é simplesmente uma coadjuvante, ela não vai agradar a esse público nem representar o cenário brasileiro.”

atenção desse público e a Globo, por sua vez, quer essa audiência, uma vez que sozinho esse grupo representa mais da metade dos brasileiros.

Isso ficou claro em 2012. Desde então, o tema não saiu de pauta, mas não recebeu tamanho espaço e impacto como naquele ano, quando se viu tanto o destaque para a classe C nas tramas, como uma busca por aprofundamento por parte do jornalismo, que incluiu recorridos históricos nas tramas e discussão de sua gramática.

3.3 A “NOVA MULHER” DA “NOVA CLASSE”

Na primeira edição da cartilha Vozes da Classe Média, a mulher da “classe média” é apresentada por Renato Meirelles, diretor do instituto de pesquisa Data Popular, especializado em pesquisar o estrato que ascendeu/está ascendendo. Em um artigo, aos moldes dos de jornal, e não dos acadêmicos, mas com linguagem publicitária, e não jornalística, a mulher é vista por Meirelles (2012, p. 47) como “um dos três segmentos que de forma mais direta impulsionaram o crescimento da classe média”, junto a jovens e negros. Sua descrição acerca da mulher da “nova classe média” é a seguinte:

Pense em uma mulher, na faixa dos trinta anos, com curso superior, usuária habitual da internet. Essa mulher, que assumiu o posto de chefe de família, divide seu tempo entre emprego e lar, responde por boa parte da renda familiar e determina a distribuição de quase todo o orçamento doméstico. Com mais escolaridade que o homem, contribui cada vez mais para a renda, ganha dia após dia mais poder social.

Conquistando espaço no mercado de trabalho, antes inimaginável, ela rompe novas fronteiras em seus hábitos de consumo. Roupas e produtos de maquiagem, antes tidos como compras supérfluas, hoje são consideradas investimento para essa jovem mulher que, na classe média, passa a ter profissões mais vinculadas ao atendimento ao público. Almejando novos empregos e estabilidade na carreira, ela se preocupa cada vez mais com sua aparência e não se importa em gastar com isso, pois os benefícios vão além da valorização da sua autoestima e garantem o sucesso da família e sua evolução profissional. Na outra ponta, ao observarmos as mulheres mais velhas, enxergamos que profissões como a de empregada doméstica alcançaram ganhos reais de salários. As mais jovens estudam, têm emprego formal e constroem um plano de carreira. As mais velhas ganham mais pelo mesmo trabalho que há anos responde por sua renda. (Ibid., p. 47).

Primeiramente, vale pontuar que, diferentemente da ideia que possa ficar, a mulher com ensino superior e a chefe de família não são preponderantes entre as mulheres da nova classe (assim como em nenhuma classe). O texto traz um quadro da realidade da mulher bem mais positivo do que aquele que muitos dados e histórias de vida permitem. As mulheres ainda são minoria no mercado de trabalho: o número de homens ocupados é 40% superior ao

de mulheres, e essa porcentagem é maior quanto menor é a classe social considerada: na classe alta, o número dos homens ocupados é 20% maior que o de mulheres, enquanto, na classe baixa, chega a 70%. Considerando pequenos empregadores⁴⁹, eles são 110% mais homens do que mulheres; 260% a mais na classe baixa, 90% a mais na classe alta (Tabela 1). O que se verifica é ainda uma situação vulnerável da mulher.

Tabela 1 – Proporção de homens e mulheres por tipo de ocupação e relação homem/mulher por ocupação e por classe de renda, Brasil, 2011

Tipo de ocupação	%			Razão entre homens e mulheres			
	Total	Homens	Mulheres	Todas as classes	Classe baixa	Classe média	Classe alta
Total de Trabalhadores	100	58	42	1,4	1,7	1,3	1,2
Pequenos empreendedores*							
Formais, em atividade não agropecuária	100	68	32	2,1	3,6	2,8	1,9
Informais, em atividade não agropecuária	100	70	30	2,4	7,7	2,9	2,0
Formas, em atividade agropecuária	100	87	13	6,6	-	5,5	6,8
Informais, em atividade agropecuária	100	89	11	8,1	14,0	6,3	9,5
Empregadores em pequenos empreendimentos**							
Formais, em atividade não agropecuária	100	56	44	1,3	3,0	1,3	1,0
Informais, em atividade não agropecuária	100	67	33	2,0	3,2	1,9	1,3
Conta própria							
Formais, em atividade não agropecuária	100	67	33	2,1	3,5	2,1	2,0
Informais, em atividade não agropecuária	100	64	36	1,8	2,0	1,8	1,6
Formais, em atividade agropecuária	100	85	15	5,8	6,3	5,3	6,6
Informais, em atividade agropecuária	100	82	18	4,7	4,7	4,8	4,2

*Consideram-se pequenos empregadores aqueles com até 10 empregados.

** Devido a limitações na fonte de informação utilizada, não foram incluídos os empregados em estabelecimentos agropecuários.

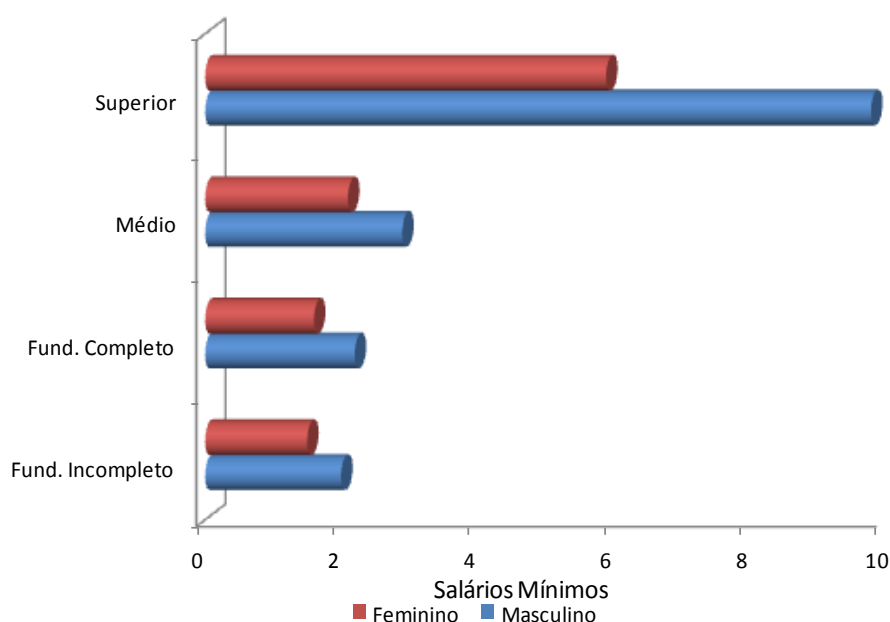
Fonte: Estimativas produzidas pela SAE/PR com base na PNAD (2011). (BRASIL, 2013a, p. 69)

⁴⁹ São considerados aqueles com até 10 empregados. Aqui os pequenos empregadores considerados são os formais atuando em atividades não agropecuárias.

Conforme Madsen (2013, p. 139), “para emergir, a ‘nova classe média’ se escora na velha e injusta divisão sexual do trabalho e racial do trabalho, reproduzindo condições de vulnerabilidade na vida das mulheres”.

Especialmente no que diz respeito à ascensão no quadro socioeconômico mais recente, a maior parte dos empregos gerados com salário de até 1,5 mínimo beneficiou as mulheres – 60%. O crescimento da participação feminina, assim, dá-se no nível mais baixo de salário. O gráfico abaixo (Gráfico 7) mostra as discrepâncias salariais entre homens e mulheres hoje (2010).

Gráfico 7 – Média salarial de homens e mulheres



Fonte: Censo Demográfico 2010 (IBGE)

De qualquer forma, na “nova classe média”, as mulheres são maioria. Esse foi o destaque da revista *Época* de 8 de agosto de 2011, com dados da SAE/PR. A classe, formada por 95 milhões de pessoas, era composta por 51% de mulheres. É, na verdade, a mesma proporção de população total.

Em maio de 2010, quando a *Veja* publicou uma edição especial com o tema “Mulher”, dedicou uma reportagem à “Nova mulher da nova classe C” (VENTUROLI, 2010). O cerne foi o potencial consumidor dessa “nova mulher”, como fica claro no subtítulo: “O crescimento econômico fez nascer uma consumidora exigente e capaz de expandir um

mercado até então tímido”. Não é só a Veja, o consumo é aspecto central quando se fala da mulher da “nova classe média”. Vista como a consumidora por excelência, a mulher está no foco de um grande número de investidas publicitárias, o que também não é exclusividade dos tempos de classe C em ascensão. “Grande parte dos anúncios traz basicamente o mesmo apelo: o produto que facilita a vida da mulher e permite que ela seja mais feliz, trazendo maior conforto e felicidade a toda sua família [...]” (ALMEIDA, 2003, p. 275). Conforme Heloísa Buarque de Almeida, ainda em 2003, em estudo que enfocou a relação telenovela, consumo e gênero, “a associação passa pela noção de que a emoção é tipicamente feminina e inclusive o melhor motor de muitas decisões de compra, de homens e mulheres” (ALMEIDA, 2003, p. 268).

Figura 3 – A nova mulher da nova classe C segundo a revista Veja



Fonte: Revista Veja, Edição Espacial de maio de 2010

De acordo com a *Veja*, a consultora de beleza Patrícia, na foto anterior (Figura 3), é “uma legítima representante da nova mulher da nova classe média brasileira” (VENTUROLI, 2010).

Ela tem 36 anos, uma filha de 10 anos que estuda em escola pública, recebe 60% da renda de sua família, possui ensino médio, trabalha desde os 11 anos, possui casa própria, carro zero, acesso à internet. O retrato da *Veja* sobre as mulheres da “nova classe média”, a partir de dados do Data Popular, aponta que elas recebem 41% da renda familiar, sendo que é nessa classe que a participação feminina nos rendimentos da família é maior, visto que na classe A, a mulher é responsável por 25% da renda familiar. No total, as mulheres respondem como chefes de família em 30% das casas da “classe média”.

Para as mulheres, as “indutoras de consumo”, como qualifica *Veja*, a revista apresenta uma nova publicação da editora Abril: “MÁXIMA, da Editora Abril, uma publicação para a mulher da classe C ascendente”, a ser lançada ainda naquele mês de maio de 2010. E o que diferencia a nova revista das demais disponíveis no mercado? *Veja* responde: “o modo de tratar os temas, adequado a um grupo social que até muito recentemente não consumia e agora descobre os prazeres da vida moderna”.

Tratar a mulher da classe que ascendeu preponderantemente como consumidora não é uma exclusividade da *Veja*. Ainda no “boom” do tema, a reportagem da revista *Isto É* de 13 de agosto de 2008 apontava a “revolução silenciosa” que a chegada de tantas pessoas à classe C estava causando no mercado de consumo, basicamente porque estava “ocorrendo entre as mulheres uma ampliação dos gastos de forma geral, com busca por produtos de maior valor” (ISTOÉ, 2008). Segundo a vice-presidente de planejamento da agência DM9DDB, Cynthia Horowicz, “essa mulher que chegou à classe C está atenta com tudo o que integra o cotidiano das classes A e B, do cosmético de grife internacional às ofertas da construção civil” (Ibid.).

Destacamos, por fim, a publicação online “As poderosas da nova classe média”⁵⁰, desenvolvida pela editora Abril e disponibilizada em setembro de 2011 (EDITORIA ABRIL, 2011). O estudo, realizado entre março e junho daquele ano, empregou pesquisa online com mais de 30 mil pessoas, etnografias que somaram 556 horas de observação, grupos de discussão e entrevistas com especialistas, como o autor de novelas Silvio de Abreu e a doutora em Antropologia Heloísa Buarque de Almeida. A publicação online se divide nos segmentos: alimentação, finanças, moda, beleza, casa, automóvel, tecnologia, saúde, educação

⁵⁰ Disponível em: <http://poderosasdanovaclassemedia.com.br/index.html>.

e turismo. Completamente no formato de pesquisa de mercado, há quase exclusivamente dados numéricos disponíveis. Cada segmento apresenta pequenos vídeos, entre 30 segundos e um minuto e 30, com a opinião de algumas mulheres sobre a temática.

Se a “nova classe média” pode ser mais bem compreendida como uma classe de consumo, e não uma classe social – o que permite o trocadilho batido “classe C de consumo” –, a mulher ocupa centralidade nesse estrato, uma vez que é o consumidor prioritário. Conforme reflete Vicente (2013, p. 88), é justamente “por essa parcela da população se sentir tão excluída do mundo da classe média e dos ricos, que é tão midiaticizado e tido como o ideal de ser e pertencer, é que essa classe enxerga na atividade do consumo um canal de inclusão social, ainda que esta seja uma inclusão superficial”. Mercado, governo e mídia compactuam com essa visão, que nivela consumo e cidadania. A famosa relação entre consumo e cidadania de Canclini parece que nunca fez tanto sentido quanto no *feminino* Brasil da “nova classe média”, onde “muitas das perguntas próprias dos cidadãos [...] recebem sua resposta mais através do consumo privado de bens e dos meios de comunicação de massa do que pelas regras abstratas da democracia ou pela participação coletiva em espaços públicos” (GARCÍA CANCLINI, 2006, p. 29).

4 ESTUDO DAS PRÁTICAS DE RECEPÇÃO MIDIÁTICA

Segundo Pertti Alasuutari (1999), desde o final da década de 1990, viveríamos a terceira geração dos estudos de recepção. Naquele momento, em 1999, dizia que essa nova fase estava tomando forma e logo se estabeleceria. Essa geração estaria baseada em uma perspectiva construcionista, iniciada no final dos anos 1980, mas ainda não consolidada nos dez anos seguintes. Todavia, até chegarmos neste momento, um caminho de quase quatro décadas foi trilhado pelos estudos de recepção⁵¹. Alasuutari (1999) apresenta três fases dos estudos de audiência: a primeira e, portanto, a corrente, surge com o texto “Encoding and Decoding” e todas as novidades que ele trouxe, que serão citadas na seção seguinte. A segunda, transcorrida na década de 1980, é marcada pelos estudos etnográficos. E a terceira seria a que estaria em percurso no momento da periodização criada pelo pesquisador.

Além da apresentação dessas distintas fases, este capítulo conta com uma discussão sobre os desafios atuais da pesquisa de audiência, assim como traz uma problematização da nomenclatura utilizada na área, que é usualmente denominada de estudos de recepção. Ao final do capítulo, justificamos a classificação da pesquisa empírica apresentada nesta tese como um estudo de consumo.

4.1 UM NOVO MODO DE PESQUISAR AS AUDIÊNCIAS

O nascimento dos estudos de recepção nas pesquisas de comunicação de massa costuma ser relacionado com o texto “Encoding and Decoding in the Television Discourse”, de Stuart Hall, publicado em 1974. As análises feitas acerca do modelo, como a de Alasuutari (1999), consideram que ele mantém a ideia de um emissor (codificador) transmitindo uma mensagem a um receptor (decodificador).

Hall (2003, p. 360), contudo, avalia que, mais do que isso, está “tentando pensar os circuitos de comunicação como uma totalidade complexa e sobredeterminada”. Justifica que, para levar a cabo uma análise, mesmo pensando a articulação, é preciso tomar os momentos isoladamente, apesar de não serem autossuficientes.

Um aspecto do modelo visto com mais consenso como inovador é sua perspectiva acerca da mensagem, pois, em Hall, essa não é tida como um pacote pronto enviado ao

⁵¹ Apesar de este capítulo estar organizado de forma mais ou menos cronológica, a ideia aqui não é exatamente traçar a história dos estudos de recepção, mas sim apontar marcos da conformação desses e discussões em voga em momentos distintos. Assim, a divisão de Alasuutari (1999) em três gerações dos estudos de recepção nos parece interessante para mostrar isso, colaborando, também, para organizar o relato.

receptor. É nesse aspecto que se tem uma nova aproximação, visto que, daquele momento em diante, entendia-se que o telespectador interpreta a mensagem de acordo com seus valores, havendo distintas leituras para um mesmo produto. Segundo Lopes; Borelli; Resende (2002, p. 28), “o conceito gramsciano de hegemonia é usado no modelo codificação/ decodificação (Hall) para examinar os modos concretos pelos quais os significados dos meios podem ser negociados ou até eventualmente subvertidos por audiências específicas.”

Em entrevista realizada em 1989, em que tece uma análise sobre a proposição, Hall aponta que essa apresentava um cunho polêmico, posicionando-se

[...] contra uma noção particular de conteúdo, entendido como um sentido ou uma mensagem pré-formada e fixa, que pode ser analisada em termos de transmissão do emissor para o receptor. O artigo se posiciona contra uma certa unilateralidade implícita nesse último modelo, seu fluxo unidirecional, isto é, o emissor origina a mensagem, a mensagem é, ela própria, bastante unidimensional, e o receptor a recebe. (HALL, 2003, p. 334).

A ideia apresentada por Hall, no entanto, embora previsse a possibilidade de leituras variadas, não abria espaço para a existência de ideologias alternativas nos textos gerados pelos codificadores. Conforme Hamburger (2010, p. 7), no modelo de Hall, “a diversidade de significados está situada no polo da recepção”. Os textos seriam sempre hegemônicos, legitimados socialmente antes de sua veiculação. No caso brasileiro, como destaca Hamburger, encontramos exemplos, embora sejam minoritários, de representações contra-hegemônicas, mesmo nas grandes redes e nos programas de maior audiência, como a telenovela.

Num primeiro momento, Hall não desenvolveu um estudo empírico⁵². Foram David Morley e Charlotte Brunsdon os investigadores que pioneiramente aplicaram o modelo, em “Everyday television – *Nationwide*”, de 1978, mas ainda realizando uma análise textual, predominante nos Estudos Culturais até aquele momento. Nesse cenário, a abordagem textualista começou a parecer limitada a Morley, pois, com o estudo do texto, não conseguia contemplar a polissemia das mensagens. Desde então, julgava ser necessário realizar um trabalho empírico para compreender as apropriações desses textos pelos receptores.

Posteriormente, em 1980, Morley publica “The *Nationwide* Audience”, primeiro estudo empírico de audiência no marco dos Estudos Culturais (ALASUUTARI, 1999; GOMES, 2004; ESCOSTEGUY, 2010). De tal modo, David Morley é “considerado o

⁵² Hall (2003) relaciona a falta de recursos disponíveis para investigações como o motivo de não ter buscado aplicar seu modelo empiricamente.

primeiro investigador dos Estudos Culturais a analisar os processos da cultura e da comunicação em seus cenários sociais e materiais concretos” (GOMES, 2004, p. 176).

Metodologicamente, combinou a análise das mensagens televisivas – investigando as ideologias que permeavam o discurso de *Nationwide* – e a pesquisa de campo com receptores. Três premissas, que seguem as bases transmitidas por Hall, embasaram sua abordagem:

- a) o mesmo acontecimento pode ser codificado de mais de uma forma;
- b) a mensagem sempre contém mais de uma “leitura” potencial. As mensagens propõem e preferem determinadas leituras no lugar de outras, mas nunca podem chegar a fechar-se por completo em uma só leitura: seguem sendo polissêmicas;
- c) compreender a mensagem é uma prática problemática, por transparente e “natural” que possa parecer. As mensagens codificadas de um modo sempre podem ser lidas de um modo diferente. (MORLEY, 1996, p. 125).

Morley, ao estudar a recepção do referido programa britânico de variedades, deixa de lado a concepção de audiência como “massa indiferenciada de indivíduos” para pensá-la como “uma complexa configuração de subculturas e subgrupos superpostos, nos quais se situam os indivíduos” (MORLEY, 1996, p. 128).

Essa primeira geração fica conhecida por desenvolver estudos qualitativos de audiência em que “se analisa um programa e se estuda sua recepção entre uma audiência, conduzindo entrevistas em profundidade com espectadores” (ALASUUTARI, 1999, p. 4). Outros investigadores que se destacaram com esse formato de pesquisa foram Ien Ang e Dorothy Hobson.

Sobre a originalidade da proposição dos estudos de recepção, há autores, com destaque para James Curran, que consideram que esses não passam de uma revisão acerca de uma teoria já existente. A isso Curran (1998) dá o nome de “novo revisionismo”. Segundo o autor, esses estudos se apresentariam como originais e inovadores, enquanto, na verdade, teriam se limitado “a reaquecer os velhos pratos pluralistas e a apresentá-los como a *nouvelle cuisine*”. Esses velhos pratos a que Curran se refere estão relacionados aos enfoques dos efeitos e dos usos e gratificações.

O que está em questão, contudo, não é o “ineditismo” dos estudos de recepção. Primeiro, por si só, o trabalho de revisar perspectivas anteriores cumpre uma importante função intelectual, constituindo uma dinâmica de construção do conhecimento (MORLEY, 1998). Segundo, existem diferenças importantes entre os estudos de recepção e a corrente dos usos e gratificações. O último caracteriza-se por um “psicologismo”, buscando compreender os aspectos individuais relativos ao consumo dos meios, enquanto os estudos de recepção se

importam com o papel da cultura e do meio social nos quais os leitores estão inseridos quando realizando suas interpretações.

Segundo Gray (1999), a proposta de Hall vai além do que desenvolveu a corrente dos usos e gratificações por defender que os sujeitos compartilham quadros de entendimento e interpretação: mais do que usos e gratificações individuais, a leitura, na ótica das pesquisas empíricas de audiência dos estudos culturais, é compartilhada socialmente.

O próprio Curran, contudo, reconhece, especialmente mais recentemente, vantagens trazidas pelos estudos de recepção, e admite que “a convergência é apenas parcial”, pois usos e gratificações e estudos de recepção “utilizam diferentes métodos e têm distintos marcos de entendimento” (CURRAN, 2007, p. 276). Todavia, afirma que “também, ambas dizem algo similar, elas dizem que a audiência tem poder criador”. Adiante, voltaremos a essa discussão acerca do “poder da audiência”.

4.2 UM PASSO ADENTRO: AS PESQUISAS ETNOGRÁFICAS

Se o uso do modelo codificação/decodificação marca a primeira geração dos estudos de recepção, em que a decodificação de um texto/produto/gênero era o foco; em um momento posterior, a partir da segunda metade dos anos 1980, são os estudos etnográficos que caracterizam esse percurso. A atenção recai sobre os usos sociais da mídia, diminuindo o interesse pelo conteúdo de programas. E mesmo quando textos específicos são estudados, o foco é a inserção desses no cotidiano do público, buscando compreender seu papel, mais do que seu impacto.

Fazendo essa transição, Morley⁵³ concebe uma autocrítica a seu trabalho anterior, em que o ponto central é a insatisfação com o modo como leva a cabo as entrevistas em “*The Nationwide Audience*”. O autor aponta a necessidade de realizar entrevistas dentro do lar para compreender o papel do contexto doméstico nas leituras sobre a televisão.

Assim, em “*Family Television*”, de 1986, Morley centra sua atenção no consumo televisivo no universo familiar, ambiente “natural” de recepção, deslocando o interesse, que em “*The Nationwide Audience*” estava na “análise das pautas de ‘leituras’ da audiência”, para a “análise do próprio contexto de visão doméstico” (MORLEY, 1986 apud JANCOVICH,

⁵³ O caminho trilhado por Morley é ilustrativo da trajetória dos estudos de recepção como um todo. Assim como seu estudo empírico sobre a audiência de *Nationwide* assinala o início da primeira geração, em 1980, sua obra de 1986, em que faz uma etnografia da audiência da televisão, é um marco do início da segunda geração. Atualmente, quando se coloca o desafio de pesquisar as tecnologias da perspectiva do público, Morley mostra-se preocupado com tal questão, sendo tratada da temática no livro “*Media, Modernity and Technology*”, em 2007.

1994, p. 151). Focando no meio doméstico, o autor atenta para as relações de gênero, sem desconsiderar as questões de poder aí postas.

Entre as transformações, ainda, diminui o interesse por tópicos políticos tradicionais, como a classe social, para iluminarem-se temas sobre políticas de identidade, especialmente a questão de gênero e, concomitantemente, uma alteração na escolha pelos programas estudados, passando dos jornalísticos para os ficcionais. Essa tendência a um interesse pelos programas de entretenimento foi chamada por Corner (1991 apud GRAY, 1999) de “projeto da cultura popular”, preocupado em compreender o prazer gerado pelos programas, enquanto o “projeto do conhecimento público” foi caracterizado pelos estudos de programas “sérios”, especialmente a mídia factual, que suscita conhecimentos a seus leitores.

Os “novos estudos de audiência”, que atentam para o consumo de entretenimento e o prazer motivado por esse, são relacionados por Corner com uma excessiva atenção aos microprocessos, esvaziando o interesse nas macroestruturas dos meios de comunicação e da sociedade. Morley, um dos principais alvos das críticas de Corner, julga que as armações macro só se reproduzem por meio de microprocessos e, tomando a ideia de Giddens, afirma que “as estruturas não são externas à ação, e só se reproduzem através de atividades concretas da vida cotidiana [...]” (MORLEY, 1998, p. 419).

É possível afirmar que os estudos culturais, de modo geral, e a pesquisa de recepção, de maneira especial, não tomam a questão do poder pela oposição macro e microestruturas, pois consideram que fazer um estudo micro, de âmbito doméstico, também é fazer investigação “política”, assim como estudar programas ficcionais, por exemplo. Refletindo acerca da telenovela, expressão desse universo do ‘simples entretenimento’, no contexto brasileiro, Souza (2009b, p. 13) aponta que esse mundo ‘sub-político’ “é o terreno central de todo o processo de legitimação da dominação social em todas as dimensões”.

No artigo “Where the global meets the local: notes from the sitting room”⁵⁴, Morley baseia seu argumento na ideia de que é exatamente através de estudos domésticos ou locais que se torna possível captar elementos do processo de globalização. Aponta, todavia, o risco de as análises perderem de vista questões culturais mais amplas – políticas e ideológicas –,

⁵⁴ Sobre esse trabalho, em entrevista a Ana Carolina Escosteguy, Morley faz uma autorreflexão: [...] “‘Where the global meets the local: notes from the sitting room’, publicado em 1991, foi, com certeza, uma virada na minha trajetória. Naquele momento, por um lado, eu terminava um trabalho centrado em aspectos microcontextuais que estava fazendo com Roger Silverstone, e iniciava outro, em nível macro, sobre os espaços da identidade, com Kevin Robins. Assim, estava tentando ver como articular questões micro e macro, o que permanece absolutamente central no meu trabalho. Não estou interessado em teorias sobre o que é uma nação a menos que possamos aterrizá-la, por exemplo, em práticas como a assistência noturna das notícias nacionais na sala-de-estar da nação. Também, não estou interessado no que acontece nas salas-de-estar das pessoas se não pudermos articulá-lo a temas culturais mais amplos” (MORLEY, 2010a, p. 260).

com descrições infundáveis que deixa no ar um “e daí?”. No entanto, por outro lado, é também prejudicial preocupar-se somente com os processos macro, quando o investigador realiza uma análise tão esquemática que apaga todas as diferenças importantes. “É uma questão de direção entre os perigos de um romantismo indevido de ‘liberdade do consumidor’, por um lado, e uma fantasia paranóica de ‘controle global’, na outra” (MORLEY, 1991, p. 1).

Por sua vez, Ann Gray (1999) faz uma análise feminista dos comentários de Corner acerca da atenção excessiva aos microprocessos, pois vê neles um desmerecimento dos assuntos que podem ser designados como femininos.

Ele e outros parecem ignorar a hierarquia implícita e a reprodução das relações de poder contidas nessa representação do campo. A importância de programas de assuntos factuais, e do projeto do conhecimento público, é simplesmente tomado como dado. Nunca foi preciso que isso fosse justificado ou disputado, e as categorias do paradigma de Corner efetivamente “naturalizam” essas divisões hierarquizadas e, eu diria, de gênero. (GRAY, 1999, p. 24).

De modo semelhante, outro aspecto ressaltado é que, com as etnografias da audiência⁵⁵, passou a ser dada uma ênfase exagerada à polissemia dos produtos de comunicação e ao poder de oposição do receptor, chegando a se afirmar que a maioria dos sujeitos modifica ou desvia a ideologia dominante da mídia⁵⁶. Contrariando essa ideia, Martín-Barbero (1999, p. 18) chama a atenção para o fato de que “questionar a ideia do emissor onipotente não deve ser confundida com, nem fazer o jogo com, um neoliberalismo segundo o qual não há nada que regular politicamente no mercado nem nenhuma necessidade de intervir na produção”.

Embora a atividade do receptor e a possibilidade de leituras diferentes para os mesmos textos sejam premissas dos estudos de recepção, a mensagem não é uma “caixa vazia” de significados. Diferentemente, os emissores dão uma “direção” ou certas “clausuras” na estrutura da mensagem, “no intuito de estabelecer uma das possíveis interpretações como a ‘leitura preferencial ou dominante’” (MORLEY, 1996, p. 123). Além disso, ser “ativo” não é o mesmo que “ter poder”: “Só porque as pessoas são ativas, porque elas reinterpretam, isto não significa que a estrutura do poder não é importante de ser analisada.” (Idem, 2010, p. 257).

⁵⁵ Não se pode indicar uma relação direta entre etnografia da audiência e a ênfase exagerada ao poder de resistência do receptor, como se essa foi causada por aquela.

⁵⁶ Um exemplo desse tipo de abordagem, de acordo com Morley (1998), é encontrado nos estudos culturais estadunidenses, especialmente em Fiske.

Conforme Morley (1998, p. 432), esse modelo “otimista”, “afirmativo” da recepção, tende a

justificar o abandono de todas as questões relativas às forças econômicas, políticas e ideológicas que intervêm na construção dos textos, baseando-se na suposição (infundada) de que a recepção, de algum modo, é a única etapa que ao fim e ao cabo resulta relevante no processo da comunicação. (...) uma suposição assim parece ser curiosamente cristã, já que os pecados da indústria (ou da mensagem) parecem redimir-se de algum modo na “outra vida” que há além da recepção.

No mesmo sentido, Escosteguy (2008, p. 3) afirma que muitos estudos de recepção têm omitido “as relações de poder e a regulação das esferas do pessoal e do privado pela própria mídia. Em outros termos, há um apagamento da relação inversa – dos textos midiáticos e das lógicas culturais sobre os receptores”.

4.3 ATUALIDADE DOS ESTUDOS DE AUDIÊNCIA

Discussões como essas, acerca das premissas das etnografias de audiência, dão início à terceira geração de estudos de recepção. Nesse momento, especialmente a partir do início da década de 1990, acentuam-se os estudos acerca do papel e do contexto de consumo da mídia, diminuindo o número de investigações acerca das leituras de um programa em especial. Para Jensen (1990 apud ALASUUTARI, 1999, p. 7), “o objeto central de análise das pesquisas de comunicação de massa encontra-se fora da mídia, nas culturas e comunidades de que a mídia e as audiências são constituintes”. O destaque passa a ser a compreensão do espaço da mídia na cultura contemporânea e no cotidiano das pessoas.

Como assinala o autor, cada vez mais, “estudar, empiricamente, diferentes fenômenos relacionados com as culturas midiáticas contemporâneas” (ALASUUTARI, 1999, p. 17) coloca-se como central em uma nova agenda dos estudos das práticas de recepção. As discussões acerca da atividade dos sujeitos, por exemplo, que estavam principalmente situadas na primeira e segunda gerações, estão hoje superadas. Desse modo, devemos ir adiante do que pensou Alasuutari no final do século passado⁵⁷.

⁵⁷ Certamente, as diversas fases de desenvolvimento dos estudos de recepção não apresentaram essa linearidade da delimitação proposta por Alasuutari (1999). Ainda hoje, temos, por exemplo, pesquisas que se dedicam a compreender as decodificações efetuadas pela audiência, fazendo uso do modelo de Stuart Hall (como as desenvolvidas por Ronsini entre 2008 e 2012). Sabemos, também, dos distintos contextos históricos e culturais, e mesmo acadêmicos, dos diferentes países e continentes. Sendo assim, é importante ressaltar que a periodização apresentada por Alasuutari, um finlandês, considera especialmente o contexto europeu.

Superada a primeira década do século XXI, temos um cenário novo, em que muitos temas passados continuam em pauta, e em que outros tantos surgem. Nesse contexto de transição do final dos anos 1990 para os anos 2000, autorreflexões e críticas marcam os estudos de audiência. Cada vez mais, balanços e estados da arte buscam levantar o que foi feito, quais as principais conquistas na área e que aspectos precisam ser aprofundados ou mesmo corrigidos.

Atualmente, são diversos os debates que vêm perturbando os pesquisadores da recepção. Entre as principais questões que se colocam na atualidade, podemos destacar:

- a) o já mencionado “empoderamento” dos receptores⁵⁸, não como reflexo de uma conquista de poder pelos cidadãos, mas devido a uma interpretação equivocada da atividade do receptor, atividade essa que, com frequência, é entendida como criticidade e resistência, deixando de reconhecer o poder das estruturas e da mídia;
- b) o conceito de audiência é problematizado, pois, para alguns autores, seu verdadeiro significado não permite que o termo seja usado para tratar de pesquisa empírica com sujeitos, visto que audiência não poderia ser entendida como sinônimo de receptores;
- c) o termo “recepção” traz consigo a ideia de um momento específico dentro do modelo informacional, e os estudos costumam se restringir a esse momento, muitas vezes isolando-o dos demais que conformam o “circuito da comunicação”, embora os autores mais referendados do campo da recepção, como Martín-Barbero e Hall, defendam sua articulação;
- d) as novas tecnologias da comunicação⁵⁹, com destaque para a internet, exigem novas reflexões dos estudos das práticas de recepção midiática, pois, no desenho tradicional da pesquisa de recepção, não encontram amparo para serem investigadas;
- e) o modo “genérico” de chamar “estudos de recepção” a todos os estudos sobre públicos e mídia acarreta um problema de compreensão, visto que, dentro do mesmo enquadramento, encontramos variadas abordagens⁶⁰.

⁵⁸ Essa discussão, no entanto, não é nova. Em texto de 1993, Lopes já ponderava que, nas pesquisas de recepção, “corre-se o risco de confundir audiência ativa com audiência poderosa, no sentido de ‘tomar controle de’ em um nível institucional ou estrutural” (LOPES, 1993, p. 83).

⁵⁹ Silverstone e Hirsch, já em 1992, estavam interessados sobre a temática. Desenvolvem a investigação sobre os efeitos da nova comunicação, versando sobre o consumo da “moderna tecnologia” no lar e em família (SILVERSTONE; HIRSCH, 1992).

⁶⁰ Essa questão será abordada na seção seguinte.

A discussão acerca do conceito de audiência aponta, de um lado, para uma compreensão do termo por um viés “abstrato”, e, assim, não pesquisável empiricamente; e, por outro, para o oposto, um agrupamento concreto. Na perspectiva de Hamburger (2010, p. 6), a audiência não existiria como corpo social empírico, não possuindo “realidade face a face, não podendo portanto ser estudada sob essa perspectiva”. A reificação da noção seria um equívoco dos estudos de recepção.

María Cristina Mata (1994, p. 10-11) sustenta, no entanto, que audiência é, ao mesmo tempo, “uma abstração, um conceito” e um “modo de designar a um conjunto de seres concretos”. Ainda, em uma concepção sociológica, equivale a público, designando a “uma massa de indivíduos”, “um agrupamento à distância” com, ao menos, um mínimo grau de participação em comum. Assim, a concepção de Mata permitiria tratar de audiência e públicos como sinônimos.

Para Gomes (2004, p. 14), “audiência” assume, no Brasil, um entendimento empírico. Enquanto “em inglês o termo *audience* remeteria igualmente à relação entre os meios e seus públicos e ao público em si mesmo. No Brasil, ‘audiência’ remete, antes, a uma concepção empírica do público dos meios”.

Outro aspecto a ser levado em consideração no que se refere ao termo audiência é que, em nosso país, “falar em audiência é sinônimo de índice de audiência e, quase sempre, este último passa a chamar-se ibope” (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005, p. 111). Apesar das confusões oriundas da denominação, as autoras avaliam que, na academia, há uma compreensão de que audiência é mais do que “índice de audiência”, sendo “pesquisa de audiência” uma nomenclatura útil para tratar das investigações que privilegiam a esfera da recepção, como se encontra em outros países. Audiência poderia, então, ser entendida como “um coletivo de leitores, ouvintes, telespectadores, no exercício de suas práticas de recepção, analisados a partir de diferentes abordagens teóricas e variadas estratégias metodológicas” (Ibid., p. 111).

Outro debate que vem ganhando fôlego refere-se à necessidade de estudar o “processo comunicativo como um todo”, diferentemente do que usualmente é feito, visto que não é possível isolar a recepção em um momento específico.

Embora dois dos autores mais citados no espectro dos estudos de recepção no nosso meio, Guillermo Orozco e Jesús Martín-Barbero, insistam em que a recepção não é um momento ou uma etapa do processo comunicativo, a prática de pesquisa que se debruçou sobre esse tema, revela-se em oposição a esse preceito (ESCOSTEGUY, 2008, p. 2).

Nesse sentido, conforme Gomes (2004, p. 17) “pensar a ‘recepção’ significaria explodir o modelo informacional”. Para tanto, Escosteguy (2007; 2008), apresenta um protocolo de pesquisa que busca combinar recepção e produção, valendo-se de modelos apresentados por Johnson, Hall e du Gay e Martín-Barbero: “[...] observo que a perspectiva da recepção constitui potencialmente uma alternativa para alargar a compreensão dos processos culturais/ comunicacionais que tão frequentemente têm sido estilhaçados” (ESCOSTEGUY, 2008, p. 1).

Jacks, Menezes e Piedras (2008) também apresentam argumentos no sentido de tornar o estudo de recepção mais abrangente. As investigadoras destacam que o mapa das mediações de Martín-Barbero, publicado em 1998, ao se referir às “mediações comunicativas da cultura”, traz um novo olhar acerca da temática em relação àquele exposto em 1987. No “novo” mapa, apresentado em formato de circuito, fica nítida a preocupação do autor em considerar a comunicação como um processo, em que cada momento está em relação com os demais. A partir de tal proposta, seria preciso abandonar “os procedimentos mais comuns da década de 1990, que privilegiavam o cenário dos receptores em detrimento da observação de todos os elementos e agentes que compõem o processo” (JACKS; MENEZES; PIEDRAS, 2008, p. 33).

Ao realizarem levantamento sobre os estudos de recepção desenvolvidos nos programas de pós-graduação brasileiros, de 2000 a 2009, Jacks, John e Silva (2012, p. 22) consideram o termo recepção “restritivo e incapaz de dar conta da complexidade do processo, principalmente no que se refere ao processo de produção/circulação/consumo dos conteúdos na internet”, destacando não ser esse um debate novo, mas julgando-o “inadiável pela urgência no enfrentamento da nova realidade sócio-comunicacional”.

As investigações acerca das novas tecnologias de comunicação, certamente, deixam clara essa necessidade de repensar os estudos de recepção na contemporaneidade. Sousa (2005, p. 12) salienta termos hoje dois grandes desafios no que se refere ao estudo das práticas de recepção a produtos mediáticos:

[...] na dimensão teórica, o reconhecimento cada dia mais intenso dos limites das reflexões hoje disponíveis para darem conta do campo da recepção mediática, sobretudo com a chegada dos novos suportes tecnológicos derivados da Internet e do mundo digital; segundo, na dimensão empírica, o reconhecimento da expansão do consumo dessa pluralidade de suportes por todo o mundo, configurando a hegemonia da comunicação, enquanto processo e enquanto media, na dinâmica da sociedade contemporânea.

O pesquisador equatoriano Fernando Montúfar (2011, p. 14), também com o intuito de discutir a validade da conservação dos modelos de estudos de recepção realizados até o final do século XX, questiona se ainda podemos chamar de “recepção” a essa relação audiência-meios, uma vez que muitas das questões colocadas atualmente sobre a pesquisa envolvendo públicos estão além do que o termo permite abarcar.

Efetivamente, a insuficiência semântica do termo “recepção” não permite apreender a dimensão simbólica e moral já aludidas, nem outros aspectos próprios do processo complexo que se dá em torno e a propósito da relação com os meios de comunicação que, entre outras coisas, não se limita ao momento de contato com o meio, mas também tem a ver com o que sucede antes e depois desse contato [...]. (MONTÚFAR, 2011, p. 14)

Autores como Orozco (2011) e Lopes (2011), tradicionais pesquisadores da recepção que se dá por meio da tela da televisão, mostram-se interessados na reflexão acerca da investigação que tem como foco outras telas, especialmente as dos computadores. Ambos apontam o imperativo de se pensar a pesquisa de audiência com as especificidades do contexto atual.

Orozco (2011, p. 377) indaga se “está acabando o tempo da recepção de meios e, com ele, dos modos de investigar seus processos e de suas audiências, assim como do consumo cultural midiático?”. Uma das respostas do próprio autor para essa questão é que “o que mudou e segue se transformando nos processos de recepção é a localização das audiências” (Ibid., p. 381), que agora encontram-se em frente a distintas telas.

A preocupação de Lopes (2011, p. 409), também exposta por Orozco, é a investigação acerca da participação das audiências: “Uma análise dos relatórios nacionais sobre a pesquisa de recepção na América Latina mostra que um traço comum e permanente – e, por isso, talvez o mais importante – tem sido a preocupação com o grau e o modo de participação das audiências diante das mensagens emitidas pelos meios”.

Tal inquietação já se reflete em pesquisas empíricas. Um dos projetos que vem sendo desenvolvido com o objetivo de captar a relação mais ampla entre mídia e novas tecnologias é do Observatório Ibero-americano de Ficção Televisiva, com estudos sobre ficção transmidiática⁶¹, que investiga, entre outras temáticas, a recepção. Nota-se a preocupação em encontrar uma metodologia que permita dar conta dos objetivos da pesquisa que envolve novas tecnologias midiáticas.

⁶¹ Resultaram nos livros: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. (Org.). **Ficção televisiva transmidiática no Brasil: plataformas, convergência, comunidades virtuais**. Porto Alegre: Sulina, 2011; _____. (Org.). **Estratégias de transmidiação na ficção televisiva brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2013. p. 179-215

Dos britânicos, um exemplo de investigação centrada nos usos das tecnologias é o livro de Morley “Media, Modernity e Technology”, publicado em 2007. O pesquisador salienta que seu interesse não é pelas máquinas, mas por seus usos, pelos sentidos que ganham no cotidiano, e abordar de maneira diferente o tema tecnologia é um de seus objetivos no livro (MORLEY, 2010a, p. 262), visto que se considera cercado por estudos com perspectivas simplistas, “tecnologicamente deterministas sobre a nova mídia”.

4.4 DE QUE ESTUDO ESTAMOS FALANDO?

Diversas classificações já foram propostas com a finalidade de destacar distintas tradições de pesquisa dentro da área. Entre elas, temos, por exemplo, a elaborada por Jensen e Rosengren (1990), que toma os estudos realizados em nível mundial, e, interessadas pelo espaço latino-americano, podemos citar as propostas de Jacks (1996b) e Cataño (2012).

Jensen e Rosengren (1990) identificam cinco tradições que se dedicam ao estudo da audiência: pesquisa de efeitos, usos e gratificações, crítica literária, estudos culturais e análise de recepção. Segundo a ótica dos autores, os estudos de recepção, a mais recente das tradições referidas, fariam uma análise de audiência-com-conteúdo, pois ao mesmo tempo em que investigam a audiência, estudam o conteúdo da mídia, realizando uma comparação entre ambos.

Embora Jensen e Rosengren considerem haver pontos em comum entre os estudos culturais e a análise de recepção – como o entendimento sobre as mensagens dos meios, concebidas como polissêmicas, e sobre os receptores, tidos como produtores de sentido –, entendem-nos como tradições distintas. Para eles, os estudos culturais, diferentemente dos de recepção, não fariam análises empíricas da mídia, com algumas exceções, como os estudos de Morley (1980) e Radway (1984). Esse não é o entendimento que temos aqui, pois as diferenças destacadas não parecem suficientes para a separação. Julgamos que “a análise de recepção é efetivamente a pesquisa de audiência dos estudos culturais” (RONSINI, 2000, p. 18).

Pensando a realidade latino-americana, Jacks (1996b) distingue cinco correntes como constituidoras dos estudos de recepção: a perspectiva do Consumo Cultural, do argentino-mexicano Canclini, que tem o objetivo de pensar o processo de recepção de bens simbólicos; o modelo de Frentes Culturais, do mexicano Jorge González, que fez uso do conceito de hegemonia, de Gramsci, e de campo, de Bourdieu, para estudar as relações de poder; a linha da Recepção Ativa, dos chilenos Fuenzalida e Hermosilla, que, além de buscar entender a

relação dos receptores com as mensagens televisivas, pretendia intervir pedagogicamente; a proposta dos Usos sociais dos meios, do espanhol-colombiano Martín-Barbero, que visa a entender o uso dos conteúdos massivos pelos receptores em suas práticas cotidianas, dando destaque ao conceito de mediações; e, por fim, com a perspectiva do Enfoque Integral da Audiência, o mexicano Guillermo Orozco visa a responder como se realiza a interação entre TV e audiência, sistematizando diversas mediações implicadas nesse processo.

Na conclusão de “Comunicação e Recepção”, Jacks e Escosteguy (2005, p. 106) reconhecem que a sistematização acerca das perspectivas latino-americanas, elaborada na década de 1990 (JACKS, 1996b), não seria a mais adequada hoje. Afirmam que caso fossem propor uma nova classificação, não incluiriam, no âmbito dos estudos de práticas de recepção, as pesquisas realizadas por García Canclini e Jorge González, uma vez que eles não realizaram o “exame de práticas de recepção propriamente midiáticas”, sendo suas investigações mais bem entendidas como estudos sociológicos.

Recentemente, Cataño (2012) elaborou uma separação semelhante a de Jacks, porém, deixa de fora as correntes Frentes Culturais e Recepção Ativa. As três perspectivas que enfatiza são: Usos sociais, desenvolvida por Martín-Barbero com apropriações das ideias de Michel de Certeau; Mediações múltiplas (ou Enfoque Integral da Audiência), elaborada por Orozco; e Consumo cultural, destacando como proponentes, além de Canclini, Sunkel. Para a autora, essas perspectivas se enquadrariam como estudos de recepção realizados a partir do enfoque dos estudos culturais.

Como se percebe tanto no trabalho de Jacks (1996b) quanto no de Cataño (2012), não há uma problematização sobre a pesquisa de recepção propriamente, considerada como aquela que abarca as distintas correntes citadas. Podemos verificar que, sob o guarda-chuva dos estudos de recepção, pesquisas díspares são enquadradas. O que vemos costumeiramente é uma indistinção entre termos.

Da mesma forma, em “Efeito e recepção”, Gomes (2004) salienta as distinções entre as pesquisas de Efeito e as de Recepção. No entanto, nessa última, inclui todas aquelas abordagens que estudam as relações entre mídia e público com um viés sociocultural, no âmbito dos estudos da Comunicação.

Os Estudos de Recepção [...] caracterizam-se por procurar entender o lugar do receptor no processo comunicativo a partir da perspectiva de sua atividade e, portanto, negando as concepções que o entendem passivo, já que condicionado por um esquema linear de comunicação. Não necessariamente quantificam ou tipificam as audiências, embora possam recorrer a esta estratégia com fins metodológicos; não necessariamente se preocupam com o poder dos meios sobre as pessoas. Definem-se antes como aqueles estudos

que procuram dar conta da ‘relação’ entre os meios e os receptores a partir da negação de que essa relação seja mero ‘efeito de uns sobre outros’. (GOMES, 2004, p. 16).

Se, por um lado, entendemos que se convencionou denominar de “estudo de recepção” a investigação que envolve os sujeitos receptores, o que é, de certo modo, útil, por haver um modo de identificação geral da área; por outro, mais do que um nome, o termo carrega um significado. Jacks e Escosteguy (2005, p. 110) falam de uma “desordem na denominação dos estudos empreendidos”, e indicam a carência de uma problematização acerca dessa designação, pois “tudo ou quase tudo que gire em torno de receptores, passa a chamar-se de estudos de recepção, independente do viés teórico implicado”. As autoras consideram, ainda, que, devido à falta de debate conceitual sobre o tema, “a ausência de terminologia comum [...] tem dificultado a organização dessa vertente de pesquisa no país, assim como confundido os escassos espaços onde ocorre essa discussão” (Ibid., p. 111).

Para exemplificar o que expõem Jacks e Escosteguy, citamos o grupo de trabalho dos encontros anuais da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, que hoje pode ser considerado o principal espaço para discutir a recepção no âmbito dos eventos brasileiros. No GT da Compós, notam-se divergências históricas ao se nomear o grupo, que, na sua fundação, em 1992, chamava-se “Televisão e Audiência”, depois contou com as denominações “Mídia e Recepção” e, atualmente, intitula-se “Recepção: processo de interpretação, uso e consumo midiáticos”, sendo o mais “explicativo” dos nomes de GTs da Compós em atividade.

Buscando uma alternativa para denominar, de modo “genérico”, a pesquisa sobre a “relação entre os meios e os receptores”, Jacks e Escosteguy (2005)⁶² tomam de empréstimo a designação de “práticas de recepção midiática”, assumida por Mauro Wilton Sousa. Essa indica

o interesse pelos receptores de um modo geral, pois a expressão é pertinente para abarcar uma diversidade de experiências. Alerta-se, contudo, que é apenas denominativa, sem sinalizar uma aproximação conceitual. Diferentemente do que ocorre na América Latina, aqui estamos reservando o termo recepção para apenas um tratamento específico dessa problemática. (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005, p. 79).

Considerando as classificações apresentadas, bem como as limitações identificadas nos estudos atuais sobre as práticas de recepção midiática, e, ainda, as reflexões de Jacks e

⁶² Discussão também apresentada pelas autoras nos artigos “Práticas de recepção midiática: impasses e desafios da pesquisa brasileira” (2004) e “La investigación brasileña: impases y desafíos” (2006).

Escosteguy (2005) sobre a necessidade de um melhor delineamento sobre os estudos de recepção, propomos um quadro com algumas adaptações em relação aos já vistos. Dessa forma, pensamos ser possível abarcar, além das perspectivas mais tradicionais, aspectos contemporâneos da pesquisa de audiência.

Para tanto, a) julgamos que a análise de recepção deve ser diferenciada das demais, não servindo como um termo guarda-chuva, dada sua especificidade epistemológica, teórica e metodológica; b) avaliamos que as correntes de Enfoque Integral da Audiência, Recepção Ativa e Frentes Culturais são proposições mais específicas, não nos parecendo adequado concebê-las no mesmo nível das demais; c) consideramos que a pesquisa sobre consumo, por um lado, e usos, por outro, respondem por uma parcela importante dos estudos de audiência realizados atualmente; d) assinalamos a importância de uma designação que contemple os estudos das identidades, que não são necessariamente abarcados pelas demais correntes consideradas.

Assim, temos: análise de recepção; consumo; usos sociais; e estudo das identidades.

Na apresentação do verbete “Estudos de Recepção” na Enciclopédia Intercom de Comunicação, Jacks (2010) expõe que a origem do vocábulo é metafórica, pois se refere ao ponto de chegada/recebimento da mensagem, em um modelo linear do processo de comunicação, como consideraram Shanon e Weaver. Como teoria, o termo recepção é primeiramente empregado no campo literário, mais especificamente, na Estética da Recepção, interessada no estudo de atos de leitura, e desenvolvida na Alemanha, pela Escola de Constanza.

No campo da Comunicação, Jacks e Escosteguy (2005, p. 15) observam que os estudos propriamente de recepção priorizam parte da problemática da pesquisa qualitativa de audiência, sendo aquela que “diz respeito à relação das pessoas com meios ou veículos de comunicação, com programas, gêneros, mensagens ou momentos particulares, abarcando a complexa configuração de elementos e fatores que caracterizam o fenômeno como um todo”. Haveria, nesse escopo, um interesse maior pelas leituras e decodificações de uma mensagem.

Jensen e Rosengren (1990) caracterizam os estudos de recepção por uma análise comparativa dos discursos dos meios com os discursos das audiências, que leva em conta o contexto sociocultural em que os sujeitos se encontram.

Análise de recepção desenvolve o que se pode chamar de análise de audiência-com-conteúdo, que é tanto qualitativa quanto empírica. Ao mesmo tempo em que produzem dados empíricos sobre o público por meio de entrevistas em profundidade e de observação, esses estudos normalmente aplicam métodos qualitativos numa análise comparativa entre aqueles dados que se referem aos públicos com aqueles que se referem aos conteúdos. Seu

objetivo imediato, então, é examinar os próprios processos de recepção, os quais, além do mais, afetam os usos e impactos do conteúdo midiático. (JENSEN; ROSENGREN, 1990, p. 214).

Escosteguy e Sifuentes (2011) empreenderam uma diferenciação entre análise de recepção e estudo de consumo, na qual assinalam que a recepção tem como propósito a compreensão de um momento específico na interação com a mídia, a partir de um texto motivador da investigação. Nos estudos de consumo, essa relação é menos direta, e o interesse recai em um contexto. Gomes (2004, p. 191), que tem compreensão semelhante, analisa que esses últimos “tentam relacionar o consumo cultural com a experiência social dos membros do público”.

A distinção que Ronsini (2007, p. 78) faz entre estudos de recepção e de consumo indica que a preocupação do primeiro seria “reconstruir como uma dada mensagem dos meios de comunicação é decodificada, entendida e vivenciada por um grupo de pessoas”, enquanto, para o segundo, o foco não estaria na “apropriação de mídias, programas ou gêneros específicos, mas o entendimento do sentido geral das tecnologias da comunicação na experiência cotidiana do receptor”. Esse entendimento se aproxima do que pondera Cataño (2012, p. 96), para quem, nos estudos de consumo, há um “deslocamento da análise centrada nas mensagens como estruturas ideológicas”, que se encontraria nos estudos de recepção.

Em outro momento, Ronsini (2011, p. 3) expõe que nos estudos de consumo, diferentemente dos de recepção, existe uma “uma pluralidade de textos e não um texto específico para ser decifrado” e que “não há preocupação em considerar teoricamente as mediações que constituem o processo de dar sentido à mídia e tampouco os detalhes empíricos que envolvem o conhecimento do papel delas”.

Embora consideremos o esforço de definição válido, algumas outras distinções entre consumo e recepção encontradas se mostram frágeis. É o caso de Alfaro Moreno (1994 apud CAMACHO AZURDY, 2007), que distingue recepção de consumo considerando a primeira como “interpretação” e a segunda como “resposta”. Pensamos, no entanto, que a recepção é, de certa forma, uma resposta, e que o consumo certamente necessita de interpretação. Outro trabalho, de Cantú e Cimadevilla (1998), apresenta recepção como uma forma particular de consumo, de produtos midiáticos, visto que o termo consumo seria usado para qualquer forma de consumo cultural. Os mesmos autores definem usos como atribuição de sentido à recepção, pois consideram que a nem toda recepção se atribui sentido. Diferentemente, avaliamos que a atribuição de sentido é o que, em primeiro lugar, difere os processos de consumo, recepção ou usos da mera exposição a um meio. Ainda, Cantú e Cimadevilla criaram um gráfico com o

objetivo de tornar visíveis tais relações. Nesse, uso está contido em recepção, que está contido em consumo. No entanto, embora se possa considerar um processo mais abrangente que o outro, não concordamos com esse jogo de “estar contido” e “conter”, pois há diferenças entre os conceitos que os tornam “paralelos” e não somente mais ou menos específicos.

Por sua vez, Toaldo e Jacks (2013, p. 7) avaliam que as pesquisas de estudo de consumo midiático se interessam em saber “o que os indivíduos consomem da mídia (meios e produtos/conteúdos), a maneira com que se apropriam dela (do que consomem – como a utilizam) e o contexto em que se envolvem com ela (lugares, maneiras, rotinas...)”. Diferentemente da recepção, “essa dimensão não envolve, porém, a análise de respostas dos receptores aos conteúdos de um programa específico”. Além disso, conforme as autoras, os estudos de consumo observam aspectos mais amplos do fenômeno da relação com a mídia que os estudos de recepção, uma vez que focalizam a relação com os meios e não com mensagens específicas. Nessa investigação da relação com os meios, importa a presença da mídia no cotidiano do público e seu modo de pautar tempos, espaços e percepções.

Segundo Martín-Barbero e Téllez (2006), deslocar-se do conceito de recepção ao de consumo cultural, como ocorre na década de 1990, ajuda a superar diversos desentendimentos. Para os autores, investigar o consumo cultural significa entender como os grupos competem pela apropriação de produtos sociais, distinguindo-se uns dos outros, e compartilham sentidos por meio de rituais cotidianos.

García Canclini (2006, p. 60) e sua definição de consumo – entendido como “o conjunto de processos socioculturais nos quais se realiza a apropriação e os usos dos produtos” – são recorrentemente citados no campo da Comunicação. O autor vai contra a ideia de consumo como um ato irracional, no sentido que o relaciona com “consumismo”. Conforme o argentino, no consumo cultural prevalece o valor simbólico, importantes para a constituição identitária, visto que essa “atualmente configura-se no consumo, depende daquilo que se possui, ou daquilo que se pode chegar a possuir” (Ibid., p. 30).

Cabello (2007, p. 179-180) apropria-se do conceito de Canclini para realizar uma pesquisa de consumo de jogos online na periferia de Buenos Aires. Para a autora, consumo cultural se

refere à especificidade do bem cultural em sua (ao menos) dupla dimensão: aquela que remete a sua circulação dentro de um dispositivo industrial e comercial e aquela que supõe um vínculo de coprodução de significado entre o autor e seu público (Landi, 1990). Entendeu-se também o consumo como um conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos culturais em geral e midiáticos em particular, onde a

dimensão simbólica configura o valor de uso e o valor de troca do produto (García Canclini, 1992; Mata, 1993).

Um conceito que, com frequência, está relacionado ao de consumo cultural é o de usos sociais. De Certeau, primeiramente, e Martín-Barbero, posteriormente, empregam e difundem tal conceito. Para de Certeau (2012, p. 39), o estudo dos usos engloba aquilo que os sujeitos “fabricam” ao consumir determinado produto cultural. Os usos sociais seriam a produção cultural a partir do consumidor, “silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas ‘maneiras de empregar’ os produtos impostos por uma ordem econômica dominante”.

Em sua apropriação do conceito, McQuail e Windahl (2003, p. 122) definem uso como o “processo interativo, que relaciona o conteúdo dos meios com as necessidades, percepções, papéis e valores individuais e com o contexto social em que uma pessoa está situada”. De maneira semelhante, Cabello (2007, p. 179) expõe que a ideia de uso “faz referência à utilização, em termos de atribuição de sentido, que os sujeitos fazem da recepção de produtos dos meios em relação com suas práticas cotidianas”.

Na Enciclopédia Intercom de Comunicação (2010) e no Dicionário da Comunicação (2009), obras nacionais recentes que trazem verbetes importantes para o campo, o conceito de Usos/Usos sociais não aparecem. Além disso, não há a preocupação de diferenciar termos como Consumo e Recepção. No caso da apresentação do vocábulo “Consumo Midiático” na Enciclopédia Intercom, as primeiras obras de Morley são citadas como exemplos de estudos de consumo, sendo que, para nós, “*The Nationwide Audience*” (1980) é um dos principais representantes dos estudos de recepção, visto que o foco está na decodificação de um texto/programa específico, algo bastante próximo ao que Jensen e Rosengren (1990) chamam de “audiência-com-conteúdo”.

Além de entender que a mídia permeia de maneiras diversas a vida em sociedade hoje, os estudos de identidades, levando em conta que “somos constituídos através do consumo da mídia” (ANG, 1996, p. 52), interessam-se por investigar o papel dos meios de comunicação de massa nos processos de negociação e reelaboração das identidades sociais na contemporaneidade.

As narrativas midiáticas constituem e desenvolvem “um rico repertório de objetos, estímulos, sugestões, para a atividade de elaboração de imagens sobre si mesmo e sobre o mundo, já reconhecida como parte essencial dos modernos processos de construção da identidade” (LOPES, 2004, p. 131). Desse modo, assim como se reconhece o papel de

instituições sociais, como família, escola e igreja; da nação; do pertencimento de classe, etc., na conformação de identidades, é mister que hoje também se perceba e se investigue o papel da mídia nesse processo.

Alamo (2006, p.178) salienta uma mudança de foco nos Estudos Culturais a partir dos anos 1980, quando se verifica um interesse crescente pelos estudos de identidades, sejam étnicas, de gênero, de geração, etc. “Em meados dos anos 80, começa uma espécie de investigação cultural, que não será todavia de ‘consumos culturais’, mas sim de ‘identidades culturais’”.

Diagnostica, nesse momento, “a origem de uma importante sucessão de investigações nas quais prevalecem as diferenças sobre as desigualdades, as identidades sobre as classes.” Embora a tendência tenha sido esse deslocamento, não é apropriado colocar em oposição os estudos de identidades e a investigação sobre classes sociais, pois é também possível fazer investigação sobre as classes sociais enquanto identidades culturais.

Como aponta Murdock (2009, p. 42), o campo foi dominado pelo interesse em gênero, sexualidade, etnia, etc., qualquer coisa, menos classe. “Estes outros discursos tornaram-se um grande foco de estudo dentro dos estudos culturais, levando muitos escritores a esquecer sobre classe. [...] Em muitos relatos, a classe transformou-se em uma categoria que já não se atreve a pronunciar o próprio nome”.

A compreensão de Hermes (1999, p. 71) mostra-se coerente para pensar os estudos de identidade no âmbito dos estudos de comunicação de massa.

A construção de identidade é aqui definida como um processo sociológico em vez de um psicológico. Mais especificamente, a construção de identidade tem de ser entendida como um processo de produção de sentido, segundo o qual as identidades individuais são formadas como um resultado da interação social com base em ou fazendo uso de fontes culturais de produção de sentido.

Caroline Dover (2007) destaca que as pesquisas de mídia que têm tratado da questão das identidades são, preponderantemente, estudos de representações textuais, e não pesquisas empíricas com audiência. A autora desenvolve um estudo focado na formação e negociação das identidades de jovens, explora o valor simbólico da mídia e da cultura popular para consumidores adolescentes. Dover considera que estudos como o proposto por ela, em que há um engajamento com a vida diária dos sujeitos e o reconhecimento do papel da mídia nessa, servem como complementação a estudos de audiência que investigam leituras de textos, não como substituição.

Posto isso, buscamos resumir cada uma das referidas correntes, tendo consciência de que as distinções são, muitas vezes, sutis e, mesmo, que há uma sobreposição de condutas entre as pesquisas, uma vez que aspectos como o contexto social e cultural do indivíduo é um aspecto relevante em qualquer investigação empírica de audiência. Assim, temos:

- a) análise de recepção: interessa-se pela relação do público com as mensagens e as respostas a um texto específico (que pode ser um programa ou gênero), sendo importante a análise dessa mensagem a que a leitura se refere;
- b) consumo midiático: focaliza a relação do público com os meios ou com um gênero, sem atentar para a decodificação de mensagens específicas. Preocupa-se em estudar como o contexto do receptor afeta a experiência midiática e como essa impacta o indivíduo;
- c) usos sociais: atenta para o que os sujeitos fabricam, simbólica ou concretamente, a partir da relação com a mídia. É a produção cultural do receptor que se percebe nas maneiras de empregar os produtos midiáticos;
- d) estudos de identidades: pesquisa o papel da mídia na conformação identitária de um grupo, sendo essa identidade um produto de relações sociais diversas, com foco para a que se dá com os meios de comunicação.

Acerca dos estudos de identidades, frisamos que qualquer estudo empírico de audiência deve levar em conta o contexto do público estudado, considerando, com frequência, aspectos identitários. Ajuizamos que tomar a identidade como uma mediação não caracteriza tal como um estudo de identidade, pois, para isso, no nosso entender, essa deve ser o produto da relação investigada.

Nesta pesquisa, portanto, fazemos um estudo de consumo midiático, visto que o objetivo é compreender a relação de mulheres de distintas classes sociais com a mídia, de modo geral, e com o gênero telenovela, de forma mais específica. Assim, não é objetivo estudar a decodificação de mensagens específicas (análise de recepção) ou a constituição de identidades a partir da relação com a mídia (estudos de identidades), e tampouco se observa as produções (usos sociais), se não aquelas geradas pelo próprio consumo.

5 DISCUSSÃO METODOLÓGICA⁶³

Em toda a pesquisa, a reflexão metodológica responde por parte fundamental do fazer científico. De acordo com Lopes (2005, p. 89-90), a “metodologia⁶⁴, em uma ciência, constitui o espaço por excelência da reflexão de um campo de conhecimento sobre si mesmo, enquanto prática teórica”. Para um campo ainda em amadurecimento, como o da Comunicação no Brasil, a reflexão sobre si mesmo assume um papel ainda mais importante.

Esse capítulo tem o objetivo principal de ser um exercício reflexivo acerca das escolhas feitas, com destaque àquelas que envolveram a pesquisa de campo. Entende-se que nem sempre são as escolhas ideias, mas as possíveis e, se possível, as melhores, em dado contexto. “Trata-se de controlar o controlável e ter consciência dos desvios necessários de qualquer ‘ação investigativa’”. (BARROS FILHO; MARTINO, 2003, p. 25)

Enquanto, no primeiro capítulo, apontamos que as principais contribuições de Bourdieu para este trabalho incluíam suas noções de *habitus*, capital e distinção, aqui ressaltamos também a validade de suas ponderações metodológicas. Na avaliação de Barros Filho e Martino (2003, p. 25), Bourdieu

[...] destaca que as boas intenções dos pesquisadores não bastam como garantia metodológica. Afinal, todo tipo de distorção se encontra inscrito na própria estrutura da relação de entrevista. É preciso, segundo Bourdieu, conhece-los e dominá-los na execução de uma prática que pode ser refletida e metódica, sem ser a aplicação de um método ou a elaboração de uma reflexão teórica.

Entendemos que essas ponderações são especialmente válidas para o campo da Comunicação. Em estudo de Jacks, Menezes e Piedras, realizado a partir da análise de teses e dissertações sobre a pesquisa de audiência nos anos 1990, fica explícito, em primeiro lugar, a falta de preocupação com as estratégias metodológicas, uma vez que as discussões nesse sentido estão ausentes dos relatos. As autoras indicam que “não há menções de todos os procedimentos e técnicas empregados nos trabalhos, e, quando há, não é sempre que elas vêm acompanhadas de maiores esclarecimentos e reflexões sobre suas filiações e implicações na construção e análise dos dados” (JACKS; MENEZES; PIEDRAS, 2008, p. 250). Os

⁶³ Em algumas partes deste capítulo, especialmente para relatar experiências no campo, será empregada a primeira pessoa do singular. Se, por um lado, entendemos que o estudo não é um produto individual, uma vez que é construído, no mínimo, por autora e orientadora, a pesquisa de campo é um momento peculiar, em que, por mais contribuições que se leve, a pesquisadora está “sozinha”.

⁶⁴ Simplificadamente, método alude às diferentes técnicas que os pesquisadores fazem uso na coleta de dados, constituindo uma das instâncias da prática metodológica (LOPES, 2005). Metodologia, para Gray (2003), trata da abordagem epistemológica global adotada pelo estudo.

resultados são semelhantes aos encontrados por McAnany e La Pastina (1994) mais de uma década antes, em um estudo acerca da pesquisa latino-americana sobre telenovela.

Dentro do campo da Comunicação, situamo-nos na área dos estudos da audiência, que requerem, certamente, uma metodologia específica. Desde o início da década de 1990, acentuam-se investigações acerca do papel e do contexto de consumo midiático. Para Jensen (1990 apud ALASUUTARI, 1999, p. 7), “o objeto central de análise das pesquisas de comunicação de massa se encontra fora da mídia, nas culturas e comunidades de que a mídia e as audiências são constituintes”. O foco, assim, dirige-se à compreensão do espaço da mídia nas culturas contemporâneas. Esse é o objetivo proposto neste trabalho, compreender as apropriações da mídia nas culturas vividas, nomeadamente, nas culturas vividas por três classes sociais distintas: classe média, batalhadora e raladora.

Para tanto, fazemos uso do método comparativo, com vistas a entender as semelhanças e as diferenças no consumo de mídia e telenovela por mulheres das referidas classes. Segundo Lakatos (1981, p. 32), o método, que tem “a finalidade de verificar similitudes e explicar divergências”, contribui para uma melhor compreensão de elementos da cultura e do comportamento dos indivíduos sociais. A ideia é entender cada classe em relação com as demais, de modo que seja possível perceber melhor as características específicas de cada uma, assim como as consonâncias.

Para o estudo de cada uma das classes, parte-se de uma pesquisa de campo com quatro membros de cada grupo – apresentados na primeira seção deste capítulo –, em que foi feito uso das técnicas da entrevista em profundidade, do formulário e da observação – discutidos na segunda seção. Fonseca (2004, p. 213) avalia que é preciso ter ciência da “contribuição insubstituível dos estudos de campo que, privilegiando a ‘visão de mundo’ de pessoas de carne e osso, fornecem uma perspectiva molecular ‘de baixo’, por assim dizer, dos acontecimentos”. Desse modo, o que se fez foi, como recomenda Bourdieu (2008, p. 468), “sujar as mãos na cozinha da empiria”, adentrando em cada um dos universos – reflete-se sobre a relação da pesquisadora com esses universos na terceira seção –, para depois compará-los no que concerne a seus modos de vida e suas relações com a mídia e a telenovela – como se destaca na quarta seção.

5.1 GRUPO ESTUDADO

O grupo estudado está composto por 12 mulheres (Tabela 2), quatro de classe média – Camila, Cíntia, Gaia e Milena –, quatro batalhadoras – Diná, Lidiane, Rafaela e Ruth – e quatro raladoras – Adrielle, Fátima, Mirela e Xaiane.

Tabela 2 – Entrevistadas – dados pessoais

	Idade	Profissão	Escolaridade	Filhos	Onde mora
Camila	28	Funcionária pública Ensino superior Assistente social	Superior completo Mestrado Doutorado andamento	-	Porto Alegre – Cidade Baixa
Cíntia	29	Funcionária pública Ensino superior Fisioterapeuta	Superior completo Superior andamento Especialização	-	Porto Alegre – Bom Fim
Gaia	27	Tradutora	Superior completo Superior andamento	-	Porto Alegre – Petrópolis
Milena	29	Funcionária pública Ensino superior Publicitária	Superior completo Especialização	-	Porto Alegre – Ipanema
Diná	27	Funcionária pública Ensino médio Técnica em Gestão	Superior completo	-	Guaíba
Lidiane	29	Manicure	Médio incompleto	-	Viamão
Rafaela	32	Assistente administrativa	Superior andamento	-	Gravataí
Ruth	35	Vendedora Telemarketing	Superior incompleto	2	Porto Alegre - Vila Nova
Adrielle	33	Serviços gerais	Fundamental completo	1	Porto Alegre - Rubem Berta
Fátima	37	Diarista	Fundamental incompleto	2	Porto Alegre - Restinga
Mirela	33	Faxineira	Fundamental incompleto	4	Viamão
Xaiane	28	Desempregada	Médio incompleto	2	Porto Alegre - Jardim Carvalho

Em relação ao número de entrevistadas, estamos de acordo com Gaskell (2002, p. 71), que defende que em uma pesquisa qualitativa em profundidade “é essencial quase que viver e sonhar as entrevistas – ser capaz de relembrar cada ambiente”. Para isso, o autor salienta, o número⁶⁵ de pesquisados não pode se estender.

⁶⁵ Para Souza (2009, p. 434), “o inimigo de qualquer pesquisa empírica crítica que reflete sobre seus pressupostos é o ‘fetiche do número’. Reflexo inequívoco de uma sociedade da cultura de massas que transforma toda ‘qualidade’ em ‘quantidade’, como diria Georg Simmel [...] a ‘quantidade’ de pessoas entrevistadas se transforma, por debaixo do pano, no único critério de ‘cientificidade’ de pesquisas empíricas numa sociedade da informação sem reflexão”.

Lindlof e Taylor (2011) destacam que, em uma pesquisa qualitativa, o pesquisador geralmente inicia sua investigação com algumas pessoas que se encaixam aos interesses do estudo. Depois, se preciso, outros membros vão sendo incluídos para complementar e aprofundar os dados, até que os novos informantes não acrescentem novas informações.

Tomando ambas as orientações, sabíamos que o número de pesquisadas seria pequeno, para que fosse possível aprofundar o estudo com os três grupos e, ao mesmo tempo, deveria ser suficiente para podermos vislumbrar as características expressivas de cada grupo. Assim, em um primeiro momento, que poderíamos entender como uma fase de experiência – nos meses de maio, junho e julho de 2012 –, foram entrevistadas duas mulheres de classe média e duas batalhadoras – ainda estudávamos a inclusão das raladoras na pesquisa. Na “segunda fase”, realizada entre agosto de 2013 e fevereiro de 2014, (re)iniciamos a pesquisa de campo com a ideia de entrevistarmos três mulheres de cada uma das três classes. Mantivemos uma informante da classe média e uma batalhadora da primeira fase. Logo, sentimos a necessidade de acrescentar ao menos uma informante batalhadora, visto que essa, sendo uma *nova classe* (trabalhadora), é a mais desafiadora e de mais difícil compreensão. Para mantermos a uniformidade, também incluimos mais uma mulher de classe média e mais uma raladora, completando o grupo de 12. Como se pode perceber nos capítulos empíricos, há uma significativa consonância nos modos de ser e nas opiniões das entrevistas em cada grupo, claro que sempre com exceções, o que nos fez entender que quatro seria um bom número de representantes por grupo.

Por último, entendemos que o conhecimento originado no convívio diário – especialmente no que diz respeito à classe média –, assim como em investigações anteriores – uma vez que raladoras e batalhadoras já foram objeto de pesquisa⁶⁶ –, não é descartado no momento de se levar a cabo uma investigação científica. Como coloca Alasuutari (1999, p. 8), especialmente quando se estuda culturas urbanas e mídia, “a ‘pesquisa de campo’ iniciou anos antes”.

No que tange ao aspecto geracional, as mulheres entrevistadas estão compreendidas em uma faixa etária de 10 anos, possuindo entre 27 e 37 anos. Nos contatos feitos,

⁶⁶ Venho estudando as classes populares, como comentado na introdução do trabalho, desde a graduação. Esse grupo social já compôs o objeto das pesquisas de que participei nos seguintes momentos: pesquisa de iniciação científica, trabalho de conclusão de curso, pesquisa de mestrado e pesquisa coordenada pela orientadora destas. Entretanto, em nenhuma das ocasiões essas classes foram entendidas, especificamente, como “ralé” e “batalhadores”. Ademais, não havia ainda realizado um estudo com viés comparativo, um interesse presente em meus projetos de TCC e dissertação, mas que não se concretizou. A pesquisa de iniciação científica, coordenada pela professora Veneza Ronsini (UFMS), resultou em um trabalho comparativo, todavia, posteriormente à minha desvinculação do grupo.

buscamos⁶⁷ mulheres com idade entre 25 e 40 anos, e os casos específicos reduziram o intervalo de 15 para 10 anos. Essas idades se devem ao objetivo de estudar mulheres adultas – o IBGE considera jovens as pessoas com até 24 anos e idosos aqueles com idade a partir de 60 anos –, sem, no entanto, ampliar o intervalo de idade, de modo que a variável geração não fosse significativa.

Há, mesmo assim, uma relativa diferença de idade entre os grupos, que coloca as componentes da classe média como as mais novas e as raladoras como as mais velhas: as mulheres de classe média têm 27, 28, 29 e 29 anos – média de 28,25 anos; as batalhadoras têm 27, 29, 32 e 35 – média de 30,75 anos; e as raladoras, 28, 33, 33 e 37 anos – média de 32,75 anos. A média de idade, assim, varia em 4,5 anos. Essa diferença não chega a afetar, significativamente, o consumo de programas televisivos na infância e adolescência, por exemplo, visto que o *Xou Xuxa*, para citar um bastante mencionado, ficou no ar de 1986 a 1993, compreendendo a infância de todas as entrevistadas. Em outros casos, a diferença propicia especificidades no consumo midiático, como se percebe com a série *O elo perdido*, transmitida no SBT nas décadas de 1980 e 1990⁶⁸, citada apenas pela entrevistada mais velha.

Depois de concluída a descrição das informantes, observa-se que a impressão é de que a diferença de idade é maior do que de fato é. Entendemos que isso ocorre por alguns motivos, como: todas as raladoras são mães, são ou já foram casadas, não moram com os pais e não estudam – entendemos que estar estudando possa dar uma ideia de “jovialidade”. No caso das mulheres de classe média, pelo contrário: nenhuma é mãe, nenhuma é ou foi casada, apenas uma já saiu da casa dos pais e apenas uma não possui vínculo com instituição de ensino. No entanto, essa diferença não decorre da idade, pois todas as mulheres da ralé se tornaram mãe aos 21 anos ou antes, mais ou menos na mesma idade em que casaram e saíram da casa dos pais, e elas pararam de estudar há muitos anos.

Entendemos que são os próprios modos de vida, relacionados à classe social, que geram esse “efeito” de diferença. Vale observar, nesse sentido, que as raladoras possuem uma fisionomia muito mais envelhecida do que as batalhadoras e, especialmente, do que as mulheres de classe média. Adriele e Mirela, por exemplo, de 33 anos, não parecem ter praticamente a mesma idade da batalhadora Rafaela, de 32 anos, ou ser apenas quatro anos mais velhas que Cíntia e Milena, com aspectos muito mais joviais.

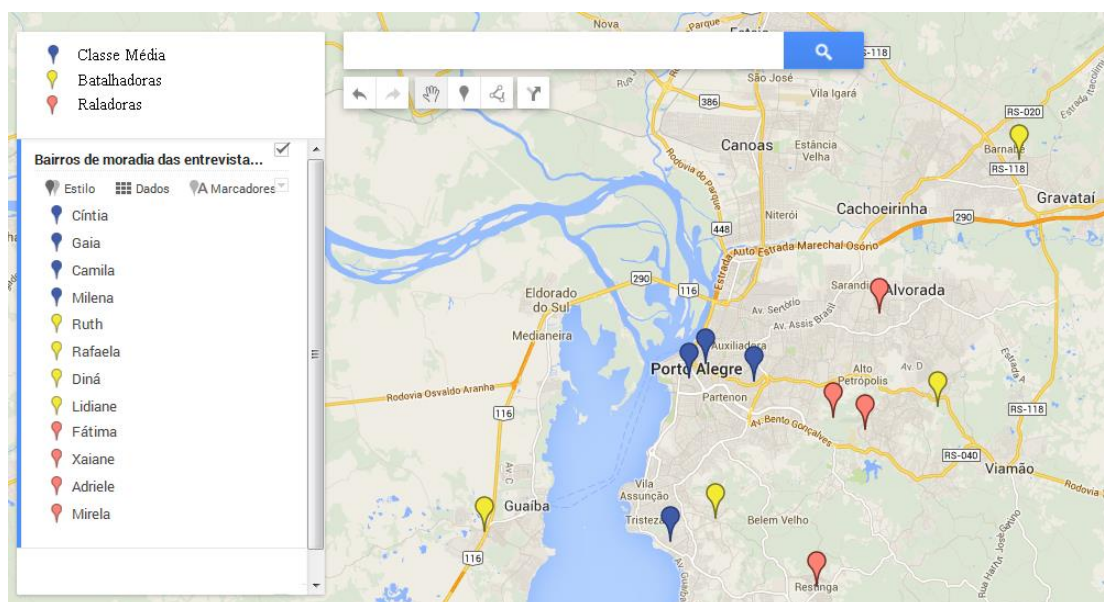
⁶⁷ O contato com as entrevistadas foi possível através da indicação de conhecidos da pesquisadora. Em nenhum dos casos, uma entrevistada foi indicada por outra.

⁶⁸ Na Globo, foi ao ar entre 1975 e 1977, porém, a entrevistada que cita o programa nasceu em 1976.

Acerca da separação por classes, partindo de Quadros, Gimenez e Antunes (2013), as mulheres que compõem esta pesquisa podem ser classificadas como pertencentes à média classe média, à baixa classe média e à massa trabalhadora, como apresentado no segundo capítulo. Aqui, dividimos as entrevistadas em classe média, batalhadoras e raladoras. Entre aquelas denominadas raladoras, duas são diaristas, uma é auxiliar de serviços gerais e uma está desempregada. As mulheres apresentadas como batalhadoras trabalham como vendedora em telemarketing, assistente administrativa, técnica em gestão e manicure/depiladora. Já as entrevistadas da classe média, são tradutora, fisioterapeuta, publicitária e assistente social.

As mulheres da classe média vivem nos bairros Petrópolis, Bom Fim, Ipanema e Cidade Baixa. As batalhadoras residem no bairro porto-alegrense Vila Nova e nas cidades da região metropolitana, Guaíba, Gravataí e Viamão. Por sua vez, as raladoras moram nos bairros porto-alegrenses Restinga, Rubem Berta e Jardim Carvalho e na cidade de Viamão. Como se pode verificar no mapa abaixo (Figura 4), as batalhadoras são as que vivem nos locais mais distantes da região central de Porto Alegre – em que se lê a palavra “Porto Alegre”, no mapa – , onde todas trabalham. O que se identifica é que elas optam por regiões com custo de vida mais baixo, mas que não são vistos como violentos, por exemplo.

Figura 4 – Mapa de localização da moradia das entrevistadas - Grande Porto Alegre

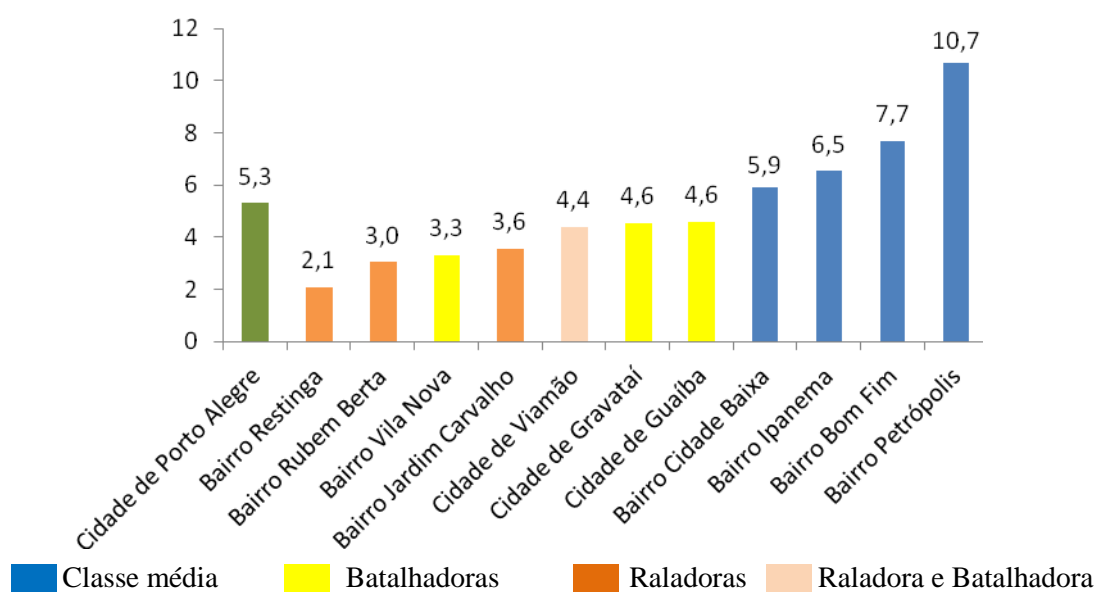


Fonte: Sifuentes (2014) a partir de dados do mapa 2014 © Google

O gráfico (Gráfico 8) a seguir mostra o rendimento médio por domicílio nos bairros de Porto Alegre e nas cidades da região metropolitana em que as entrevistadas residem. O rendimento vai ao encontro da separação de classes que usamos, excetuando-se, apenas, o

caso da batalhadora Ruth, que vive no bairro Vila Nova, na zona sul de Porto Alegre, com renda média menor do que a cidade de Viamão, onde uma batalhadora e uma raladora moram, e que o bairro Jardim Carvalho, onde reside uma raladora. Ruth adquiriu, recentemente, seu apartamento próprio, de um quarto, e talvez seu salário de cerca de R\$ 2,5 mil – com o qual sustenta a ela e à filha, além de ajudar nas despesas do filho, que não mora com ela – fez necessário que ela buscasse um local mais barato para conseguir essa realização.

Gráfico 8 – Rendimento médio por domicílio, em salários mínimos, nos bairros/cidades de moradia das entrevistadas



Fonte: Sifuentes (2014) com base em dados do IBGE – Censo 2010 e Procempa/ Porto Alegre

Por fim, sobre o grupo estudado, destaca-se que um primeiro encontro foi realizado com outras seis possíveis informantes. Essas mulheres contatadas, que não compõem o grupo aqui estudado, responderam ao menos a um instrumento. Por diversos motivos, a pesquisa com elas não prosseguiu. Em dois casos, a interrupção foi determinada pelas informantes. Em um desses, uma raladora, após a primeira entrevista, sobre sua vida, não aceitou realizar outros encontros. Uma segunda entrevista chegou a ser agendada no mesmo local da primeira entrevista, a casa de uma patroa. No entanto, apesar de estar na casa, não atendeu ao interfone ou ao telefone. Logo em seguida, ela também deixou de ir trabalhar na casa dessa cliente, sem dar satisfações. Em outro caso, o marido não permitiu que a batalhadora participasse da pesquisa. Nos outros casos, a não continuidade partiu da pesquisadora, pois entendi que as mulheres não estavam dentro do perfil – por exemplo, foram contatadas para compor o grupo

das raladoras, mas seriam melhor classificadas como batalhadoras, grupo que já estava completo.

Houve, ainda, um caso em que desisti de prosseguir com as entrevistas por insegurança em relação ao local de moradia da entrevistada. No primeiro contato, no salão de beleza onde ela trabalhava, marcamos de conversar novamente em sua casa no horário da novela das oito. Em nossa primeira conversa, ela destacou o quão violento era o local onde morava, o bairro Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre, o que a havia forçado a construir um alto muro em volta da casa. Também relatou que o marido sempre a buscava quando voltava tarde para casa. Não querendo me arriscar mais do que já me arriscava⁶⁹, acabei desistindo do encontro, pois precisaria voltar sozinha para casa após as 22 horas.

5.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

É consenso entre os metodólogos que, em uma pesquisa científica, os métodos não são simples ferramentas que podem ser escolhidas aleatoriamente ou, ainda, burocraticamente.

Essa concepção linear de metodologia e de pesquisa, oposta à que endossamos, converte a metodologia numa tecnologia, num receituário de “como fazer” a pesquisa e baseia-se numa visão “burocrática” do projeto, o qual, fixado no início da pesquisa, é convertido numa verdadeira camisa-de-força que transforma o processo de pesquisa num ritual de operações rotineiras. (LOPES, 2005, p. 98).

As técnicas usadas e os modos de empregá-las devem responder aos objetivos de cada pesquisa, e precisam ser acompanhadas de reflexão permanente. Assim, no decorrer desta investigação diversas escolhas foram feitas, entre elas, a dos instrumentos de coleta de dados, conjunto fundamental para que se chegue aos pesquisados e se produza conteúdo para análise posterior. A seguir, apresentamos e discutimos essas técnicas usadas: entrevista, formulário e observação.

⁶⁹ O medo em relação à insegurança me acompanhou em vários momentos. Meu maior temor era sempre de que roubassem meu celular, um pouco pelo valor, mas muito porque perderia a entrevista toda que acabara de realizar e gravar nele. Com exceção do caso relatado, não deixei de ir à casa de nenhuma outra entrevistada. No último encontro, encerrando a pesquisa de campo, assisti à novela das 19 horas com a entrevistada que mora na Restinga. Fátima não fez questão de me tranquilizar, e disse que nunca saía sozinha na rua àquela hora, com medo dos tiroteios nas cercanias. Despedi-me dela e segui para a parada de ônibus às 22h. Nesse dia, a satisfação pela finalização da pesquisa de campo, com todas as entrevistas realizadas e técnicas aplicadas conforme o planejado, foi acompanhada por um alívio por tudo ter corrido bem também em termos de segurança, e de não precisar mais estar na rua, em lugares que não conheço, após o fim da novela das 21h.

5.2.1 Entrevista

A entrevista semiestruturada, neste estudo, é o instrumento principal de acesso às ideias e aos modos de ser e viver das mulheres pesquisadas. Para Morley (1996, p. 261), a entrevista, além de permitir “que o investigador tenha acesso às opiniões e declarações conscientes das pessoas entrevistadas”, também propicia o “acesso a termos e a categorias linguísticas [...] em virtude dos quais as pessoas entrevistadas constroem seus mundos e a própria compreensão de suas atividades”.

Do mesmo modo, Sierra (1998, p. 227) acredita que a entrevista “proporciona um excelente instrumento heurístico para combinar os enfoques práticos, analíticos e interpretativos implícitos em todo processo de comunicar”. Ele aponta três barreiras como as principais na comunicação pessoal e, por consequência, em uma entrevista: diferenças semânticas, clima psicológico e contexto.

Acerca do aspecto semântico, destaca que é definido pelo âmbito sociocultural de entrevistado e entrevistador. Dependendo desses âmbitos, pode haver códigos distintos, que dificultarão a comunicação, sendo necessário que o entrevistador, o principal interessado nessa troca, realize uma “ressemantização”. Nas entrevistas, a semântica, de modo geral, e a linguagem, de forma específica, não foram empecilhos. Como entrevistadora, foi preciso, em alguns momentos, um cuidado extra para me fazer entender. O que percebi, algumas vezes, era uma insegurança por parte das raladoras, que ficavam em dúvida sobre o que responder, momentos em que costumavam pedir esclarecimentos: “L: Tu se considera bem sucedida?; A: “Tem como me dar um exemplo?” (Adriele). Outros problemas de linguagem também foram percebidos, como no caso de Xaiane, em que o sentido da pergunta foi desviado.

L: Tu nota diferença entre as novelas de acordo com os autores?

X: Autor de novela?

L: É, o escritor.

X: Escritor eu nem sei quem são. Mas autor de novela... eu acho legal aquele, o *Petruchio* [Eduardo Moscovis, *O cravo e a rosa*], não tô ligada no nome dele. Aquela mulher que é, como é que é o nome dela? Que é ex-mulher desse *Cesar* aí. Aquela...

L: Susana Vieira.

X: Aquela Susana, ela é legal, acho tri, as novela que ela faz. (Xaiane)

Contudo, não se pode dizer que a comunicação foi afetada, pois, de forma geral, todas compreendiam as questões e mostravam desenvoltura para falar. Em nenhum caso obtive respostas monossilábicas ou lacônicas. Isso, de certo modo, surpreendeu-me, pois imaginava que as mulheres da ralé teriam alguma dificuldade para responder a entrevista. Pensava assim

porque, em minha pesquisa de mestrado, as mulheres – basicamente dessa mesma classe e um pouco mais novas, com idade entre 18 e 24 anos – tinham, frequentemente, dificuldades e vergonha. Por exemplo:

Li: Qual é a causa da pobreza no Brasil?

Le: Eu não sei.

Li: Mas por que tu acha que tem tanto pobre?

Le: Não sei. Sou meio ruim de pergunta. (Letícia) (SIFUENTES, 2010)

Em relação ao clima psicológico, Sierra (1998) afirma que sempre há um contrato implícito de comunicação, em que são postas expectativas, resistências e agendas ocultas, de onde podem surgir barreiras, bloqueando o acesso à opinião do entrevistado. O contexto refere-se às características do espaço e do momento em que se realiza a entrevista, que também pode trazer problemas para um acesso pleno ao pesquisado. Por isso, o autor faz recomendações: escolher espaços acolhedores, silenciosos, minimamente íntimos e, até certo ponto, familiares para o entrevistado, para estabelecer um clima de confiança que favoreça sua expressão. Logo em seguida, porém, suas sugestões ganham tom determinista: “Não obstante, caberia apontar que em nenhum caso o espaço deve ser o espaço produtivo nem tampouco território de domínio particular do investigador” (SIERRA, 1998, p. 315). Não há espaço para discussão. O autor é claro: em nenhum caso.

A partir dessa “recomendação”, refletimos acerca dos locais em que as entrevistas foram realizadas. Antes, é importante assinalar que, ao mesmo tempo em que se repete à exaustão que metodologia não é uma receita de bolo, ainda parece que, “lá no fundo”, alguns a entendem assim. Assim, acreditar que essa não será a configuração ideal, e, portanto, advertir que deva ser evitada, parece mais sensato que indicar a impossibilidade completa.

Para sustentar seu ponto de vista, Sierra argumenta que entrevistas não devem ser realizadas no ambiente produtivo porque nesse espaço o investigado não permitirá acesso à sua vida pessoal e, por não estar relaxado, não haverá prazer para a conversa, que o faria falar e com mais ânimo. Além disso, ele poderá ser continuamente interrompido por afazeres do trabalho.

Seis, das 36 entrevistas (três com cada uma das 12 pesquisadas) realizadas para este estudo, ocorreram em ambiente de trabalho. Em apenas um caso julgo que a entrevista tenha sido prejudicada pelo local. Primeiramente, não houve interrupções em nenhum caso, mesmo entre aquelas que estavam em horário de expediente, metade dos casos. Nessa situação, o envolvimento do investigado com a conversa provavelmente ficaria comprometido, visto que poderia haver quebras em momentos importantes da narrativa, assim como atenção dispersa.

Em todos os casos, pude comparar o comportamento da entrevistada no ambiente de trabalho e doméstico, e não percebi diferenças. No caso de Adriele, a entrevista foi feita na cozinha do local de trabalho, ambiente isolado do resto do prédio. Apesar de estar em horário de expediente, o momento era calmo, pois sua rotina no trabalho incluía uma dedicação à limpeza das salas de aula pela manhã, e a tarde ficava reservada apenas para manutenção. Já a primeira entrevista com Fátima foi na casa de uma de suas patroas, após concluir a faxina. Mesmo assim, a conversa levou quase duas horas, ela não resumiu respostas e não poupou os assuntos mais delicados. Lidianne foi entrevistada no salão de beleza, na sala de depilação, e permite contrariar a ideia de Sierra (1998, p. 315) de que “todo indivíduo se reconhece idealmente como sujeito unicamente no tempo que dispõe para si”. Lidianne talvez seja a entrevistada que mais se identifica com sua profissão. Ela passa quase 12 horas por dia no trabalho, e, embora a relação não seja de lazer, pode ser de prazer, de entendimento do espaço como lugar que possibilita a realização de seus sonhos. Certamente, se estivesse em um horário movimentado do salão ou em meio a requisições, a conversa seria dificultada. Conhecendo a rotina de funcionamento, ela indicou uma manhã, no início da semana, como a melhor oportunidade. Ao chegar ao trabalho no dia marcado, ela ligou confirmando que não tinha nenhuma cliente marcada e que me aguardava.

O caso em que julgo que a entrevista foi prejudicada se refere à primeira entrevista com Milena, da classe média, feita em seu local de trabalho após o fim do expediente. Achei que ela falava baixo, cuidava a linguagem em demasia, julgava suas respostas – “bem clichê isso”; “clichê de novo, mas, enfim”; “é meio preconceituosa a resposta”. Ao final da entrevista, ela comentou: “Ai, que vergonha. Tem alguém será? Tá ouvindo tudo que eu tô falando...” Entendi que seu comportamento estava relacionado a essa inquietação. Na entrevista seguinte, em sua casa, estávamos sozinhas, em espaço aconchegante e conforme todas as recomendações de Sierra, entretanto, ela permaneceu cuidando o tom de voz, a forma e o conteúdo das respostas. Entendi que ela é assim, ao menos com pessoas com quem não tem intimidade. Reservada, polida, provavelmente um traço de seu pertencimento de classe e de sua criação. Vive em um condomínio fechado na zona sul de Porto Alegre, em uma grande e bonita casa, relativamente isolada dos vizinhos. Entendo que a primeira entrevista foi prejudicada pelo espaço pelo fato de ela estar preocupada se estava sendo ouvida. Ao mesmo tempo, depois fiquei com a impressão de que estar sendo ouvida por mim já não lhe agradava.

Isso não quer dizer que não reconheçamos que o lar é, por excelência, o ambiente natural e mais íntimo das pessoas. Entendo, porém, que a complementariedade é bem vinda e

que a rigidez nas definições é prejudicial à pesquisa, fora de propósito quando se trata de investigação com pessoas.

Entendo que a qualidade da entrevista tem a ver com muitos fatores para além do espaço. De todo modo, o entrevistado precisa estar à vontade e confiante. Isso, muitas vezes, dá-se mais pela postura do entrevistador do que por outros elementos. Vejo a entrevista como o momento em que o investigador precisa “entrar” na história do entrevistado, mesmo que discorde de suas ideias. É preciso entender seu ponto de vista e seus motivos. Ouvi, por exemplo, muitas opiniões sobre homossexualidade ou sobre comportamento feminino com as quais não concordo, mas fiz um exercício constante de compreensão, não de julgamento. Da mesma forma, quando algumas entrevistadas diziam exatamente o que eu pensava sobre um tema, não podia externar um “bravo!”.

Enfim, fui, em diversos momentos, surpreendida pelas respostas das entrevistadas, não somente quando achava a resposta “inteligente”, mas muito quando a entendia como a mais verdadeira possível. Isso ocorreu, principalmente, com Rafaela, que foi o mais transparente e profunda que pôde, além de ter uma memória sobre novela que, imagino, impressionaria até o mais experiente dos pesquisadores sobre o tema.

5.2.2. Formulário

Formulário é um instrumento que permite ter acesso a dados mais objetivos sobre aspectos da vida do grupo estudado. O formulário construído para a investigação apresenta questões sobre elementos educacionais, econômicos e midiáticos, conforme apresentado no Apêndice E. Foi um instrumento complementar que permitiu coletar informações de forma sistemática e econômica. O conteúdo dos formulários colaborou de forma efetiva para a construção dos perfis e do mapeamento de consumo de mídia. Entendemos que informações tão específicas seriam mais difíceis de serem recolhidas com uma técnica como a entrevista, em que facilmente algum aspecto ficaria de fora da resposta.

Além disso, o caráter “objetivo” do formulário permitiu, por exemplo, verificar um dado como a renda familiar e pessoal de forma menos constrangedora para ambas as partes, uma vez que se sabe que muitas pessoas não gostam de revelar seus salários. Entre todas as entrevistadas, percebemos um embaraço, na revelação dos rendimentos, apenas por parte de Cíntia, que, junto com Milena, possui a maior renda familiar – de R\$ 15 mil, descontados os seus salários.

Na maioria dos casos, o formulário foi aplicado no segundo encontro, logo após a realização da entrevista acerca do consumo midiático. Em outros, ele foi o primeiro instrumento utilizado, especialmente quando a informante não teria tempo para responder a primeira entrevista – caso de Adriele e Mirela –, ou quando não havia certeza de que a respondente comporia o grupo estudado, servindo, assim, como sondagem. Foram os casos de duas trabalhadoras de uma fábrica de papel de Cachoeirinha, as quais foram contatadas como possíveis componentes do grupo das raladoras. No entanto, embora não recebessem mais que um salário mínimo, ficou claro que aquele era um emprego circunstancial. Em um dos casos, a jovem havia acabado de concluir o ensino médio e queria ganhar seu próprio dinheiro, mas tinha ensino médio completo, assim como seus pais, renda familiar superior a R\$ 4 mil, consumia TV fechada, assinava revistas, etc. No segundo caso, decidi incluir a informante no grupo das batalhadoras, já que, paralelamente a esse emprego, ela trabalhava como cabeleireira e seu marido era motorista. No entanto, ele não permitiu que ela participasse da pesquisa e tivemos que desmarcar o encontro e abortar sua participação no estudo.

5.2.3 Observação e diário de campo

Segundo Gil (2008), em uma observação, o mais usual é que se observe sujeitos, cenários e comportamentos. O foco da observação realizada durante a assistência de novela foi basicamente esses elementos: as reações das informantes – “o que as faz rirem, chorarem e se enfurecerem” (LINDLOF; TAYLOR, 2011, p. 135) –, a relação delas com os demais (pesquisadora e/ou familiares) e o ambiente doméstico.

Em uma experiência desse tipo realizada por Skeggs, Thumim e Wood (2008, p. 12), as autoras salientam que a técnica permitiu “capturar a interação dinâmica entre telespectador e programa televisivo como um evento acontecendo num momento particular, mais do que a pesquisa tradicional de recepção em que o dado é captado somente após a assistência”. No estudo, uma lista de diferentes episódios de *reality shows* é apresentada às entrevistadas, que escolhem um e assistem na companhia da pesquisadora, com gravação contínua em áudio. Na análise acerca do método, ressaltam que ele não torna os dados “naturais”, pois a presença da pesquisadora e do gravador não permitem, mas serve para observar alguns aspectos invisíveis nas entrevistas, especialmente no grupo de classe popular, que ficou mais à vontade do que na interação face-a-face. Além disso, frequentemente o envolvimento com o programa tira o foco da estranheza gerada pela situação de entrevista.

Como assinalam Skeggs, Thumim e Wood (2008), o momento mais dinâmico de relação com o produto estudado possibilita o acesso a dados distintos. Todavia, o design da técnica aplicada nesta pesquisa distingue-se do estudo relatado em dois aspectos: o gravador não foi usado e o programa foi assistido em seu tempo real de exibição. Sobre o primeiro, entendo que mesmo que se perca em precisão, ganha-se em naturalidade, tornando o encontro mais informal sem o gravador. Acerca do segundo, as informantes escolhiam o programa previamente, apontando, entre as novelas no ar, qual a preferida e se aquele seria o melhor horário para a observação. Assim, assistimos a *O cravo e a rosa*, em Vale a pena ver de novo, *Joia rara*, no horário das 18h, *Sangue bom*, às 19h, e *Amor à vida*, às 21h. Cada uma das novelas foi escolhida por mais de uma entrevistada. Não assisti a novela apenas com Mirela, já que ela não assiste a novelas.

Apesar de entender que a técnica permite, de fato, o acesso a dados diversificados, considero o conteúdo produzido pelas entrevistas bastante superior ao das observações para os objetivos da pesquisa, diferentemente do que avaliam Skeggs, Thumim e Woods (2008), para quem, em muitos casos, a técnica de assistência conjunta foi mais enriquecedora que as conversas. Entendo que isso se deu por dificuldades específicas vividas pelas investigadoras – elas relatam, por exemplo, o caso de uma entrevistada que praticamente não falava inglês e, assim, foi mais produtivo observar suas reações do que conversar com ela. Na verdade, vejo que o aspecto mais rico da observação da assistência da novela foi a possibilidade de conversar sobre diversos assuntos, entre eles, a novela, de forma mais aberta do que na entrevista. A observação propriamente das reações à novela foi aspecto secundário. Tanto que, em muitos casos, a novela já havia acabado e ficávamos conversando ainda meia hora ou mais. Assim, diria que a técnica serviu como uma boa “desculpa” para esse contato mais íntimo.

Uma observação de outro caráter, não estruturada ou planejada, foi realizada por meio do Facebook. Sou “amiga” de oito, das dez entrevistadas que possuem conta no site de rede social – Adriele e Fátima, que nunca usaram a internet, não possuem, e Lidiane e Mirela, que dizem usar a rede, não encontrei. Com algumas, inclusive, o primeiro contato e o agendamento se deu pelo Facebook – Camila, Gaia, Milena e Diná. Também ocorreu de, em mais de um caso – Cíntia e Milena –, enviarem pela rede uma ou duas respostas que não souberam dar durante a entrevista – questões sobre “típica mulher brasileira” e “personagem de que mais gostaram/se identificaram”. De modo geral, ainda, o Facebook permite que eu saiba sobre o que “andam fazendo”. Soube, por exemplo: que Gaia fez um cruzeiro recentemente; como foi a viagem de Camila para Nova York; como foi o casamento da irmã

de Cíntia; que Rafaela está noiva; que Diná foi a funcionária perfilada do informativo de sua empresa no mês de agosto, uma semana antes de nos conhecermos pessoalmente; que Diná está cada vez mais envolvida com a igreja evangélica, visto que suas postagens têm somente apresentado salmos; que o pai do filho mais novo de Xaiane não tem visitado o filho e não foi vê-lo no aniversário. Enfim, são exemplos para ilustrar o tipo de informação possibilitado pelo Facebook, importantes no que se refere ao pertencimento de classe.

Assim, a observação da rede foi complementar, e possibilitou que eu permanecesse em contato, direto (conversando via chat) ou indireto (acompanhando as postagens), com as informantes, após o fim dos encontros. Vale apontar que essa “amizade”, sendo uma via de mão dupla, também permitiu que elas soubessem mais sobre mim. Muito em função disso, desde a retomada da pesquisa de campo, em agosto de 2013, minha participação no Facebook tem sido discreta. Entretanto, não considero que esse contato seja prejudicial. As construções sobre o pesquisador por parte do pesquisado são efetuadas de qualquer maneira, como em qualquer relação interpessoal. Essa questão voltará a ser discutida na terceira seção deste capítulo.

Ainda no que se refere à observação, o diário de campo tem papel relevante. O diário de campo serve para documentar e tecer comentários acerca das observações feitas na pesquisa de campo, encaminhando, se possível, alguns elementos da análise. Se, de um lado, seu relevo para esse tipo de estudo é ponto pacífico, de outro, não há consenso sobre o modo como o diário de campo deve ser produzido. Conforme um estudo referido por Lindlof e Taylor (2011), antropólogos ouvidos diferem, por exemplo, sobre quando escrever, que forma deve ter e o que deve ser registrado em um diário de campo.

Nesta investigação, o diário de campo serviu para registrar as impressões após cada encontro com as entrevistadas. Embora grande parte deles tenha sido gravado, mesmo nesses, há expressões que não são gravadas em áudio e há impressões do “calor da hora” que valem o registro. Mesmo aquilo que se pode perceber nas gravações, como silêncios e entonações, é mais dificilmente observado ao se ouvir a entrevista posteriormente. Ademais, há uma parcela importante do contato com as mulheres que não compõe as gravações. É o primeiro encontro, a explicação sobre do que se trata a pesquisa, o aviso de que a entrevista será gravada, as conversas após a aplicação do instrumento, a despedida. Isso sem falar da observação da assistência da novela, em que, algumas vezes, pouco é dito e muito é observado. Na maioria das vezes, contudo, como foi destacado, muito é dito, mais do que “assistido”, no horário da novela.

Lindlof e Taylor (2011) discutem sobre quando é o melhor momento para fazer os registros de campo, e indicam que o período ideal é até 24 horas após o encontro, mas quanto antes, melhor. Na pesquisa, optei por fazer os registros no dia seguinte. Logo após a entrevista, sentia-me perdida sobre o tanto a escrever, e as anotações eram muito confusas. No dia seguinte, as memórias ainda estavam frescas, mas as ideias já estavam mais organizadas. Em muitos estudos etnográficos, o pesquisador busca registrar as falas da forma mais precisa para usá-las depois. Não tinha essa preocupação. A ideia principal era registrar impressões sobre os modos de falar, as casas, os familiares, as reações, a aparência, etc., visto serem elementos importantes para a compreensão de cada uma das classes. Os diários não servem, aqui, para nenhuma análise específica. Sua contribuição está na rememoração do percurso de pesquisa e das características de cada mulher.

5.3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE

A respeito da descrição e análise dos dados, apresentamos cada classe em capítulo específico, em que o grupo é estudado isoladamente. Para permitir mais clareza, cada capítulo apresenta a mesma estrutura e o mesmo tipo de descrição e análise. Evitam-se, na descrição de cada uma das classes, as comparações, pois queremos ter uma compreensão, primeiramente, individual e integral de cada um dos grupos. Identificamos que essa escolha permite um maior rigor no método comparativo, partindo-se de cada um dos casos para, posteriormente, incorrer em comparações.

Nas três partes referidas, as seções são organizadas em quatro “eixos”: apresentação das entrevistadas e suas características; modos de viver; modos de ver a mídia; e modos de ver a telenovela. Por modos de viver nos referimos àquilo tudo relacionado a suas vidas, da história às perspectivas de futuras. Já como modos de ver estamos nomeando aquilo que se refere ao consumo de mídia, em sentido abstrato, que pode significar “ouvir”, por exemplo.

A descrição das entrevistadas, especificamente, tomou como ponto de partida a definição de diversas categorias, resultantes das entrevistas, tais como: família, uso do tempo, educação, trabalho, posicionamento sobre gênero e sobre classe, felicidade e futuro, no âmbito dos modos de viver; na esfera de consumo da mídia, a divisão ocorreu basicamente entre mídia na infância, na adolescência e hoje; sobre os modos de ver a telenovela, destacamos as temáticas das recordações, o conhecimento da gramática; as preferências hoje; as representações de gênero e de classe.

Na descrição e análise, nos capítulos 6, 7 e 8, os dados foram apresentados de dois modos distintos e complementares: a) uma apresentação individual dos principais dados de cada entrevistada, assim como do consumo de mídia de cada uma; e b) uma descrição dos posicionamentos acerca das temáticas consideradas. Nesse segundo caso, parte-se das questões feitas nas entrevistas, reunindo-as em temáticas, e apontando qual o entendimento preponderante e diferencial em cada grupo.

Nesse sentido, entendemos como fundamental a exposição direta das falas das informantes, o que tem diversas implicações: compreender as similitudes e especificidades do discurso dentro do próprio grupo; conhecer a linguagem utilizada; permitir entender a análise apresentada. Além do mais, consideramos que as vozes das entrevistadas são a essência do trabalho empírico, dotando-o de emoção e fidedignidade.

Fazermos uso do discurso das pesquisadas, vale destacar, não é o mesmo que dizer que nossa interpretação sobre elas se restringirá a suas interpretações de si. Nesse sentido, nosso entendimento concorda com o de Jessé Souza, quando diz que,

[...] embora a informação fosse concedida pelo entrevistado, ela teria de ser reconstruída para que pudéssemos extrair uma verdade ‘além’ e ‘apesar’ da necessidade de autolegitimação do próprio entrevistado. Tomar a primeira declaração de qualquer entrevistado sobre si mesmo como verdade final é sempre ingênuo e conservador, posto que reflete apenas o interesse universal de legitimar sua própria condução da vida em relação ao mundo e a nós mesmos. É claro que a informação do entrevistado é fundamental. Mas ela tem de ser contextualizada para que percebamos os interesses – muitos deles ‘inconscientes’ e ‘pré-reflexivos’ – que produzem precisamente aquele tipo de resposta. É um método muito mais trabalhoso e arriscado, mas é o único que pode efetivamente ‘desconstruir’ a violência simbólica dos discursos dominantes e naturalizados e explicar a sutil introjeção e incorporação da dominação social e simbólica moderna. (SOUZA, 2009a, p. 435).

As falas são fiéis à linguagem de cada pesquisada, mantendo-se os erros de concordância e a maior parte das marcas de pronúncia. Em alguns casos, em que entendemos que as marcações não colaborariam com a análise, deixamos a grafia usual das palavras. Foi o caso dos verbos no infinitivo, que são transcritos conforme a norma, não havendo transcrições como “falá”, “comprá”, pois não vemos esse modo de falar como uma forma de expressão específica de uma classe, e sim, praticamente, a pronúncia usual dessas palavras no português. Lindlof e Taylor (2011, p. 215) tecem alguns comentários sobre a escolha de se manter ou não as marcas vocabulares dos entrevistados. Eles assinalam que as correções no modo de expressão acabam “escondendo aspectos do estilo discursivo ou da cultura do respondente”. Observam, ainda, que “editar o discurso de alguém para correção gramatical – ou,

alternativamente, deixá-lo assim – pode ativamente dar forma às impressões do leitor.” Conscientes dessas questões, e tendo em visto os objetivos que esse trabalho busca responder, que fizemos essa opção.

Ainda acerca da apresentação dos capítulos 6, 7 e 8, aproveitamos para elucidar alguns aspectos formais relativos à referência aos produtos de mídia citados pelas entrevistadas. Apresentamos em notas de rodapé informações acerca das produções midiáticas consumidas atualmente, e não de todas aquelas mencionadas, caso contrário, usaríamos esse recurso exaustivamente. Do mesmo modo, todas as novelas citadas receberam uma pequena nota descritiva para serem situadas. E, ainda, o ano de exibição da novela, assim como a nota, acompanha o nome da novela referida na primeira vez em que a mesma é citada. As notas foram produzidas a partir de fontes variadas, como as páginas das novelas, o site Memória Globo, sites das emissoras de televisão e de rádio, Wikipédia, etc.

Finalmente, o nono capítulo do trabalho é dedicado a desenvolver as comparações propriamente. Está organizado conforme os eixos e categorias que regem os demais capítulos teóricos: modos de viver, e modos de ver a mídia e a telenovela. Nesse capítulo, buscamos identificar as principais semelhanças e divergências entre os grupos, e, especialmente, perceber as relações do grupo de batalhadoras com as raladoras e a classe média. O objetivo é compreender o que, nessa classe que surge no contexto brasileiro recente como um fenômeno social importante, aproxima-se aos modos de vida, consumo de mídia e de telenovela de mulheres raladoras e de classe média.

6 CLASSE MÉDIA: “TEM QUE ESTUDAR, TEM QUE SE FORMAR, TEM QUE TRABALHAR, TEM QUE SER INDEPENDENTE.”

Este capítulo apresenta quem são Camila, Cíntia, Gaia e Milena, mulheres entre 27 e 29 anos da classe média. Elas são graduadas, respectivamente, em Serviço social, Fisioterapia, Letras e Publicidade e Propaganda. Todas são solteiras, apenas Gaia namora, e Cíntia, Gaia e Milena vivem com os pais. Todas moram em Porto Alegre, em bairros considerados de classe média: Cidade Baixa, Bom Fim, Petrópolis e Ipanema. Essas e outras informações estão presente nos perfis apresentados na primeira seção deste capítulo.

A seguir, descrevemos e analisamos as respostas das quatro mulheres na entrevista que abordou aspectos da vida delas, como pode ser observado no Apêndice B. Elas falaram sobre suas rotinas, experiências escolares, trabalho, planos, suas compreensões sobre classe social e o significado de ser mulher. Buscamos identificar características da classe média em seus modos de vida e compreender seus capitais culturais.

Na terceira seção do capítulo, pode-se conhecer o consumo de mídia das entrevistadas e suas principais memórias envolvendo meios de comunicação. Nesse sentido, a televisão mostra ter papel importante desde a infância delas, permanecendo presente no cotidiano hoje, embora perdendo espaço para a internet, considerada a mídia mais importante para as quatro. Elementos como a presença de revistas, ídolos e a chegada da internet, durante a adolescência, também recebem destaque.

No último item, identificamos as leituras de telenovela, conformadas ao longo de suas vidas. Não há foco em uma telenovela específica, pelo contrário, suas lembranças levam inclusive a produções de emissoras variadas – SBT e Record, além de Globo. As novelas de que falam foram apresentadas em todos os horários, da década de 1980 aos dias de hoje. A seção procura compreender elementos que envolvem suas memórias sobre o programa de ficção, assim como assistências e opiniões atuais.

6.1 QUEM SÃO

Camila tem 28 anos, é branca, solteira, não namora e não tem filhos. É católica não praticante, “mas já fui até tomar passe, bem coisa de brasileiro”. Mora sozinha, no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre. É assistente social, atuando como servidora técnico-administrativa de nível superior da UFRGS. É graduada em Serviço Social pela Unijuí e

mestre em Serviço Social pela PUCRS. Iniciou, em março de 2014, o curso de doutorado na mesma área e instituição do mestrado.

É natural de Ijuí, no noroeste do Rio Grande do Sul, mas conta que nunca morou na cidade. Morou por poucos anos em Panambi e depois sua família se mudou para Santo Ângelo, onde viveu até o final da faculdade e onde seus pais ainda residem. Depois, mudou-se para São Borja, onde trabalhou na prefeitura da cidade, por indicação de uma ex-professora. Pouco tempo depois, veio para Porto Alegre para fazer mestrado na PUCRS, permanecendo dois anos na cidade – “no mestrado eu dividi um apartamento de um quarto com quatro pessoas” – e, depois de concluir o curso, retornou para São Borja, dessa vez como servidora da Unipampa, após ser aprovada em concurso para sua área. Por meio de outro concurso para servidora federal de nível superior, passou a trabalhar na UFSM-CESNORS, em Frederico Westphalen, onde permaneceu um ano e meio, até lograr transferência para uma instituição federal em Porto Alegre, para onde se mudou há dois anos.

Sua mãe possui ensino médio e seu pai ensino superior em Direito. Quando criança, seus pais trabalhavam no Banco do Brasil. Devido a uma lesão por esforço repetitivo crônica, sua mãe se aposentou por invalidez. Seu pai, após ser transferido pelo banco para Porto Alegre, e tendo sua família permanecido em Santo Ângelo, acabou aderindo ao Programa de Demissão Voluntária do Banco do Brasil. Com o dinheiro que recebeu, comprou uma farmácia, mas logo a vendeu. Pouco tempo depois, foi aprovado em concurso para advogado da prefeitura de Santo Ângelo, função que ocupa hoje, mesmo após ter se aposentado.

Ela é a caçula de três filhos. Seus dois irmãos mais velhos são graduados em Jornalismo, sendo que o do meio cursa doutorado em Comunicação. Ela conta que chegou a cursar um semestre de Comunicação, mas que ao ter a cadeira de Sociologia decidiu trocar de curso. “Eu era a única da minha turma que gostava de sociologia, e falava mal do capitalismo. Daí não dava né, não ia ser a coisa tão certa publicitária, e daí eu resolvi mudar.” Naquele semestre, a faculdade onde estudava estava abrindo o curso de Serviço de Social, e refletiu que seria sua melhor escolha.

Estudou sempre em escola particular. Já fez curso de línguas – inglês. Mora em apartamento alugado. Tem carro, ano 2010. Seus lazeres preferidos são assistir TV, tomar chimarrão no parque Redenção e ir a barzinho com os amigos. Como técnica-administrativa de nível superior com mestrado, seu salário é de cerca de R\$ 5 mil.

Em suas palavras, apresenta-se da seguinte forma: “Eu sou Camila... Meu nome é Camila, tenho 28 anos, sou assistente social, é uma coisa que eu digo, no que eu trabalho... Acho que é, sei lá. Meu nome, Camila, assistente social, de onde eu sou, Santo Ângelo...”

Sobre os gostos, destaca: “Eu gosto de MPB, eu gosto de sentar em bar e beber, não gosto de festa muito agitada, com muita gente, ãh... Eu sou uma pessoa que... eu já fui mais tímida, agora eu não sou tanto, mas não sou muito boa com as palavras ainda.”

Cíntia tem 29 anos, é branca, solteira, não namora e não tem filhos. É católica não praticante. Mora com os pais, no bairro Bom Fim, em Porto Alegre. É fisioterapeuta, atuando como servidora pública em município da região metropolitana de Porto Alegre. É graduada em Fisioterapia pela Ulbra e especialista em fisioterapia do trabalho. Atualmente cursa o quinto semestre da graduação em Análise de Políticas e Sistemas de Saúde, na UFRGS.

Nasceu em Canoas, na grande Porto Alegre, e viveu na cidade até os seis anos. Depois, morou em Três Coroas e Novo Hamburgo, voltando, então, a residir em Canoas, de onde se mudou para Porto Alegre em 2013. Na primeira entrevista, em junho de 2012, demonstrava a vontade de se mudar logo para a capital: “Eu vou vir morar em Porto Alegre ano que vem, graças a Deus!”.

Seus pais têm ensino médio completo. Sua mãe é dona de casa e seu pai é bancário aposentado e atualmente possui uma empresa de fomento mercantil (factoring). Tem uma irmã mais velha, graduada em Desenho Industrial e concluindo o curso de Direito, o qual decidiu fazer após passar a ser funcionária do Tribunal Regional do Trabalho, através de concurso para nível médio.

Estudou sempre em escola particular. Já fez curso de línguas – inglês. O apartamento de seus pais é próprio, mas pretende comprar um apartamento e passar a morar sozinha em 2014. Tem carro, ano 2012. Seus lazeres preferidos são encontrar com amigos, de preferência em lugares ao ar livre, e fazer compras para a casa nova da família. Como funcionário municipal de nível superior, seu salário é de R\$ 2,7 mil. A renda familiar é de R\$ 15 mil.

Apresenta-se dizendo: “Hoje eualaria que eu sou a Cíntia, tenho 28 anos, sou fisioterapeuta, mas tô cursando uma outra faculdade, que me interessa mais, que me agrada mais, que eu pretendo trabalhar nessa área. Sou solteira, moro com os meus pais ainda, mas com planos breves de ser mais independente.”

Gaia tem 27 anos, é branca, não tem filhos, é solteira, namora um estudante de doutorado em Biologia Molecular que está realizando o curso no Japão. Considera-se agnóstica. Mora com a mãe, no bairro Petrópolis, em Porto Alegre. É tradutora e revisora textual, sem vínculo empregatício. É graduada em Letras – Inglês pela UFRGS e atualmente cursa licenciatura em Dança na mesma universidade.

Nasceu em Porto Alegre, mas viveu em São Leopoldo, na região metropolitana, até os 19 anos, quando se mudou para a capital gaúcha, junto com a mãe, para fazer a faculdade. Sobre a experiência de mudança de cidade, conta: “Eu considero que enquanto eu morava em São Leopoldo eu tinha uma experiência de mundo, digamos, que era mais fechada [...] e quando eu vim pra Porto Alegre isso mudou radicalmente [...] a partir de Porto Alegre eu já tive uma outra visão de mundo e outras experiências”.

Seus pais são separados há 10 anos. Sua mãe é graduada em Letras e em Direito e possui mestrado em Letras. Trabalha no setor jurídico de uma universidade. Seu pai é engenheiro mecânico na Petrobrás. Tem uma irmã gêmea, que mora com o pai em São Leopoldo e cursa Educação Física.

Estudou sempre em escola particular. Já fez curso de línguas – inglês. O apartamento onde mora com a mãe é próprio. Tem carro, não sabe precisar o ano. Seus lazeres preferidos são assistir TV e passear no Parque Redenção. Seus rendimentos mensais não são fixos, girando em torno de R\$ 1,2 mil. Não colabora com as despesas da casa, que são pagas pela mãe, que tem salário de cerca de R\$ 5 mil.

Para se apresentar, diz que “sempre pensaria em falar por esse aspecto de profissão, assim. Eu não sei se isso é os que as pessoas geralmente fazem, mas eu sempre penso em dizer ‘ah, o meu nome é Gaia, eu tenho tantos anos, sou tradutora e trabalho com dança’”. Complementa, afirmando: “Se eu tivesse que me definir, eu sou uma pessoa que me interesso por língua, literatura e dança, uma coisa assim, um bom resumo sobre o que eu sou.”

Milena tem 29 anos, é branca, não tem filhos, é solteira e não namora. É católica não praticante. Mora com os pais, no bairro Ipanema, em Porto Alegre. É publicitária, e trabalha como funcionária pública de nível superior em uma fundação do estado. É graduada em Publicidade e Propaganda pela PUCRS e possui especialização em Marketing. Está estudando para prestar outros concursos com salário mais elevado que o seu atual, “ah, dez mil pra cima”.

Nasceu em Santo Ângelo, no noroeste do estado, mas quando ainda era recém-nascida a família foi para Recife, onde o pai assumiu um emprego no Banco Central. Aos dois anos, mudou-se com a família para Porto Alegre. Durante o período da faculdade, trancou o curso por um semestre e foi morar com uma amiga no Rio de Janeiro. Pouco tempo depois de formada, morou um ano em Londres para estudar inglês.

Seus pais possuem ensino superior completo. Sua mãe é graduada em Matemática, área em que atuava como professora do estado, de onde está aposentada. Seu pai é graduado

em Ciências Contábeis e hoje está aposentado do emprego que tinha no Banco Central. Tem um irmão mais velho, que vive no Mato Grosso e trabalha como engenheiro.

Estudou sempre em escola particular. Já fez curso de línguas – inglês, espanhol e francês. A casa onde mora com os pais é própria, adquirida há 20 anos. Tem carro, ano 2009. Seus lazeres preferidos são sair com os amigos, ir a barzinho e passear no calçadão de Ipanema. Como funcionário estadual de nível superior, seu salário é de R\$ 3,5 mil. A renda familiar é de R\$ 15 mil.

Apresenta-se da seguinte forma: “Eu me definiria como uma trabalhadora meio concurseira, né? Tô trabalhando num emprego público mas, enfim, queria até sair de Porto Alegre, alguma coisa, como esse é do estado, teria que ser alguma coisa, um outro concurso”.

6.2 MODOS DE VIVER

A rotina das quatro mulheres da classe média inclui trabalho e estudo em todos os casos. Entre elas, Gaia é a única que é autônoma, trabalhando em casa como tradutora – inglês-português/ português-inglês – e revisora de textos. “Eu procuro ter uma rotina estável pra não ficar muito sem regras”, relata. Assim, mesmo quando não tem um volume grande de trabalho procura manter os horários das atividades de trabalho, estudos e lazer. Para isso, diz que cria compromissos, como o yoga duas vezes por semana, pra manter uma rotina de horários e atividades. Além do trabalho em casa, tem aulas do curso de Dança, duas ou três vezes por semana. Cíntia, que, assim como Gaia, cursa uma segunda graduação, divide o tempo entre o curso de Análise de Políticas e Sistemas de Saúde, à noite, e o trabalho como fisioterapeuta de um município na região metropolitana, onde cumpre 30 horas semanais. Cíntia conta que consegue ânimo para estudar por causa da identificação que tem com o curso: “Nessa aí eu me encontrei. Ou tu tem um foco muito ‘bom, eu quero me formar pra isso’, ou é porque tu gosta muito, ainda mais já tá trabalhando em outra área. Mas nessa graduação foi que eu me encontrei.”

Camila e Milena possuem carga horária semanal de 40 horas de trabalho. A rotina de trabalho de Camila, que é funcionária pública federal, varia conforme o dia da semana, havendo dias em que ela faz mais do que oito horas para poder ficar ao menos um turno por semana em casa. Atualmente, sua categoria reivindica a redução da carga horária semanal para 30 horas. Milena, que também trabalha no serviço público, em fundação do governo do estado, tem horário fixo: de segunda à sexta das 9h às 18h.

No momento das entrevistas, as duas mantinham uma rotina de estudos em casa, Milena estudando para outros concursos públicos e Camila se preparando para a seleção do doutorado, na qual foi aprovada, assim como para alguns concursos públicos, mas com hábitos menos sistemáticos que os da publicitária. Desde março deste ano, Camila concilia o trabalho com o doutorado em Serviço social. Milena procura sempre estudar após chegar em casa do trabalho e quando não o faz acorda mais cedo para não deixar acumular conteúdo. Ela faz cursinho preparatório online para ajudá-la na disciplina de estudos. “Eu não sou uma pessoa disciplinada naturalmente, tem que montar uma tabela de horário, tem que acordar cedo, tem que cumprir, se deixar de qualquer jeito eu não faço.”

Milena percebe que a disciplina não é um “dom inato” dela, demandando organização e esforço para suprir essa falta. Pela sua fala, nota-se que ela pensa que poderia ser natural. Conforme a análise de Freitas (2009), a disciplina e o raciocínio prospectivo são basais para o sucesso escolar e, por consequência, profissional.

Apenas os sujeitos que tiveram uma socialização capaz de desenvolver neles uma identificação afetiva com o conhecimento, concentração para os estudos, disciplina, autocontrole e capacidade de pautar suas ações no presente a partir de um planejamento racional do futuro são capazes de incorporar conhecimento para se inserir no mundo do trabalho qualificado e ser úteis e produtivos à sociedade. (FREITAS, 2009, p. 288).

São essas disposições fundantes que encontramos em Milena e nas demais entrevistadas da classe média. A busca por qualificação se faz presente para que possam alcançar o sucesso na carreira, em termos financeiros e de satisfação pessoal, como fica claro nos casos de Cíntia e Gaia, que cursam uma segunda graduação com as quais verdadeiramente se identificam.

Nenhuma delas relata dedicar algum tempo para tarefas domésticas ou outras obrigações além de trabalho e estudo. Em relação a atividades de lazer, a única que citam realizar durante a semana é assistir a TV. No fim de semana, entre as atividades favoritas está tomar chimarrão na Redenção, parque próximo à casa de três delas, ou no calçadão de Ipanema, que beira o lago Guaíba, próximo à casa de Milena. Programas com os amigos são citadas por todas elas. A família, por sua vez, não está envolvida em nenhum dos passatempos citados pelas informantes, embora três delas morem com os pais. Apenas Cíntia não menciona assistir a TV entre as atividades que ocupam seu tempo livre. Para Milena, “ficar jogada o dia inteiro no sofá assistindo TV, de vez em quando, é bom também”.

Nas histórias apresentadas por Freitas (2009), as lembranças da escola para os jovens e adultos da ralé ouvidos por ela são muito negativas. Mostram que as principais memórias se

referem às notas baixas nas provas, à dificuldade de concentração, ao desprezo que recordam terem sofrido por parte de alguns professores. A partir disso, questionamos as entrevistadas sobre suas principais lembranças da escola. As recordações delas remetem às boas notas, sem nenhuma experiência de repetência, e às amizades, muitos delas cultivadas até hoje.

Eu ia bem, eu gostava de estudar. [...] Eu lembro mais quando eu já era adolescente, tipo quando eu tava no ensino médio, que era mais divertido. Os meus amigos, muitos dos meus amigos de hoje são meus amigos do colégio ainda, do ensino médio. [...] A gente passava conversando, tagarelando. Daí no ensino médio, a gente saía, fazia festinha, daí na segunda-feira a gente comentava as festas do final de semana e passava o resto dos dias da semana planejando o que a gente ia fazer. Era legal, bons tempos. (Camila)

Eu estudei em algumas escolas, porque o meu pai, a gente mudou de cidade algumas vezes, mas... Lembrança de escola, eu sempre tive facilidade, eu chegava em escola nova e no primeiro dia já saía cheia de amigas, não tinha problemas... não era tímida, sempre tava metida nas coisas e apresentava coisa na escola. Tenho lembranças boas, me diverti bastante, assim, foi um tempo bom, não tenho traumas da época da escola. (Cíntia)

A minha irmã era sempre a mais inteligente da turma, e eu era a segunda mais inteligente da turma. Mas eu sempre fui mais sociável que ela, eu não era a mais inteligente, mas eu tinha mais amigas. Eu me lembro, assim, que a gente foi muito certinha de estudar, fazer tudo que o professor manda. (Gaia)

A gente tinha uma rotina, não vou dizer rígida, mas de escola, que a gente tinha horário pra estudar bem definido, desde pequenininho. Óbvio que tinha o turno da escola, e fora desse turno a gente tinha um horário pra fazer as lições, também não era tanta lição quando tu é pequenininho, mas enfim... (Milena)

Assim, a escola, particular em todos os casos, parece ter sido um local agradável para todas. O papel da família fica especialmente claro na fala de Milena, que recorda a organização dos horários em função da escola. Vale refletir, ainda, que todos os pais cursaram no mínimo o ensino médio completo. Em dois casos, tanto pai quanto mãe têm ensino superior, e, em outro, o pai. As quatro informantes têm um ou dois irmãos, e todos também são graduados. Assim, há, ao menos no que se refere à posse do título, o exemplo familiar para o estudo. Freitas (2009) salienta a centralidade do exemplo dos pais e da relação da família com o conhecimento para o sucesso das cobranças escolares. Caso contrário, os conselhos se tornam discurso da “boca pra fora”, que têm pouco efeito.

Outra questão teve o objetivo de entender o papel da educação para as mulheres ouvidas, o que também pode ser percebido em outros momentos das conversas e da convivência. Como Camila revela: “foi muito natural”. A sua fala, de certa forma, sintetiza o que foi dito pelas entrevistadas da classe média, demonstrando que o estudo é fundamental e,

de certo modo, parece inimaginável para elas uma vida em que elas não tivessem cursado o ensino básico e mesmo o ensino superior. “Não sei onde eu estaria se eu não tivesse estudado” (Camila); “Tu tem que estudar, isso é imprescindível” (Gaia). Não citam nenhum ensinamento específico como “você precisa estudar para ser alguém na vida”. Ao que parece, essa noção estava mais presente em atitudes, cobranças e exemplos cotidianos do que propriamente em um conselho.

Fica clara a relação que fazem entre o que estudaram e o que são, não somente profissionalmente, mas no que se refere à visão de mundo.

Antigamente eu pensava muito que a gente estuda porque tem que estudar [...]. Pra mim não era uma satisfação pessoal fazer isso [...]. Hoje, nessa graduação, eu entendi que não, que é possível pra um crescimento meu, que eu mudei muita coisa em mim por causa disso. (Cíntia)

Eu sempre vi isso bem forte, do estudo como aquilo que define realmente o teu caráter e o teu futuro. [...] Essa é uma parte da minha educação bem fundamental, como uma maneira até de te construir, digamos. (Gaia)

Camila, que é formada em Serviço social, conta que por causa da seleção do doutorado voltou a ler textos de sua área e que, embora considere as reflexões importantes, elas a deixam pessimista. Acaba desenvolvendo um pensamento que relaciona “ignorância” e felicidade.

Eu não ia ter a visão de mundo que eu tenho hoje... Eu ia ser mais feliz (risos), no sentido que eu não ia pensar tanto, que triste isso (risos). Essa última semana, que eu voltei a ler textos do serviço social, que fazem uma análise da sociedade, eu começo a ler e começo a me deprimir de alguma forma, no sentido que eu fico muito pessimista, que nada tem solução. Daqui a pouco, eu acho que se eu não tivesse feito faculdade, se eu tivesse terminado, parado no ensino médio, eu iria trabalhar como balconista, ia trabalhar numa loja, e não ia pensar nessas coisas, e tudo ia ser mais fácil... ou não, talvez financeiramente seria mais difícil. (Camila)

Antes de decidirem as áreas que gostariam de seguir e de precisar escolher o curso para prestar o vestibular, as entrevistadas demonstram que já tiveram ideias bem distintas das que têm hoje para sua vida profissional, citando outros trabalhos que entendem hoje como fantasiosos. “Quando eu era criança, criança, eu queria ser muitas coisas, até empregada doméstica eu queria ser.” (Camila); “Eu tive um grande sonho durante muito tempo que eu queria ser caixa de supermercado, durante muito tempo, e a minha mãe me deu aquela caixa de supermercado e eu adorava, adorava isso, durante muito tempo foi. Até eu descobrir que...” (Cíntia). Gaia e Milena queriam ser professoras, assim como suas mães. Depois, quando adolescentes, as carreiras se tornam mais ambiciosas: Camila queria ser promotora e Milena, médica.

Hoje, as quatro não têm certeza sobre qual seria o “trabalho dos sonhos” para elas. Milena ressalta que não sabe qual seria esse emprego ideal: “Eu não sei te responder, não sei. Não sei te responder.” Sabe, no entanto, que seria um emprego público, com salário de mais de R\$ 10 mil, e que não precisaria ser na área de sua formação, Publicidade. “Eu tenho pensado mais na remuneração do que em uma função, eu acho que a gente vai se adaptando. Minha preocupação maior é ter uma renda que me dê uma qualidade de vida, óbvio que eu não vou fazer uma coisa que eu ache que me agrida.”

Cíntia conta que está “construindo” sua ideia sobre no que realmente gostaria de atuar. Relata que, diferentemente de alguns atrás, hoje não pensa que “‘nossa, preciso ganhar 15 mil reais’. [...] Não, não é a minha prioridade, assim, quero, claro que quero ganhar bem, mas não é ‘ah, meu Deus, preciso ganhar tanto’, não, eu acho que eu quero ser valorizada.” Por meio da graduação que está cursando atualmente, vislumbra uma nova ideia sobre um futuro trabalho, algo relacionado a planejamento e gestão de políticas de saúde.

Camila, Cíntia e Milena não consideram a possibilidade de trabalhar na esfera privada, todas têm clareza de que querem, assim como hoje, atuar na área pública. A preferência de Camila seria trabalhar como assistente social na área jurídica, talvez em processos relativos à adoção. Ou, então, “trabalhar de fiscal de alguma coisa”, função pela qual se interessou ao ver um edital do Ministério do Trabalho, para qualquer curso de ensino superior. Gaia afirma que sabe que gostaria de permanecer trabalhando em casa, por um tempo, “o trabalho em si eu não consigo pensar em nada específico, mas eu sei que eu não gosto dessa ideia de trabalhar das oito as seis num lugar, isso eu acho muito mortal”. Em outra resposta, como será abordado a seguir, diz que pretende seguir carreira acadêmica na área de dança.

Das quatro mulheres, apenas Gaia diz se considerar bem sucedida no que faz, apesar de ser a que recebe menos entre elas, a única sem salário fixo. “Eu gosto do que eu faço hoje. [...] Eu me considero [bem sucedida] (risos), apesar de não ser uma pessoa que ganha... não tenha uma renda fixa respeitável, mas eu me considero bem, eu penso em mim mesma muito bem.” De acordo com sua resposta, percebe-se que sua análise leva mais em conta seu desempenho e o bem-estar gerado pelo trabalho do que uma perspectiva de reconhecimento social ou de satisfação financeira, como ocorre entre as outras informantes da classe média. Sua satisfação com o trabalho não significa que ela queira permanecer fazendo o que faz hoje. “Eu só tenho uma coisa de ter muitos interesses ao mesmo tempo e não saber muito bem focar a energia. [...] Eu fico meio dando tiro pra tudo que é lado [...]. Daí a minha nova ideia é tentar seguir carreira acadêmica na dança, de um dia ser professora universitária na área de dança.”

Camila, Cíntia e Milena, ao serem questionadas se consideram a si mesmas bem sucedidas profissionalmente, respondem “não”. Milena gosta do trabalho que faz, dos colegas e do clima em seu setor. “Gosto, não morro de amores, mas eu gosto. Gosto do clima aqui, o trabalho não é um trabalho estressante, que te desgasta, tu vem aqui e faz a tua carga horária, não precisa se descabelar pra resolver as coisas, tu tem suporte pra fazer tudo, e a gente formou uma turma bem legal aqui.” Todavia, fica claro que gostaria de ganhar mais que os R\$ 3,5 mil de salário atual. “Eu acho que eu posso galgar alguns degrauzinhos a mais”. No caso de Cíntia, sente falta de ser valorizada, no que se refere aos chefes e ao salário, “não me sinto reconhecida, eu e todo o meu entorno”.

Cada uma das informantes apresenta uma explicação diferente sobre o que entende por classe social. Gaia e Milena mostram que têm uma compreensão de classe relacionada à renda, sendo que Milena também menciona aspectos relacionados ao consumo. “Eu acho que eu relaciono com renda... aquela coisa mais de faixas de renda, imediatamente eu penso nisso.” (Gaia); “Sociedade dividida por renda, por bens, aquisição de bens, são critérios que se define pra isso.” (Milena). Camila e Cíntia têm um entendimento que abrange outros elementos além do econômico. No caso de Camila, que trabalha diretamente com esse conceito, sua aproximação à noção de classe parte da teoria marxista.

Classe social é classe social, né? Tem o proletariado, agora eu vou falar em linguagem de serviço social marxista, o proletariado e os proprietários do capital, são as duas classes sociais, né? A burguesia e o proletariado, a forma como se divide a sociedade atual. (Camila)

Classe social? Ah... Eu não vejo limitada à questão econômica, assim... Eu não vejo só como uma questão econômica, eu vejo como um conjunto de fatores, eu vejo como uma coisa mais global. (Cíntia)

Gaia diz que reconhece as pessoas de classe mais baixa, por exemplo, pela necessidade de trabalhar para ajudar em casa. “Isso parece que determina que a tua família precisava da tua renda extra. Que nem no meu caso, eu não preciso trabalhar pra ajudar a minha família, claro que se eu não trabalhar eu vou ter uma renda limitada.” Essa, para ela, seria a diferença entre ela e alguém de classe alta, que teria dinheiro para usufruir mesmo sem trabalhar. Já Milena pensa que um das principais formas de reconhecer a classe social de alguém é pela linguagem usada. “É meio preconceituosa a resposta... Sei lá, talvez o linguajar, falar um português mais erradinho, eu tenha a tendência a classificar numa classe mais baixa, talvez as vestimentas...” Vale observar que Milena foi a que se expressou mais corretamente, em termos de emprego da língua, nas entrevistas, demonstrando uma preocupação constante em “falar bem”.

Ao ser solicitado que elas se classificassem em uma classe, todas afirmaram fazer parte da classe média⁷⁰. Contudo, elas não se mostraram à vontade em apontarem de que classe fazem parte. “Classe média, quem sabe.” (Camila); “Ixi. Ai, não sei, qual classe social? [...] Bá! Bá, essa eu vou pular, vou pensar mais... [...] Sei lá, média?” (Cíntia); “Eu tô pensando em classe média, nessa questão de renda.” (Gaia); “Classe média, classe média alta eu acho.” (Milena). Milena foi a única que indicou a classe média alta. Camila, fazendo uso da teoria marxista, também afirmou que pode ser considerada membro do “proletariado, porque eu não sou proprietária de nada”.

As definições sobre “o que é ser mulher” variaram muito de uma entrevistada para a outra, notadamente em relação aos parâmetros usados para essa apresentação: se em um plano psicológico, das características mais importantes, das diferenças para os homens, em relação às cobranças da sociedade, etc. Entretanto, nenhuma descreveu o “ser mulher” através de uma vinculação com papéis “mais tradicionalmente femininos”, como os de mãe, esposa e dona de casa.

Diriam os meus colegas psicólogos, é ser histérica. Né? [...] Se fosse um pouco antigamente eu podia dizer que é difícil ser mulher, que a sociedade é machista, e ainda é, muito machista. [...] Se bem que eu acho que os homens hoje em dia são muito mimimi (risos), as mulheres tão meio enlouquecendo, meio tomando conta, e os homens tão ficando assustados, não sei... (Camila)

Eu acho que é ser independente, pra mim isso é bem forte assim, ser independente, ser... eu acho que o principal é ser independente, pra mim. (Cíntia)

Eu sou meio feminista no sentido que, hoje eu penso né, que essa coisa de que gênero é uma performance, então, ser mulher pode ser várias coisas, né? Dependendo da pessoa. E aí eu penso que, pra mim, eu nem sei... porque eu não vejo muito diferença de ser mulher e ser homem, eu não consigo pensar. [...] Eu não consigo relacionar diretamente com algum elemento de definição... eu não consigo ter alguma coisa que marque. (Gaia)

Ai, meu Deus! Que é ser mulher? [...] Acho que existe uma cobrança maior, em relação ao homem, bem clichê, mas essa coisa de ser mãe, de ser profissional, de ser esposa, de ser isso, e o homem mais voltado pra uma coisa, acho que se ele for bem sucedido profissionalmente, por exemplo, acho que ok, um homem de sucesso. A mulher tem que ter uma família, tem que ter filhos, tem que ser uma boa dona de casa, enfim, boa profissional. Eu acho que existe mais cobrança pra mulher ou existe um peso maior... (Milena)

⁷⁰ Apesar de a autoidentificação ser um dos métodos possíveis para a divisão de classes, como apresentado no capítulo 2, e de a classificação das entrevistadas ser a mesma realizada pelas pesquisadoras, esse não foi um critério utilizado no estudo.

Embora o tema da maternidade não tenha sido trazido pela entrevistadora, ele apareceu nas questões sobre ser mulher, aspectos importantes para ser feliz (ou sem importância) e sobre como imaginam suas vidas em 10 anos, essas últimas a serem exploradas na sequência. Houve uma significativa consonância nos modos de entender a maternidade pelas entrevistadas. Do mesmo modo que nenhuma das mulheres afirmou, categoricamente, não querer ser mãe, nenhuma apontou, ao menos explicitamente, que ter filho seja essencial para ser feliz. Camila e Cíntia, contudo, afirmaram que querem ser mães, enquanto Gaia e Milena disseram que não desejam, embora deixem claro que podem mudar de ideia. Conforme Milena observou, esse “desinteresse” na maternidade no momento pode estar relacionado ao fato de ela ser solteira, assim como as demais do grupo – não são casadas e apenas Gaia namora.

É que eu adoro criança, mas ao mesmo tempo eu acho assustador, carregar alguém dentro de ti, e é uma coisa muito louca, imagina ter um filho e... sei lá, aquela pessoa depender de ti durante um tempo, mas depois cresce e faz o que quer [risos], e não quer mais te obedecer, e se tu perde, e o medo da perda, e o medo que a criatura fique doente, querer superproteger [...] É muito difícil! (Camila)

Eu quero ser mãe, assim, é uma coisa que eu penso, mas eu acho que se isso não acontecer, eu não vou ser uma mulher frustrada, uma coisa assim. Isso não é uma prioridade na minha vida, ‘ai, eu quero casar e ter filhos’, não. (Cíntia)

Agora eu não penso em ter filhos, não é parte dos meus planos. [...] Eu me questiono isso frequentemente, que eu tenho uma ideia que até uns 35, 36 é o ideal pra ti tentar ter filhos, depois é mais complicado. E todo ano eu me pergunto eu quero ser mãe ou não’, por enquanto a lista do não tá maior, eu não quero ser mãe a princípio. (Gaia)

Hoje eu não penso em ser mãe, por exemplo, não sei se eu gostaria ou não, mas eu acho que o mundo se me visse, digamos, bem sucedida profissionalmente e não tivesse uma família, essa coisa, eu acho que teria uma falta, a mulher incompleta, não sei, talvez. [...] Eu tô tão focada em outra coisa, que não me preocupa isso hoje, sinceramente, não ocupa os meus pensamentos essa questão, talvez daqui um tempo, quando a idade for batendo, tem essa pressão do tempo e tudo, mas hoje não me afeta em nada. (Milena)

Elas também negam ver o casamento como um “sonho” ou uma prioridade. Para Camila e Milena, porém, ele é mais importante que a maternidade. “Eu tenho medo de ficar sozinha, eu não queria ficar sozinha. O meu problema é que eu sempre foco mais na questão profissional. [...] Só casada sem filhos eu ia tá feliz.” (Camila). Já Cíntia manifesta que ser mãe é mais importante que casar, e descarta a possibilidade de casar na igreja. “Casar, por exemplo, é uma coisa que não passa pela minha cabeça, casar na igreja, não. Agora que a

minha irmã casou, nossa, eu vi aquilo assim, nunca, sabe? Nunca, pra mim não faz sentido aquilo, nenhum.” (Cíntia).

Entre as piores e as melhores coisas das vidas das entrevistadas hoje, o local onde moram aparece nos dois polos. Para Camila, o melhor é estar morando em Porto Alegre, pois se considera feliz na cidade. Ao mesmo tempo, aponta como o aspecto mais negativo o fato de estar distante da família, que mora em Santo Ângelo, a cerca de 400 km. Destaca o trabalho como o segundo elemento que mais a deixa insatisfeita. Cíntia também aponta o trabalho como a segunda pior coisa de sua vida. Como primeira, cita, assim como Milena, ainda morar com os pais. Por outro lado, morar com a mãe, no local onde vivem, é o melhor para Gaia. O que mais a incomoda é o sentimento de insegurança em relação a fazer suas próprias coisas – cita o exemplo de viajar sozinha, que a deixa nervosa. O melhor para Cíntia é estar fazendo a graduação em Análise de políticas e sistemas de saúde e o momento com os amigos, pois como vários deles também estão solteiros, “ainda não estão casando”, favorece para fazerem mais coisas juntos. Apesar de querer se mudar, para conquistar mais autonomia, a família é a melhor coisa para Milena.

Como prioridades para uma vida feliz, as mulheres não fazem retratos “idealizados” da felicidade, ou em que precisem cumprir todos os papéis da mulher moderna para alcançarem uma satisfação. Camila elenca como suas prioridades saúde, dela e da família, paz, dinheiro e um amor. Cíntia diz que não pode ter angústias ou grandes expectativas, bastando estar “tranquila”. Afirma que “claro que é legal tu tá com alguém”, mas que não é essencial. Gaia, em resposta que se aproxima à de Cíntia, considera que é preciso estar “bem consigo” e não ter preocupações como ““ai, nossa, eu tenho que ser rica pra ser feliz””. Milena deixa claro que sua felicidade depende do sucesso profissional.

Por fim, as quatro mulheres imaginaram como desejam que sua vida esteja daqui a 10 anos. Se não há um retrato “idealizado”, no sentido de “contos de fadas da mulher moderna”, do considerado essencial para ser feliz, o que mesmo não pode ser dito sobre os planos de vida, nomeadamente no caso de Camila. Cíntia, que diz querer ser mãe, ao refletir sobre ao futuro, não se imagina com filho. Gaia e Milena dão ênfase no aspecto profissional, o que já se mostrava o central para a publicitária em praticamente todo o restante da entrevista.

Vou ter quase 40... Agora tu acaba comigo... [...] O que eu queria: eu queria tá casada, ter um filho, dois, porque a gente tem que ter até 35, 40, diz que... sete anos eu tenho pra arrumar um marido. [...] Eu queria tá casada, com filho, trabalhar... eu queria ganhar melhor, queria ganhar mais, e ter um marido que também [risos]... Mas também, olha quando tu me entrevista,

quando eu tô numa crise⁷¹ ... Eu espero tá bem de vida, não sei se morando aqui, ou morando no interior, tanto faz, mas tá bem de vida, ter dinheiro pra poder viajar, poder ir pra vários lugares, ter filho, dois filhos no máximo, que eu possa dar uma boa educação, casada... (Camila)

Daqui a 10 anos, nossa! Eu me imagino... ah... eu não me imagino, acho assim, que com filhos ou casada, essas coisas assim sabe? Talvez com alguém, mas 'estou morando com alguém'. Mas agora que veio da maternidade, eu não sei se eu me imagino com filhos, assim. [...] Então eu penso 'em 10 anos, eu vou ter um filho?' Eu acho que eu não me imagino. (Cíntia)

Eu acho que daqui a 10 anos eu queria, gostaria de estar com uma carreira, essa questão da carreira profissional, mais estabelecida, de ter talvez feito uma escolha e ficado com ela, em vez de ficar transitando. Eu acho que mais isso, de ser mais estável. [...] Eu gostaria de pelo menos ter uma certa segurança, digo assim, financeira talvez, ou de que eu não precisasse me preocupar com detalhezinhos, plano de saúde, essas pequenas coisas. O que eu considero uma preocupação em termos de renda é só isso. Eu não me considero muito ambiciosa, as coisas que eu quero não parecem muito grandes, sabe? Parece pouco. (Gaia)

Imagino já ter passado nesse concurso bom, ter minha casa, ou apartamento, enfim, talvez com alguém, com cachorro, não sei, acho que com as coisas bem estabelecidas, já os pilarezinhas bem formados já. [...] Viajar né, é uma coisa que eu gosto de fazer... o máximo de lugares. [...] Tirar 20 dias por ano pra conhecer um lugar que eu não conheço seria um sonho bacana, uma boa viagem por ano. [...] O que eu almejo é ter um salário que, uma condição financeira que me dê estabilidade justamente pra isso, ter minha casa tranquilamente, poder pagar as contas, pra ter um certo conforto, um lazer, que eu possa viajar bastante, que eu não precise fazer as contas com lápis no final do mês pra vê se dá ou se não dá. Se eu tiver filhos, que eu possa proporcionar uma educação boa, um lazer, viagens. (Milena)

Embora os planos na esfera dos relacionamentos românticos e da maternidade não estejam ausentes, são as ambições profissionais que as definem. Assim, podem ser compreendidas como mulheres modernas, na perspectiva de Mattos (2006, p. 172):

A mulher moderna é aquela que se caracteriza por construir sua identidade a partir do trabalho e compreender as relações entre ela e os homens como um fim em si mesmo. [...] O trabalho, tanto na sua dimensão econômica quanto na sua dimensão existencial, seria para a mulher moderna sua principal fonte de reconhecimento social.

⁷¹ Camila conta que a "crise" que diz estar vivendo tem origem no ambiente de trabalho, formado por psicólogas com a mesma média de idade dela e que estão, quase todas, com filhos pequenos, grávidas ou tentando engravidar. Admite ficar angustiada tanto com o fato de ela não estar "nem namorando", quanto com os relatos das colegas sobre todas as dificuldades, e maravilhas, de ser mãe, ainda mais porque, sendo psicólogas, elas têm um entendimento mais complexo para tudo isso.

Em todos os casos, é o trabalho que define suas identidades, o que fica claro já nas apresentações que fazem de si mesmas, em que a profissão ganha destaque. A realização amorosa, contudo, não deixa de ser importante para elas, mas “como um fim em si mesmo”.

6.3 MODOS DE VER: MÍDIA

A primeira lembrança de mídia que **Camila** tem é de desenhos animados que assistia pela manhã, como Fantástico Mundo de Bob, Pica-pau e Pernalonga, que assistia no Bom dia e Companhia, apresentado por Eliana. Também lembra de assistir à Xuxa, “numa época da minha infância eu fui muito fã da Xuxa [...] eu tinha uma pasta cheia de fotos da Xuxa. Daí eu cresci e me revoltei com a Xuxa.” Ainda, destaca a mudança de Angélica do SBT para a Globo, e se recorda da “Fada Bela”, no programa Caça-Talentos, que passava no final das manhãs. A apresentadora Mara também é citada, assim como programa da TV Cultura, como Glub Glub, Castelo Rá-Tim-Bum, Pingu.

Quando criança, assistia a TV com seus irmãos, ambos mais velhos, “via os desenhos, depois brincava”. Também assistia TV sozinha em seu quarto. Cada filho tinha o seu quarto, mas os irmãos não tinham televisão, apenas ela, por ser a mais nova. Mesmo assim, lembra de o irmão mais velho a obrigar a assistir ao que ele queria, como novelas mexicanas e shows da Madona. Não lembra de assistir a TV com os pais ou a família toda reunida, pois conta que os pais ficavam pouco em casa, “meu pai e minha sempre trabalharam fora, então eu cresci com os meus irmãos, e com empregada. Eu fui criada por empregada. Que triste isso (risos).” Ainda quando criança, lia os gibis da Turma da Mônica. Lembra de assinarem a revista Veja e a mãe ler Claudia, ambas usadas para recortes de trabalhos da escola.

Considera que o papel da televisão em sua infância foi de distração apenas, “pra me distrair. Pra ir lá e deixar as cria parada. É sempre assim. [...] Eu não fui em creche, não fui em escolinha, né? E ficava com meus irmão em casa, eu ficava olhando a TV, vendo desenho.”

Por volta dos nove anos, em 1994, usou um computador pela primeira vez, em “uma vizinha que tinha computador com internet. [...] A mãe dela era promotora, explica um pouco”. Em casa, ela teve computador no início da adolescência, “acho que com uns 12, 13 anos que minha mãe comprou um computador do Paraguai. Não tinha internet, né? Daí a gente só jogava joguinho, desenhava”. Depois, quando tinha 15 anos – em 2000 –, passaram a ter internet. “Esperava meia-noite, esperava sábado, aí ficava o telefone ocupado. [...] Tinha o

mIRC⁷² (risos). Que eu usava era o mIRC e o e-mail.” Lembra que ela e os irmãos disputavam o computador, mas não havia intervenção dos pais, “quem gritava mais ganhava”. Conta que passou a ficar muito tempo usando o computador, fazendo amigos através do mIRC, com os quais ainda hoje mantém contato. “Claro, tu tá atrás do computador e se sentia mais à vontade pra falar as coisas”. Salienta que a amizade não ficava só no plano virtual, pois na cidade onde vivia, Santo Ângelo, havia festas para reunir as pessoas da sala de bate-papo, “era a festa do pessoal do mIRC, que tu ia com o teu nick pendurado”.

Quando adolescente, assinou *Capricho* e *Atrevida*, e também acessava os sites dessas revistas. “Eram interessantes, assim, porque a pessoa não tem noção de nada da vida, sei lá, era legal”. Algumas edições vinham com pôsteres, e lembra de ter os dos Hanson e Back Street Boys. Sua mãe também lia as revistas, para saber o que a filha estava lendo. “Minha mãe gostava – minha mãe gosta de ler essa bobagem até hoje – pra saber o quê que eu lia. Mas ela lia só pra saber. [...] Mas não lembro assim, quem sabe ela comentava alguma coisa ou outra, mas nada que eu me lembre”. Também passou a escutar rádio, principalmente o programa *Pijama Show*, apresentado pelo “mister Pi”, programa na rádio Atlântida voltado para o público jovem. “Naquela época tu escrevia cartas, aí tinha os... Pijanaltas, os fãs do mister Pi, que trocavam cartas, daí eu também fazia isso. Eu escrevia cartas pras pessoas. Tenho até hoje, na minha casa, aquelas cartas.” Quando completou 18 anos, ganhou seu primeiro celular, “eu jogava a minhoquinha e tal”.

Atualmente, **Camila** possui, em casa, televisor (led), notebook, telefone fixo e aparelho de DVD. Costuma consumir TV, jornal, rádio, internet e revista. Seu meio favorito é a internet. A emissora de TV preferida é VH1⁷³ e à que mais assiste é a Globo, seguida pelo SBT. Os programas de que mais gosta são *Os Simpsons*⁷⁴ e *Casos de família*⁷⁵. Assiste a TV em casa, sozinha, por cerca de seis horas todos os dias. Possui TV por assinatura. No rádio,

⁷² Um cliente da IRC (Internet Relay Chat). Chat popular entre o final dos anos 1990 e início dos 2000, geralmente formado por salas de bate-papo organizadas por cidades. Ainda é usado, mas principalmente por programadores.

⁷³ A VH1 (estilizada como VH+1) é um canal de televisão brasileiro por assinatura de música e entretenimento pertencente à Viacom International Media Networks (VIMN *The Americas*). O canal exibe clássicos e lançamentos do pop e pop rock estrangeiro e brasileiro.

⁷⁴ “*The Simpsons*” é uma série norte-americana de animação de comédia de situação criada por Matt Groening para a Fox Broadcasting Company. A série é uma paródia satírica do estilo de vida da classe média dos Estados Unidos. No Brasil, estreou em 1991, na Rede Globo, e, desde janeiro de 2013, é transmitida pela Rede Bandeirantes à tarde, assim como pelo canal Fox.

⁷⁵ *Casos de Família* é um programa de televisão brasileiro produzido e exibido pelo SBT desde 2004. O programa apresenta temas do cotidiano, ressaltando as emoções dos participantes convidados. A apresentadora Christina Rocha tem a missão de “ajudar pessoas que enfrentam diversos tipos de conflito”.

gosta de ouvir Atlântida⁷⁶ e Ipanema⁷⁷. Seu programa preferido é o Pijama Show⁷⁸. Costuma ouvir rádio em casa e, principalmente, no carro, indo ou voltando do trabalho. Soma de uma a duas horas por dia ouvindo rádio. Costuma ler o jornal Zero Hora⁷⁹, especialmente o Segundo Caderno. Há assinatura do jornal no trabalho e o lê no local. Costuma ler cerca de quatro livros por ano. Os últimos que leu foram dos autores gaúchos Luis Fernando Veríssimo e Claudia Tajes. Não é uma leitora assídua de revistas, mas as consome uma ou duas vezes por mês, na casa da mãe, que assina Claudia, ou de uma amiga, que assina Gloss. Na internet, acessa principalmente o Facebook. Permanece cerca de sete horas conectada, principalmente em casa e pelo celular, mas também possui acesso à internet através do notebook.

Cíntia afirma que suas lembranças sobre mídia na infância são de televisão, “na minha casa sempre foi muito de TV [...] TV sempre, sempre TV ligada, somos da TV”. Recordar-se dos programas de Xuxa e Mara, mas diz que gostava mais dos desenhos do que dos programas propriamente. Entre eles, destaca Cavalo de fogo, Muppets e Punky como seus preferidos. Por outro lado, diz que “odiava Pica-pau, Tom e Jerry, essas coisas, odiava, não olhava Chaves também, não gostava, nem Chaves nem Chapolin”. Além da televisão, lembra de ter discos de histórias, “um monte de disquinho aqueles meio, não era o grandão, era o meio aquele, sabe? De historinha...”

Em família, Cíntia lembra de assistirem ao Jornal Nacional, momento em que “tinha que fazer silêncio, no jornal tinha que fazer silêncio”. Exatamente como no caso de Camila, na casa de Cíntia havia assinatura de Veja e Claudia, a primeira para seu pai e a segunda para sua mãe. Para ela, os pais assinavam as revistinhas da Turma da Mônica e a irmã tinha assinatura da revista Capricho. “Sempre tinha assinatura de alguma revista, isso eu me lembro, pilhas de revista em casa”. A família também assinava o jornal Correio do Povo, o que continua até hoje, mais tarde também passaram a assinar Zero Hora, pela qual se interessa mais.

⁷⁶ A Rádio Atlântida pertencente ao grupo RBS. A rádio, originada no Rio Grande do Sul, conta também com emissoras em Santa Catarina. Trata-se de uma rádio direcionada ao público jovem (14 a 25 anos) das classes A e B, com programação centrada em hits de música pop, na maioria lançamentos.

⁷⁷ A Rádio Ipanema FM, de Porto Alegre, pertence ao Grupo Bandeirantes de Comunicação. Sua programação é baseada em rock, blues, hip hop, MPB e reggae.

⁷⁸ Pijama Show é um programa musical de rádio da Rede Atlântida, no ar no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Desde o início, em 1998, tem como âncora o comunicador Mr. Pi, pseudônimo do radialista Everton Cunha. O programa é transmitido das 22h às 2h.

⁷⁹ O jornal Zero Hora é um diário editado pelo Grupo RBS em Porto Alegre. Possui uma das maiores tiragens do país.

Sobre o papel da televisão em sua infância, diz que era uma forma de passar o tempo, uma brincadeira, “meio chata inclusive”. “Eu não era muito de parar pra olhar TV, assim, eu olhava a TV de manhã, antes de ir pro colégio... Eu era muito da rua, assim, eu vivia correndo rua ou brincando de outras coisas. [...]. Mas de manhã eu lembro que eu sempre olhava TV, desenho, sempre.” Relata que até hoje é assim, a TV sempre está ligada, mas não se dá tanta atenção a ela.

Na minha casa, não importa a hora que tu chegar, a TV sempre vai tá ligada e, tipo assim, lá no meu quarto, no quarto da minha mãe, na sala, na cozinha... A minha mãe gosta muito de TV na cozinha, inclusive a gente tem uma TV aqui [sala] e lá na parede, ali no canto [na cozinha], é pra ter a TV, a gente não colocou porque ela tá provisoriamente no meu quarto. Só que assim, é uma do lado da outra, só que a minha mãe precisa tá fazendo comida e vendo TV, sempre foi assim. Então eu me lembro da gente fazendo coisas com a TV ligada, mas da gente ‘ai, vamos olhar novela agora todo mundo na sala’, isso eu não lembro, acho que não tinha. Até porque, depois de um tempo, meio cada um tinha a sua TV no quarto, então não era assim, juntos. (Cíntia)

Na adolescência, pensa que a televisão teve papel mais importante, “eu acho que talvez tenha ficado mais forte, porque eu até olhava mais”. Algumas coisas “da moda”, no entanto, lembra de não ligar, como programas de rádio que faziam sucesso entre os jovens e que sua irmã escutava. “Eu me lembro que uma época, assim, na praia, eu dormia com a minha irmã, e ela sempre dormia com aquele rádio ligado, na Atlântida, sempre, e aquilo me irritava muito. Porque, tipo assim, ela deixava ligado a noite inteira, dormia com aquele cara falando, e eu ‘bá, não’”. Refere-se ao programa Pijama Show, mencionado por Camila. A “moda” em que embarcou foi o sucesso da banda Hanson. “Quando eu morava em Novo Hamburgo, na sétima, oitava série, a gente era fanática por uma banda, eu e as minhas amigas: Hanson. Então a gente olhava aquele Disc [MTV] e o Top TVZ do Multishow, todos os dias, pra gravar os clipes, então isso teve uma fasezinha”. Cíntia relata algumas das coisas que faziam como fãs do trio: “A gente escrevia cartas quilométricas, tirava foto, mandava pra eles, jura né? A gente ia nas lojas, daí tinha uns, tipo umas coisas gigantes de papelão deles, do CD, ‘por favor, dá pra gente isso aí’. E aí uma vez o cara nos deu, e aí ficou, assim, ia um pouco pra cada casa.”

Conta que a família passou a ter internet em 1999, quando tinha 15 anos. “Eu tinha computador, mas não tinha internet. Então eu não podia fazer nada com o computador praticamente. E tinha o mIRC, todo mundo falava no tal do MIRC, e eu também não tinha. Então eu fui ter as coisas sempre depois”. Entre os itens que considera que teve tarde, está a TV por assinatura, que foi instalada em sua casa no mesmo ano que internet. Em 2012, na

primeira entrevista realizada para a pesquisa, Cíntia tinha acabado de ganhar um smartphone e poderia, então, passar a acessar a internet do celular. “Agora eu tô querendo aprender tudo! Não, mas eu não sou muito ligada nessas coisas tecnológicas.”

Atualmente, **Cíntia** possui televisor (led), computador, notebook, telefone fixo, aparelho de som, aparelho de DVD, vídeo cassete e home theater. Consome TV, jornal e internet, essa, sua mídia favorita. O canal de televisão de que mais gosta é a Sony⁸⁰, mas quando não está propriamente assistindo a TV, o aparelho, que fica sempre ligado em casa, costuma estar conectado na Globo. Seu programa favorito é o seriado Grey’s Anatomy⁸¹. Assiste a TV sozinha, em casa, por cerca de duas horas diárias. Possui TV por assinatura. Costuma ler o jornal Zero Hora no domingo, especificamente, o caderno Donna⁸². Seus pais assinam o jornal. Conta que não tem lido muito livros, totalizando dois por ano. O último que leu foi “A insustentável leveza do ser”. Permanece cerca de 14 horas conectada à internet. Suas páginas preferidas são Facebook, Google, ClicRBS⁸³ e G1⁸⁴. Acessa a internet onde estiver, em casa, no trabalho ou na aula. Possui acesso à internet pelo celular e em casa.

Gaia diz que suas primeiras lembranças são dos avós assistindo ao Galpão Crioulo, no domingo de manhã cedo. Ela e a irmã assistiam ao programa da Xuxa, “o Xou da Xuxa na época, que eu me lembro, que era de manhã. Era de manhã porque ela tomava café da manhã no programa.” Os desenhos animados de que mais gostava era os que retiravam na vídeo locadora, como Garfield e a Pantera Cor-de-Rosa. Da TV, gostava de assistir a Tom e Jerry e Cavaleiros do zodíaco. Recorda, ainda, de ouvir “disquinho de historinha de criança”, como A bela e a fera, A bela adormecida, “essas assim, bem comuns, tinha uma que era narrada pelo Silvio Santos”. Também conta que gravavam as músicas de que gostavam quando essas tocavam no rádio.

Avalia que a TV teve um papel importante na sua infância, embora destaque apenas o aspecto de entretenimento. “Eu achava teve bastante [...]. Eu penso em entretenimento assim.

⁸⁰ O Sony Entertainment Television é um canal de variedades de propriedade da Sony Pictures Entertainment. No Brasil, está disponível a cabo e por satélite.

⁸¹ Grey's Anatomy é um drama médico norte-americano exibido originalmente pela rede ABC. No Brasil, a série é exibida pelo canal por assinatura Sony em horário nobre.

⁸² Caderno dominical do jornal Zero Hora destinado ao público feminino, trazendo conteúdos de moda, beleza e comportamento.

⁸³ O ClicRBS é um portal de internet do Grupo RBS (www.clicrbs.com.br), que oferece conteúdo online para Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Integram o clicRBS os sites dos veículos de mídia impressa e eletrônica do grupo e canais próprios de notícias e serviços.

⁸⁴ O G1 (g1.globo.com) é um portal de notícias mantido pela Globo.com e sob orientação da Central Globo de Jornalismo. Lançado em 2006, o portal disponibiliza o conteúdo de jornalismo das diversas empresas das Organizações Globo, além de reportagens próprias.

Ah, eu acho que mais dessa coisa assim, fantasia, imaginação, coisas, né? Nessa área assim. Nada educativo, que eu me lembre.”

As lembranças de mídia em família envolvem as avós e não os pais. Na casa da avó, “eles olhavam as coisas que eles queriam e a gente olhava junto, porque tava ali”. Lembra de, durante jantares em família na casa da avó, todos assistirem a novela, “aquela pausa pra todo mundo olhar a novela. [...] Eu não, assim, nunca gostei muito. Assim, as novelas que eu olhava era porque eu gostava, então não era uma coisa de grupo.” Em casa, ela e a irmã podiam escolher o que assistir, pois o pai e a mãe não assistiam muito a TV. Com os pais, conta que, “no máximo, a gente olhava filme de pegar na locadora, assim, juntos, mas assim, de televisão nada que a gente visse juntos”.

Na adolescência, aos 12 anos, em 1998, a família instalou internet e, um pouco antes, TV por assinatura, que já não era mais novidade na casa da avó. “Então, a gente começou a olhar séries internacionais, de canais estrangeiros. Eu olhava Ally Mc Beal e a minha irmã olhava Buffy Caça-Vampiros, que até hoje a gente é superfã.” Com internet, logo fez um e-mail, mas como poucas pessoas tinham, não era de muita utilidade. Também se recorda de buscar sites de artistas de que gostava. Uma das maiores atrações da internet na época, o mIRC, conta que não chamou sua atenção. “Eu lembro que todo mundo usava o mIRC uma época. Teve a época do mIRC, mas eu não usava. E as minhas amigas, a minha irmã e uma colega assim, as amiguinhas usavam e tal, e tinham o mIRC, toda aquela coisa assim, mas esse aí eu não usava.” Também lembra que os chats do Terra faziam sucesso, mas ela não acessava.

Atualmente, **Gaia** possui televisor (led), computador, notebook, telefone fixo, aparelho de som, aparelho de DVD e vídeo cassete. Consome principalmente internet, sua mídia preferida, e, um pouco, televisão. A emissora de televisão que mais assiste é a Globo. Seu programa favorito é o Bem Estar⁸⁵. Assiste a TV em casa ou na casa das avós, algumas vezes na companhia da irmã. O consumo costuma ocorrer três vezes por semana, incluído o final de semana. Não possui TV por assinatura. Na internet, acessa principalmente Facebook, Twitter e e-mail. Permanece conectada cerca de 14 horas por dia, em casa. Não acessa a rede pelo celular. Não costuma ler revistas ou jornais, apenas livros, que somam cerca de 20 lidos por ano. O último livro que leu foi de literatura japonesa, em inglês. Faz traduções de livros de inglês para português.

⁸⁵ Bem Estar é um programa da Rede Globo dedicado à qualidade de vida e saúde. É apresentado pelos jornalistas Fernando Rocha e Mariana Ferrão pela manhã, em TV aberta.

A primeira recordação de **Milena** envolvendo meios de comunicação é acordar bem cedo e a programação da televisão não ter iniciado ainda, “tava passando aquele relóginho, não tinha nem programação naquela época, não era 24 horas, às vezes eu ficava olhando a telinha, ouvindo a musiquinha, esperando começar os desenhos”. Gostava de assistir a desenhos da TV Cultura, como Glub Glub “uns peixinhos, que tinha uma cara humana, assim, começava assim o dia”. Em outros canais, lembra que gostava de ver Cavalo de Fogo, Ursinhos Carinhosos e Os ursinhos Gummi. Também se recorda dos programas da Mara Maravilha – “tinha brincadeira, aquelas coisas idiotinhas, que a gente gostava (risos)” – e da Xuxa – “eu lembro do programa dela, as musiquinhas, paquitas, aquela coisa, a nave, o sonho de andar na nave...” Sobre o papel da televisão na infância, assim como as demais entrevistadas da classe média, avalia que era apenas de entretenimento, de “passar o tempo”.

Conta que sempre possuíam assinatura de jornal em casa. “Até um tempo atrás, não faz tanto assim, o meu pai assinava o Correio do Povo, depois, faz uns três ou quatro anos que passou pra Zero Hora, depois que a Record comprou, aí ficou aquele carnaval todo, daí ele mudou”. O programa que recorda de assistir com toda a família era o telejornal apresentado por Boris Casoy, no SBT. “Normalmente, ‘silêncio que estamos assistindo’, se acontece alguma coisa que alguém tem uma observação pra fazer, aí se faz. Às vezes ‘psh, deixa que eu quero ouvir’.”

Milena tinha oito anos na primeira vez em que usou um computador, em 1992. Seu pai levava um “notezinho” do trabalho para casa. “Era um notezinho assim, preto e branco a telinha, enfim, aquela coisa mega pré-histórica”. Lembra apenas de jogar tetris no computador. Alguns anos mais tarde, em 1996, passaram a ter internet em casa, “era aquela coisa discada, que eu tinha medo, achava que ia estragar o computador, porque lembra que era o [tenta imitar o som], aquela coisa, aí eu desligava, achava que tava fazendo alguma coisa muito errada”. Na internet, entrava em salas de bate-papo, “entrava naquele Zaz, que era o Terra, o antigo Zaz, ficava no chat, como era discada, aí mandavam sair, aquela coisa toda”. Como muitas das amigas logo também passaram a ter internet, deixavam de conversar por telefone, “a gente ficava a tarde inteira no telefone”, para conversar pelos chats. Outras páginas de que recorda são: Geosites, que usava para fazer pesquisas para a escola, Cadê, “que era tipo um Google, né?”, e AltaVista.

Desde o início da adolescência, assinava a revista Capricho, sendo, para ela e suas amigas, uma fonte de informação sobre temas juvenis antes de poderem ampliar os horizontes com a internet. “Essas revistas eram o nosso meio de informação, das coisas que a gente tinha vergonha de perguntar, enfim, era o nosso canal de comunicação. Ela era mensal a revista, daí

levava pra aula, conversava com as coleguinhas. Tinha os testes, super úteis (risos).” Pensa que sua mãe também lia, mas não conversavam sobre os temas da revista. Também quando entrava na adolescência, estreou *Malhação*, em 1995. “Quando começou a *Malhação*, faz 200 anos também que começou esse negócio, eu era novinha, eu lembro da *Malhação*.” Outro programa de que lembra é o *Disc MTV*. “O *Disc MTV* aquele, eu gostava de assistir, sim, porque era fã dos *Back Street Boys*, *’N Sync*, essas coisas todas, ligava pra oferecer o clipe.” Diz que tinha pôster das “boy bands”, “bem fiasquentas”. Diz que depois começou a gostar de *Foo Fighters* e *Nirvana*, “essas coisas que nem existia mais na época, mas enfim, né? De ter pôster no quarto, as paredes ser recheadas com aquilo”, e de grupos nacionais, como *Legião Urbana* e *Engenheiros do Hawaii*. “A música era uma forma de expressão [...] letra cortapulso. Era bem isso, né, aquelas letrinhas melosas, não melosas assim de romântica, melosa no sentido de expressar mesmo o que tu tá querendo dizer pro mundo, se sentir pertencente a alguma coisa.”

Atualmente, **Milena** possui televisor (led), computador, notebook, telefone fixo, aparelho de som e aparelho de DVD. Costuma consumir TV, jornal, rádio e internet, sendo essa o meio de que mais gosta. Seu canal de televisão preferido é o GNT⁸⁶. Os programas, *Saia Justa*⁸⁷ e *Jornal Nacional*⁸⁸. Assiste a TV sozinha ou com os pais, por cerca de duas horas diárias. Possui TV por assinatura. Ouve rádio por cerca de duas horas diárias, no ônibus e um pouco em casa. As emissoras preferidas são Ipanema e Atlântida e o programa, *Pretinho Básico*⁸⁹. Costuma ler o jornal *Zero Hora*, principalmente a coluna de Carolina Bahia sobre política, mas no fim de semana, que é quando geralmente consome jornal, costuma lê-lo inteiro. Sua família possui assinatura do jornal. Não lembra a última vez em que leu um livro de literatura, tem apenas consumido material de estudo para concursos. Da internet, o que mais acessa é *Globo.com*, *Terra*, *Veja*, *Ig*, *Google*, *Facebook* e e-mail. Costuma estar conectada cerca de nove horas por dia, a maior parte do tempo no trabalho e cerca de uma hora em casa. Possui acesso à internet no celular, mas não costuma usar o serviço, somente às vezes no fim de semana. Também possui acesso à internet em casa.

⁸⁶ GNT é um canal brasileiro de televisão por assinatura. Foi criada em 1991 com o nome de *Globosat News Television*, canal que transmitia notícias. Desde 2003, orientou seu foco para os assuntos de interesse do universo feminino, com foco em entretenimento e informação, apresentando séries, documentários e filmes.

⁸⁷ Programa do canal GNT apresentado por Astrid Fontenelle, Barbara Gancia, Maria Ribeiro e Monica Martelli, abordando assuntos contemporâneos destinados ao público feminino.

⁸⁸ O *Jornal Nacional* (também conhecido pela sigla JN) é o principal telejornal da Rede Globo, produzido e exibido pela Rede desde 1969.

⁸⁹ *Pretinho Básico* é um programa da rádio Atlântida transmitido para o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. É apresentado em dois horários diários, das 13h às 14h e das 18h às 19h.

Tabela 3 – Consumo de mídia (Classe média)

	TV	Rádio	Internet	Jornal	Revista	Preferido
Camila	6h/dia	1 - 2h/dia	7h/ dia	Diariamente	1 - 2/mês	Internet
Cíntia	2h/dia	-	14h/dia	1/semana	-	Internet
Gaia	3/semana		14h/dia	-	-	Internet
Milena	2h/dia	2h/dia	9h/dia	1/semana	-	Internet

Percebe-se que a mídia tem uma presença ininterrupta no cotidiano das mulheres de classe média, em termos de trajetória de vida e de uso do tempo. Estão conectadas à internet praticamente todo o tempo útil do dia. Todas elas iniciaram a relação com o meio na adolescência, com lembranças claras sobre a entrada da mídia na vida delas. A adolescência também foi momento das revistas fazerem parte do consumo, mas, diferentemente da internet, esse uso não segue até os dias de hoje, uma vez que as revistas são pouco lidas, assim como os livros, que são preteridos pelo grupo, com exceção de Gaia, graduada em Letras, que faz consumo mais constante de literatura.

A TV, meio principal na infância de todas elas, apesar de ter sido substituída pela internet em tempo e preferência, ainda ocupa espaço de tempo importante, recebendo, no mínimo, duas horas do dia de cada uma, e permanece havendo o vínculo emocional. Além disso, a TV é entendida com meio de lazer, enquanto a internet também cumpre as funções de informação e trabalho. A telenovela, como será desenvolvido a seguir, foi e é companhia de todas, com mais ou menos intensidade. No entanto, as mulheres da classe média não se referiram espontaneamente à novela como um dos programas preferidos na infância ou adolescência. Em alguns momentos, citaram o gênero quando questionadas sobre os programas que costumavam assistir em família.

6.4 MODOS DE VER: TELENODELA

As entrevistadas não têm dificuldades para se lembrarem de suas telenovelas preferidas. Embora as recordações não sejam detalhadas, nota-se o envolvimento enquanto narram os temas tratados nas novelas de que mais gostaram.

As novelas mais marcantes para Camila foram *Explode coração*⁹⁰ (1995), *Por amor*⁹¹ (1997), *Pecado capital*⁹² (1998), *O cravo e a rosa*⁹³ (2001) e, mais recente, *Cordel*

⁹⁰ *Explode coração*, telenovela de Gloria Perez, exibida pela Rede Globo, dirigida por Dennis Carvalho, Ary Coslov e Carlos Araújo, foi ao ar entre novembro de 1995 e maio de 1996, no horário das nove. Foram 185

*encantado*⁹⁴ (2011). Do SBT, cita *Carrossel*⁹⁵ (1991) e *A usurpadora*⁹⁶ (1998). Aquela sobre a qual fala com mais entusiasmo é *Explode coração*. “O que eu lembro é que no final dessa novela eu chorei muito. O cigano Igor... Não lembro como era o final. Sei que eu chorei, chorei, chorei.”

Cíntia destaca *Mulheres de areia*⁹⁷ (1993), *Por amor, Laços de família*⁹⁸ (2000). “*Por amor* eu amava! Tanto que quando repetiu no Viva, aquele canal que repete as coisas, eu olhei de novo. Dava de tarde e eu gravava, porque realmente eu adorava aquela novela.” Incluiu *Éramos seis*⁹⁹ (1994), exibida pelo SBT, como uma das preferidas. Como justificativa para suas escolhas, aponta que gosta de “histórias reais e possíveis”, “não gosto dessas muito viajandonas, sabe?”. Voltará a afirmar isso ao explicar os motivos para ter Manoel Carlos como seu autor favorito. Também indica novelas de época entre as preferidas.

capítulos. O enredo principal abordava as tradições ciganas. A novela também destacou as relações amorosas via internet, assunto novo à época.

⁹¹ *Por amor*, da rede Globo, telenovela de Manoel Carlos, dirigida por Paulo Ubiratan, Ricardo Waddington, foi exibida entre outubro de 1997 e maio de 1998, no horário das 10h30min, totalizando 190 capítulos. A trama era centrada no dia a dia da classe média carioca e questionava o público sobre o que seria capaz de fazer por amor.

⁹² Telenovela da Rede Globo *Pecado capital*, 2ª versão, de autoria de Gloria Perez, direção de Wolf Maya, Maurício Farias, Fabrício Mamberti e Vicente Barcellos, exibida de outubro de 1998 a maio de 1999, no horário das 18h, tendo 185 capítulos. Remake ganhou tramas e personagens novos. A versão original, de Janete Clair, trazia um herói pouco convencional que morre no fim da história.

⁹³ *O cravo e a rosa*, telenovela de Walcyr Carrasco e Mário Teixeira, com direção-geral de Walter Avancini, foi exibida entre junho de 2000 e março de 2001, no horário das 18h, tendo 221 capítulos. A comédia romântica da Rede Globo teve trama inspirada no clássico *A Megera Domada*, de William Shakespeare.

⁹⁴ *Cordel encantado* foi inspirada na literatura popular de cordel e no clima da cadência da viola e do recitar de versos, sendo baseada em lendas heroicas do sertão nordestino e no encantamento suscitado pela realeza europeia. De autoria de Thelma Guedes e Duca Rachid, a telenovela da Rede Globo teve direção-geral de Amora Mautner, sendo exibida de abril de 2011 a setembro do mesmo ano, no horário das 18h, totalizando 143 capítulos.

⁹⁵ A telenovela mexicana *Carrusel* (no Brasil, *Carrossel*), produzida pela Televisa, foi exibida no Brasil pela SBT em 1991 e reprisada em anos seguintes. Baseada nos textos do escritor e dramaturgo argentino Abel Santa Cruz, a telenovela narra aventuras e conflitos de crianças, com cenário principal no colégio, onde são liderados pela professora.

⁹⁶ *A usurpadora* (*La Usurpadora*, no original) é uma telenovela mexicana produzida pela Televisa. No Brasil, foi exibida pelo SBT em 1999 e reprisada em anos seguintes. O enredo trata de duas irmãs gêmeas criadas por famílias diferentes e com personalidades opostas que se encontram um dia. Elas trocam de papel.

⁹⁷ *Mulheres de areia* foi uma telenovela da Rede Globo, escrita por Ivani Ribeiro, com direção-geral de Wolf Maya, exibida no horário das 18h, entre fevereiro e setembro de 1993, totalizando 201 capítulos. Teve como tema principal a rivalidade de irmãs gêmeas.

⁹⁸ A telenovela da Rede Globo *Laços de Família* foi escrita por Manoel Carlos e dirigida por Moacyr Góes. Exibida entre maio de 2000 e fevereiro de 2001, totalizando 209 capítulos, a trama das 21h, conta a história de amor incondicional de uma mãe pela filha.

⁹⁹ *Éramos seis* é uma telenovela do SBT exibida entre maio e dezembro de 1994, às 19h45, com um total de 180 capítulos. É a regravação de uma novela produzida pela Rede Tupi em 1977, baseada no romance de mesmo nome de Maria José Dupré, foi escrita por Sílvia de Abreu e Rubens Edwald Filho e dirigida por Nilton Travesso, Henrique Martins e Del Rangel.

Gaia vai em sentido contrário a Cíntia, e destaca a novela *Vamp*¹⁰⁰ (1992), mais “mágica”, como umas das favoritas. “A gente gostava dos vampiros, uma coisa diferente, tinha aquela coisa, né? Bem assim aquela coisa do imaginário, eu acho. Que não eram histórias de pessoas normais, eram os vampiros. A gente adorava aquilo.” Também assistiu a *O beijo do vampiro*¹⁰¹ (2002), anos mais tarde, mas “não era tão bom que quando era *Vamp*. Até porque era novela das sete, então acho que era pra ser meio comédia, que tem uma diferença.” Gaia também destaca *Fera ferida*¹⁰² (1993) como uma das novelas de que mais gostou.

As novelas que mais marcaram Milena foram *Bebê a bordo*¹⁰³ (1988), *Tieta*¹⁰⁴ (1989), *Carrossel*, *Quatro por quatro*¹⁰⁵ (1994), *A próxima vítima*¹⁰⁶ (1995) e *Senhora do destino*¹⁰⁷ (2004). Mas conta que foi *Avenida Brasil*¹⁰⁸ (2012) a novela que mais a envolveu até hoje. Sobre *Bebê a bordo*, a primeira novela de que se lembra, exibida quando ela tinha quatro anos, recorda-se que, na abertura, aparecia um bebê em uma esteira, a *Heleninha* (Beatriz Bertu): “Eu acho que era *Heleninha*, eu tinha uma boneca com esse nome [...]. Eu achava

¹⁰⁰ A telenovela *Vamp*, exibida pela Rede Globo no horário das 19h foi uma comédia de vampiros com suspense. Embalada por rock abordou conflitos familiares e dramas típicos da juventude. De Antonio Calmon, teve direção-geral de Jorge Fernando e foi exibida entre julho de 1991 e fevereiro de 1992, totalizando 179 capítulos.

¹⁰¹ Em *O Beijo do Vampiro*, o autor Antonio Calmon voltou à comédia vampíresca. Com direção-geral de Marcos Paulo e Roberto Naar, a telenovela da Rede Globo foi exibida no horário das 19h, entre agosto de 2002 e maio de 2003, em 215 capítulos.

¹⁰² *Fera ferida* tratou de vingança e cobiça, com uma trama baseada no universo ficcional de Lima Barreto. A telenovela da Rede Globo teve autoria de Aguinaldo Silva, Ana Maria Moretzsohn e Ricardo Linhares, direção-geral de Dennis Carvalho e Marcos Paulo, sendo exibida no horário das 20h30min, entre novembro de 1993 e julho de 1994, totalizando 221 capítulos.

¹⁰³ *Bebê a bordo* foi uma telenovela da Rede Globo de autoria de Carlos Lombardi e exibida no horário das 19h. A novela analisava as relações familiares em enredo com bastante ação e textos bem-humorados. Com direção de Roberto Talma, Del Rangel, Marcelo de Barreto e Paulo Trevisan, a novela foi exibida entre junho de 1988 e fevereiro de 1989, totalizando 209 capítulos.

¹⁰⁴ A adaptação do romance *Tieta do Agreste*, de Jorge Amado, a telenovela da Rede Globo *Tieta* foi ao ar de agosto de 1989 a março de 1990, no horário das 20h, totalizando 196 capítulos. Escrita por Aguinaldo Silva, Ana Maria Moretzsohn e Ricardo Linhares, a novela teve direção-geral de Paulo Ubiratan.

¹⁰⁵ *Quatro por quatro*, da Rede Globo, foi exibida no horário das 19h, entre outubro de 1994 e julho de 1995, com um total de 233 capítulos. Escrita por Carlos Lombardi, a novela teve direção-geral de Ricardo Waddington, e tratou de conflitos amorosos repletos de separações, reconciliações e tramoias.

¹⁰⁶ Telenovela da Rede Globo de gênero policial, envolta em suspense sobre quem era o assassino, *A próxima vítima* foi escrita por Silvio de Abreu, teve direção de Jorge Fernando, Rogério Gomes e Marcelo Travesso. Com 204 capítulos, a trama foi ao ar entre março de 1995 e novembro do mesmo ano, no horário das 20h30min.

¹⁰⁷ *Senhora do destino* narra a história de uma retirante nordestina que se muda para o Rio de Janeiro e na chegada perde um dos filhos. Anos mais tarde, a trama segue. De Aguinaldo Silva, a telenovela de Rede Globo teve como diretor-geral Wolf Maya e foi exibida entre junho de 2004 e março de 2005, no horário das 20h, com um total de 220 capítulos.

¹⁰⁸ A telenovela da Rede Globo, *Avenida Brasil*, conta a história de uma jovem abandonada que planeja acertar suas contas com a madrastra. De João Emanuel Carneiro, a novela foi exibida entre março e outubro de 2012, no horário das 21h, com um total de 179 capítulos. Teve ainda a direção-geral Amora Mautner e José Luiz Villamarim.

bonitinha, contam né?”. Algumas novelas do SBT, como a mexicana *Marimar*¹⁰⁹ (1994), não acompanhou, mas assistiu algumas vezes. Também assistiu a capítulos de *Chiquititas*¹¹⁰ (1997), todavia, aos 13 anos, “eu já era maiorzinha, eu já... maior... não que eu era grande coisa, achava mais infantiloidesinha já. E SBT não é um canal que eu assista.”

Com um pouco de dificuldade, cada uma destacou alguma cena de novela que as marcou. Camila não descreve uma cena em específico, mas cita os maltratos de *Maria Joaquina* (Ludwika Paleta) a *Cirilo* (Pedro Javier Viveros), na mexicana *Carrossel*, como algo que ficou em sua memória. Gaia também não aponta uma cena específica, mas diz se recordar do choro dos vampiros, em *Vamp*: “quando os vampiros choravam eles tinham sangue no lugar das lágrimas. Aquilo era marcante, assim, visualmente.” Milena, também sem se deter a uma cena, cita novamente a abertura de *Bebê a bordo*, e, assim como Camila, lembra das maldades de *Maria Joaquina*, “que era chatinha, aquela coisa toda, tratava mal o gurizinho”. Logo em seguida, porém, descreve uma cena de *Carrossel* em que as crianças usam um esqueleto do laboratório da escola para assustar o zelador, mas não aponta um motivo especial para a lembrança. Cíntia, por sua vez, recorda com facilidade de uma cena de *Por amor*, fresca na lembrança por ela ter assistido à reprise da novela recentemente, no canal Viva. “Aquele dos bebês que trocavam no hospital, sabe? Essa cena eu me lembro, da Gabriela Duarte, e era chovendo, de noite. A *Helena* era a Regina Duarte e o Marcelo Serrado trocavam os bebês, a guria dormindo, nem viu nada”.

Para recordar de personagens especiais, não tiveram dificuldades. Camila cita algumas das que mais gostou: *Catarina* (Adriana Esteves), de *O cravo e a rosa*, professora *Helena* (Gabriela Rivero), de *Carrossel*, *Mili* (Fernanda Souza), de *Chiquititas*, *Sandrinha* (Cecília Daci), de *Por Amor*. Cíntia escolhe apenas uma, *Malu* (Viviane Pasmanter), em *Mulheres de Areia* “bem doidinha, lembra? A música também, que era da Rita Lee. [...] Eu acho ela legal, bonita, gostava assim do jeito, moderna.” Gaia é a única que cita homens como personagens preferidos: *Flamel* (Edson Celulari), em *Fera Ferida* – “é uma coisa, tipo, de figura masculina. Ele era o herói da novela, usava aquela camisa vermelha, eu me lembro disso

¹⁰⁹ *Marimar* é uma telenovela mexicana produzida pela Televisa, exibida entre janeiro e agosto de 1994, em 150 capítulos. No Brasil, foi exibida pelo SBT em 1996. A personagem principal é uma jovem humilde que vive em um povoado de pescadores junto ao mar e encontra um filho de fazendeiro rico com quem tem uma história de amor e vingança.

¹¹⁰ A telenovela *Chiquititas* exibida em 1997 pelo SBT é a versão brasileira da telenovela argentina criada por Cris Morena e exibida pela rede argentina Telefe em 1995. Teve quatro temporadas, totalizando 807 capítulos. A história se passa em um orfanato repleto de crianças.

assim.” – e *Jorge Tadeu* (Fábio Jr), em *Pedra sobre pedra*¹¹¹ (1992) – “era aquele que as mulher comiam as flores e sonhavam com ele”. Também gostava de *Natasha* (Claudia Ohana), em *Vamp*, das duas novelas que citou com suas favoritas. A personagem mais marcante para Milena é *Maria Joaquina*, “ela era maldosinha, ela era riquinha, aquela que tu queria ter tudo que ela tinha, mas ela era maldosinha, preconceituosa e tal”. Ela considera que a novela infantil ajudava as crianças a aprenderem como não serem preconceituosos, pois via *Cirilo* sofrendo com as atitudes de *Maria Joaquina*.

Camila e Milena se recordam de assistir a telenovela com a família; Gaia lembra de assistir com as avós, mas não com os pais; e Cíntia diz que esse não era um hábito em sua família. No caso de Cíntia, principalmente na adolescência, o consumo de mídia era algo individualizado em sua casa, cada um assistindo a TV em seu quarto. Lembra, no entanto, de assistir a *Éramos seis* com a mãe e a irmã, quando estava com 10 anos. As lembranças de Camila e Milena tampouco envolvem a família toda, pois os pais não participavam. “Assistia com a minha mãe. [...] O meu pai viajava bastante né? Ficava mais em casa no final de semana, então não sei, não lembro de todo mundo, não tenho essa lembrança de todo mundo junto assistindo”.

Questionadas se hoje gostam de assistir a novelas, as respostas incluem “sim”, “não” e “depende”. Camila diz que sim. “Eu sempre gostei, eu acho, não lembro de eu não ter gostado algum dia, porque eu sempre assisti. Ah, eu gostava, no colégio, quando eu saía pra vê o *Carrossel*, ou as *Chiquititas*.” Cíntia afirma que não, apesar de assistir. “Hum... não. Não, eu não sou uma pessoa assim ó, tipo, tá todo mundo aqui, a gente tá fazendo alguma coisa e eu tô na novela, sabe? Eu se não vi, não vi, mas se eu tô em casa, tô aqui olhando. Mas não é uma coisa que eu faça questão de olhar, entendeu?”. Gaia e Milena asseguram que assistem àquelas novelas que, por algum motivo, chama-lhes a atenção.

Se me interessar, sim, que nem essa *Avenida Brasil*, foi uma que eu assisti, né? Do início ao fim a história toda. [...] Eu acho que pela velocidade em que foi acontecendo, porque eu não gosto quando começa aquela enrolação, vai, vem, a mesma história, leva dois meses pra resolver uma coisinha, e chega no final tudo acontece do dia pra noite, não gosto muito quando ela é muito assim, não desenvolve a história, já não gosto. E essa da *Avenida Brasil* gostava que ela acontecia rápido, e aquela família do *Tufão* [Murilo Benício] que eu achava engraçada e todo mundo falava junto, quer dizer, bem coisa de, de, de... que acontece mesmo na casa dos outros né? (Milena)

¹¹¹ Telenovela da Rede Globo, *Pedra sobre pedra* tinha como tema principal a rivalidade entre duas famílias no sertão baiano. De Aguinaldo Silva, Ana Maria Moretzsohn e Ricardo Linhares e direção-geral de Paulo Ubiratan, a telenovela teve 178 capítulos, sendo exibida no horário das 20h30min, de janeiro a agosto de 1992.

Gaia, porém, mostra-se menos interessada que Milena e, talvez, menos que Cíntia também, apesar dessa entender a si como alguém que não gosta de novela.

G: Acho que depende da novela. Geralmente, não. Só se a novela tem alguma coisa que me chama atenção.

L: O que te chama atenção?

G: Eu acho que, ah... eu gosto de novelas de época, tipo essa [*O cravo e a rosa*], do Walcyrr Carrasco, porque eu acho bonito os figurinos, assim. E acho que também depende das temáticas. Eu gosto das novelas quando tem os núcleos das famílias que são mais pobres, que são engraçados, que é uma coisa que acontece com frequência. Eu acho que eu não gosto quando é muito, aquelas artificial, dos bairros ricos do Rio de Janeiro. Aquele núcleo Leblon, não sei o que, da Barra. Aquilo ali eu não gosto. (Gaia)

Gaia prefere seriados a novelas, pois fogem da fórmula “núcleo dos pobres, núcleos dos ricos”. Interessa-se por temáticas mais exóticas, talvez justamente por mostrarem uma realidade diferente da brasileira. Além disso, os seriados, principalmente os ingleses, de que mais gosta, não são politicamente corretos como as novelas brasileiras. “Às vezes parece que a novela tem essa função educativa. Tipo: ‘nós vamos ensinar as pessoas que existem gays e vão assistir um casal gay’. E isso torna a coisa meio artificial.”

No momento das entrevistas, todas estavam assistindo a alguma novela. Camila assistia a novela das 21h, *Amor à vida*¹¹² (2013), das 19h, *Sangue bom*¹¹³ (2013) e a reprise da colombiana *Betty, a feia*¹¹⁴ (1999/2013), na RedeTV. Essa última, garante rindo, só assistia para fazer companhia ao irmão, que estava passando uns dias em sua casa.

Cíntia, que havia estado em férias há pouco, diz que no período de descanso assistiu a reprise de *O cravo e a rosa* – “eu adorava aquela novela, assisti até o final”, *Amor à vida* e *Joia rara*¹¹⁵ (2013), exibida às 18h. Durante o ano, com as atividades normais, que incluem aula à noite, afirma que só consegue assistir à novela das nove.

Gaia não estava acompanhando nenhuma novela no período da pesquisa, apenas assistia a alguns capítulos de *O cravo e a rosa*, à tarde. A última novela a que havia assistido era *Avenida Brasil*. Antes, recorda-se apenas de ter acompanhado, do início ao fim,

¹¹² *Amor à vida*, da Rede Globo, teve uma trama cheia de intrigas. Trouxe como vilão um homossexual que se redimiou ao longo da novela. A telenovela de Walcyrr Carrasco teve como diretor-geral Mauro Mendonça Filho e foi exibida no horário das 21h, entre maio de 2013 e janeiro de 2014, em 221 capítulos.

¹¹³ *Sangue bom*, de Maria Adelaide Amaral e Vincent Villari, teve como tema a busca pela fama. A telenovela da Rede Globo teve 160 capítulos e foi exibida no horário das 19h, entre abril e novembro de 2013.

¹¹⁴ A telenovela *Yo Soy Betty, La Fea* (no Brasil, *Betty, a feia*) é uma telenovela colombiana produzida e exibida pela RCN. Foi exibida entre outubro de 1999 e maio de 2000, escrita por Fernando Gaitán. No Brasil, foi apresentada pela RedeTV! em 2002 e reapresentada em 2004 e 2013. A trama trata da história de uma jovem e competente economista que sofre com sua aparência.

¹¹⁵ *Joia rara* é uma telenovela da Rede Globo, do horário das 18h, escrita por Duca Rachid, Thelma Guedes e Thereza Falcão, com direção-geral de Amora Mautner. No ar desde setembro de 2013, a trama se passa nos anos 1930.

*Celebridade*¹¹⁶ (2003). Sobre a novela que passava no horário nobre da Globo, *Amor à vida*, Gaia sabia por “comentários fora, piadinha na internet”, “que nem essa da personagem, a *Perséfone* (Fabiana Karla), essa tô sabendo. E tem essa coisa de uma cara que é gay, de uma casal gay na novela, mas eu não sei muito.”

Milena afirma que não era telespectadora de nenhuma das novelas no ar naquele momento, mas que às vezes assistia à novela das 18h, *Joia Rara*, e das 21h, *Amor à vida*, acompanhando os pais. “A das seis depende, se eu chego em casa ainda no horário da novela eu assisto, e das oito, dá pra dizer que eu assisto todos os dias pelo menos o primeiro pedaço, dô uma olhada. Tô com o computador no colo e tô meio que olhando”. Conta que *Félix* (Mateus Solano) muitas vezes a fazia parar de mexer no computador para olhar alguma cena. “Eu acho que é o mais forte da novela, aquelas piadinhas, assim, as frases, aquele jeito bem humorado de ser, chama a atenção”.

Todas assumem que costumam fazer algum tipo de leitura sobre telenovelas, sempre na internet. “Tipo, quando tu entra no MSN, daí aparece as notícias e daí eu clico ali quando tem resumo. Ou quando eu perco algum capítulo, ou acontece alguma coisa que eu não tô entendendo.” (Camila); “Tipo ‘fulaninho descobre que não é filho de não sei quem’, e tu acaba clicando no link e acaba lendo. [...] Mesmo eu não acompanhando a novela.” (Milena). Gaia conta que lê algo sobre novelas quando um assunto gera polêmica, principalmente se tem interesse pela temática. “Tipo, a da *Perséfone* essa. Todos falando de gordinhas. E eu me lembro da polêmica de outra atriz que não quis raspar o cabelo, pra fazer o personagem com câncer.”

Todas as entrevistadas de classe média percebem claras diferenças entre as tramas das novelas de acordo com o horário de exibição. “Eu acho que a novela das nove quer sempre ser mais polêmica, assim, com assuntos mais... sei lá, mais sérios, digamos assim. E as outras seriam, eu acho, pra ser mais leves.” (Camila); “Eu acho que a das sete é a que mais é diferente, acho que as da sete são sempre meio abobadas, assim. E a da seis geralmente é uma coisinha assim, que tem uma historinha, mas a das nove é a que mais tem histórias, mais dramas e coisa.” (Cíntia). Gaia tem a mesma perspectiva, e aponta que o estilo de novela das seis é a que mais lhe agrada. “A novela das sete é sempre uma comédia meio pastelão, a minha impressão. E, a das seis geralmente são as novelas mais inocentes, assim, meio que de época e tem uns elementos cômicos, que é a que eu gosto mais, que tem umas coisas

¹¹⁶ A telenovela *Celebridade* tratou da busca por ascensão social e do culto à fama. De Gilberto Braga, a telenovela das 20 horas foi exibida entre outubro de 2003 e junho de 2004, em 221 capítulos, e teve direção-geral de Dennis Carvalho e Marcos Schechtman.

engraçadinhas e tu se diverte.” Para ela, a “novela das nove” é a que se pretende mais séria. “A das nove é sempre um coisa, tipo, ‘dos assuntos que nós vamos fazer uma educação’. Alguns detalhes, que é pra tu saber de tal e tal assunto social.” Apesar de Milena descrever a novela das 21h de modo semelhante à Gaia, sua opinião é diferente, pois destaca que a novela desse horário é sua preferida. “As das oito eu acho que tentam retratar mais a vida real, eu acho que a mais próxima da realidade é a das oito. [...] As das oito, normalmente, se é pra eu assistir uma novela, eu assisto a das oito.”

Também percebem as diferenças entre as telenovelas decorrentes das distintas autorias. O mais conhecido por elas, fica claro, é Manoel Carlos, e suas *Helenas*. “Eu sei que o Manoel Carlos faz as *Helenas*, que tem em todas as novelas, que é no Rio de Janeiro, que ‘eu sou rica’...” (Camila); “Eu sei que tem o Manoel Carlos, que é o das *Helenas*. Esse acho que é o estilo que eu menos gosto, que se eu não me engano, posso tá errada, que é das vidinhas comuns da elite.” (Gaia); “Eu sei que o Manoel Carlos tem a tal da *Helena* lá, que é sempre a protagonista.”

Outro autor que destacam, provavelmente influenciadas pela novela que estava no ar, é Walcyr Carrasco, autor de *Amor à vida*. Glória Perez também foi lembrada. “Ah, e daquela mulher que escreve que sempre bota um país, a Glória Perez.” (Camila); “L: E quais tu gosta e não gosta? Por exemplo: ‘próxima novela, Glória Perez’. C: Ah, sim, chata, com certeza vai ser chata (risos), com certeza. Algum país...” (Cíntia); “Aquela Glória Perez, que também tem sempre essas coisas sociais de, que também, logicamente, por causa da história da filha dela que morreu, tem toda essa...” (Gaia). Ao se lembrar de Glória Perez, Gaia destaca o quanto as notícias tratando da morte de sua filha, Daniella Perez, em 1992, chamaram sua atenção. “Isso eu me lembro muito quando era criança, da Daniella Perez. Eu lembro, assim, de eu ser criança e pegar revista na banca pra ver, aquela curiosidade mórbida, assim.”

Entre os autores favoritos, Manoel Carlos e Walcyr Carrasco. Camila prefere Manoel Carlos porque “pelo menos [as novelas] são bonitas”, assim como Cíntia, que dizia, entretanto, não estar animada para a próxima novela, escrita por Maneco – *Em família*¹¹⁷ (2014). Gaia prefere Walcyr Carrasco, “que faz essas novelas que, geralmente, eu gosto, tenho tendência a gostar mais”. Milena diz que não tem um autor preferido.

Segundo as entrevistadas, é possível dizer que todos os brasileiros assistem a novela. Para Camila, “todo mundo fala mal, mas todo mundo vê”. Cíntia também pensa assim, isto é, que mesmo quem critica ou afirma não gostar de novela, assiste às vezes. Gaia e Milena

¹¹⁷ A telenovela da Rede Globo *Em família* está no ar desde fevereiro de 2014, no horário das 21h. Escrita por Manoel Carlos, ela tem direção-geral de Leonardo Nogueira.

relacionam a novela à identidade nacional. As entrevistadas se referem a algo que já foi discutido por pesquisadores (PORTO, 2008; LOPES, 2010): o papel da telenovela na constituição de uma identidade nacional brasileira.

Eu acho que gostam de novela, eu acho que se identificam e imitam, eu acho que é uma influência, assim, bem grande, eu acho. [...] Eu acho que muitos assim detestam ‘nossa...’, aí, quem nunca olhou, quem nunca tá com a TV ligada sabe? Eu acho meio impossível, na boa, tu só olhar programas... sabe? Eu acho meio impossível, mas... Também acho que tem pessoas que não influencia muito, tipo eu, tipo eu olho, não amo, mas não detesto, sabe? [...] Eu acho que as pessoas, assim, de classe social mais alta, são essas que falam que detestam. [...] Eu acho que é meio impossível nunca ter assistido, né? Ou nunca na vida. Alguma época da tua vida tu assistiu, sabe? Eu acho. Talvez algumas pessoas não assistam, mas a maioria... Todo mundo liga a TV e... Aí, na boa, vai ficar na novela, sabe? (Cíntia)

Eu acho que assim, é uma coisa que eles, as pessoas têm como entretenimento, eu acho. [...] Mas eu acho que as pessoas gostam muito de novela, a minha impressão é que elas gostam muito, que *é um pedaço da, até da identidade do Brasil*, que a novela é uma coisa que todo mundo presa. Tem novelas que são exportadas, assim, e isso é, sei lá, nosso produto brasileiro, novela. (Gaia)

Eu acho que é o nosso produto de mídia mais forte, mais relevante, não sei, eu acho que... enfim, não vou dizer padrão de qualidade, mas é um produto que é repassado em diversos países, né? *Eu acho que é bem característico da nossa cultura: chegar em casa, assistir a novela, todo mundo assiste novela, bem ou mal todo mundo assiste novela. Acho que é uma ligação entre todo o povo, desde lá a classe Z até a classe A, todo mundo assiste novela, uma identidade nacional mesmo.* (Milena)

Sendo assim, assistir a novela, conforme as mulheres do grupo, independe de gênero, idade e classe social. “Acho que todo mundo assiste novela ou já assistiu novela ou, enfim, é um assunto que todo mundo sabe falar um pouquinho, né?” (Milena). Em relação a diferenças de classe na assistência de novela, Camila acredita que mesmo as classes mais altas consomem o produto, com a diferença de que os membros dessa classe “têm mais vergonha de falar que vê, que não é tão culto”. Sobre possíveis diferenças de gênero, Camila afirma: “Meu pai é um que não assume que vê, mas vê.” Para Milena, “não tem essa de novela é de mulher, futebol é de homem, essas coisas, tá passando na TV tão junto tão assistindo.” Cíntia pensa que também não há restrições por parte de alguma geração: “eu tenho muito amigo noveleiro, meu pai é mega noveleiro também, então eu acho que não tem muito questão de idade”. Pesquisadores de telenovela, como Almeida (2003), já discutiram a recepção de telenovela por homens e a reserva desses ao falarem sobre o tema. No entanto, o que se verifica a partir das experiências das entrevistadas, é que, na intimidade do lar, o público masculino se mostra importante consumidor do produto.

As opiniões se cindem ao falarmos sobre o realismo na telenovela. Nenhuma das entrevistadas considera haver um falta total de realismo, e tampouco o oposto. Milena é a que considera as novelas mais realistas, embora aponte “deslizes”.

Eu acho que sim, tratam de assuntos que acontecem, enfim. Tem algumas coisas que é uma fantasia, sempre, sei lá, a casa da empregada, que trabalha 30 horas e tem 10 filhos, e é sempre uma casa grande, aquela coisa que na realidade a gente sabe que não é né? Casa dos patrões também tem sempre 30 empregados, fazendo tudo pra todo mundo, qualquer hora do dia, a gente sabe que foge um pouco da realidade. Mas eu acho que os assuntos, assim, as relações pessoais eu acho que é isso mesmo, ser humano né, as relações são essas. (Milena)

Gaia, por seu turno, fica dividida, apontando as dúvidas que tem sobre a questão.

Às vezes eu acho que elas são realista, mas não a minha realidade. Mas à realidade de alguém ela deve tá sendo fiel. Que nem isso das pessoas, as ricas lá, que têm as empregadas, eu já falei isso: ‘Bá, mas isso aí não é real, não é realista né? Imagina, quem é que tem empregados e tal, com aqueles uniformes?’. E alguém já me disse: ‘Não, mas na alta classe, no Rio de Janeiro, isso existe’. Então fico pensando, deve ter algum fundo de verdade, nessas coisas que eles retratam. [...] Talvez o que tenha de interessante é essa coisa das classes mesmo, porque eu acho que é comum na novela tu ter um núcleo dos ricos e um núcleo dos pobres. [...] *E isso talvez seja uma característica de identidade nacional, de Brasil, de ter as duas coisas acontecendo sempre juntas.* (Gaia)

Assim como elas duas, Camila e Cíntia dão destaque às inconsistências relativas a representações de classe, chamando nossa atenção o fato de ser esse um ponto em que todas tocaram. “Eu queria ser pobre no Manoel Carlos. Tinha uma comunidade no Orkut, na época do Orkut, ‘Eu queria ser pobre no Manoel Carlos’. (Camila). Para Cíntia, as novelas não mostram o verdadeiro Brasil porque sempre se coloca luz sobre os “extremos, ou muito rico ou muito pobre”.

Embora nenhuma novela seja totalmente realista, conforme Cíntia, algumas se aproximam mais desse objetivo, como ela diz ser o caso daquelas assinadas por Manoel Carlos. Outras, como *Amor à vida*, cometem muitos equívocos, tornando o programa risível. “Essa aí é uma viagem! Tipo, o cara é esfaqueado e vai parar no hospital mais rico da cidade. Não! A outra lá usa a tal da substância, que até agora eu não sei qual é, e aí o cara vai ficar cego. Hum? Daí o judeu com o que era terrorista. Tipo, não, sabe? Eu acho essa novela muito *engraçada*.” Como observam Skeggs e Wood (2011), considerar engraçados programas que se pretendem sérios/dramáticos seria uma típica reação da classe média a programas populares.

Um aspecto em que a novela consegue ser realista, de acordo com as jovens, diz respeito à apresentação de distintas formas de discriminação. As principais seriam as dificuldades enfrentadas por gays, em destaque em *Amor à vida* na ocasião das entrevistas, pessoas com deficiência, obesos, negros, bem como as discriminações de classe. Nem sempre, no entanto, a abordagem da novela colabora com a sociedade. Camila considera que a forma como o tema da obesidade foi mostrado, além de não ajudar em relação ao preconceito contra os obesos, foi machista. “Ai, da gorda, porque é gorda ia ser virgem, de certo... E daí quer casar, porque é o sonho de toda a mulher... Aí reforça o machismo, porque daí o sonho de toda mulher é casar”.

Cíntia aponta preconceitos contra deficientes físicas e negros como alguns dos que recorda, mas considera que, em relação a questões raciais/étnicas, a novela mais atrapalha do que ajuda.

Eu acho que aparece, às vezes de uma forma, assim, querendo passar alguma coisa, tipo essa que eu tava olhando esses dias, a Joia Rara, do cara que era paraplégico e tal, da deficiência, que não conseguiu emprego, tá. Mas às vezes também passa de uma forma meio subliminar assim, tipo ai negro é sempre o empregado, esse tipo de coisa assim, que de certa forma acaba passando, mas não é a mensagem que é pra passar, mas acho que acaba passando. (Cíntia)

Em relação à discriminação de raça, Gaia considera que o principal sintoma disso seja ainda a ausência de negros nos elencos das novelas. Gaia entende que a novela também mostra o preconceito contra os pobres. “Essa coisa de rico e pobre sempre tem assim, de pessoas, ou os ricos que ficam fazendo pouco caso dos pobres.”

A única, entre elas, que admite já ter se identificado com algum caso de preconceito apresentado na televisão, e mesmo de ter sofrido alguma discriminação ao longo da vida, é Camila. Ela relata que se identifica com a personagem de um seriado apresentado no canal fechado Multishow. A protagonista é uma mulher solteira da sua idade. “Ela tem a minha idade, solteira e mora sozinha, aí eu me identifico. Essa coisa de ir em festa de família, daí tu é a única solteira...” A família, ela diz, importuna com perguntas sobre namorados, casamento, deixando claro que a situação dela não é bem vista. Também conta sofrer discriminação por ser ruiva, “por ser diferente, simples assim, porque tu não é igual aos outros”, mas nunca viu um caso semelhante na televisão.

Interessante perceber que, até aqui, todas as menções sobre classes sociais foram feitas de forma espontânea pelas entrevistadas, com o tema só sendo trazendo pela entrevistadora na segunda metade da entrevista que enfocou em telenovelas. As menções não foram poucas,

demonstrando que esse é um tema que chama a atenção delas, até por ser um assunto que não deixa de ser explorado pelos autores. Ronsini (2012) e Junqueira (2009) observam que a oposição entre núcleos ricos e núcleos pobres conformam uma das essências da telenovela contemporânea da Globo.

Conforme a leitura de Camila, embora as diferenças de classe apareçam nas novelas, isso não significa que a questão da desigualdade social seja abordada.

Não são tão mostradas, mas são mostradas bem mais bonitas né? Os pobres nunca são tão pobres, os pobres são mais ricos que eu, os pobres das novelas. Não é mostrado, tipo, é mostrado uma pessoa mega, super, ultra rica e é mostrado uma pessoa pobre que não é tão pobre na novela, óbvio. Mas não é enfatizado essa questão da desigualdade. Pelo menos das que estão agora no ar. Ah, mas quando é, é tipo: a mocinha rica que se apaixona pelo rapaz pobre. Mas não por uma questão com pobreza mesmo. (Camila)

Gaia e Milena avaliam que a representação das classes na novela transparece a ideia de que os pobres são mais felizes, permitindo que se pense que, desse modo, não há motivo para vencer a pobreza e a desigualdade.

O rico, ele é sempre, ah, tem aquela coisa assim, mais comidinha. As coisas que eu acho mais marcantes com relação à comida, porque todos os ricos na novela comem pouco, e tem aquela coisa do, a salada com frango. E os pobres assim é a coisa mais da comida no ban... não é o banquete daí, porque seria assim o churrasco, a festa, é sempre o churrasco, a festa e aquela coisa exagerada, assim, daquela coisa de fazer fiasco. [...] Eu acho que é bem isso assim, 'que a gente é pobre mas é alegre', *então não tem problema ser pobre. Mesmo com pouco a gente consegue se feliz*. Eu acho que a novela acaba mostrando que sempre ser pobre é mais legal do que ser rico. Que os ricos estão sempre sofrendo, tem sempre os problemas, assim, e os pobres são o núcleo onde as pessoas sempre são alegres... (Gaia)

O problema do rico é que sempre tem intriguinha, alguém, sei lá, disputa por dinheiro, por empresa, por, enfim. E o problema do pobre... eu não sei dizer qual o problema do pobre na novela... o que me salienta mais a atenção é justamente isso, que sempre estão, vão fazer o sambinha lá na frente do bar de não sei quem, toda a vizinhança tá sempre junto. A outra parte da novela não tem isso, de uma integração social maior. (Milena)

Também entendem que a representação da relação entre classes mostra um fluxo que não existe na realidade. “O pobre não vai frequentar os mesmos lugares das pessoas que têm dinheiro e vice-versa também. Claro, pode acontecer, pode, mas acho que a regra não é essa, assim. [...] não vai frequentar o mesmo círculo.” (Cíntia); “Eu acho que as classes vivem separadas, não tem tanta interação assim como na novela.” (Gaia); “Quem tá mais embaixo assim, enfim, tem menos instrução até pra ofertar um serviço que interesse mais lá em cima. Tem barreiras aí no meio que não se passam assim.” (Milena).

As representações da mulher na telenovela, podemos afirmar, não contentam e não permitem a identificação do grupo de classe média. Embora as entrevistadas percebam algumas “evoluções” em relação ao modo como o gênero é mostrado, por exemplo, através do exercício de uma profissão, algumas disposições, como mulher-esfera privada e homem-esfera pública, segundo elas, seguem predominando. Entre as representações dominantes, indicam: “Machista... A mulher sempre precisa ter um homem, sempre precisa casar, porque o final feliz da vida é estar casado. *Até autista deixa de se autista.*” (Camila); “Eu acho que ou é a frágil, a meiga... ou a bagaceira, vulgar.” (Cíntia); “A mulher tem muito da coisa, as coisas que eu não gosto, do emotivo sabe? Das mulheres que tão lá sofrendo por amor, não sei o que, e que querem muito ser mãe. Ainda tem um retrato daquela coisa, a mulher mãe.” (Gaia).

Milena identifica que existem perfis bastante variados de mulheres, “tem personagens que são mais, assim, da mulher que faz tudo, que é mãe, que é profissional, que é dona de casa, e tem outras que são as dondocas que não fazem nada, tem a barraqueira, tem a periguetete, tem, enfim, todas as facetas da mulher”. Ao mesmo tempo, percebe algumas preponderâncias sobre as características mais aceitas.

[...] Epicentro da família, porque normalmente essas mulheres que são, ah, principais das novelas sempre têm família em volta, não sei, não tenho lembrança, agora pelo menos não me vem, de uma que era só a profissional, que era a super ultra reconhecida, diferente do personagem masculino, que às vezes é o cara lá da empresa e só isso basta pra ele. A mulher sempre tem, tem em volta, tem mais coisa em volta. (Milena)

Cíntia e Gaia apontam o casamento como a prioridade da mulher na novela, como já foi possível perceber acerca do pensamento de Camila. “A prioridade? Casamento. [...] Eu não identifico muito nem comigo nem com as mulheres que eu convivo, assim. Na novela *sempre pra acabar bem todo mundo casa* né? E não é assim.” (Cíntia); “Se a gente pensar que todo último capítulo de novela as pessoas casam e têm filhos... é como se fosse o fechamento da narrativa é sempre esse. Então, o objetivo final é sempre ser feliz através do casamento e dos filhos.” (Gaia).

Sobre a sexualidade feminina, Gaia resume a ideias das demais mulheres afirmando que “ela é meio velada, é uma sexualidade bem comportada”. Camila e Milena citam exemplos de *Amor à vida* para pensar as diferenças na representação da sexualidade masculina e feminina. “Era pra ser mostrado, com essa que descobriu que tinha sido traída na lua de mel, *Patrícia* (Maria Casadevall), que ela ia, saía, enlouquecia e não queria um relacionamento sério. Mas aí óbvio que ela se apaixonou.” (Camila); “Até nessa novela que tá agora apareceu o vô e o pai falando com o menino, né? *O Félix* e o *César* [Antônio Fagundes]

falando com o filho, meio que assim ‘vamo lá’, dando uma empurradinha. E com mulher não acontece isso, nunca vi de ‘filha, vamos sentar na sala e conversar e vamo lá!’” (Milena). Gaia também se refere a uma mulher da mesma novela para afirmar que *a mulher não é agente* quando o tema é sexualidade.

Que nem essa história da *Perséfone*, de colocar a virgindade da personagem como uma coisa assim: “ela é gorda, logo ela é virgem”. Só que ele não tá tratando realmente de sexo nessa ideia da virgindade da personagem, porque tá evitando falar dum assunto de uma forma direta. Como é que eu vou dizer... ‘Sexo entre pessoas gordas. Como pessoas gordinhas fazem para lidar com a sua sexualidade?’ Não, ele tá simplesmente pressupondo que, porque ela é gorda, ela não vai ter uma vida sexual, porque, enfim, tem uma rejeição. Só, essa ideia da novela já tá fazendo uma construção de que a sexualidade da mulher tá ligada à essa aceitação, e não que seja uma coisa que ela é a agente, sabe? Daí, como aquela pessoa ali não corresponde ao padrão, logicamente, ela vai ser privada daquela esfera da vida social dela. (Gaia)

Elas mostram sintonia novamente ao analisarem as funções de homens e mulheres nas novelas. Acreditam que a mulher tem, de fato, uma ocupação, e que muitas vezes essa não se distancia muito da ocupada pelo homem. No entanto, notam uma significativa diferença de poder. “Eu acho que tão meio próximos... [...] Acho que sempre os ricos, os poderosos, não são as mulheres.” (Cíntia); “Eu acho que normalmente quando é dono, dono do hotel, dono do hospital, é um homem, eu acho. Enfim, daí o homem é mais voltado pro profissional, e acho que a mulher acaba, por mais que também, enfim, a personagem desenvolva uma atividade, mais em relação à família.” (Milena).

A típica mulher brasileira é representada, nas novelas, por *Preta* (Taís Araújo), em *Da cor do pecado*¹¹⁸ (2004), *Lucimar* (Dira Paes), de *Salve Jorge*, *Pereirão* (Lília Cabral), de *Fina Estampa*¹¹⁹ (2011), e *Murici* (Eliane Giardini), de *Avenida Brasil*. Os nomes indicados pelas entrevistadas foram distintos, mas a descrição foi a mesma: mãe e trabalhadora que encarava a vida de forma otimista.

A identificação com alguma personagem não é comum ou fácil de ser lembrada. Camila diz que se identificaria com alguém em “sofrimento por amor”, que poderia ser *Perséfone*, pois também estava em busca de um namorado: “A gordinha, tipo, tá, eu me identifico no sentido que ela procurava um namorado, né, tipo, daí algumas situações eram

¹¹⁸ Da Rede Globo, a telenovela *Da cor do pecado* foi escrita por João Emanuel Carneiro e teve na direção-geral Denise Saraceni e Luís Henrique Rios, sendo exibida no horário das 19h, de janeiro a agosto de 2004. A novela teve a primeira protagonista negra em trama urbana.

¹¹⁹ A telenovela *Fina estampa*, da Rede Globo, teve direção-geral de Wolf Maya e autoria de Aguinaldo Silva. A trama exibida no horário das 21h, entre agosto de 2011 e março de 2012, em 185 capítulos, abordou a questão caráter versus aparência a partir de uma personagem rica e esnobe outra pobre e trabalhadora íntegra.

engraçadas, assim, na procura. Eu às vezes pensava: vou fazer isso.” Milena lembra que embora não quisesse ser como *Maria Joaquina*, de *Carrossel*, queria ter as coisas que ela tinha. “Eu lembro que ela tinha um quarto, muito bonito, não sei te dizer detalhes, mas um quarto... Mas não de querer ser, mas de viver aquele momento que o personagem tá vivendo, de ter as coisas que o personagem tem, mas não de ser a pessoa.” Gaia já se identificou com a personagem *Ana Francisca* (Mariana Ximenes), de *Chocolate com Pimenta*¹²⁰ (2003).

Eu acho que a que eu mais teria assim é aquela, a viuvinha do *Chocolate com Pimenta*, que é a minha novela preferida. Por causa daquela coisa de que ela era a nerd, que as pessoas ridicularizavam. E eu me lembro que eu assisti essa novela bem na época que eu tava na faculdade e que era quando eu realmente, socialmente, eu era um fracasso, não tinha amigos e aí eu acho que talvez isso tinha uma identificação. (Gaia)

Cada entrevistada escolheu uma personagem de que mais gostava ou com que se identificava por algum motivo. Camila logo citou *Ciça* (Julia Feldens), em *Laços de Família*, mas não lembrava muito sobre a personagem, sabia apenas o motivo que fazia escolher a jovem: “Eu me lembro que ela era meio rebelde, meio enlouquecida.” A descrição que encontramos na internet era de que “questiona todas as ações praticadas pelo pai, e, apesar disso, ela ama sua família”. Camila confirmou, então, a resposta: “Me identifico, é, eu confirmo ela.” Mais do que com a filha de Tony Ramos em *Laços de Família*, no entanto, diz se identificar com as duas protagonistas do seriado da Globo *Tapas e beijos*, *Fátima* (Fernanda Torres) e *Sueli* (Andrea Beltrão). Não explica muito sobre a escolha de ambas, mas está relacionada a uma significativa liberdade sexual usufruída por ambas no programa.

Cíntia não conseguiu pensar em nenhuma personagem que tivesse algo a ver consigo. Dias depois, enviou a resposta por Facebook, dizendo se lembrar de “uma personagem que eu adorava!”. A escolhida foi *Isabel* (Viviane Pasmanter), de *Páginas da Vida*¹²¹ (2006). “Era uma fotógrafa de noivas, de uma das novelas do Manoel Carlos. A Viviane Pasmanter que fazia! Era toda estilosa, toda independente, tinha uma casa que eu achava tri massa e uma tatuagem também! Acho que pensava: ‘Bá! vou ser tipo ela daqui uns anos’ hahaha.” Gaia reafirmou a preferência por *Ana Francisca*, citada anteriormente como uma personagem que se identificava.

Milena, no encontro presencial, também não se lembrou de ninguém e enviou a resposta por Facebook.

¹²⁰ *Chocolate com pimenta* foi uma comédia romântica ambientada nos anos 1920 inspirada na opereta *A Viúva Alegre*, de Franz Lehár. De Walcy Carrasco, teve como diretor-geral Fabrício Mamberti, sendo exibida no horário das 18h, entre setembro de 2003 e maio de 2004, em 209 capítulos.

¹²¹ A telenovela da Rede Globo, de autoria de Manuel Carlos e direção-geral de Jayme Monjardim e Fabrício Mamberti, *Páginas da vida* foi ao ar no horário das 21h, entre junho de 2003 e março de 2004, em 203 capítulos.

Uma personagem que veio a minha mente foi a *Carol* de *Insensato Coração* (2011), vivida pela Camila Pitanga. Não lembro bem se a questão era sobre alguém com quem eu me identificava ou sobre alguém em quem eu me projetava. Bom, vou responder como alguém que eu gostaria de ser (pelo menos na época da novela, foi assim!). Lembrei dela porque era uma mulher bem-sucedida, trabalhava na área de Marketing de um shopping (se não me engano) e tinha um visual bem bacana. Essas eram as características que eu gostaria de ter! O início da novela coincidiu com o último período da minha pós (fiz em Marketing) e essa personagem era bem o exemplo de como eu imaginava que a vida profissional podia ser. (Milena)

Percebem-se, por parte do grupo de entrevistadas, leituras pouco ingênuas acerca das representações de classe nas telenovelas. Elas não reproduzem a invisibilidade da desigualdade social, de que fala Souza (2006), por exemplo.

7 BATALHADORAS: “TU SEMPRE BATALHAR PELO QUE TU QUER, TU TRABALHAR, TU IR ATRÁS.”

Este capítulo traz uma análise descritiva sobre a classe batalhadora, como estamos chamando, grupo aqui composto por Diná, Lidiane, Rafaela e Ruth, mulheres entre 27 e 35 anos. Elas são, respectivamente, técnica em gestão, manicure, assistente administrativa e vendedora de telemarketing. Três delas residem na região metropolitana de Porto Alegre e uma em bairro periférico da capital, conforme apresentado nos perfis, apresentados logo abaixo, neste capítulo.

Tal como no capítulo anterior, a segunda seção é dedicada a um panorama da vida das entrevistadas em foco, também buscando ressaltar suas opiniões, anseios e sentimentos. A explanação indica elementos que permitem uma compreensão dos modos de vida desse grupo. A terceira seção versa sobre consumo de mídia, no passado e no presente, salientando o papel dos meios em suas trajetórias. Aspectos relativos a memórias e representações de telenovelas encerram o capítulo. O objetivo é identificar características do consumo e usos de telenovela desse grupo de batalhadoras para posterior comparação.

7.1 QUEM SÃO

Diná tem 27 anos, é negra, não tem filhos e é casada há um ano. Começou a frequentar a igreja evangélica por influência do marido, quando ainda namoravam, e tem se tornado cada vez mais envolvida com a religião e os cultos. Mora com o marido em Guaíba, na região metropolitana de Porto Alegre. É técnica em gestão em empresa pública de transportes, na capital. É graduada em Relações Públicas pela PUCRS, com bolsa ProUni, e, antes, fez um curso técnico em administração.

Nasceu em São Lourenço do Sul, no sul do estado, e se mudou com a mãe para Porto Alegre aos três anos de idade. Ainda criança, mudou-se para Guaíba, por questões relativas ao custo de vida e à segurança. Seus pais possuem ensino fundamental incompleto. Conheceu seu pai quando tinha sete anos de idade, e não tem uma relação próxima com ele, que é motorista de ônibus. Sua mãe é empregada doméstica aposentada e se mudou para São Lourenço depois que a filha casou, com o marido, com quem está há 10 anos, e que é pedreiro. Tem dois irmãos por parte de pai, mas apenas os conhece através do Facebook.

Estudou sempre em escola pública. Já fez dois anos de curso de línguas. A casa onde mora com os pais é própria. Tem carro, ano 1996. Seus lazeres preferidos são tomar

chimarrão na orla do lago Guaíba e jantar com amigos. A renda familiar é de R\$ 3,5 mil, sendo que ela e o marido, que é motorista de ônibus, recebem o mesmo salário.

Ao se apresentar, afirma: “Eu sou uma relações públicas, eu sou uma pessoa bem comunicativa, eu me considero muito versátil, assim, eu acho que eu consigo... não tenho dificuldade pra me ambientar, de chegar num espaço e ter que lidar com pessoas diferentes, isso pra mim é tranquilo.”

Lidiane tem 29 anos, é branca, não tem filhos, é solteira e não namora. Católica de batizado, mas não é praticante e nem concorda com as doutrinas da igreja, “acho uma hipocrisia até”. Até o final de 2013 morava em Porto Alegre, no bairro Jardim Leopoldina. No início de 2014, mudou-se para Viamão, onde construiu uma casa no mesmo terreno em que mora o pai e a irmã. É manicure e depiladora em salão de beleza localizado no bairro Bom Fim. Possui curso profissionalizante nas duas áreas e frequenta congressos e workshops anualmente. “Eu acho isso importante, pra gente tá sempre se reciclando, aprendendo coisas novas, pra poder oferecer pro cliente, esse é o diferencial, porque na nossa área tem muita concorrência.”

Nasceu em Porto Alegre, viveu durante a infância e a adolescência em Viamão, e passou a morar sozinha em Porto Alegre aos 18 anos. Seus pais se separaram quando ela tinha nove anos, ela ficou vivendo com a mãe, mas desde a separação dos pais passou a ter muitos desentendimentos com a mãe. Está há 11 anos sem ver ou falar com ela. Sua mãe possui o ensino fundamental incompleto e é diarista. Seu pai nunca estudou, mas sabe ler e escrever, e “faz conta como ninguém”. É pedreiro. Tem uma irmã mais velha que trabalha em telemarketing como recupera de crédito de veículos.

Estudou sempre em escola pública. A casa onde mora é própria, ficou pronta após sete anos de construção. Não tem carro. Seu lazer preferido é ficar em casa com a família “fazer um churrasco, tomar uma cerveja”. Sua renda é de cerca de R\$ 2 mil.

Apresenta-se da seguinte maneira: “Eu sou muito, eu me considero muito esforçada, trabalhando bastante pra ter, pra conseguir ter uma vida um pouco melhor [...]. Eu gosto de trabalhar, gosto bastante mesmo, pra mim chegar a ter a clientela que eu tenho hoje, [...] eu tive que fazer certas renúncias e me dedicar muito.”

Rafaela tem 32 anos, é branca, não tem filhos, e está noiva. É católica não praticante. Mora em Gravataí, região metropolitana de Porto Alegre, com a mãe, duas irmãs e uma sobrinha. Em outra casa no mesmo terreno, mora a outra irmã, seu marido e sua filha. Durante

a pesquisa, atuava como assistente administrativa fiscal em uma indústria automotiva, mas recentemente foi transferida para trabalhar no setor de Recursos Humanos da empresa, aproximando-se da Psicologia, área em que cursa graduação.

Nasceu e sempre viveu em Gravataí. Seus pais se separaram há sete anos, mas ele ainda tem contato constante com a família. Seus pais possuem o ensino fundamental incompleto. Ambos são comerciantes, cada um mantém um minimercado em casa. Suas três irmãs têm ensino médio completo, a mais velha ainda possui curso técnico em contabilidade, mas Rafaela é a primeira a cursar o ensino superior na família. “Eu sou a primeira das minhas irmãs a tá fazendo faculdade. [...] Eles [seus pais] ficaram super felizes, porque eles sonhavam também com isso.”

Cursou o ensino fundamental em escola pública e o ensino médio em escola particular com bolsa de estudos parcial. A casa onde mora com a família é própria, o terreno foi adquirido em 1986, mas a casa ficou pronta dez anos depois. Não tem carro. Seu lazer preferido é ficar com o namorado assistindo a filmes. Seu salário é de R\$ 2 mil e a renda familiar, incluindo seus rendimentos, é de R\$ 4.400.

Em suas palavras, apresenta-se da seguinte forma: “Tenho 32 anos, moro em Gravataí, trabalho em Porto Alegre e estudo em Cachoeirinha, tô fazendo faculdade de psicologia, tô no segundo semestre, tenho uma família bem grande, que eu amo muito, moram todos comigo, exceto o meu pai, [...] convive diariamente com nós”. Fala ainda sobre o noivo, que na época ainda era namorado: “Tenho um namorado muito querido. Eu comecei a namorar há quase 3 meses e tá me fazendo um bem enorme, assim, tá completando a minha vida.”

Ruth, 35 anos, é branca, tem dois filhos e já foi casada três vezes, “casado em termos, nenhum dos três casamentos foi no papel”. Seu segundo marido faleceu após um ano casados. “Quero continuar solteira, não quero casar mais. [...] Ah não, três casamentos e um funeral é demais pra uma pessoa”. Considera que não tem religião, conta que foi batizada na igreja católica, já frequentou a igreja luterana e simpatiza com a doutrina espírita. Mora em Porto Alegre, no bairro Vila Nova, com a filha de 14 anos. O filho de 18 anos vive com um padrinho de Ruth, que ela considera um pai, especialmente depois que o seu faleceu. É vendedora de telemarketing de uma empresa de telecomunicações, oferecendo pacotes de TV, internet e telefonia para possíveis clientes. Iniciou o curso de Direito em 2012, mas até agora conseguiu cursar dois semestres, pois com frequência precisa trancar a faculdade, por falta de tempo ou por economia – no caso dela, os dois estão diretamente relacionados, pois quanto mais tempo trabalha, maior é o número de vendas e maior seu rendimento mensal.

Nasceu em Porto Alegre e viveu a maior parte de sua vida em Cachoeirinha. Quando adulta, também morou em Gravataí e em Santa Catarina, nas cidades de Curitiba e Joinville. Seus pais se separaram quando ela era adolescente, conforme ela, o principal motivo foi o alcoolismo dele. Seu pai, que faleceu de câncer alguns anos atrás, possuía ensino fundamental incompleto. Sua mãe possui ensino médio completo. Tem dois irmãos, um tem ensino superior completo e outro está concluindo o ensino médio por EJA. Ruth já fez diversos cursos profissionalizantes, como técnico em administração, técnico em secretariado, operador de caldeira e manicure, pois, como não conseguia fazer faculdade, devido ao custo, buscava abrir outras oportunidades de trabalho.

Sempre estudou em escola pública. Em 2013, comprou um apartamento, por meio de financiamento para 20 anos. Não tem carro. Seus lazeres preferidos são ir ao cinema, fazer churrasco com os amigos e assistir a filmes com os filhos. Seu salário é de cerca de R\$ 2,5 mil, com variações significativas de um mês para outro, visto que recebe conforme sua produtividade.

Ao se apresentar, afirma: “Falar de mim é complicado. Eu gosto bastante de trabalhar, gosto de sair... Gosto de estudar, mas agora tranquei a faculdade por causa da compra do apartamento. Falar da gente é difícil... Mas eu sou uma pessoa comunicativa, gosto de conversar.” Também fala sobre a família: “E família é tudo de bom né? É bom saber que eu posso contar tanto com o meu pai quanto com a minha mãe quanto com toda a minha família, todos eles sempre me apoiam em todos os quesitos, às vezes puxam a orelha daqui, eu não gosto, mas dos meus pais, assim, eu não posso reclamar, eles são maravilhosos.”

7.2 MODOS DE VIVER

Conforme pesquisadores da “nova classe média” apontam, duas características importantes desse grupo se referem à problemática que relaciona trabalho e tempo, especialmente através de longas jornadas de trabalho, muitas vezes conciliadas com os estudos (FLEURY, 2013). Entre as mulheres batalhadoras deste estudo, encontramos essa realidade. Rafaela concilia o trabalho como assistente administrativa, no qual cumpre 40 horas semanais, com a faculdade de psicologia à noite e sábado pela manhã. Sai da indústria onde trabalha, em Porto Alegre, às 17h30 e vai para a faculdade em Cachoeirinha, onde sua aula inicia às 19h15. “Se eu vir pra casa, eu gasto mais uma passagem, não vale a pena. Eu vou prali, se eu chego cedo eu aproveito pra ler alguma coisa, porque tem muita leitura né?”. Ruth também dividia seu tempo entre emprego e curso superior, mas agora, como em várias

ocasiões, trancou a faculdade pela falta de tempo e pela necessidade de economizar, especialmente em 2013, quando adquiriu casa própria. No caso de Ruth, a relação entre tempo e rendimentos é clara, visto que ganha conforme sua produtividade, na venda de pacotes de TV por assinatura, telefonia e internet.

Lidiane pretende concluir o ensino médio e cursar o ensino superior em breve – afirma que agora que concluiu a construção de sua casa terá mais tempo e dinheiro para se qualificar. Por enquanto, dedica cerca de 10 horas diárias, seis dias por semana, ao trabalho como manicure. “Bem corrida, tô sempre atrasada.” Começa a trabalhar às 10h e chega a sair às 22h. Obviamente, mais tempo no salão à disposição das clientes significa uma renda maior. Ela não possui carteira assinada, e, assim, não tem nem mesmo um salário mínimo garantido.

Diferentemente das três, Diná cumpre suas oito horas diárias de trabalho, sem necessidade de hora-extra, e vai para casa descansar até o dia seguinte. Essa é sua realidade desde 2012, quando ingressou, via concurso público, em seu emprego atual. Antes disso, porém, chegou a precisar conciliar curso técnico (último semestre), faculdade (primeiro semestre) e trabalho. Ela nunca pôde se dedicar plenamente ao curso superior.

Diná participa de cultos na igreja na quinta-feira e no sábado. No fim de semana, gosta de ficar em casa. “Eu sou bem preguiçosa, eu gosto de ficar na cama, olhando televisão, dar uma descansada.” Rafaela tem o sábado à tarde para namorar. “Eu procuro aproveitar pra namorar um pouquinho, pra não perder o namorado.” E complementa: “Até quando eu comecei a estudar eu pensei ‘bom, eu acho que agora é que eu não vou namorar mesmo’, porque dificilmente tu vai arranjar alguém que tenha paciência, ainda mais homem, às vezes é meio machista, mas não, ele me apoia bastante.” No domingo, faz leituras e trabalhos para a faculdade.

Lidiane conta que até sua casa ficar pronta, no início deste ano, dedicava sua folga do trabalho, no domingo e na segunda, à casa em construção. Ela ajudava com algumas tarefas e cuidava da limpeza, atenta para que aquilo que já estava pronto não fosse estragado. “Atualmente eu não faço nada além de trabalhar na minha casa, nada.” Conta que, por seu pai ser pedreiro, aprendeu algumas coisas. “Eu meto a mão na obra, tô com o pé todo sujo de tinta, [...] eu vou fazendo o que dá, é uma economia também se eu não precisar pagar uma pessoa pra fazer aquilo. As coisas que eu posso fazer eu faço, eu pinto, as coisas todas de pintura da casa fui eu que fiz.” De modo semelhante, Ruth também estava reservando o tempo livre – que praticamente se resume ao domingo, pois costuma trabalhar aos sábados – para a reforma do apartamento, que concluiu antes de se mudar, no final de 2013. Seu lazer preferido é participar de churrascos na casa de amigos.

Lidiane é a única que dá destaque às atividades domésticas em seu relato. Expõe que após chegar do trabalho, por volta das 22h, costuma arrumar algo em casa, “se quiser”, já que mora sozinha e decide o que precisa ou não fazer.

Lidiane e Ruth trabalham desde os 16 anos, quando ainda não haviam concluído o ensino médio. Ruth voltou, poucos anos depois, a estudar, com o apoio do marido. Lidiane até hoje sonda um retorno aos estudos, porém isso ainda não se concretizou. Ambas citam a separação dos pais como importante para o abandono dos estudos. A separação dos pais de Ruth e o abandono da escola ocorreram no mesmo ano, em parte por entrar em uma fase “rebelde”, e também porque a situação financeira ficou pior em casa. Além disso, ela engravidou em seguida. A separação dos pais de Lidiane aconteceu quando ela estava com nove anos. Desde então, tinha problemas de relacionamento com a mãe e aspirava conquistar sua independência para poder sair daquela disputa que se travou entre pai e mãe pelo controle da filha.

Rafaela começou a trabalhar após concluir o ensino médio. Embora desejasse cursar o ensino superior, não tinha condições financeiras de pagar uma faculdade. Novamente, a separação dos pais aparece como significativa, nesse caso, especialmente porque a renda familiar diminuiu após seu pai sair de casa. Ela explica que o minimercado da família passou a ser atendido apenas pelas mulheres, aumentando o número de assaltos e diminuindo os lucros. Apesar de a situação econômica em casa não ser confortável, a ajuda financeira de Rafaela não seria essencial. No entanto, a família tampouco poderia pagar uma faculdade para ela. Assim, o caminho foi começar a trabalhar. Após mais de 10 anos trabalhando no comércio, ela conseguiu dois empregos consecutivos em indústria automotiva, sendo o segundo aquele no qual está desde 2011, e que permitiu que ela tivesse meios de pagar seus estudos.

Diná pôde se dedicar aos estudos até a conclusão do ensino médio, e, depois, interessada em se qualificar, fez um curso técnico, que conciliava com o trabalho. Diná conta que a faculdade não era nem mesmo um sonho para ela, pois a via como algo distante de sua realidade. “Eu nem pensava, pra mim era tranquilo... ‘Ah tá, quem sabe um dia eu tente UFRGS’. Mas ‘ah, vou fazer um curso técnico, acho que vai me dar uma formação legal’. Nem fazia parte dos meus planos ter um ensino superior, não tava nem triste, decepcionada, porque eu não contava com aquilo.” Durante a graduação, que não precisou pagar já que recebia bolsa, sempre trabalhou, para conseguir se manter e ajudar a mãe.

Nesse sentido, a análise de Souza (2010) versa sobre a relação entre trabalho e estudo para as chances de futuro dos jovens “batalhadores”.

A necessidade do trabalho se impõe desde cedo, paralelamente ao estudo, o qual deixa de ser percebido como atividade principal e única responsabilidade dos mais jovens como na ‘verdadeira’ e privilegiada classe média. Esse fator é fundamental porque o aguilhão da necessidade de sobrevivência se impõe como fulcro de vida de toda essa classe de indivíduos. Como consequência, toda a vida posterior e todas as escolhas – a maior parte delas, na verdade, escolhas ‘pré-escolhidas’ pela situação e pelo contexto – passam a receber a marca dessa necessidade primária e fundamental. (SOUZA, 2010, p. 51).

Entre as entrevistadas, fica claro que não lhes é dada a oportunidade de dedicação plena e exclusiva ao estudo, que, na classe média, certamente incluiria a graduação, percebida como “o mínimo” pelas informantes daquele grupo.

No que se refere às memórias da escola, Rafaela é, entre as quatro batalhadoras, a que se refere a lembranças mais positivas, apesar de a recordação que destaca tratar de sua timidez em aula.

Eu lembro que eu gostava de estudar. Eu lembro claramente a primeira série, [...] como eu era tímida, eu olhava assim, o professor escrevia no quadro as letras, e eu sabia mas eu tinha vergonha de falar, e ficava quieta e não falava nada, tanto que no meu boletim fala alguma coisa assim, tentando incentivar que eu falasse. [...] Mas sempre fui uma boa aluna, tanto no primeiro quanto no segundo grau, eu era uma das alunas que tirava as melhores notas. [...] Era uma das mais inteligente eu não vou te dizer, mas talvez uma das mais esforçadas, que aí fazia com que eu tirasse uma das melhores notas. Sempre foi assim, eu sempre me dediquei muito. (Rafaela)

A volta aos estudos recentemente significou uma conquista para Rafaela e sua família. “Pude recomeçar agora a estudar, antes tarde do que nunca né? [...] Eu sou a primeira das minhas irmãs a tá fazendo faculdade. [...] Eles [os pais] ficaram super felizes, porque eles sonhavam também com isso.”

Diná, Lidianie e Ruth destacam recordações boas e ruins. Ruth conta que sempre gostou de estudar, mas, nem por isso, as experiências na escola foram apenas positivas. “Eu era bem baixinha, eu usava óculos e as pessoas mexiam comigo. Eu nunca fui uma pessoa, assim, popular, eu sempre fui mais quieta e fui de ficar com os bolinhos mais reprimidos [...]. Mas eu gostava, sempre gostei de ir à aula. Sempre gostei de estudar.”

As principais lembranças da escola, para Diná, referem-se às mudanças de colégio, que aconteceram várias vezes devido a mudanças de cidade ou bairro. Conta que até hoje não gosta de mudanças de nenhum tipo. Todavia, diz que não tinha dificuldade para fazer amigos, e cita um exemplo buscando comprovar isso, o prêmio de melhor amiga da turma ao final do curso de graduação. Também se orgulha em contar que recebeu o prêmio pela melhor média de notas durante todo o curso.

Lidiane é a única que relata que não gostava de estudar – e é também a única que não completou o ensino médio. “Não era uma coisa que eu amava, nunca foi, não vou mentir pra ti, eu nunca amei estudar. Eu até tentei voltar a estudar um tempo atrás... mas eu não tenho paciência, não tenho.” Conta que quer concluir o ensino médio e que tem planos de cursar uma faculdade, na área de Cosmética. “Tenho essa vontade, embora não seja muito chegada, não tenha essa paciência, mas...”

Pela descrição de Lidiane, o que mais a incomodava era o ambiente de brigas, entre colegas e entre alunos e professores. “Na minha época já tinha muita briga, aluno não respeitava professor, dava muita confusão, isso eu não gostava não, acho que por isso até que eu acabei, não tinha muito fundamento pra mim tá ali pra ver aquelas palhaçadas.”

O que Lidiane aponta como causas para a desistência da escola em seu caso específico – a falta de *paciência* para os estudos e para a *palhaçada* das brigas na escola – está relacionado às condições que dificultam o êxito escolar de forma estrutural. De um lado, a falta de paciência pode ser entendida como a disciplina para o estudo que não foi incorporada efetivamente por ela, que também não desenvolveu uma relação afetiva com o conhecimento e a escola. São *princípios* que vêm do *princípio*, ou seja, da família (ROCHA; TORRES, 2009), em seu caso, constituída por pais praticamente analfabetos que também não aprenderam verdadeiramente as razões para estudar e a melhor maneira para fazê-lo. Por outro lado, os conhecidos problemas da escola pública brasileira afetam seus alunos, não colaborando para a permanência deles. Lidiane sabe disso: “Escola pública é muito complicado, muita confusão de professor com aluno, de aluno com aluno.”

No caso específico de Rafaela, apesar de possuir uma família “estruturada” e organizada que a permitiu incorporar as pré-condições fundamentais para o sucesso escolar, (SOUZA, 2009a; 2010), faltou-lhe o capital econômico para concretizar o sonho de cursar a faculdade. A fala de Rafaela é muito consistente em relação aos planos de conclusão do curso, assim como são coerentes seus relatos de passado, presente e desejos de futuro. A estudante garante que apenas a falta de recursos financeiros, que são ainda escassos em casa, arrancaria dela o sonho de se formar psicóloga, nos cinco anos regulamentares, sem atraso.

Diná, Rafaela e Ruth destacam o papel central da educação formal em suas vidas. Rafaela enfoca o aspecto profissional, justificando que melhores oportunidades de trabalho só são possíveis para aqueles que estudam mais. Diná e Ruth consideram que, além da importância no que se refere a oportunidades profissionais, o ensino superior, especialmente, permite o desenvolvimento pessoal de forma mais abrangente.

Eu acho que o papel da educação eu acho que é te formar, não uma formação somente pra ti, mas uma formação, assim, cidadã, pra ti lidar com esses problemas da tua vida, pra ti aprender a conviver em sociedade. Eu acho que a educação tem esse papel. Tem um grande peso disso que vem de berço, como a gente diz, mas eu acho que a educação te molda. [...] Eu dedico acho que grande parte disso à faculdade, que me fez conviver com pessoas mais, professores que tinham mestrado, tinham doutorado, e que a faculdade possibilitou ter palestras, pessoas, grandes profissionais, seja da comunicação, seja do mercado, eu acho que esse convívio eu não poderia ter fora do meio acadêmico. (Diná)

Eu acho que é essencial, porque sem isso a gente não consegue nada, por mais que tu tenha uma boa educação familiar, que te dê valores, tudo é essencial, mas se a gente não tiver a educação escolar, infelizmente a gente não consegue nada. [...] Eu percebo que se tu não tá estudando, ou de repente já não é formada, tu acaba não tendo oportunidade de crescimento, e se a gente não tem oportunidade de crescimento, a gente acaba não conseguindo adquirir as coisas que a gente quer, materiais, né? Então com certeza a educação é fundamental nesse sentido, porque se não a gente acaba ficando ali parado no tempo, e tu acaba de certa forma sendo uma pessoa infeliz né, porque tu sonha coisas que tu acaba não podendo adquirir. (Rafaela)

Eu acho que a educação é a base de tudo, tanto intelectual, quanto educação moral, eu acho que é o pilar mais forte, e o que tu mais leva, de tudo, que nem diz o meu vô, ‘tudo que a gente aprende a gente leva com a gente’, isso ninguém pode te roubar, tu não pode perder, eu acho que é um dos pilares que deveriam ser muito mais cuidados, aí pelos governantes, do que qualquer outra coisa. (Ruth)

Lidiane pensa que a educação “vem de casa”, que à escola está relacionada a aprendizagem de “conteúdos”, mas que, cada vez mais, há uma confusão de obrigações que faz com que os pais deleguem aos professores a educação de seus filhos.

Entre as profissões imaginadas pelas entrevistadas, Diná e Ruth queriam ser aeromoça. A relações públicas diz que “é uma coisa que até hoje quando eu vejo uma pessoa, me fascina, quando eu ando de avião”, experiência que teve pela primeira vez três anos atrás. Ruth se interessava pela profissão porque seu avô era mecânico da Varig, e tornou essa uma realidade mais próxima para a neta. Também já quis ser arquiteta e advogada. Hoje, pretende tornar essa segunda sua futura profissão. Da primeira permaneceu o gosto por decoração, que supre principalmente assistindo a canais de televisão sobre o assunto. Lidiane, inspirada na ocupação do pai, queria ser engenheira civil. Ainda na adolescência, aos 16 anos, iniciou a trabalhar como manicure, área em que continua até hoje. Rafaela pensava em ser dentista ou psicóloga. No ensino médio, quando precisou escolher a palestra de algum profissional para assistir, optou pela proferida por um psicólogo. Quinze anos depois, pôde concretizar sua vontade e ingressar no curso de psicologia.

Atualmente, os “trabalhos dos sonhos” das entrevistadas consistem em ocupações na área de formação de cada uma. Diná, a única já graduada, gostaria de unir os conhecimentos adquiridos no curso superior com o ramo no qual está atualmente, de transportes, área que ela disse que sempre a atraiu, “porque tu faz parte da vida das pessoas, indiretamente, todo dia”. Além disso, seu marido e seu pai são motoristas de ônibus. A jovem cita um trabalho em específico que gostaria de realizar, o de relações públicas de uma companhia aérea, que remete ao seu desejo de infância, que era ser aeromoça. “Acho que uniria um pouco do meu sonho, do meu fascínio por essa coisa da postura, de ter todo um regramento pra ti viajar de avião, faz checkin, e passar ali na Infraero, e passaporte, eu acho isso bem interessante”.

Após formada, Ruth ambiciona ser juíza ou, “pelo menos”, promotora. Rafaela quer atuar como psicóloga, mas ainda não sabe em que área, visto que ainda não conhece muito sobre a profissão. Uma opção que considera é a de trabalhar como psicóloga na empresa onde está, no setor de recursos humanos, caso se identifique com a psicologia organizacional nos próximos meses trabalhando na seção. A empresa não tem um profissional da área, mas ela vê espaço para a contratação de um.

Lidiane quer ter seu próprio salão de beleza, “eu quero ter o meu espaço, pra eu oferecer tudo como eu acho que tem que ser pra clientes”. Entende que a faculdade de estética e cosmética ou de cosmetologia a capacitaria, entre outras coisas, para a administração de um negócio. Muitos conhecimentos práticos, contudo, já traz dos 14 anos de experiência na área, que a permitem ver o que considera ou não adequado para levar para o seu empreendimento.

O que eu acho, assim, primordial, primeiro, é o espaço pra atender uma cliente, eu acho que se tu não tem condições de oferecer o espaço, tu não deve te meter nessa área, o espaço tem que ser adequado, não é como eu acho que tem que ser, é como eu te disse, eu vou nesses congressos e lá a gente fica conhecendo tudo. Tipo uma sala de estética tem que ter uma pia, a maioria dos lugares não oferece isso. Uma sala de depilação tem que ser maior que isso. [...] É pro cliente, é pro cliente e é pro profissional também, pra ele poder trabalhar melhor, mas principalmente pro cliente se sentir bem né? Não faltar nunca recepcionista, como agora, que a gente tá sem recepcionista. E as clientes observam isso. Todas as minhas clientes é marcada comigo, porque eu fico apavorada, morro de medo que marquem uma coisa errada. E daí tu fica com que cara, quem tem que te vira é tu, tem que atender o cliente, cliente não tem culpa né? Bem complicado, então eu observo tudo isso pra levar pra mim. O que eu acho bom também. (Lidiane)

Acerca dos empregos atuais, as quatro batalhadoras se mostram satisfeitas: todas gostam do trabalho atual; uma, Ruth, considera-se bem sucedida profissionalmente e as outras três se consideram parcialmente bem sucedidas. Diná relata que gosta do emprego. “Eu tenho ânimo pra trabalhar, já teve casos que não. [...] Mas hoje eu posso dizer que quando o relógio

desperta eu tenho ânimo pra vir trabalhar, mas teve vezes que não”. Considera-se bem sucedida, ainda que não plenamente, por não atuar em sua área de formação superior, “não tô colocando em prática tudo que eu vi, tudo que eu estudei”. Aponta que não pretende se acomodar no emprego em que está, mas por enquanto está bom assim. Seu plano, a médio prazo, é engravidar e se dedicar à constituição de sua família.

Lidiane diz que gosta muito do que faz e de seu local de trabalho, mas alguns aspectos relativos à administração a incomodam. Conta que “foi muito curioso” seu ingresso na profissão. Ao ir se matricular em um curso de informática e descobrir que ele não tinha mais vagas, viu um folheto apresentando cursos na área de beleza e se interessou pelo de manicure. “No começo ninguém queria que eu fizesse, ainda tem um pouco de preconceito né? com a nossa área, mas naquela época era mais. Não queria que eu fizesse, que ‘só vai gastar dinheiro’”. No local onde trabalha há sete anos, precisa pagar 32% do que recebe para o estabelecimento, que arca com custos como de aluguel, luz e telefone. O material, no entanto, é comprado pelas funcionárias. Elas não possuem carteira assinada e um mínimo salarial garantido, sendo cada dia parado sinônimo de um dia sem receber. Essa insegurança é o principal fator para não se considerar bem sucedida hoje, “porque eu acho que uma pessoa pra ser bem sucedida [...] tem que ter pra onde recorrer caso aconteça uma emergência né?”. Por isso, precisa ganhar mais para conseguir ter um valor guardado para alguma eventualidade.

Rafaela gosta da empresa onde trabalha, mas não da função que exercia até o fim de 2013, na área fiscal. Relata que nunca conseguia estar com o trabalho em dia porque era muito para uma única pessoa. “O desgaste mental é grande. Tanto que nas aulas é difícil pra mim, às vezes quando eu vejo eu tô cochilando. Mas é assim né? Infelizmente, a gente que trabalha e estuda né, passa por isso. A gente sabe que é um sacrifício que a gente tá passando agora que depois a gente vai ser compensada, né?”. Levando em conta apenas o aspecto financeiro, considera-se bem sucedida porque pensa que o seu salário, “pra quem tem segundo grau, tá muito bom”. Ela recebe em torno de R\$ 2 mil. Reflete que, após estar formada, para se sentir bem sucedida, precisará receber mais e trabalhar em sua área.

Ruth afirma que uma das coisas de que mais gosta em seu emprego é poder conversar com tantas pessoas e chegar a conhecer um pouco como elas vivem, “rola não só assunto em si, mas tu fala de tudo, até pra ti chamar o cliente, pra ti fidelizar ele, e pra ti entender a necessidade dele, porque tu conhecendo a vida dele tu já tem ideia do que ele precisa.” Considera que, apesar de não ser a “top das vendedoras”, tem um bom desempenho. Ruth aponta que as colegas que mais vendem, muitas vezes, agem de uma forma que não considera correta. “Eu não acho que a venda pode vir a qualquer custo [...]. Eu quero ser a melhor, eu

quero manter o salário, mas eu não minto pro cliente, não consigo, não consigo enfiar qualquer coisa por cliente, assim.”

Questionadas sobre o que entendem por classe social, elas salientam o aspecto econômico, porém Diná e Ruth não limitam a isso. Para ambas, o fator cultural é determinante para entender uma classe, especialmente para ser possível ascender socialmente.

Antigamente, era só mesmo aquela questão do dinheiro, mas eu acho que hoje é a questão, eu acho que do que tu faz, do que o teu rendimento financeiro te faz ser acessível, sejam viagens, intercâmbios, embora economicamente falando as pessoas não classifiquem dessa maneira. [...] Cultura, cultura é a palavra. [...] Hoje em dia tá muito fácil tu ter um carro que tu queira, tu ter uma TV de led na tua casa, se eu não tiver condições de ir lá e comprar o bem à vista, eu tenho condições de ir lá, ganhando o meu salário mínimo, de ter as mesmas coisas que uma pessoa rica tem em casa. Pensando nesse viés, eu acho que tá muito ligado à cultura mesmo. (Diná)

Classe social pra mim é mais uma individualização pra separar pessoas do que... [...] Eu acho que a diferença pra que a classe menor possa subir eu acho que é a educação, porque quando, tu pode ver as classes D e E ali, eles recebem um nível de cultura em si, não só de educação, mas de cultura, muito diferente do que uma classe A e B, e isso vai continuar ocorrendo, com pouca facilidade de que eles subam. Quanto menos educação ele tiver ali, mais proporção ele tem de ficar naquela mesma classe. Assim, são poucas as pessoas que hoje tu vê que saíram lá de ser pobres e miseráveis e ter uma condição social boa, por mais que... muitas vezes eles trabalham muito mais que a classe A e B. [...] Eu levanto pra ir trabalhar nove horas da manhã, e muitos deles levantam 5 e pouco, 6 horas da manhã. Então eles trabalham, batalham muito mais, que foi o que eu digo pra minha mãe ‘eu não me vejo uma pessoa batalhadora’, claro, eu me sacrifiquei algumas coisas, tranquei a faculdade, fiz mais horas, me esforcei mais, mas assim, eu não me vejo tão merecedora do que como essas pessoas com essas classes menores que muitas vezes não têm as mesmas condições que eu tive. (Ruth)

Parte do conhecimento sobre classes sociais de Diná e Ruth está relacionado a suas áreas de atuação, visto que Diná estudou Comunicação – Relações Públicas e Ruth trabalha em uma empresa em que esses dados sociais são importantes. Ambas, assim, têm conhecimento sobre as formas de classificação, e falam em classes A, B, C, D e E. Ruth, por exemplo, tem acesso às classificações do público que atende, pois disso depende até mesmo o serviço que ela vai oferecer (pacotes de canais de televisão por assinatura, velocidade de internet, etc.). Não encontramos esse conhecimento nas outras duas batalhadoras. Contudo, a análise de Diná e Ruth não segue simplesmente essa divisão, que se restringe à renda e ao consumo, enquanto elas destacam exatamente o aspecto educacional e cultural das classes.

Diná e Ruth se inserem como pertencentes à classe C. A relações públicas fala ora de classe C ora de classe média. “Hoje eu posso, pelo que a gente vê na mídia... eu acho que classe média [...] tanto economicamente quanto culturalmente. A classe C em ascensão...”

Considera que essa sempre foi sua classe: “dificuldades eu acho que várias pessoas passam, mas eu posso dizer assim, nunca faltou comida na minha casa, nunca chegou ao ponto de faltar teto, de não ter onde morar. [...] sempre tive escola, nos bairros que morei nunca sofri com 'ai, não tem vaga', não ter material”. Ruth também diz que era da mesma classe na infância. Pela história de vida delas, contudo, é possível afirmar que ambas ascenderam – embora, conforme o critério da FGV, elas já pudessem ser consideradas classe C desde a infância, visto que a renda familiar inicial desse grupo é de R\$ 1,3 mil em valores atuais.

Lidiane afirma que faz parte da classe média baixa e salienta que venceu a situação “bem complicadinha” que vivia na infância. “Eu não sou mais, graças a Deus, pobre, pobre de marré, marré, eu não sou” e imagina “Quem sabe um dia eu vô tá nos novos ricos?”. Rafaela se inclui na classe média, entendendo essa como situada entre dois grupos mais extremos.

Eu me consideraria, se eu for colocar baixa, média e alta, da média, porque por mais que a gente tenha problema financeiro, graças a Deus nunca passei fome, a gente não pode dizer que tem confortos, de ter um monte de coisa de tecnologia em casa, mas pelo menos a gente tem a nossa TV, a gente tem o nosso DVDzinho, que se a gente quer olhar um filme a gente olha, por mais às vezes que a situação financeira da gente esteja difícil, a gente quer comer aquela coisinha mais gostosinha, a gente come, não tem aquela coisa difícil realmente de abrir a porta da geladeira e não ter o que comer. Mas como a gente também tem aqueles probleminhas financeiros, não poderia considerar de forma alguma de uma classe mais alta. Então a média taria mais, assim, de acordo com a minha realidade. [...] A gente morava numa casa mais simples, que eu fui ter sofá já quando eu vim pra cá, com 15 anos, meu pais tinham desde 86 esse terreno, mas eles foram construindo aos poucos a casa. [...] Mas também é aquela questão que nem eu te digo, nunca faltou nada mesmo, escola, a gente ia estudar, a minha mãe sempre comprava as melhores coisinhas, as mais bonitinhas pra gente começar a estudar, sempre a gente tava bem arrumadinha. (Rafaela)

A fala de Rafaela permite refletirmos sobre dois aspectos importantes acerca dos batalhadores: o crescimento do poder de consumo e o papel da família para o sucesso escolar. O aumento do consumo é uma característica da “nova classe trabalhadora”, e certamente proporciona mais conforto e, até mesmo, autoestima para essas pessoas. Também ilustra a importância dos meios de comunicação nesse contexto, uma vez que a televisão e o aparelho de DVD estão equiparados aos alimentos como símbolos de bem-estar. Ainda, ao final de sua exposição, Rafaela faz um retrato da escola em sua infância, em que o estímulo vinha através do material novo e a importância da atividade também podia ser notada no fato de estar “bem arrumadinha”.

As entrevistadas também refletiram sobre “o que é ser mulher”. Todas ressaltam o papel de guerreira das mulheres como diferencial para os homens. Diná indica a importância

de homens e mulheres terem direitos iguais e assinala como características femininas a luta, a maternidade e a delicadeza. “É juntar um pouco desse lado guerreiro, de correr atrás das coisas, mas nunca perder esse lado mulher, se deixar às vezes um cavalheirismo, alguma coisa, se deixar ser defendida, eu acho que é um misto disso tudo, hoje.” À medida que desenvolveu mais sua opinião sobre o tema, ficou clara a centralidade da religião em seu entendimento sobre o papel da mulher.

Antes, na minha fase de igreja católica, eu não tinha uma opinião muito formada, até do casamento 'ah tá, não deu certo, separa. Não deu certo, paciência'. Agora, eu tô há dois anos congregando na evangélica, eu percebo, assim, muito de tu, a família é o básico, é a célula básica tanto da tua vida antes de tu casar, tu pertence a uma família, e quando tu casa tu vai fazer, criar a tua família. [...] A mulher é a base da família, tanto porque ela tem os filhos, gera os filhos, mas ela é quem coordena as coisas em casa, o marido não tem tanto essa noção. Então eu acho que essa questão evangélica, a igreja evangélica me fez pensar o quanto eu tenho que pensar na minha família, quando eu passo a ser mulher, esposa, eu tenho que pensar na minha família. [...] Eu sou submissa ao meu marido, mas submissa pela questão de não contradizer ele na frente dos outros [...]. Eu acho que é essa submissão que eu tenho, de bom senso, de respeito. Porque não adianta, o homem, é aquela coisa, o sustento da casa. A mulher é essa sutileza, a força que ela tem que ter dentro de casa, de decidir as coisas, mas também de também cada um ter seu papel na sociedade, homem e mulher. (Diná)

Diná, vale observar, fez poucas menções à religião ao longo das entrevistas e conversas, e mostrou ter um opinião que muitas vezes não se aproxima ao defendido pela doutrina. Foi ao falar sobre o papel da mulher que sua crença mais apareceu. Ao mesmo tempo, conta que foi ela que tomou iniciativa para principiar o namoro com seu futuro marido, seis anos atrás. O fato de ter passado a frequentar os cultos há apenas dois anos, acompanhando o marido, pode ajudar a entender. Talvez atualmente ela não tivesse a mesma conduta, pois esse não é um comportamento que siga as orientações de sua religião. No Facebook, é crescente o número de postagens dela com menções à Bíblia ou à participação nos cultos.

Para Lidiane, ser mulher é lutar pelo que se quer e ser independente. “É tu ser uma mulher de fibra, tu não depender de ninguém, nunca, não ficar esperando as coisas dos outros, tu corre mais atrás dos teus sonhos.” Trabalhando em salão de beleza, tem contato com muitas mulheres, com pensamentos bastante diversos. Relata que se aborrece muito com algumas clientes do salão que “se acham inteligentes” por “darem o golpe do baú mesmo”. Considera que essas vão contra a essência do ser mulher.

Rafaela diz que “não é fácil” ser mulher, e avalia a partir do exemplo de sua mãe, pois, como seu pai, os homens “se dão um pouco mais ao direito de fazer as coisas, assim, erradas,

porque eles sabem que a mulher vai segurar a onda dos filhos e tudo, não vai deixar aquilo de lado. Por mais que as coisas vão se modernizando, tem ainda, no fundo, aquela coisinha que a casa é da mulher, o filho é da mulher”. Ruth concorda que ser mulher é mais difícil, “é trabalhar duas vezes mais”, pois “ser mulher é ter que provar todos os dias que tu pode ser tão eficiente quanto”.

Rafaela também faz referência a um modelo bastante difundido atualmente, o da “mulher que dá conta de tudo”. Não se opõe a ele, mas salienta que a partir desse ideal a vida da mulher se torna mais difícil.

Eu acho que é bem complicado, tu conseguir dar conta de tudo, porque hoje em dia as mulheres não querem ficar só em casa, querem ter uma profissão, não depender de ficar o marido te dando dinheiro, mesadinha isso e aquilo, de ter a tua liberdade, de tu poder comprar o que tu quer [...]. Então tu trabalhar fora, tu ter a responsabilidade da família, que não adianta, tu é um exemplo ali naquela casa, e de repente tu estudar, tudo, é bem complicado, não é fácil. [...] Eu acho que é bem difícil ser mulher, com certeza. (Rafaela)

A maternidade é um ideal bastante presente para as batalhadoras. Ruth, a única que já é mãe no grupo, tem dois filhos adolescentes, e diz que “eu sou o que eu sou hoje por ter os meus filhos, eu não consigo me imaginar aonde eu tô, as coisas que eu tenho, sem ter tido os meus filhos, tenho até medo de pensar no que poderia ter sido, de eu ter me perdido, não consigo me ver sem eles”.

Diná quer se tornar mãe este ano e Rafaela quer ser mãe após concluir a faculdade, quando espera também já estar casada. Lidiane é a única que não quer ser mãe. Ela diz que já quis bastante, pois adora criança, todavia quer focar em sua carreira e vê muitas mães que não têm tempo e delegam a criação dos filhos a outros, o que não gostaria de fazer. “Nessa área, a gente não tem muito tempo, então eu não vou ter um filho pra deixar sozinho, pra alguém criar pra mim, não quero isso.” O fato de não querer se casar contribui para sua decisão. “O problema é que eu não quero casar né? Como é que eu vou ter um filho e botar o bichinho sozinho no mundo”. Avalia que seu modo de pensar decorre “dos exemplos que eu tive mais próximos a mim nunca terem dado certo, se esforçarem durante tanto tempo, se incomodar, brigar e tal, e de repente tu vê que nada valeu a pena.” Ela se refere aos pais e à irmã, os primeiros por terem acabado o casamento de forma problemática, e a irmã por estar no terceiro casamento e por não ter dado conta de criar o filho, que, por muito tempo, foi cuidado por Lidiane.

Como aspectos principais para uma vida feliz, as batalhadoras apontam o trabalho, a condição financeira. Diná considera que ter um trabalho de que goste e não ter preocupações

financeiras são os aspectos mais importantes. Lidiane, apesar de não ter planos de constituir sua “própria família”, pensa que estar próxima da família é o essencial para se sentir bem. Seguindo o ideal da “mulher que dá conta de tudo”, Rafaela aponta realizações nos diversos campos como essenciais para ser feliz: casar, ter filhos e ser realizada profissionalmente. Ruth ressalta a importância de ter seus filhos junto a ela. Não pretende casar novamente, foi casada três vezes e o último casamento acabou porque “ele era muito acomodado”, e ela está mais preocupada em crescer do que em estar casada.

Pra minha felicidade, pra mim já é uma grande conquista eu fazer o que eu gosto profissionalmente, e depois... Nossa, me pegou essa... [...] Eu acho que tu não tá preocupada com as questões financeiras, não sei, pelo menos é uma coisa que me deixa muito leve, então hoje, pensando rapidamente, eu acho que é isso. Eu fazer o que eu gosto, não sentir o peso do trabalho, essa coisa, e eu acho que tá bem financeiramente, me dar o luxo, se eu ver uma coisa que eu goste, eu poder fazer, eu poder comer, eu poder sair, sabe? Pra mim eu acho bem chato, bem complicado quando eu tenho vontade de fazer uma coisa e 'mas não posso, o limite do meu cartão não deixa' ou 'ah, tem uma coisa esse final de semana, mas eu recebo só semana que vem', é uma coisa que me incomoda um pouco. (Diná)

Ai, eu acho que a família né? Pra mim a base de tudo é a família, é a gente tá sempre, pode contar com a família [...]. Sem a família não dá pra ser feliz. Eu sou uma que se, qualquer coisa que acontecesse, assim, agora, de... acho que pra mim ia ficar muito complicado, porque já não tenho a minha mãe né. Mas a minha família que eu considero, o meu pai, minha irmã, meu afilhado, hoje meu cunhado, o filhinho dele, eu acho que isso é o primordial, pra gente ser feliz tu precisa da família, daquele ambiente familiar, daquela união. (Lidiane)

Eu tenho na minha cabeça, se eu não tiver um filho, eu, particularmente, sei que eu não vou ser uma pessoa 100% realizada, que eu sinto uma necessidade de um dia ter meu filho. Mas eu vejo, assim, que pra mim ser feliz eu teria que, sim, ter a minha família por perto sempre, isso aí pra mim é essencial, e eu ter um companheiro, mas um companheiro de verdade né? [...] Ter um companheiro, um parceiro mesmo pra vida toda, e aí ter os filhos também, isso daí me faria bem realizada, com certeza. E eu conseguir ser bem sucedida no que eu tô escolhendo profissionalmente, conseguir me encontrar de verdade, ver que é isso que eu quero fazer, e eu ter a oportunidade de conseguir me encaixar ali naquele meio que eu quero trabalhar, aí vai ser perfeito, que eu vou me realizar profissionalmente e na parte mais familiar, pessoal mesmo. (Rafaela)

Pra mim ser feliz... acho que ter os meus filhos perto de mim, eu acho que é a base de tudo. Ter paz, eu detesto briga... o restante assim, eu não almejo muito dinheiro, nem muito... eu acho que a base de tudo é tá perto da minha família, dos meus filhos principalmente. (Ruth)

Para Lidiane, o pior de sua vida no momento está sendo os conflitos constantes de seu sobrinho com seu cunhado. Ela conta que, com 18 anos, o jovem está em uma fase de

“vagabundagem” e o padrasto dele, que diz ser muito controlador, vem brigando constantemente, trazendo preocupações para a família toda. O que de pior ocorreu até hoje, destaca, foi a separação de seus pais e, depois, a briga com a mãe, que ocasionou os 12 anos sem se falarem. O melhor, por sua vez, foi ter conseguido fazer sua casa, “bá, foram sete looongos anos”.

Rafaela relata que sua família está vivendo um momento muito delicado envolvendo seu pai. Há alguns meses, ele se envolveu em uma briga ao sair de um bar e acabou esfaqueando e matando um homem. A família desconfia que ele estivesse drogado, pois, após sair de casa, sete anos atrás, passou a usar drogas. Permaneceu três meses preso e atualmente aguarda o julgamento de seu processo. Sua advogada alega legítima defesa, pois o outro homem teria iniciado a briga, era cerca de 20 anos mais jovem – seu pai tem 65 anos – e mais forte. Rafaela se emociona ao contar sobre o drama da família.

Era uma coisa que a gente não imaginaria, sempre tivemos o lado correto da vida, de não fazer nada errado, nada que a gente tivesse contato com esse outro mundo. Então com certeza foi isso, pra mim foi até hoje a pior coisa que aconteceu, não só pra mim, mas pra toda a família, que é uma coisa que a gente nunca imaginou que ia acontecer, e de certa forma a gente ainda tem um pouco de medo porque como ainda tá em processo, tu não sabe o que pode acontecer. [...] Mas é uma coisa que a gente diz, tu matar alguém é a pior coisa que pode acontecer. [...] Então por mais que de repente tu tenha até uma coisa até por legítima defesa, que seja, que é uma coisa que a gente nunca vai saber realmente o que realmente aconteceu na hora, a gente não tava lá né? Só que não é uma coisa que uma pessoa que tenha uma índole boa vai querer fazer nunca, nunca. Então com certeza isso aí pra nós foi a pior coisa, pela gravidade, e por ser uma coisa que pra ele, por mais que ele tente levar a vida dele numa boa, sempre vai pesar aquilo ali. (Rafaela)

Se, de um lado, o ano de 2013 teve esse problema, por outro, foi quando iniciou o namoro, após dois curtos relacionamentos e muitos anos solteira. Garante que o companheiro está fazendo muito bem a ela. “Eu sempre fui muito sozinha nesse sentido e por mais que eu tente ser otimista, tem momentos que a gente se sente sozinha e pensa ‘puxa, por que nunca aparece uma pessoa bacana?’ Porque é bom tu ter alguém legal do teu lado, uma pessoa que te apoie, companheira.”

O que de pior aconteceu na vida de Ruth foi a perda do segundo marido. Ela diz que ficou muito abalada depois e acabou se mudando para Santa Catarina, levada por pessoas da igreja adventista. Levou algum tempo até se recuperar. “Quando eu tava pensando em me estruturar, em ter uma vida, em começar a estudar, deu todo aquele choque que virou a minha vida de pernas pro ar. [...] Quando o meu marido faleceu eu simplesmente enlouqueci, eu fui

embora, morei em vários lugares.” Já o melhor foi ter seus filhos, “foi a melhor coisa da minha vida”.

Enquanto as outras indicam algum acontecimento, Diná destaca uma característica de sua personalidade como algo de que menos gosta, que é sua dificuldade de lidar com conflitos, que a prejudicam tanto no trabalho quanto fora dele. Conta que faz terapia e esse é um dos aspectos abordados. A melhor coisa, por outro lado, ela considera que é estar construindo sua família, ao lado de seu marido. Analisa que seu casamento é uma conquista em vários sentidos, visto que o marido “nem ia com a minha cara”, e acabaram se casando.

Para o futuro, os planos profissionais aparecem em todos os casos. Diná e Rafaela também mencionam a realização do sonho de serem mães.

Daqui a 10 anos eu pretendo tá trabalhando na minha área, já ser mãe, tá encaminhando meus filhos. [...] Mas eu acho que tá bem profissionalmente e a questão de já ter tido filhos, tá mais madura, até lidando com essa questão, porque quando tu educa filhos é uma negociação, então eu acho que ter melhorado essa minha questão de lidar com o não, de situações de conflito. [...] Com os dois gêmeos já tá ótimo. (Diná)

Ai, daqui a 10 anos, aí eu já quero ser rica (risos). Daí eu quero, se Deus quiser, tá com aqueles planos que eu te falei, com o meu espaço montado, trabalhando e tal, agregando cada vez mais. Não quero ser neurótica, que eu vejo muito os proprietários... E se Deus quiser o meu pai tá, para de trabalhar, só em casa, tomando a cervejinha dele. [...] E já formada, que é bem importante né? (Lidiane)

Daqui a 10 anos, aí eu vô tá com 42 (risos), espero já tá formada, né? Com certeza, já ter feito a minha pós-graduação, se eu tiver feito vai ser tudo de bom, até porque eu já vou realmente saber o que eu vou querer fazer. Casada. Eu gostaria de pelo menos ter um filho com essa idade, eu sempre dizia quando eu era mais nova que eu queria ter uma família grande, eu queria ter uns 4 filhos, eu acho que porque eu nasci em família grande, eu gosto sabe? Mas aí como o tempo foi passando, eu pensei ‘bom, os 4 acho que não vai dar pra ter mais’ (risos), a não ser que venha gêmeos, aí eu fico pensando, pelo menos uns dois eu queria ter. Mas eu tando formada, casada, tendo um bom marido, claro, e o filho, vai ser tudo de bom, a minha família bem, que a minha família pra mim é tudo, porque sempre teve ao meu lado. (Rafaela)

Não faço projetos muito longos, assim... quero já tá num apartamento maior, quero já tá formada, trabalhando na área... Quero continuar solteira, não quero casar mais. [...] Ah não, três casamentos e um funeral é demais pra uma pessoa, porque eu fui casada três vezes... (Ruth)

Percebemos que o termo batalhadores não é empregado à toa para esse grupo. A soma de algumas pré-disposições básicas com esforço contínuo permitem que esse grupo tenha acesso a um estilo de vida mais confortável do que lhes foi proporcionado pelos pais. A

maternidade e o casamento, de um lado, e a construção de uma carreira, de outro, constituem os alicerces dos projetos de futuro desse grupo.

7.3 MODOS DE VER: MÍDIA

As primeiras lembranças de **Diná** envolvendo meios de comunicação são de televisão. “Eu sempre fui bastante da televisão desde criança, assim. Minha mãe disse que eu tinha que ir no trabalho com ela, fica lá no trabalho, mas era só me botar na frente da televisão, parecia que não tinha criança nenhuma”. Os programas de que mais gostava eram Chaves, que diz se lembrar de todos os episódios, e desenhos animados, como Pica-pau, Cavalo de fogo, Ursinhos carinhosos e Punky. Ressalta que o SBT sempre teve mais produtos destinados ao público infantil que os outros canais, por isso era o canal que mais assistia quando criança. Afirma que não se lembra muito do programa diário da Xuxa, apenas do Planeta Xuxa, anos depois, transmitido aos sábados e com foco no público jovem. Além de TV, também ouvia rádio. Jornal e revista costumava usar apenas para trabalhos da escola.

Em sua infância, avalia que a televisão servia para distrair e passar o tempo. Pondera que talvez tivesse um pouco de função educativa, pois também assistia um pouco a TVE/TV Cultura. “Pra mim era distração total, e, conseqüentemente, ia aprendendo e tal. Gostava bastante desses programas, assim, da TVE, coisa mais assim de te educar, de te dar uma lição, alguma coisa. Mas pra mim era diversão”. Sobre a relação da família com a mídia e aquilo que ela consumia, diz que assistia novela com a mãe, que às vezes fazia uns comentários sobre a trama. Lembra que muitas vezes se incomodava em encontros familiares em que todos ficavam conversando e não faziam silêncio para ouvirem a televisão, “eu ficava até meio braba”.

Na adolescência, sentia-se mais influenciada pela mídia. “Ah, essa coisa, eu lembro, assim, da moda do momento, eu lembro de comprar coisas, algum brinco, alguma coisa, que alguém tava usando. [...] Era bem aquela coisa, ‘ai, tá dando na TV’, aí já tinha ou no camelô”. Lembra também de quando ganhou seu primeiro celular, as 15 anos. “Nossa, era aquela novidade, não largava”. Nessa idade, conta que ouvia bastante rádio, no celular ou no walkman. Todas as noites, dormia com o rádio ligado. Entre os programas preferidos dessa época destaca Love Songs, na rádio Cidade, e Pijama Show, na Atlântida. Desse último, recorda: “Tinha aquele quadro que dava à meia-noite, que era uma história, sempre uma história com... era o Pijama místico. Tudo tinha a ver com pijama, eu achava bem legal, escutava até a meia noite. Achava bem interessante a entonação, as histórias”. Outro sucesso

da rádio Atlântida era o festival Planeta Atlântida, que ela sempre quis ir, inclusive participando de promoções para tentar ganhar ingresso, mas nunca realizou o desejo.

Também consumia jornal, mais especificamente o caderno Zerou, encartado na Zero Hora e dirigido ao público jovem. “Era bem juvenil, assim, eu tinha toda a coleção.” Sua mãe levava para casa os exemplares que ganhava dos patrões, que assinavam o jornal. Conta que assinou a Capricho por dois anos.

Acredita que a primeira vez em que usou internet foi no final do ensino médio, em 2003, no laboratório de informática da escola, onde criou um e-mail. Ainda na escola, os professores começaram a pedir que os trabalhos fossem digitados e então começou a frequentar lan houses. Teve computador em casa com 17 anos, pouco antes de concluir o ensino médio, mas ainda sem internet, “praticamente não dava pra fazer nada”. Conta que mesmo na escola o acesso à internet era restrito. “Era bem difícil a questão até da internet, às vezes até no laboratório. ‘Ah, não, só vai ter o computador, internet a gente ainda não tem’. Era muito mais caro, então começou a difundir as lan houses, assim, que era coisa de dois reais a hora”. Passou a ter internet em casa depois de concluir o ensino médio. “Era discada, aquela coisa, contando os minutos até a meia noite, pra usar um pouco a internet discada, e sábado a partir das 14 horas. [...] A mãe, ‘alguém quer me ligar, tu pode sair da internet, que eu quero usar o telefone’”.

Atualmente, **Diná** possui televisor (led), notebook, aparelho de som e aparelho de DVD. Costuma consumir TV, rádio e internet. O meio de que mais gosta é a internet. Suas emissoras de TV preferidas são Globo e TVCOM¹²², que transmite seus programas preferidos, TVCOM Tudo +¹²³ – “que é um programa de variedades, tem parte de cinema, de educação com os filhos” – e Conversas Cruzadas¹²⁴. Assiste a TV em casa, sozinha. Totaliza cerca de seis horas de televisão por dia, um pouco pela manhã e o restante entre a hora que chega em casa e a hora que dorme. Não possui TV por assinatura. No rádio, prefere sintonizar Itapema¹²⁵, Pop Rock¹²⁶ e Antena 1¹²⁷. Os programas citados como preferidos, contudo, são

¹²² Canal UHF da RBS, afiliada da Rede Globo, com foco em assuntos do Rio Grande do Sul. Apresenta reprises de programas da RBS, programas de esportes, variedades, jornalismo, etc.

¹²³ TVCom Tudo + é um programa de variedades, com entrevistas. Apresenta-se como uma “revista eletrônica com tudo que é tendência, comportamento e novidade”. É transmitido das 20h30 às 22h, de segunda a sexta.

¹²⁴ Conversas Cruzadas é um programa de debates transmitido das 22h às 23h15min, de segunda a sexta, pela TVCOM.

¹²⁵ Itapema FM é uma rádio com sede em Porto Alegre, pertencente ao Grupo RBS, destinada ao público adulto e com programação musical pop.

¹²⁶ A Rádio Pop Rock foi uma estação de rádio FM que, junto com a Ulbra TV, constituiu a rede de comunicação Ulbracom, da Universidade Luterana do Brasil. Foi substituída, em 2013, pela Mix FM Porto Alegre, mantendo sua base de comunicadores.

da rádio Gaúcha¹²⁸: Gaúcha Hoje¹²⁹ e Gaúcha Atualidade¹³⁰. Ouve rádio no ônibus, dando preferência para programas jornalísticos na ida e para música na volta. A internet usa todos os dias, o dia todo, por “umas 18 horas”. Acessa em casa, no trabalho e no ônibus. O que mais a interessa são redes sociais – Facebook, Twitter e Instagram – e-mail, receitas, site de reclamação sobre empresas e produtos, Zero Hora (acessa o site a partir do Twitter do jornal quando algum tema chama sua atenção), Terra e jogos (Candry Crunch). Acessa pelo celular. Não tem acesso em casa, faz o celular de roteador se quer usar no notebook. Não lê jornal, apenas na internet, a partir do Twitter. Lê livros com pouca frequência. O último que leu foi “Casamento blindado”.

Lidiane logo se recorda de Carrossel, um programa que a marcou, assim como Chaves. “Adorava o Carrossel, a primeira versão, já mais antiga, eu via sempre. [...] Chaves eu amava, amo até hoje, o pai briga comigo até, mas eu gosto.” Os desenhos amados de que gostava eram Tom e Jerry, Cavalo de Fogo, Pica-pau. Das apresentadoras que faziam sucesso na época, gostava de Mara e Sergio Mallandro. “Nunca gostei da Xuxa, gostava da Mara, adorava o programa dela, e o Sergio Mallandro também. Depois que ele ficou bagaceiro né? Quando era pra criança eu gostava.” Além da televisão, também costumava ouvir rádio.

Ao ser questionada sobre o papel da mídia em sua infância, responde: “Bá, é isso que te disse, quando a gente era pequena, não assistia nada de muito promissor, assim, nada de muito educativo, era só desenho mesmo.” Considera que, por isso, o papel era de entretenimento. Sem destacar que foi esse um papel da mídia, diz que o “mais legal mesmo era quando a gente ficava junto pra assistir, dessas lembranças assim que eu tenho, mas não que tenha influenciado muito na minha vida, acho que não”. Em geral, aponta que a família não passava muito tempo reunida, por isso esses momentos eram importantes. “Porque o pai e a mãe trabalhavam, a minha irmã estudava”. Para estar na companhia dos pais, assistia aos programas que eles gostavam, como Sabadão sertanejo, veiculado pelo SBT nas noites de sábado. “Esse eu me lembro que a gente assistia junto, em família, que eles gostavam né, e era o momento que tava em casa, eles não tavam trabalhando”.

¹²⁷ Antena 1 é uma estação de rádio com sede em Porto Alegre, fundada em 1993. É uma emissora própria de programação musical da rede Antena 1.

¹²⁸ A Rádio Gaúcha é uma emissora de rádio sediada em Porto Alegre, pertencente ao Grupo RBS, com programação em jornalismo e jornalismo esportivo. É a cabeça de rede da Rede Gaúcha SAT, que detém mais de 160 emissoras de rádio.

¹²⁹ Programa de notícias apresentado das 5h às 8h. Diná se refere como “programa do Macedo”, não recordando o nome do programa, mas de um de seus apresentadores.

¹³⁰ Programa transmitido direto de Brasília, com discussões política, apresentado de segunda a sexta, das 8h10 às 9h30.

Na adolescência, passou a dar mais atenção à música. Assim, ouvia bastante rádio e também participava de eventos promovidos por rádios de Porto Alegre, como os shows que celebravam os aniversários das rádios Cidade e Metropolitana. “Eles davam muita festa, eu me lembro que eu fui lá no Gigantinho muito, que era aniversário da Rádio Cidade, e ali no Araújo, [...] e eu ia muito nesses shows das rádios, lá, com as minhas amigas.” Entre as apresentações que assistia destaca a do cantor Wando e do grupo de pagode Negritude Jr. O programa radiofônico que mais gostava de escutar era o Black Night, na Metropolitana. Lembra de já ter inclusive ligado para a rádio para pedir música e também de ter escrito carta para o programa Love Songs: “Ah, eu gostava dum guri (risos) do colégio e mandei uma carta pra rádio, as gurias, as minhas amigas até me ajudaram, fizeram horrores de coisa, mas nunca foi lida a carta. Ainda bem né?”.

Atualmente, **Lidiane** possui televisor, aparelho de som e aparelho de DVD. Consome TV, jornal, rádio e internet. A mídia preferida é a televisão, com destaque para DVDs de shows. A emissora televisiva a que mais assiste é a Record, sendo seu programa preferido o Domingo Espetacular¹³¹. Durante a semana, assiste a TV sozinha, por cerca de duas horas diárias. No domingo e na segunda-feira, o consumo é em família. Não possui TV por assinatura. Gosta de ouvir a emissora de rádio musical Itapema, que fica sintonizada até 12 horas por dia, enquanto está no trabalho. Gosta de ler jornal e o faz diariamente no trabalho, aproveitando a assinatura de Zero Hora que o salão tem. Procura sempre ler a editoria de política, pois se preocupa em estar bem informada sobre a área, especialmente porque gosta de saber sobre o tema para conversar com as clientes. Não costuma usar internet por muito tempo, pois não tem “paciência”. Acessa apenas o Facebook, por causa das clientes. Não costuma permanecer mais de uma hora diária conectada. Acessa pelo celular, e não tem computador com acesso à internet em casa. Sobre livros, afirma: “Já li mais, hoje eu tenho lido pouco. Mas eu gosto bastante de ler, tenho preguiça, mas eu gosto”. Conta que lê em média dois livros por ano. Atualmente está lendo “Viagem à luta armada”, sobre a guerra dos Farrapos.

Para **Rafaela**, a primeira lembrança de mídia é o Xou da Xuxa. “Eu lembro ainda que, quando eu comecei a estudar, a minha primeira série foi de manhã as aulas. Aí eu lembro que eu fiquei pensando: ‘bá, não vou mais poder ficar assistindo o Xou da Xuxa’.” Gostava tanto

¹³¹ Domingo Espetacular é um programa dominical vespertino formatado para ser uma revista eletrônica de informação e entretenimento. É transmitido desde 2004, e atualmente apresentado por Paulo Henrique Amorim, Janine Borba e Fabiana Scaranzi.

das brincadeiras e competições quanto dos desenhos animados. Também tinha acesso a jornal, comprado pelos pais, mas que, quando criança, só olhava os quadrinhos.

Considera que a televisão servia como distração quando era criança, “porque eu não saía pra ficar brincando com crianças na rua, eu sempre fui bem de casa mesmo, então quando eu não tava ali brincando com as minhas bonecas eu tava ali assistindo a TV. Então foi importante nesse sentido, que era o que eu tinha pra me distrair.”

A família costumava se reunir para assistir a televisão no horário das refeições, quando seus pais não estavam trabalhando. “A gente seguia conversando ao mesmo tempo, não tinha essa coisa de ter que parar só pra ficar escutando. A gente conversava normal, no horário da refeição, e aí quando dava alguma coisa do nosso interesse, a gente parava pra olhar.” Ela destaca que os pais não faziam comentários sobre os programas e não se preocupavam em ensinar algo a partir, ou contra, a TV, “porque a vida dos meus pais sempre foi muito corrida”, tampouco havendo algum controle sobre a que poderiam ou não assistir.

Na adolescência, passou a ser exibida Malhação, “nessa época eu era adepta da Malhação. Não dava pra perder nenhum episódio. Quando começou tudo, que era na academia”. Também lembra que passou a assistir mais filmes e que era, e ainda é, “apaixonada pelo Tom Cruise, eu sempre achei ele tudo de bom. Aí eu gostava muito do Top Gun. Que até hoje eu ainda procuro o Top Gun dublado, não gosto de ficar lendo legenda, que eu não falo, no caso, inglês, aí parece que eu perco um pouco da imagem.” Outros filmes de que gostava e comprou o DVD são Flash Dance – “ah, achava o máximo, nossa! Aquela hora que ela dança assim, nossa! Tudo de bom!” – e Dirty Dancing.

Outro interesse que surgiu na adolescência foi pelo rádio. Mais uma vez, o programa Love Songs é citado. Hoje não escuta o programa porque ouve rádio apenas no ônibus, ou seja, no início da manhã e no fim da tarde, enquanto se desloca. Como “ídolo da juventude”, indica Rick Martin:

Eu fui gostar do Rick Martin quando ele fez carreira solo. Eu lembro que quando teve aquela novela, que até foi uma novela que eu assisti, a das sete, Salsa e Merengue, que ele fez bastante sucesso, que ele tinha uma música naquela novela. Aí eu pensei ‘cara bonito’, ele dançava muito, aí eu cheguei até a comprar a revista com pôster, e não cheguei a botar no quarto, mas cheguei a comprar. (Rafaela)

Acerca da internet, diz que nunca teve muito contato. Conta que, há pouco tempo, a irmã caçula contratou internet para a casa. “Então, como a gente não tinha em casa, eu olhava a internet, por exemplo, quando eu precisava pesquisar alguma coisa, mas mesmo assim, na época que eu estudei, a gente pesquisava muito era em livro, a internet, praticamente, não

usava”. No ensino médio, usava o computador na escola e foi quando usou a internet pela primeira vez, mas, em casa, internet é novidade. Depois de sair do primeiro emprego, quando ficou um período desempregada, ia com frequência a uma lan house para enviar currículos por e-mail e aproveitava para dar uma “espiadinha” em outras coisas. “Internet é uma coisa que eu não me ligo muito, sabe, não dô tanta bola, talvez justamente por isso, que como eu nunca tive em casa, acabou se tornando uma coisa que pra mim é meio dispensável.”

Atualmente, **Rafaela** possui televisor (led), notebook, telefone fixo, aparelho de som, aparelho de DVD e vídeo cassete. Consome TV, sua preferência, jornal, rádio e internet. A emissora de TV de que mais gosta é a Globo. Os programas, Fantástico¹³² e Caldeirão do Huck¹³³. Costuma assistir a TV em casa, com a mãe e a irmã mais velha. Durante a semana, o consumo diário é de uma hora, aumentando para três horas no fim de semana. Não possui TV por assinatura. No rádio, prefere escutar Antena 1 e Atlântida, normalmente no ônibus, no trajeto de casa para o trabalho e do trabalho para a faculdade, totalizando cerca de uma hora e meia por dia. O Programa do Porã¹³⁴ é o seu favorito. Costuma ler o Diário Gaúcho¹³⁵, em casa, nos fins de semana. Não destaca uma seção preferida, apenas não gosta de ler a editoria de esporte. Sua irmã mais velha é quem costuma comprar o jornal. Livros conta que não tem lido, chegando a apenas um por ano. O último que leu foi “Evangelho segundo Alan Kardec”. Durante a semana, usa a internet apenas por cerca de 20 minutos diários, e, no sábado ou no domingo, por uma hora e meia, mas não costuma acessar nos dois dias. No trabalho, acessa sempre o e-mail – usa o e-mail da empresa tanto para assuntos profissionais quanto pessoais – e a página da faculdade, para saber se os professores postaram algo. Também faz pesquisas para o curso e de receitas. O Facebook acessa, em casa, uma ou duas vezes por semana. Não acessa a internet pelo celular. Tem acesso à internet em casa.

As primeiras lembranças que vem à cabeça de **Ruth** são da Xuxa e do Bozo, “a gente gostava de assistir e depois imitar eles”. Seus desenhos preferidos eram Formiga Atômica, Tom e Jerry, Manda Chuva e Popeye. Um programa de TV que recorda de assistir era o programa do Gugu, Domingo Legal.

¹³² Fantástico é um programa de televisão dominical da Rede Globo exibido desde 1973. É produzido pela Central Globo de Jornalismo. Atualmente, é apresentado por Tadeu Schmidt e Renata Vasconcellos.

¹³³ Caldeirão do Huck é um programa de variedades com formato de auditório, exibido pela Rede Globo desde 2000, aos sábados, na faixa das 16h. É apresentado por Luciano Huck.

¹³⁴ Programa musical da Rádio Atlântida transmitido das 6h às 8h e apresentado pelo DJ e jornalista Porã.

¹³⁵ Jornal do Grupo RBS voltado ao segmento popular. Editado em Porto Alegre, o DG circula na Região Metropolitana.

Não considera que a TV teve um papel importante em sua infância. “Eu não vejo algo construtivo, que a TV possa levar, traz diversão, tu te distrai, mas assim de dizer que construiu, que modificou a minha vida, acho que nenhum”. Não costumava ter a companhia dos pais e nem do irmão mais velho para assistir televisão, apenas da irmã. Como a mãe trabalhava em dois empregos, não passava muito tempo com ela, e o pai “não era muito de parar em casa, de fazer programação com os filhos”. Gostava de ler jornal quando ia à casa do avô, que assinava Zero Hora. “Ele dizia que eu ficava lendo e deslendo o jornal, por causa que eu lia todo ele e depois voltava folhando.” Em uma ocasião, ganhou muitos gibis de uma amiga de sua mãe, mas geralmente não tinha revistinhas em casa. “Eu sempre gostei muito de ler. Eu ia na biblioteca e pegava livros. Mas assim, só depois de maior, uns 12 anos, que eu lembro, que a gente podia ir na biblioteca pública e pegar. Nunca foi uma coisa muito assim que tivesse um incentivo de leitura e de coisa.” Considera que era movida pela curiosidade e pelo estímulo do avô, que “dizia que tudo que a gente lê, e o que a gente aprende, é a única coisa que a gente vai levar. Eu acho que eu herdei isso dele.” Seu pai ouvia bastante rádio e ela acabava escutando junto, “botava as fita K7 e escutava a Sula Miranda”. Conta que hoje nunca escuta rádio, apenas as músicas que tem no celular.

Outra lembrança de criança que destaca são grupos de rock que faziam sucesso na época, pois, quando tinha nove anos, seu irmão mais velho montou uma banda e ela acabava também escutando músicas de grupos como Legião Urbana e Paralamas do Sucesso, que aprendeu a gostar e começou a acompanhar ainda criança. Como ídolos da juventude aponta os Menudos e Xuxa. Conta que a mãe, conta a vontade do pai, comprava revistas em que o grupo aparecia. Além disso, “esperava ele sair, ia pra casa da minha vizinha pra treinar uns passinhos, mas tinha que tá de volta antes que ele chegasse, porque senão o bicho pegava”. Tinha pôsteres guardados, mas não podia colocar nas paredes porque dividia o quarto com o irmão e a irmã. “Tinha que ter guardadinho, nas pastinhas. Essas pastinhas de colocar as folhinhas, que a gente fazia coleção de papel de carta.”

Na adolescência, diz que não parava muito em casa, gostava de sair para escutar música com os amigos, “gostava de rock pauleira, mas se eu botava em casa, o bicho pegava. [...] A gente fazia roda de violão, até em baixo da ponte, pra bebê e tocar violão, escutar música. [...] Eu gostava de Pink Floyd, Sepultura, Ratos de Porão, umas coisas que hoje nem eu sei como que eu gostava”.

Não teve acesso à internet na adolescência. Passou a usar a rede quando trabalhava como secretária de consultório médico. Em casa, teve internet discada em 1998, mas não gostava e acabava usando pouco, “era um sacrifício, e era só no fim de semana, se caísse a

linha não podia conectar de novo”. Internet banda larga teve depois que a filha já tinha crescido um pouco.

Atualmente, **Ruth** possui televisor (led), notebook, telefone fixo e aparelho de DVD. Consome TV, jornal, revista e internet, sendo essa última o meio principal para ela. Na TV, seu canal preferido é o Telecine, escolha frequente para ver filmes com os filhos, seus programas favoritos. Também gosta de assistir a programas de decoração em canais da TV fechada. Assiste a TV por cerca de uma hora e meia diariamente. Além de possuir assinatura de TV, também assina jornal, a Zero Hora, e as revistas Nova e Capricho, para a filha de 14 anos. Gosta de ler o caderno Casa & Cia, de ZH. Em casa, lê o jornal impresso no fim de semana, e, no trabalho, durante a semana, a versão digital. A revista Nova costuma ler alguns dias por mês, quando a edição chega, em seu deslocamento de ônibus para o trabalho. Passa cerca de 16 horas por dia na internet, enquanto está em casa, no trabalho ou no ônibus. Os sites que mais acessa são Facebook, Globo, Uol, Terra, e-mail da empresa (o e-mail pessoal usa pouco) e de compras (como Americanas, Magazine Luiza e Ponto Frio), para adquirir itens novos para seu apartamento. Acessa a rede tanto pelo celular quanto pelo notebook.

Tabela 4 – Consumo de Mídia (Batalhadoras)

	TV	Rádio	Internet	Jornal	Revista	Preferido
Diná	6h/dia	Diariamente	18h/dia	-	-	Internet
Lidiane	2h/dia	12h/dia	1h/dia	Diariamente	-	Televisão
Rafaela	1h/dia (3h/ dia)*	1,5h/dia	20min/dia (1,5/dia)*	1/Semana	-	Televisão
Ruth	1,5/dia	-	16h/dia	Diariamente	3/mês	Internet

* Nos fins de semana.

Entre as batalhadoras, a TV acompanha as trajetórias de vida desde a infância aos dias atuais. O uso de internet também é presente, mas de uma forma mais instrumental. Um dos dados que ajuda a entender esse relativo distanciamento é contato tardio com a internet, ocorrido já na idade adulta. Por outro lado, cresce, nesse grupo, a afinidade com o rádio, companhia especialmente nos demorados deslocamentos de ônibus. O meio começa a ganhar espaço na adolescência, quando o programa como Love Songs se tornam importantes. A novela, como veremos, possui nesse grupo algumas de suas telespectadoras mais assíduas dentre os três grupos pesquisados.

7.4 MODOS DE VER: TELENODELA

As batalhadoras não precisaram ser questionadas diretamente sobre telenovela para trazer o tema à tona. Seja para explicar a relação de suas famílias com os meios de comunicação, para apontar as primeiras lembranças de mídia ou para elencar os programas marcantes, as componentes do grupo “antecipam” o tópico telenovela. Rafaela, que se mostra fã de televisão e telenovelas, embora não esteja conseguindo dedicar tempo a elas hoje, garante: “Eu assistia todas as novelas que davam, todos os horários que eu podia olhar, eu assistia. [...] Sempre, sempre assistindo, não tava fazendo o tema da escola tava assistindo a novela. [...] Não perdia nenhum capítulo de nem um horário”.

Entre as telenovelas inesquecíveis para as entrevistadas, Diná não tem dúvida ao ressaltar que a novela que mais a marcou foi *Chiquititas*, dirigida ao público infantil, que serviam de inspiração para muitas brincadeiras. “A gente, nas festinhas, assim, reunião dançante, eu levava minha fitinha K7 das Chiquititas. Eu lembro assim que foi uma febre, e todo dia treinando coreografia, apresentava no colégio, apresentava na igreja. Mandava até fazer roupa, aqueles vestidinhos com aventalzinho”. Também destaca *A viagem* e *Por Amor*.

A primeira lembrança de mídia de Lidiane, de modo geral, é *Carrossel*. Outras novelas que a marcaram foram *Bebê a bordo*, *Barriga de aluguel*¹³⁶ (1990), *Vamp* – “a minha irmã gostava muito dessa *Vamp*, e eu era muito puxa-saca dela, então tudo que ela via, eu via também” –, *A próxima vítima*, *Explode Coração*, sempre citada como “aquela dos ciganos”, e *Celebridade* – “a última novela que eu me lembro que eu, bá, saía correndo, não deixava nem mais marcar cliente mais tarde”.

Rafaela mostra se lembrar bastante das novelas, mostrando que tiveram papel importante em sua vida, “eu recordo bem porque me marcou de alguma maneira”. Cita entre as principais: *Bambolê*¹³⁷ (1987) – “que mostrava aqueles vestidos, daí aparecia elas dançando rock n’roll” –, *Sonho meu*¹³⁸ (1993) – “que foi gravada em Curitiba, daí mostrava umas

¹³⁶ *Barriga de aluguel*, telenovela de Gloria Perez com direção-geral de Wolf Maya, foi a ar entre agosto de 1990 e junho de 1991, no horário das 18h, em 243 capítulos. A trama narra a história de uma gravidez encomendada e discute os limites éticos da inseminação artificial.

¹³⁷ *Bambolê* foi uma telenovela da Rede Globo exibida entre setembro de 1987 e março de 1988, no horário das 18h, em 172. De Daniel Más e dirigida por Wolf Maya, a trama foi inspirada no romance *Chama e Cinzas*, de Carolina Nabuco, e reviveu o glamour do Rio de Janeiro no final dos anos 1950.

¹³⁸ *Sonho meu* conta a história de uma mãe que perde a guarda da filha para a cunha, esta deixa a criança em um orfanato no Rio de Janeiro. A telenovela da Rede Globo foi inspirada nas tramas *A Pequena Órfã* (TV Excelsior, 1968) e *Ídolo de Pano* (TV Tupi, 1974), ambas de Teixeira Filho. Escrita por Marcílio Moraes, *Sonho Meu* teve direção-geral de Reynaldo Boury e foi exibida no horário das 18h, entre setembro de 1993 e maio de 1994, em 205 capítulos.

imagens bem bonitas de lá. Era uma história bem bacana, de uma menininha, daí eu gostava bastante.” –, *Felicidade*¹³⁹ (1991), *Cama de gato*¹⁴⁰ (2009) e *Cordel encantado*. Lembra que tem muitos CDs de novela, que sempre gostou por reunir artistas diferentes e já conhecer as músicas das novelas. Entre as trilhas preferidas, *Por Amor, Vila Madalena*¹⁴¹ (1999), *América*¹⁴² (2005). “Se tu for olhar os CDs que eu tenho, a maioria é de novela, porque daí eu assistia a novela e falava ‘mas que música bacana’ e acabava comprando”.

Ruth elenca a *Top Model*¹⁴³ (1989) e *Barriga de aluguel* como as principais novelas. Ela diz que a mãe era quem mais assistia, mas os filhos não ligavam tanto. “Eu, nós nunca fomos muito, assim, de, oh!, assistir. até hoje. Assisto quando dá. Já fui mais noveleira”.

Entre as famílias batalhadoras, a novela parece ter sido um hábito familiar importante. Diná lembra de assistir a novelas com a mãe. “Olhamos bastante novela. Até eu mais do que ela. Ela tava fazendo comida, daí eu olhava bem. E ela me dizia depois, ‘o que aconteceu?’”. Lidiane lembra de assistir com a mãe a irmã quando era pequena, mas não entendia direito. Com o pai, recorda de ter assistido *A Viagem*¹⁴⁴ (1994), “essa eu me lembro de a gente ficar ansioso pra olhar o horário da novela”. Não havia nenhuma restrição ou orientações sobre a novela.

Rafaela lembra que, apesar das contingências de tempo, sua família “sempre gostou de assistir novela, sempre que eles podiam tá ali olhando, eles tavam assistindo também”. Hoje, pelo horário das aulas, ela não consegue acompanhar as tramas, o que lamenta, mas sabe que sua mãe e sua irmã continuam com a tradição “elas, que tão em casa, elas assistem. Eu sei que elas tão sempre acompanhando as novelas. Meu pai também gosta. Ele, às vezes, tá lá

¹³⁹ *Felicidade*, telenovela da Rede Globo, de Manoel Carlos, passou no horário das 18h, entre outubro de 1991 e maio de 1992, em 203 capítulos, tendo direção-geral de Denise Saraceni. A novela narra desencontros amorosos das personagens principais, tendo como cenário o interior de Minas Gerais.

¹⁴⁰ A telenovela *Cama de gato* abordou conflitos de valores relativos à ambição e à solidariedade. Exibida pela Rede Globo, a novela teve autoria de Duca Rachid e Thelma Guedes, direção-geral de Amora Mautner, sendo exibida no horário das 18h, de outubro de 2009 a abril de 2010, em 161 capítulos.

¹⁴¹ *Vila Madalena* - ambientada no bairro paulista de mesmo nome, a telenovela da Rede Globo conta a história de um ex-presidiário que busca reconstruir sua vida e se envolve em intrigas amorosas. Escrita por Walther Negrão, com direção-geral de Jorge Fernando e Roberto Naar, a trama foi ao ar entre novembro de 1999 e maio de 2000, no horário das 19h, em 155 capítulos.

¹⁴² De Gloria Perez, a telenovela da Rede Globo, *América* teve uma trama envolvendo a migração ilegal da personagem principal, que passa a fronteira do México com os EUA procurando um bom emprego naquele país. Dirigida por Jayme Monjardim, a telenovela foi ao ar no horário das 21h em 203 capítulos, exibidos entre março e novembro de 2005.

¹⁴³ A telenovela da Rede Globo, escrita por Walther Negrão e Antonio Calmon e dirigida por Mário Márcio Bandarra, Fred Confalonieri e Roberto Talma, *Top model* foi exibida no horário das 18h40min, entre setembro de 1989 e 1990, em 198 capítulos. A trama gira em torno de um ex-hippie que cria filhos que teve com mulheres diferentes, com conflitos relacionados ao divórcio e ao universo adolescente.

¹⁴⁴ Remake de novela homônima da TV Tupi, exibida em 1975, a telenovela *A viagem* abordou a doutrina espírita de Alan Kardec. De Ivani Ribeiro, a telenovela da Rede Globo teve direção-geral de Wolf Maya e foi ao ar entre abril de outubro de 1994, no horário das 19h, em 160 capítulos.

assistindo alguma novela. Quando não tem essa possibilidade, daí a gente não assiste, mas por não ser possível, mas senão, com certeza”.

As cenas de novela que mais marcaram Diná foram de *A viagem*, novela que falava de espíritos e reencarnação. Ela recorda do personagem do ator Guilherme Fontes e de sua irmã, vivida por Christiane Torloni. “Eu não sei que idade que eu tinha, mas eu lembro que eu ficava bem impressionada assim com aquilo. Até minha mãe não queria muito que eu visse, mas me chamava assim atenção, foi uma novela que eu lembro assim”. Lembra, também, dos pensamentos gerados pelo tema tratado na novela. “Tu ficava, ‘nossa, será que é aquilo mesmo?’ Aí tu começava a pensar nas pessoas que já morreram, aí, ‘será que elas podem tá aqui do meu lado? Será que elas podem, um dia será que a gente vai se ver?’.”

A cena que Lidianie destaca é a que mostrou *Cirilo*, de *Carrossel*, ganhando um carrinho igual ao que os colegas ricos tinham, “eu achei o máximo, e o pai tá me devendo o carrinho até hoje (risos). Ah, eu achei o máximo aquilo, ele, que era tão pobrinho e depois conseguiu chegar junto com todo mundo”. Conta que tentou rever essa cena na nova versão da novela, produzida pelo SBT, “só vi quando ele já tava com o carrinho”.

Rafaela lembra, com facilidade, de uma cena de *Felicidade* e de um fato singular ligado a ela.

Eu lembro que até foi a única novela que eles, que eles fazem sempre aquela reapresentação do último capítulo, mas em vez de apresentar o último, foi o penúltimo, porque foi o encontro da filha com o pai, que, durante a novela toda, a Mayte Proença foi uma mãe solteira, e aí, na novela toda, tinha aquele mistério de quem é que era o pai daquela menina, e aí no penúltimo capítulo é que foi revelado, que era, no caso, o Tony Ramos, e aí teve aquele encontro do pai com a filha, no penúltimo capítulo. E foi a audiência deles tão alta que, em vez deles, né, reapresentarem o último, reapresentaram o penúltimo. E me marcou porque, além de ser uma cena bonita, foi uma situação que nunca tinha ocorrido, que eu nunca esqueci. (Rafaela)

Ruth, por outro lado, não consegue recordar nenhuma cena.

Entre os personagens mais importantes para as batalhadoras, Diná destaca, além das *chiquititas*, *Maya* (Juliana Paes) e as outras indianas de *Caminho das Índias*¹⁴⁵ (2009), pois até hoje ela e as amigas usam expressões da novela, especialmente quando alguém usa muitas joias, não deixam de brincar dizendo “muito ouro, muito ouro”, como faziam as mulheres da trama. “Eu acho que ficou um pouco no cotidiano.”

Teresa Cristina (Christiane Torloni), de *Fina estampa*, foi a personagem de novela mais marcante para Lidianie. Ela lembra que, estranhamente, torcia para a vilã, “ela era

¹⁴⁵ A cultura da indiana em contraponto com a brasileira foi o tema de *Caminho das Índias*, telenovela da Rede Globo, de autoria de Glória Perez e direção-geral de Marcos Schechtman e Marcelo Travesso, que foi ao ar de janeiro a setembro de 2009, em 203 capítulos, no horário das 21h.

malvada e eu torcia por ela. As guria ficavam louca comigo. Mas é que o que eu via assim é que ela era meio louca na real, que a maldade dela era toda amor àquele marido dela lá e tal”. Diz que, durante *Avenida Brasil*, ainda defendia *Teresa Cristina*, diferenciando da já clássica vilã *Carminha*. “Ela era louca pelo marido, fazia tudo, tudo, tudo, mas tudo por amor, não por dinheiro que nem era a *Carminha*”. Pensa que o motivo para sua simpatia era o humor da personagem, “eu quase morria de rir com ela, adorava, quando se juntava ela e o *Clô* (Marcelo Serrado) então, nossa!”.

Rafaela relata que sua personagem preferida foi *Cláudia*, vivida por Patrícia França, em *Sonho meu*. Não lembra o nome da personagem, apenas da atriz, que vivia um triângulo amoroso com Leonardo Vieira e Fábio Assunção. Conta que ficou “chateada de nunca terem reprisado” *Sonho meu*. Ruth não consegue se lembrar de um personagem de novela e cita *Zelda* (Andrea Beltrão), em *Armação ilimitada*¹⁴⁶ (1985-1988) como a que mais gostou. Diz ter dificuldades para se lembrar de programas, citando que demora a se dar conta que já assistiu a um filme que está olhando.

Questionadas se diriam que, hoje, gostam de assistir a novela, respondem que sim. “Aham, gosto, me distrai, é uma companhia.” (Diná); “Eu gosto, assim, pra distrair um pouco a cabeça, mas já dei mais bola. Tu acaba priorizando outras coisas.” (Lidiane); “Gosto. Até não tenho assistido por causa da falta de tempo. Mas eu sempre gostei.” (Rafaela); “Quando eu tenho tempo eu gosto, eu assisto um pouquinho. Já fui mais noveleira. Assim, eu não sou uma pessoa que diga ‘ah, eu tenho que ir pra casa pra assistir novela’. Mas eu assisto”. No momento de uma das entrevistas, antes de se mudar para o apartamento novo, Ruth estava morando com o padrasto em Cachoeirinha, e, por estar fazendo horas-extras para colocar as contas em dia, chegava em casa depois de a novela das 21h acabar. “Meu horário é até as sete, mas eu tenho ficado até as nove porque esse mês tá bem complicado. Agora com um monte de conta, não dá pra deixa assim.”

No momento da pesquisa, Diná assistia à novela das 19h, *Sangue bom*. Estava evitando assistir à novela das 18h que iniciara há pouco, *Joia rara*, porque “não me chamou tanto assim atenção, o enredo, assim, sabe? É de época, assim, época de grandes lutas sindicais, mas não sei, não me chamou atenção. Acho que é um pouco de aversão, ‘ah, nem vou começar a acompanhar, não sei.” À *Amor à vida* assistiu no início, mas não gostou, e acha melhor assim: “não vou nem me prender, assim, nessa novela, porque não vale a pena”. No horário da novela das 21h, tem buscado uma programação mais “cultural e informativa”,

¹⁴⁶ *Armação ilimitada* foi um seriado da Rede Globo exibido entre 1985 e 1988, em 40 episódios, às sextas-feiras, às 21h20min, com referências à cultura pop.

elegendo a TVCOM. Percebe-se que há um esforço para buscar programas que sejam mais “úteis” do que as novelas. Logo quer passar a ter TV por assinatura, para ampliar suas opções. “Final de semana tá péssima a programação, tá terrível. Eu só olho o Fantástico mesmo, domingo, assim, de programação, porque o restante, tento fazer outras coisas ou alugo um filme, né?”.

Lidiane e Ruth assistiam à novela das nove, *Amor à vida*. Novelas anteriores do horário, Ruth gravava (pelo aparelho da TV a cabo), mas não está mais fazendo isso e não liga se perder capítulos. A novela que Rafaela mais sabia sobre a trama, daquelas exibidas no momento, era *Sangue bom*, que estava no ar durante as férias e assistiu na ocasião.

As mulheres admitem fazer leituras de material sobre novela esporadicamente. Diná conta que, quando a novela está no final, busca mais informações na internet, principalmente no site da novela, e espia as capas de revista. Também já assistiu no Youtube capítulos de novela que perdeu, mas não é um hábito. Lidiane diz que não lê, e explica: “vou te falar francamente porque eu não leio, porque tenho uma colega que sabe tudo, que ela lê tudo, então ela lê e ela me conta (risos)”. No final de semana, Rafaela lê o que tiver sobre novelas no Diário Gaúcho. Na internet, fica pouco tempo navegando por lazer, e revistas, nunca compra. Ruth diz que busca ler algo sobre novela no jornal ou na internet quando algo está sendo muito falado, “só pra não fica por fora”. Foi o caso em relação ao suposto relacionamento amoroso entre pai e filha em *Amor à vida*, que procurava ler algumas notícias para saber se seriam mesmo pai e filha e se continuariam se envolvendo.

Assim como as mulheres de classe média, as batalhadoras notam diferenças no estilo das novelas conforme o horário de exibição. “Ah, sim, completamente. Geralmente a das seis é alguma coisa histórica. A das sete é mais humor, mais leve, assim, entre aspas. E a das oito já é um enredo, assim, que tenta prender a emoção das pessoas.” (Diná); “Geralmente a novela das seis é alguma coisa de época, alguma coisa mais ligthzinha, assim. A das sete é sempre meio cômico – dessa vez até que tão fazendo uma [*Além do horizonte*¹⁴⁷ (2013)] cheia de mistério. E sempre a mais pesada é a das nove, sempre é a que tem mais coisa.” (Lidiane); “Uhum, a das seis, sempre mais leve. A das sete, em geral, a maioria tem mais uma questão de comédia, né? E já a das oito geralmente é um assunto um pouco mais pesado. Dá pra nota bem a diferença.” (Rafaela); “Ah, sim, a das seis, normalmente, é novela de época. A das sete

¹⁴⁷ *Além do horizonte* é uma telenovela da Rede Globo, do horário das 19h, exibida desde novembro de 2013, de autoria de Carlos Gregório, Marcos Bernstein e Ricardo Hofstetter e com direção-geral de Gustavo Fernandez, narra a história de jovens dispostos a explorar o mundo aventureiramente.

mais engraçada. E a das nove mais polêmica, né. Levanta mais causa do que as outras em si.” (Ruth).

Apesar de as descrições sobre as formas de abordagem serem as mesmas, as preferências variam. Diná prefere as novelas das seis ou das sete; Rafaela prefere a novelas das oito; e Ruth prefere a novela das sete.

Sobre as diferenças de enredos conforme os autores, Manoel Carlos se destaca novamente. Glória Perez e Walacyr Carrasco também voltaram a ser elencados. Outros autores, que não foram citados pelo grupo da classe média, como Miguel Falabella, João Emanuel Carneiro, Benedito Rio Barbosa e Carlos Lombardi, os três últimos lembrados por Rafaela, são mencionados. Manoel Carlos é a preferência de Diná e Rafaela – “Enredos mais elaborados, assim. Eu gosto, acho que os temas que ele aborda, acho que ele consegue abordar, não é de uma maneira tão apelativa.” (Diná) –, enquanto Lidiane, que, assim como Ruth, prefere Walacyr Carrasco, não gosta de seu estilo – “Manoel Carlos eu acho muito melodramático, muita... ah, não gosto muito.” Rafaela também diz gostar de João Emanuel Carneiro – “Também gostei bastante daquele que fez *Avenida Brasil*, que eu assisti novela dele às 19 horas, que a primeira até foi aquela *Cobras e Lagartos*¹⁴⁸ (ano) – e critica Lombardi – “tinha um que agora tá na Record, Lombardi o sobrenome dele, não gosto muito das novelas dele. Vai muito fora da realidade, às vezes umas coisas que sai nada a vê.”

Pensam, todas, que o brasileiro é um povo “noveleiro”. “Brasileiro ama novela, com certeza. [...] Eu acho que o Brasil, ele sabe fazer novelas. [...] Tudo gira em torno da novela. As pessoas comentando, tu vê que muita gíria, que tá na novela, principalmente das oito, vai pras ruas.” (Diná); “Eu acho que o brasileiro ama novela, eu acho que todos. [...] Até quem fala que não, que ‘eu não gosto’, mentira, sempre dão uma olhadinha. Todo mundo dá um jeito de dá uma olhadinha. ‘Ai, a próxima novela eu não vou acompanhar’, sempre acaba acompanhando.” (Lidiane); “Eu acho que brasileiro gosta bastante de novela. Tanto que, nessa novela que deu por último, agora, que fez muito sucesso, *Avenida Brasil*, que até eu vi no Jornal Nacional, quando deu o último capítulo da novela, que tinha vários lugares que o pessoal tava em barzinho.” (Rafaela); “Eu acho que o pessoal gosta. Acho que a maioria do pessoal é bem noveleiro.” (Ruth).

E isso, na visão das entrevistadas, não se restringe a um grupo, garantem que são “paixão nacional” desde “os mais novos até os mais velhos”. Em relação a uma possível

¹⁴⁸ De João Emanuel Carneiro e com direção de Wolf Maya, a telenovela da Rede Globo *Cobras e lagartos* foi ao ar entre abril e novembro de 2006, em 179 capítulos. A telenovela das 19h retratou a falta de escrúpulos e o excesso de ambição como obstáculos para a realização de uma história de amor.

diferença de classe, entendem que pessoas com maior poder aquisitivo assistem menos porque têm mais opções, seja na TV, com canais por assinatura, seja por meio de outras formas de lazer. Lidiane garante, porém, que, mesmo assim, suas clientes “todas são viciadinhas. Todas adoram.”

Sobre a preponderância feminina como telespectadora de novela, Ruth diz que isso “já é mito”. “Porque, assim, as pessoas que eu vejo que mais sabem das novelas são mais os homens do que as mulheres. Não sei se porque *a mulher ainda chega do trabalho, ainda vai organizar as coisas de casa...*” Rafaela pensa que, em média, a mulher assiste mais novela, mas que quando um homem gosta do programa, costuma ser mais intenso. Cita o exemplo do cantor Luciano, da dupla Zezé di Camargo e Luciano. “Até um exemplo, que é um artista, aquele Luciano, do Zezé de Camargo e Luciano, pergunta de novela ele sabe tudo, um sarro. Ele vai no Faustão, o Faustão brinca que ele é o noveleiro. Ele olha tudo quanto é novela, ela tem interesse em saber, então é bem engraçado.”

Diná ainda analisa que a TV ainda tem uma função de socialização, que celular e computador não permitem. “Acho que até com essa função da tecnologia, hoje, de cada um ter seu celular ou computador. Mas a TV, ela reúne. É o tema das conversas.”

O realismo nas novelas da Globo divide as opiniões. Lidiane e Ruth veem o gênero como realista. “Ah, bastante. Isso é. Eu acho pelo menos. Eu acho, eles mostram muito, como o Walcyr Carrasco, que nem todo mundo é bonzinho ou malvadinho. Então, eles mostram muita coisa que, às vezes, tu até te identifica.” (Lidiane); “Sim, principalmente a das nove. Mas em si elas são, tentam trazer bastante, sempre tem um foco no que é real” (Ruth). Rafaela entende que, de acordo com o autor, a novela será mais ou menos realista, e aponta que o tratamento de temáticas sociais aproxima o programa da realidade, como diz fazer Glória Perez. “Depende muito do autor. Tem uns que realmente tu vê que procuram mostrar, ou até mesmo ajudar de alguma maneira. [...] Mas tem algumas novelas, claro, que não tem nada a vê, umas coisas que não tem explicação.”

Diná é a única batalhadora, que, como as mulheres da classe média, não considera a novela realista.

Eu acho que hoje tá forçando um pouco. Não sei se é porque, aí tu acaba estudando um pouco mais, principalmente a questão da comunicação... Eu lembro que antes, até nos programas de variedade, ‘ai, a situação que tá acontecendo lá na novela’. Essa *Por Amor*, ‘ai, o quê que tu faria se teu neto nascesse morto?’. Eles tentam. [...] Essa novela que teve, Salve Jorge, as meninas lá eram traficadas pra outro país. Na boa, assim, eu acho que tu não precisaria tê levado todo aquele tempo pra divulgar, pra poder chamar a polícia. Passou nos dias de hoje, com redes sociais. Foi um enredo pra forçar, pra ter público. Nessa novela das oito [*Amor à vida*], a irmãzinha que

não saca nada que o irmão só quer ferrar ela. Acho que isso não existe. Ninguém é tão ingênuo. Tempos atrás quem sabe... (Diná)

Um dos aspectos em que a televisão e a novela falam da realidade, segundo as informantes, é em relação à discriminação. Diná avalia que o *bullying* tem sido algo abordado, na novela e em outros programas, buscando colaborar para sua diminuição. Inclui *Perséfone* como vítima de bullying. Lidiane destaca a abordagem da homossexualidade, citando que *Félix* teve traumas devido ao preconceito. Lembra de *Lado a lado*¹⁴⁹ (2012) que falou da escravidão e como aquilo tudo era absurdo. Para ela, falar dessas temáticas ajuda. “Ajuda, ajuda, eu acho que sim. Porque ainda é muito preconceituoso. Mas já foi mais, já foi bem mais. Eu acho que ela dá uma amenizada, quando tem esses assuntos, assim, polêmicos, eu acho que dá uma amenizada.”

Lidiane se identifica, em parte, com o exemplo de *Perséfone*, por também ser gordinha, mas acha que houve exagero na forma como o tema foi tratado. Rafaela diz que nunca viu, na novela, nada semelhante à experiência de ter um pai preso, como vivenciou. Conta que nunca comentou com ninguém na faculdade porque sabe, a partir de discussões sobre assuntos paralelos em aula, que seria “vista com outros olhos”.

Acerca da representação das distintas classes na novela, Diná lembra que a primeira relação entre pessoas de níveis sociais diferentes de que se lembra foi em *Carrossel*, entre *Maria Joaquina* e *Cirilo*, sendo que ele era humilhado pela menina exatamente por ser pobre. Lidiane acredita que hoje as novelas mostram mais da temática das diferenças sociais, diferente de antes, quando os pobres não apareciam, “*era só glamour*, só coisa boa, que eu me lembro assim”. Considera que esse retrato não apresentava a realidade do Brasil. “Mansões gigantescas, empregados mil, jatinho esperando no quintal da casa. Que é aquilo?!” Rafaela não se diz satisfeita com a forma como os pobres aparecem nos programas, que “mostram o pobre um ignorante”. Dá o exemplo do seriado da Globo *Pé na Cova*. “Os personagens, todos falam errado, o português é horrível, bá! Parece que botam a pessoa que não é rica, o pobre, lá embaixo. Como se fosse uma pessoa burra, como se não estudasse, não fizesse nada.”

Ruth é a única do grupo que concorda com a representação das classes na novela, que entende como realista: “acho que eles tentam tanto colocar um ruim, tanto na classe maior, quanto na classe menor. Acho que nesse ponto eles são bem.” Diná diz o contrário: “Ah, eu acho que não chega nem perto do que é a realidade mesmo.” Opina que a classe alta é

¹⁴⁹ Ambientada no contexto urbano do Rio de Janeiro da virada para o século XX, a telenovela *Lado a lado* foi exibida pela Rede Globo no horário das 18h, entre setembro de 2012 e março de 2013, em 153 capítulos. A autoria coube a Claudia Lage e João Ximenes Braga e a direção-geral a Dennis Carvalho e Vinícius Coimbra.

retratada de acordo com o que existe: “a classe mais alta eles conseguem retratar bem, luxo e tal”. O pobre é apresentado como aqueles que “faz barraco na rua, ou tenta se aproveitar dos outros pra subir na vida. [...] Muito raro mostrarem as pessoas, da classe mais pobre, querendo melhorar de vida por meios próprios, estudando.” Sobre a relação de patrões e empregados, faz sua análise a partir da experiência de sua mãe, que trabalhou a vida toda como empregada doméstica. Garante que existem os dois tipos de patrões mostrados, o bom e o mau. No último emprego de sua mãe, no qual ficou por muitos anos, havia uma relação de amizade, “eram amigas mesmo, tanto que ela foi no meu casamento, me levou pro colégio a primeira vez, fez a minha matrícula [...], a patroa dela que me dava os materiais, e os filhos dela também, me ensinavam muita coisa. Às vezes ela até me levava no shopping, no mercado”. De outro lado, em um dos primeiros empregos, relata que o tratamento era diferente.

Eu lembro que eu ia trabalhar com ela e eram coisas separadas, assim, de ter até alimento separado, comer depois que todo mundo comeu. [...] Eu lembro que lá na zona sul, assim, isso eu lembro da cena... Na época, eu não conseguia distinguir, ‘ah tá, isso que ela tá fazendo não é bom. Mas tinha uma casa que ela trabalhava, acho que foi um dos primeiros empregos quando ela veio pra cá, que domingo ela saía e ela não deixava a chave da casa, nem nada. Então, a gente tinha que acabar saindo. E às vezes a gente ia, passava o dia em parque, ia no Parque Marinha. Daí, se a gente chegava de volta e ela não tinha chego ainda, a gente tinha que ficar na rua esperando ela. Só que, lógico, naquela época, pra mim, às vezes eu dormia e tal, então eu nem entendia aquilo. Depois que eu fui vê que aquilo era uma coisa ruim.

No que se refere a relacionamentos amorosos entre pessoas de classes diferentes e sua representações nas novelas, em geral, pensam que essas são realistas, pois, como na TV, não é simples haver um relacionamento entre classes distintas. Para Rafaela, o caso de amor entre a personagem de Carolina Ferraz e de Eduardo Moscovis, em *Por Amor*, era realista, pois eles enfrentavam as dificuldades impostas pelas famílias, especialmente a mãe dela, que queria ver a filha com alguém da mesma posição social. Mesmo assim, o romance persistiu. Lidiane afirma que o distanciamento de ricos e pobres não ocorre por preconceito, mas “pela convivência mesmo. Eu sempre vou me envolver com alguém de uma casta mais que nem a minha.” Já na novela: “Ah, na novela é tudo muito fantasia. Todo mundo se envolve com todo mundo. Todo mundo ama todo mundo.”

A mulher na novela, por sua vez, é apresentada como “vulgar”, “objeto”, “dondoca”, “vingativa” e “romântica”, segundo Diná e Lidiane, que consideram que faltam representações mais verdadeiras da mulher atual. “É difícil tu vê retratado a independência da mulher como ela tem que ser. Quando eu vejo a mulher retratada como alguém que luta, é sempre por filho, por família, mas a mulher como tu vê na vida real, que tem uma vida

independente, que cresce, isso não é retratado.” (Diná); “Eu acho que tinha que ter mais coisas assim pra mostrar a luta das mulheres, mostrar o quanto uma mulher pode produzir, pode trabalhar, ser bem sucedida no mercado.” (Lidiane).

Já Rafaela e Ruth julgam que a mulher da novela é como a da vida real. “Hoje em dia mostra muito aquele lado da mulher, tanto que a mulher que trabalha, que tá ali correndo atrás dos seus objetivos, cuidando da família, como também, nas novelas que mostram as famílias ricas, normalmente, são casos de mulheres mais dependentes dos maridos.” (Rafaela). Ruth considera que a novela sempre dá protagonismo à mulher e busca apresentar temas que a ajude, como a violência doméstica contra a mulher, que lembra de ter sido retratada em *Fina estampa*.

Segundo Diná e Rafaela, a prioridade da mulher na novela é sempre o amor. “Isso é o propósito da vida, a gente ter família, mas parece que é só isso. Muito romântica...” (Diná). Lidiane se diverte afirmando que o que as mulheres mais fazem nas novelas é “tomar champanhe. Todas tomam champanhe, o tempo todo, nunca vi como gostam de champanhe essas mulher, tá loco. [...] Na beira da piscina, tomando champanhe, enquanto os marido tão lá enriquecendo cada vez mais pra elas.”

Em relação à sexualidade, as batalhadoras avaliam que a mulher possui bastante liberdade nas novelas, inclusive sendo apresentadas como “safadinha”, “tão bem esperta” (Diná) e “vulgar” (Lidiane). Já as mocinhas, Diná avalia, são sempre “santinhas”: “As mocinhas são sempre as santinhas, o que pra mim, também, eu já acho muito ridículo, porque não precisa se uma santa do pau oco pra se a mocinha da novela.” Lidiane concorda, diz que a mocinha é sempre “recatada”. Rafaela pensa que a sexualidade feminina é tratada com mais naturalidade hoje, tanto na realidade quanto na ficção. “A gente vê nos personagens, assim, aquela coisa, vai posar na casa do namorado, antigamente já era diferente. Até no dia a dia da gente, na realidade, era diferente, dificilmente uma mulher ia posar na casa do namorado e a família ia ver com naturalidade.” Já as traições, para ela, continuam sendo atreladas e naturalizadas para os personagens masculinos, exclusivamente. Na opinião de Ruth, não se trata da sexualidade feminina nas novelas.

Entre as ocupações de homens e mulheres nas novelas, Diná e Lidiane destacam que os homens sempre são mostrados em funções de poder, como empresários e executivos, sempre muito ambiciosos: “quero ser chefe, quero se presidente”. As mulheres de mais sucesso, considera Diná, são empreendedoras no ramo da beleza, como *Ester* (Grazi

Massafera), em *Flor do Caribe*¹⁵⁰ (2013) e *Monalisa* (Heloísa Périssé), em *Avenida Brasil*. Lidiane avalia que, em termos de carreira, “são todas à sombra dos maridos”. Para Ruth, a profissão aparece com centralidade tanto para homens quanto para mulheres, sem diferenças significativas.

As batalhadoras elegeram como típica mulher brasileira *Taís* (Débora Nascimento), de *Flor do Caribe* – “Ela cuidou dos pais enquanto o irmão tava sumido, depois que ela viu que os pais tavam bem, o irmão tinha voltado, aí ela seguiu a vida dela, até se apaixonou” (Diná) – ; *Dona Xepa* (Ângela Leal), em *Dona Xepa*¹⁵¹ (2013), da Record – “Bá, aquela mulher era muito legal, a típica mulher brasileira. Levantava, ia trabalhar todos os dias, tudo pra vê os filhos fazê faculdade, se formar. Tudo pobre, pobrezinho eles eram mesmo e... deram a volta por cima” – ; *Rose* (Camila Pitanga), em *Cama de gato* – “Ela era uma mulher separada, daí ela que era realmente a chefe da família. Ela trabalhava numa empresa, fazendo faxina, e tinha toda aquela correria do dia a dia, tinha que cuidar dos filhos, escola. Acho que é um personagem que mostrava bem a realidade da brasileira.” – ; *Pereirão* (Lília Cabral), em *Fina estampa* – “Era uma que era uma mulher que vai e batalha”.

Diná se identifica com as histórias apresentadas em *Bela, a feia* e *Maria do Bairro*¹⁵² (1995). Assim como as personagens, ela considera que deu “a volta por cima”.

Eu me identifico com essas histórias, assim, de que às vezes a pessoa não dá nada por aquela pessoa, não só pela questão da beleza, como saber se portar, e depois a pessoa dá a volta por cima. Eu acho legal essa lição de moral, assim, pras pessoas. Todo mundo tem, se tu tiver força de vontade, se tu correr atrás, ou alguém te dá oportunidade, tu consegue, sabe? Supera teu limite, seja no campo profissional, acadêmico, ou esse campo da beleza.

As demais entrevistadas dizem nunca ter se identificado com uma personagem ou situação vivida. Como personagens que as marcaram e nas quais se reconhecem de alguma forma, apontaram personagens infantis, no caso de Diná e Lidiane, e adultas, Rafaela e Ruth. Diná se identificava com *Pata* (Aretha Oliveira), de *Chiquititas*, porque era persistente e buscava fazer o melhor. Por outro lado, queria ser mais como a personagem, que brigava quando alguém a ofendia. Diná diz que “se me ofenderam, falaram alguma coisa que eu não

¹⁵⁰ Telenovela de Walther Negrão, *Flor do Caribe* contou a história da paixão entre uma guia turística e um piloto da Aeronáutica. *Flor do Caribe* foi exibida entre março e setembro de 2013, às 18h, em 160 capítulos. Teve direção-geral de Leonardo Nogueira.

¹⁵¹ *Dona Xepa* foi uma telenovela produzida pela Rede Record, exibida entre maio e setembro de 2013, em 91 capítulos, escrita por Gustavo Reiz e com direção-geral de Ivan Zettel. Trata-se de uma adaptação da peça teatral homônima de Pedro Bloch. A novela trata de uma mãe feirante que faz de tudo pelos filhos.

¹⁵² A telenovela mexicana *María la del Barrio* (no Brasil, *Maria do Bairro*) foi produzida pela Televisa entre 1995 e 1996 e exibida no Brasil pelo SBT. Criada por Inés Rodena e dirigida por Beatriz Sheridan, a trama narra a história de uma jovem humilde e sem instrução que vive na periferia da Cidade do México, cuja vida passa por reviravoltas.

gostei, eu não vou ir lá e bater boca, eu nem consigo, eu começo a chorar”. Era a única chiquitita negra, mas a batalhadora não comenta a respeito.

Lidiane se identificava com *Ângela* (Tatyane Goulart), de *Quatro por quatro*, pois a menina, pré-adolescente, tinha pais separados. “Me marcou muito porque eu me via muito na situação daquela menina. [...] E o pai, aquele pai amava ela, gurria, fazia de tudo por ela, assim, naquela situação, que ele dizia pra ela que ela não tinha culpa e tal pelo que aconteceu.”

Rafaela destaca *Rose* novamente, a típica mulher brasileira para ela. “Porque mostrava assim, que mesmo com todas as dificuldades, assim, ela não desistia de ir atrás dos objetivos dela. E até, mais adiante na novela, mostrou que ela conseguiu isso, conseguiu até ser promovida no serviço”. A estudante tanto se projeta quanto se identifica com a personagem, pois a considera um “exemplo”, e, ao mesmo tempo, ela própria também “não se deixa abater”.

Ruth também se identifica com a personagem que indica como a representante da mulher brasileira nas novelas, *Pereirão*. Assim como ela, “quer botar os filhos tudo em baixo da asa. E correr atrás das coisas, querer o melhor pra eles.”

Vale destacar que as próprias entrevistadas se identificam com os próprios modelos de típica mulher brasileira. Consideram-se, portanto, batalhadoras e guerreiras, mulheres que vão à luta, trabalham e cuidam da família, como descreveram acerca das personagens. Se, por um lado, suas análises sobre a mulher na novela mostram que, para elas, as personagens femininas deveriam ser mais independentes, por outro, demonstram uma representação da sexualidade mais conservadora, relacionando as mulheres das tramas como “vulgares” e “saidinhas”. De modo geral, não se percebe, dentro do grupo, uma leitura da novela diretamente vinculada ao nível educacional, uma vez que, com frequência, as respostas de Diná (ensino superior completo) e Lidiane (ensino médio incompleto) são colocadas em par, visto terem pontos de vista semelhante. Assinalamos que ambas possuem e/ou possuíram um convívio mais significativo com pessoas de classe média e média alta, sejam patrões, colegas ou clientes.

8 RALADORAS: : “SÓ O FATO DE EU NÃO TÁ ROUBANDO, ME PROSTITUINDO E NEM MATANDO, PRA MIM TÁ TUDO BOM.”

Este capítulo apresenta a análise descritiva dos modos de viver, modos de ver a mídia e modos de ver a telenovela das raladoras, como estamos denominando esse grupo, chamado por Souza (2009a) de “ralé”. Ela é formado por Adriele, Fátima, Mirela e Xaiane, com idade entre 28 e 37 anos. Adriele é auxiliar de serviços gerais, Fátima e Mirela são diaristas e Xaiane está desempregada, tendo trabalhado até 2013 como garçonne. Três delas residem em Porto Alegre, nos bairros Rubem Berta, Restinga e Jardim Carvalho, e uma em Viamão, na grande Porto Alegre. Esses e outros dados pessoais são apresentados nos “Perfis”, na seção que abre o capítulo.

Cada uma das três entrevistas em profundidade realizadas com essas mulheres estão apresentadas em uma subdivisão deste capítulo. A entrevista que abordou questões sobre educação, trabalho, rotina, perspectivas de futuro e pontos de vista sobre classe social e sobre o gênero feminino respondem pela seção do modo de viver. Memórias sobre os meios de comunicação na infância e adolescência e o consumo de mídia das entrevistadas hoje estão reunidas em “Consumo de Mídia”. Por fim, a última seção se dedica à temática da telenovela, envolvendo questões sobre memórias, preferências e representações de gênero e classe. Este capítulo, juntamente com os dois anteriores, fornece as bases para a posterior comparação em relação a esses três grandes eixos: vida, mídia e telenovela.

8.1 QUEM SÃO

Adriele, 33 anos, branca, tem um filho e já foi casada duas vezes, a segunda delas legalmente. Evangélica, conta sobre sua participação na igreja: “Aí eu resolvi mesmo aceitar Jesus já faz um ano [...]. Eu não era como tinha que ser, usar saia, essas coisas, eu ia só pra visitar, agora não, agora eu sou ali como manda. [...] Eu achava que eu era feliz quando eu tava no mundo, mas o mundo é muita ilusão pra gente. Deus, ele é maravilhoso.” Mora em Porto Alegre, no bairro Rubem Berta, com o filho de 12 anos. É auxiliar de serviços gerais de uma empresa terceirizada que faz a limpeza e manutenção de uma universidade na capital. Possui ensino fundamental completo.

Nasceu em Porto Alegre e viveu a maior parte de sua vida em Viamão. Voltou para a capital há cinco anos. Seus pais são analfabetos e ambos, hoje aposentados, trabalhavam como auxiliar de serviços gerais. Adriele tem cinco irmãos, nenhum completou o ensino

fundamental. Permaneceu casada com o primeiro marido, pai de seu filho, por oito anos. Depois de estarem separados e ela casada com o segundo marido, o pai de seu filho foi assassinado, mas ela afirma não saber sobre as circunstâncias.

Estudou em escola pública. Mora em casa própria. Não tem carro. Seus lazeres preferidos são ir ao shopping ou a alguma praça com o filho. Recebe um salário mínimo, com o qual sustenta ela e o filho.

Apresenta-se como “Uma pessoa feliz, realizada, não tenho... claro, problema a gente sempre tem, eu tento resolver eles com sabedoria, sem tá com muito drama [...]. Eu sou bem caseira, não sou de tá muito na night, nunca fui também pra baile, nunca gostei.”

Fátima, 37 anos, branca, tem dois filhos e se separou há dois anos, após 20 anos casada, “por enquanto eu não pretendo mais me casar e nem arrumar ninguém”. É católica e afirma que às vezes vai à missa no domingo. Mora em Porto Alegre, no bairro Restinga, com o filho de sete anos. A filha de 19 anos saiu de casa no final de 2013 ao casar. É diarista. Possui ensino fundamental incompleto. Estudou em escola pública.

Nasceu em Caçapava do Sul, no sul do estado. Mudou-se com 12 anos para Porto Alegre após seus pais se separarem – “eu fugi” – indo morar com uma tia, e, aos 16 anos, casou-se. Sua mãe nunca estudou, mas sabe ler e escrever. Seu pai era açougueiro enquanto ela morava em casa, depois, voltou a estudar e se tornou técnico em enfermagem. Dos cinco irmãos, um fez ensino superior e os demais possuem ensino fundamental incompleto. Sua filha parou de estudar ao completar o segundo ano do ensino médio, mas garante à mãe que completará o ensino básico no ano que vem.

Em 2012, mudou-se para um apartamento financiado por meio do projeto do governo Minha casa, minha vida, pelo qual paga R\$ 50 mensais. Não tem carro. Seus lazeres preferidos são ir à pizzeria e ao shopping com o filho. Seu salário é de cerca de R\$ 2 mil, todavia varia de acordo com o número de faxinas que faz no mês, aumentando quando ela trabalha aos sábados. O pai de seus filhos paga R\$ 200 de pensão por mês.

Ao se apresentar, afirma: “Meu nome é Fátima, tenho 37 anos, nascida em Caçapava do Sul, atualmente separada, tenho dois filho, trabalho de doméstica e essa é minha vida. Não saio, saio só com os filho, não tem nada de namorado, não quero ter... por enquanto.”

Mirela, 33 anos, negra, tem quatro filhos, dois de cada um dos seus casamentos. Casou-se pela primeira vez aos 14 anos e, aos 18, quando esperava o segundo filho, o marido foi assassinado. Está casada com o segundo marido há 13 anos. É evangélica e considera que

“a melhor coisa da minha vida foi encontrar... saber, conhecer Deus, saber que Deus existe”. Mora em Viamão, com o marido e os três filhos mais novos. A filha de 17 anos saiu de casa no final de 2013 ao casar. É diarista. Possui ensino fundamental incompleto. Estudou em escola pública. “A escola eu estudei só até a quarta série só. Nem fechei a quarta. [...] Quando eu fechei 13 anos, eu rodei, rodei, rodei, aí tinha 13 anos, daí essa idade a gente não quer mais.”

Nasceu em Viamão, e morou alguns períodos em Porto Alegre. Seus pais se separam quando ela tinha seis anos. O pai tem ensino fundamental incompleto e é motorista de ônibus aposentado. Sua mãe é analfabeta: “A mãe nunca conseguiu trabalhar porque ela sempre foi analfabeta, ela nunca conseguiu aprender a ler e escrever, ela deve ter algum problema de... assim, porque ela não consegue aprender, ela já tentou várias vezes.” Mirela tem dois irmãos por parte de pai e mãe e seis por parte apenas de mãe. Uma irmã tem ensino médio completo, dois irmãos são analfabetos e os demais têm ensino fundamental incompleto.

Mora em casa própria. Tem carro. Seus lazeres preferidos são fazer artesanato, especialmente crochê, e ir à igreja. A renda familiar é de cerca de dois salários mínimos, um recebido por ela com suas faxinas e o outro do marido, que é zelador em um edifício residencial.

Apresenta-se da seguinte forma: “Olha, eu sou uma pessoa nova, eu digo que eu sou uma pessoa assim, ãh... nasci de novo, depois que eu comecei na igreja, que eu comecei a ver, a ver as coisas, enxergar as coisas com clareza [...], faz 13 anos que eu nasci de novo. [...] Eu sou uma pessoa tranquila. Uma mãe de família. Normal.”

Xaiane, 28 anos, negra, tem dois filhos e está separada do segundo marido. Afirma que no momento não segue nenhuma religião, mas está pensando em passar a participar da igreja Umbanda. Mora com os filhos de dois e sete anos, no bairro Jardim Carvalho, em Porto Alegre, cidade onde nasceu e em que sempre viveu. Está desempregada no momento, conta que não tinha com quem deixar os dois filhos, de sete e de dois anos, e acabou largando o trabalho. Até outubro trabalhava como garçonne, e antes já havia sido babá e atendente de tele entrega em uma pizzeria. Possui ensino médio incompleto.

Seus pais estão separados há 10 anos, “havia muito briga, muita briga entre os dois, porque o meu pai ele bebia, ele fumava maconha. Pelo fato de a minha mãe não ter pra onde ir é que ela aguentava tudo aquilo ali, entendeu?”. Os dois se casaram novamente e os novos casais são amigos. Não sabe precisar a escolaridade dos pais, mas afirma que a mãe “praticamente ela é uma analfabeta” e o pai “sabe ler, sabe escrever”. Sua mãe é faxineira em

uma creche e o pai é porteiro em edifício residencial. Tem dois irmãos, ambos possuem o ensino fundamental incompleto.

Estudou em escola pública. Conta que iniciou um curso de informática, mas o pai começou a implicar dizendo que ela ia para namorar e não para estudar e ela acabou desistindo do curso, “não gosto que diga que eu tô fazendo aquilo que eu não tô fazendo”. Mora em uma casa no terreno da avó, onde outros parentes também fizeram suas casas. Não tem carro. Seus lazeres preferidos são assistir desenhos, passear com os filhos, visitar os pais e a irmã e sair para dançar, “claro que isso agora vai mudar tudo, eu acho que eu vou ter que ficar mais em função de assistir desenho mesmo”, visto que deixou o emprego. Até o final da pesquisa de campo, Xaiane estava tentando conseguir o benefício governamental do bolsa-família, assim como buscava uma forma de reivindicar na justiça a pensão para seus dois filhos. Ela relatou em mais de uma ocasião que estava tendo problemas para dormir porque andava preocupada com a falta de recursos para sustentar a si e a seus filhos.

Apresenta-se dizendo: “Eu? Não sei porque o eu de agora tá só começando né? Então não sei como é que vai ficar a minha situação daqui pra frente, né? Vou tê que vê. [...] Vai ser a minha primeira vez só eu e os meus filho em casa e eu sem trabalhar, vai ser a primeira vez na vida, vê como é que vai ser.”

8.2 MODOS DE VIVER

As raladoras são as que relatam suas rotinas de forma mais detalhada, narrando da hora que acordam à hora que vão dormir, como Fátima:

Da casa pro trabalho, do trabalho pra casa. Não vou a lugar nenhum. [...] Chego em casa, aí eu, um dia eu limpo minha casa, outro dia, eu descanso. [...] Eu chego de noitezinha, tomo banho, faço janta, a gente janta, lavo a roupa, estendo, dô uma varrida na casa, uma limpadinha no banheiro. [...] Eu acordo muito cedo, eu acordo cinco e meia, aí eu boto café na cafeteira, faço chimarrão, que eu tenho que tomar um chimarrão, que se não me dói a cabeça, aí sete hora eu acordo o [filho], aí eu já tomei meu chimarrão, já tomei meu cafezinho, já me arrumei, acordo o [filho], dô um nescauzinho. [...] Largo ele no colégio sete e meia, ele entra pra sala, e eu vou pra parada, pego meu ônibus e vou trabalhar. Aí eu trabalho ligeiro pra mim saí cedo, aí tem uma creche, não é um creche, é tipo um cuida-se, na frente do colégio, e a tia busca ele meio-dia, e leva ele pra creche, que é a casa dela. Aí cinco e meia, a hora que eu chega lá, seis horas, eu pego ele, na casa dela e vou pra minha casa. [...] Eu gosto muito de olhar o Cidade Alerta. Aí vou lá pro meu quarto, tomar chimarrão e olhar Cidade Alerta. Na hora da novela das oito, eu boto na novela, às vezes eu como, se não, tomo um copo de iogurte, esquento uma comidinha pra ele e vou dormi. Porque aí eu já tô moída né, cansada. (Fátima)

No fim de semana, não costuma trabalhar, apenas abre exceção para alguns clientes ou se alguém quer que ela limpe sua casa na praia. Conta que quando começou a fazer faxinas, trabalhava sempre aos finais de semana, chegando a trabalhar quatro meses “direto, assim, sem uma folguinha”. “Porque eu me separei, trabalhei, trabalhei, trabalhei... aí eu cai.” Ficou doente e precisou permanecer dois meses em repouso. “Aí depois quê que começou a acontecer? Eu comecei a adoecer, teve uma época que eu adoeci. Aí eu tive que ficar dois mês, né? Porque me deu ameaça de derrame. Porque eu tava direto, direto, direto. Porque a minha vida é assim, tem dias que eu como, tem dias que eu não como.” Refere-se a, às vezes, não ter tempo para almoçar ou comer mal e correndo, como nesse dia, que conversava enquanto comia um miojo e um ovo cozido às 15h, após acabar a faxina na casa da cliente. As recomendações do médico, não vem seguindo. “Que o médico disse, que a princípio eu tenho um lado do coração grande e então eu tenho que procurar toma menos café, menos chimarrão, me alimentar, comer fruta, essas coisa que tu sabe, mas é difícil fazê, eu tento, mas é difícil. É sempre uma correria.”

Recentemente, Adriele participou de um grupo de estudo bíblico todas as noites, alterando sua rotina. Normalmente, “eu ia do serviço pra casa, fazia o que tinha que fazê em casa, depois eu ia olhar a minha novelinha e depois ia descansar, pra acordar no outro dia pra vim pro serviço. [...] Acordo 5 pras 5, e pego às 7 horas aqui.”

Mirela e Xaiane dão destaque às tarefas de casa, que também são citadas por Adriele e Fátima.

Chega segunda-feira, eu espero às vez alguém ligar pra mim fazer faxina, que nem essa semana eu tô cheia a semana inteira, mas tem semanas que eu fico em casa a semana inteira, uma vez na semana eu trabalho às vez. Levanto de manhã, limpo a casa, levanto eles pra se arrumar pra ir pro colégio, e eu fico por aqui, limpando, botando em dia, né, as coisa. E é isso. (Mirela)

No momento, o meu dia a dia, quê que eu faço? De manhã, tá, me acordo, acordo meus filho, dô café pra eles, eles ficam deitado olhando televisão, que eles olham bastante desenho, até eu também olho com eles. Chega o horário de fazer o almoço, eu faço, dô almoço pro [filho mais velho], ele se prepara pra ir pra escola, daí ele vai pro colégio. Aí enquanto o [filho mais velho] tá no colégio, de vez em quando eu passo a tarde na casa da minha irmã. Aí ele volta do colégio, vai direto pra casa da minha irmã, a gente fica lá conversando, eu pego e vou pra minha casa, eles ainda continuam olhando desenho. Tem um período da tarde que às vezes eu olho, tô olhando aquelas novelinha mexicana, *Marimar*, Maria isso, Maria aquilo. E no momento tá isso, por enquanto. (Xaiane)

Na descrição de suas rotinas, apenas Mirela não menciona espontaneamente o tempo dedicado à televisão. Diferentemente das outras classes que citaram a televisão ao falarem de

seu tempo livre, a ralé incluiu a mídia na descrição da rotina geral. Outro aspecto a ser destacado é o tempo gasto no deslocamento de casa para o trabalho. As quatro trabalham ou trabalharam, todos os dias ou alguns dias da semana, na região central de Porto Alegre, mas residem distante do centro. Adriale, que trabalha como serviços gerais de uma empresa que faz a limpeza dos prédios da UFRGS, mora no bairro Rubem Berta, na zona norte. Na ida para o trabalho, antes das 7h, leva em torno de 30 minutos, por ser esse um horário de pouco movimento. Na volta para a casa, o deslocamento leva até uma hora. Mirela, que mora em Viamão, também costuma passar cerca de uma hora no ônibus para chegar ao trabalho. Fátima mora em um dos bairros de Porto Alegre mais distantes do centro, a Restinga. O trajeto não costuma levar menos de uma hora, e, em horários mais movimentados, pode levar uma hora e meia. Assim, ela chega a passar quase três horas do dia no ônibus.

Todas as entrevistadas do grupo destacam atividades com a família como o que mais gostam de fazer no tempo livre. Adriale gosta de ir a parque, praça ou shopping com o filho. “Eu saio mais quando eu tenho dinheiro, porque sair com o meu filhote sem dinheiro é bem ruim. A gente vai num parque, vai no shop, ou vai numa praça, e a gente se diverte ali mesmo. [...] E eu só fico cuidando, fico conversando com as pessoas da praça, fazendo amizade.” Fátima aponta o churrasco na casa da filha, acompanhada também do filho e do genro, como o lazer preferido. Mirela não deixa de ir ao culto nas quartas e nos sábados, e com a família costuma sair para comer. “Eu vou na igreja [...]. Vou jantar, ou almoçar fora, numa lancheria, uma coisa assim, restaurante é caro, não tem condição né? Porque é muita criança. Mas lancheria, barzinho, coisa assim eu vô, fazer um lanche, coisas assim, beber eu não bebo né?”. Xaiane gosta de sair com a irmã para dançar, porém tem saído pouco, pela falta de dinheiro. Também gosta de assistir a DVDs de filmes, desenhos ou programas de televisão. “Aos domingos eu digo pro meu filho, ‘ai, agora é horário de eu olhar o meu homem’ que eu digo, que é o Sílvio Santos, que eu gosto de olhar os programas do Sílvio, e às vez eu olho o Ratinho.”

O tópico educação é um dos mais importantes para entender as atuais condições de vida das raladoras. De modo geral, o que elas guardam da escola são lembranças boas. Para Adriale, ficaram as recordações das colegas e uma baixa autoestima em relação a seu desempenho. “Que eu não era boa nos estudos isso daí era fato. Mas não tenho lembrança nem de bom nem de ruim. Só das minhas colegas que eu tenho lembrança delas.” Mirela e Xaiane têm boas memórias da escola. “São boas lembranças, são de criança, que eu era criança, era pequena. Estudei aqui nesse colégio, estudei lá no outro, porque a mãe se mudava pra cá, se mudava pra lá, então foi isso, até a quarta série.” (Mirela); “Muito bom a escola,

tinha alguns passeios, alguns eu ia, alguns não. Função de esporte também, a gente fazia bastante. [...] Me lembro que eu desenhava bastante, às vezes eu me pergunto como eu passei de ano, porque eu me ligava em função de desenhar.” (Xaiane).

Fátima, que estudou em um colégio agrícola interno até a quarta série, em Caçapava do Sul, explica porque precisou estudar uma escola dessa espécie, contra sua vontade.

Era assim, era um colégio interno. Era um colégio agrícola, lá na minha cidade, então era perto do frigorífico. E a minha mãe, ela sempre fazia tricô pra fora. E aí, a minha outra irmã, mais velha, que é um ano mais velha que eu, nós ficava em casa, nós vivia se bicando, eu e ela. Então, a minha mãe ficou com ela, que era um ano mais velha que eu, pra ajuda nos tricô. E eu fui pro colégio interno, porque eu sempre fui teimosa. E aí, era assim que a minha mãe fazia, que ela tinha que ficar sentada tricotando, né? Então quanto menos sujeira, menos coisa pra fazê em casa, melhor. (Fátima)

Adriele é autocrítica de seu desempenho na escola, enquanto Xaiane é mais branda, considerando que repetir três vezes de série ao longo dos anos de estudo não foi muita coisa. “Ai, eu não era muito estudiosa, eu já não gostava muito de estudar, ia na escola mesmo pra ter um, terminar um pouco os estudos, mas no fim eu nem terminei né?” (Adriele); “Tipo, da primeira até a quinta eu passei direto, não rodei nenhum ano. Eu rodei mesmo foi da sexta pra sétima. Bagunçava bastante com os guri, não vou mentir né? [...] Eu rodei acho que uns três anos só, que eu me lembre, três anos, foi isso que eu rodei.” (Xaiane).

Fátima não fala de suas notas, apenas ressalta que não gostava de estudar porque era preciso conviver com muitas outras pessoas, o que até hoje não lhe agrada. “Eu não gosto de trabalhar de carteira assinada. Eu não gosto de trabalhar em grupo. Eu gosto de trabalhar sozinha. Então, não tenho muita amizade também, é ‘oi, tudo bom’. Eu vivo na minha, na minha casa, pra mim e meus filho. [...] Tu é a única pessoa que eu tô falando da minha vida.”

Sobre os professores, a avaliação que fazem é positiva, sem nenhum relato de problemas com os educadores. Adriele lembra que “tinha uns que a gente pensava que era rígido, mas depois a gente via que não é rigidez, é que eles queriam que a gente aprendesse, pra não ser ninguém depois, pra não tá vivendo essa vida aí de ficar no mundo sem ninguém, como esses catador aí, eles queriam que a gente fosse alguma coisa”.

A história escolar de Mirela é instigante para entender o quanto aspectos familiares são determinantes para o sucesso/fracasso escolar. Ela entende que o fato de a mãe não ter estudo foi o principal motivo para que não fizesse questão de que os filhos estudassem. Na prática, as consecutivas repetências a fizeram desistir. “Eu rodei, rodei, rodei, aí tinha 13 anos, daí essa idade a gente não quer mais. ‘Ah, não quero estudar e pronto’. E a mãe não parava em lugar nenhum. A mãe nunca se importou muito com estudo, porque a mãe nunca

teve estudo, então ela achava assim que ‘ah, o ano que vem tu faz’”. Contudo, a mãe, que participava da conversa, não concordou com a perspectiva de Mirela, e apresentou sua versão para a dificuldade da filha para estudar.

Não era só pelo fato de se importar com estudo, eu até achava, eu botei eles no colégio, tudo direitinho, só que eu não tinha um lugar. Quando eu me separei do pai dela, o pai dela me deixou morando em cima de um terreno, que era da tia dela, só que eles só esperaram ele sair de casa, que era da irmã dele, no caso, e pediu a parte, quer dizer que eu fiquei só com as tábuas, eu tive que sair, eu era obrigada a sair dali [...]. Aí eu peguei as tábuas e assim eu andava, tirei as madeira, que era de madeira a casa, tirei as madeira, botei num caminhão e truxe e fiz num pátio emprestado aqui também, não era meu, daqui um pouco saí de novo fui pra outro lugar, e assim eu andava. Eu não tinha um paradeiro certo. [...] Eu andava com eles, pra cima e pra baixo [...] Não pelo fato até de não dar bola pra estudo, eu botava eles, mas como eu não tinha paradeiro certo... então, pra mim, o colégio era o de menos. [...] Como é que tu vai ter um colégio certo, se tu não tem nem um paradeiro, uma casa, uma lugar pra morar [...] (Mãe de Mirela)

Mirela estudou até a quarta série, sem chegar a concluí-la. Fátima completou a sexta série. Adriele concluiu o ensino fundamental. Xaiane parou no segundo ano do ensino médio, faltando dois anos para concluir o nível. Xaiane, que teve mais anos de estudo, parou de estudar faltando pouco para a conclusão do ensino médio. A dinâmica de funcionamento da escola pública, certamente não de modo isolado, fez com que faltasse estímulo para continuar.

O que eu me lembro que eu me aborreci é que, tipo assim, o professor vim de lá pra dá aula e às vez o professor levava violão pra tocar violão. O professor de matemática em vez de dar aula ele ficava falando dos aluno lá do tempo do ariri pistola. Daí eu pensava, ‘eu não vou sair de casa, me arriscando pra ir até a escola, pra tá ouvindo musiquinha, pra ouvir o professor falar de um assunto que não tem nada a ver com a matéria’, entendeu? Eu me anoei daquela escola por causa disso. Aí foi onde eu peguei me mudei e só não consegui outra escola, aí eu preferi optar por trabalhar. (Xaiane)

Sobre o papel da educação, esse grupo não trata especificamente da educação escolar, diferentemente dos outros. Isso pode significar que concedem menos importância à escola ou uma justificação pessoal, salientando que não são pessoas “piores” porque têm poucos anos de estudo.

A educação é muito importante né, porque com ela a gente tem várias oportunidades, tanto profissionais como qualquer outro lugar, a gente tem que ter educação. Educação com os mais velhos, até com os filhos da gente a gente tem que ter educação. (Adriele)

Eu aprendi muito com a vida, né. Aprendi muito, que nem eu te falei, não aprendi muito na escola, mas a escola da vida me ensinou, me ensinou um monte de coisa. Que eu nunca imaginava, que quando eu morava com meus pais eu achava que eu não ia sê, que eu não ia sabê cozinhar, eu achava que eu não ia, nem casar [ênfase] porque vivia naquela vidinha pacata, pra fora,

não tinha fogão a gás, era fogão a lenha. Quê que tu espera, morando no meio do mato? Tu imagina, ‘eu nunca vou me casar, nunca vou tê um namorado, vivendo no meio do nada, não conheço ninguém, não tem luz, não tem água, no meio do nada’. Eu aprendi com a vida. (Fátima)

Tudo que eu aprendi foi Deus, nada vai bem se não tiver Deus, nada, nada. Na minha vida nada que eu fizer, nada que eu, se eu mexer com a mão, é Deus, tudo, tudo, tudo. Tudo eu acho que foi Deus que me deu graça pra eu poder fazer. (Mirela)

Dentre as raladoras, apenas Xaiane responde propriamente sobre o valor da escola. Percebe-se que, para ela, “ser alguém na vida” só é possível àqueles que estudam.

É uma coisa que eu acho que não pode faltar né? Tanto que eu tava ensinando meu filho ontem a função de ler, até me emocionei que ela tá aprendendo a juntar as letrinhas, né? Aí ele dá aquelas, fala ‘ah, pra que que eu tenho que ler?’, daí eu peguei e expliquei pra ele ‘tu tem que aprender a ler porque a leitura é uma coisa que faz parte da tua vida pra vida toda, se tu não souber ler praticamente tu é considerado quase um zé-ninguém’, eu falei pra ele. [...] E função de educação também eu pego eu converso com ele direitinho ‘filho, se a mãe tá dizendo não, não é não. Tem que te comportar porque tá todo mundo vendo o que tu faz, se tu te comportar mal, vai ficar todo mundo falando de ti ‘ah lá aquele gurizinho tão bonitinho, mas é um baita dum mal educado’. [...] Função de colégio, que nem às vez o [filho mais velho] banca o preguiçoso, comigo não tem essas aí de não quer ir pra aula, ‘tu vai e deu’. Que tem mãe que tem vários problema que o filho não tá indo à escola, eu se chegar ao ponto nem que eu tenha que pegar no braço e levar e ficar lá até o horário de bater, ele vai pra escola, entendeu? [...] Se eu tiver que dá a minha vida pra vê eles sê alguém na vida, eu vô dá. (Xaiane)

Adriele fala repetidas vezes sobre “ser alguém na vida”. Questionada sobre o que significa isso para ela, não relacionou ao estudo: “É ter boa saúde, ter um bom trabalho, ser feliz na vida financeira, na vida amorosa, é tudo isso e mais um pouco. [...] Como diz o ditado: quem ensina a gente a ser alguém é o mundo, o mundo, lá fora, que vai te ensinar, e tu vai fazer a tua escolha, se tu quer ir pro lado do bem ou pro lado do mal”. É apenas ao tema ser diretamente instigado – “E a escola?” – que ela trata do assunto. “A escola é muito importante também porque ali eles aprendem a ser alguém, cabe a eles também aprender. Tu tem que querer aprender aquilo ali que a professora tá ensinando, pra tu ser alguém na vida, porque se tu não sê ninguém, o que que tu vai ser? Não vai ser nada.”

A perspectiva sobre a educação é bem específica nesse grupo. As raladoras, perguntadas sobre o papel da educação, pouco falaram da escola – apenas a “da vida”. Questionadas especificamente sobre a importância da escola, confirmam seu relevo, argumentando que sem estudo não se consegue um bom emprego.

Na infância, elas queriam ser: paqueta ou atriz, policial, enfermeira ou médica e desenhista ou arquiteta. A escolha pela profissão e a sua justificativa dizem muito sobre a

personalidade dessas mulheres. A mídia tem papel importante na escolha do que queriam “ser quando crescer”.

Eu gostava muito do programa da Xuxa e queria ser, como se diz, paqueta (risos). Ou se não, ator, eu queria ser muito atriz, os dois que eu queria ser. Depois que eu perdi aquela coisa de criancinha, eu queria ser atriz. Até hoje eu tenho vontade de trabalhar numa novela, mas... agora já perdi, que a gente tem que ter muito estudo, pra ser atriz tem que, não é assim brincadeira, a gente pensa que é brincadeira, mas até decorar todos aqueles texto, ah tá louco, e eu não sou muito de decorar [...] é muito esforço, tem que tá ali, na hora dos ensaio, tem que tá ali, se tu faltar tu atrapalha não só tu mas o que tá fazendo. (Adriele)

Eu sempre quis sê da polícia. E tanto é que a minha filha quer sê. Eu nunca vi meu pai batendo na minha mãe, mas a gente vê muita televisão. E eu sempre dizia assim ó: ‘o dia que eu for polícia, que eu pega esses homem batendo nas mulher, assim, mas não vou nem conversar com eles’. Eu sempre tive ódio de homem que bate em mulher. Tanto é que, quando o [ex-marido] tentou, eu fiquei cega, cega. [...] Porque eu olhava muita televisão, na televisão eu, sabe? Eu via muitas mulher marcada, roxa. Então eu tinha pena das mulher, bá! As mulher trabalhando com as cria, os filhinhos pequeno, apanhando desses vagabundo, então eu sempre fiquei com aquela má impressão: ‘vagabundo, vagabundo, vagabundo...’. (Fátima)

Eu sempre gostei de ajudar as pessoas, eu sempre gostei de ser enfermeira, enfermagem, essas coisas assim. Eu sempre pensava em ser médica, em ser enfermeira, essas coisas assim. (Mirela)

Eu pensava, como eu gostava muito de desenhar, ou eu queria desenhar, ser desenhista ou arquiteta, que lida com desenhos né? [...] Faz um tempinho que eu não desenho, mas eu ainda tenho a minha relíquia, minha pasta cheia de desenho. Pra te dizer a verdade eu ainda tenho a minha pasta com os meus Back Street Boys, eu digo ‘aqui não é pra vocês mexerem, isso aqui é da mamãe’. Os meus desenhos e eles eu guardo até hoje. (Xaiane)

Hoje, os trabalhos que gostariam de exercer não são distantes de suas realidades. Adriele, mais uma vez, cita as novelas na constituição de seu imaginário. “Não queria trabalhar de auxiliar de limpeza, mas é um trabalho digno né? Ai, eu queria acho que ser secretária, secretária, não sei porque, mas eu gosto, não sei se é porque eu vejo muito nas novela, as secretárias, não as safadas né? (risos) Uma decente.” Xaiane conta que gosta de lidar com vendas e, por isso, gostaria de ter um bazar, sendo a única das raladoras que se refere a possuir um negócio próprio. Já Mirela gostaria de um trabalho em que pudesse cuidar das pessoas, como “enfermagem, trabalhar num hospital, ajudar”, como pensava na infância, ou, “segunda opção é cozinha”, pois gosta de culinária. Ela já trabalhou como auxiliar de cozinha e conta que gostou da função, mas acabou saindo pela rigidez nos horários e pelas ordens e desordens dos chefes, de forma semelhante ao que Fátima coloca. Fátima é a única que gostaria de continuar fazendo o que faz. O principal motivo é que o trabalho que realiza

permite que ela permaneça sozinha, sem precisar se relacionar com outras pessoas, e não precise seguir ordens de patrão, pois não é “assalariada”.

Olha, só o fato de eu não tá robando, me prostituindo e nem matando pra mim tá tudo bom. Eu levanto todos os dias, até doente, e tenho prazer de sair de casa pra ir trabalhar. Chego sozinha, eu ligo o radiozinho, eu ligo uma televisão, não tem ninguém pra me perturbar, pra dizer assim: ‘tem que bater o cartão’. É que assim, quando tu trabalha, garanto que tu já trabalhou em grupo, então tu sabe como é que é, um se arregia no outro. E eu já não gosto. Primeiro, que tu entra num lugar pra fazê uma coisa e acaba fazendo outra, tu é paga pra fazer isso aqui, aí tu chega no teu patrão, ele vai pegar e vai olhar e dizê assim: ‘Ai, agora eu quero que tu largue esses papel e limpe minha casa’; ‘Mas isso não é o meu trabalho. O meu trabalho é entrevista, não é limpar a tua casa’. ‘Ah, mas tu é minha funcionária, eu te pago, tu tem que fazê’. Tu é obrigada a fazê porque tu é assalariada, por isso que eu não gosto. Eu vou, faço o que tenho que fazer, limpo, fecho o apartamento, e vô mimbora. (Fátima)

Sobre o trabalho que exercem, todas dizem gostar. Se para Adriele o ponto forte do emprego é a boa relação com as pessoas, é a ausência delas um dos aspectos mais positivos do trabalho para Fátima. “Ah, eu gosto, mesmo sendo de auxiliar de limpeza, eu gosto, tanto das pessoas que têm aqui nesse prédio como das minhas colega, nós somos muito unidas, nós três” (Adriele); “Adoro, porque eu vejo eles não é todos os dias, eu não me estresso, eu fico à vontade. Geralmente eu tô sozinha. Eu chego, eu sei onde que o dinheiro tá, eu já sei o que que eu tenho que fazê porque é toda a semana. Vô, faço meu serviço quieta, não tem patrão me mandando.” (Fátima). Mirela, que, assim como Fátima é diarista, afirma que gosta do trabalho, “faço com prazer o que eu faço, gosto mesmo”, e avalia: “o que eu faço, eu faço bem feito”. E também relata que gosta de trabalhar sozinha, e se incomoda quando alguma patroa fica por perto dizendo o que ela tem que fazer. Xaiane, em seus diferentes trabalhos, como garçoneiro, atendente e babá, também não gosta de ordens: “Eu não gosto que fique mandando ‘ah, vai lá fazê aquilo ali’. Eu tô vendo, não precisa me mandar, entendeu?”. Ela conta que gostava do último emprego, como garçoneiro, pois sempre tinha algo para fazer, fosse em sua função ou ajudando os colegas, “em todos os meus trabalhos eu nunca faço só a minha função, sempre procuro fazê um pouco mais, até pra aprendê”.

Apesar de Adriele não gostar de trabalhar como auxiliar de limpeza, sente-se reconhecida pelo trabalho que faz. “Eles vejam o nosso esforço, eles tão sempre reconhecendo, não são daquelas pessoas ‘ai, vocês não servem pra nada’, não, eles reconhecem a gente. Eles até reconhecem que eles não querem tirar nós daqui, porque eles falam que de todos que já vieram pra cá, eles acertaram agora o grupo”. Fátima se considera bem sucedida no que faz, tanto em reconhecimento pelos patrões e gosto pelo trabalho quanto

em pagamento recebido. “Ah, eu me considero. [...] Às vezes eu recebo bem mais do que eu imaginava. Todos os meus patrão são bom pra mim, todos.” (Fátima). Assim como Mirela, Xaiane também julga que faz seu trabalho bem feito. Nenhuma delas indica que não se considera bem sucedida, que não gosta do trabalho, que não se sente reconhecida ou que gostaria de receber mais.

Assim como aos outros grupos, às raladoras foi questionado o que entendem por classe social. Elas foram as menos precisas ao definirem, direcionando as respostas para o argumento de que classes não distinguem as pessoas como melhores ou piores. Isso pode ser notado em afirmações como “classe social, pra mim, é tudo igual” (Adriele), “pra mim, não precisa ter muito dinheiro pra ser feliz” (Fátima), “rico é quando a pessoa é tranquila, é uma pessoa boa” (Mirela), “eu acho que cada um tem aquilo o que merece né?” (Xaiane). As respostas, entretanto, não deixam de demonstrar o que entendem por classe social. Elas fazem questão de desvincular o valor das pessoas da classe, mas não deixam de relacionar ao fator econômico.

Só por causa que uns têm mais e uns têm menos, aí os que têm mais querem humilhar os que têm menos, isso daí já é uma besteira, porque quando morre, fede igual, ou até pior ainda por ser uma pessoa muito esnobe. [...] Porque o dinheiro, a gente necessita dele, claro, a gente precisa dele pra tudo, mas não quer dizer que ele seja mais importante que qualquer outra coisa. [...] A felicidade tu não compra, tu conquista, assim a amizade. (Adriele)

Como assim, classe social? Dinheiro? [...] Antes, quando eu tava casada, eu pensava assim: ‘ai, mas por que que eu sou tão pobre assim? Sinto vontade de comê uma coisa, não tenho’. E aí, hoje eu já não penso por isso, entendeu? Como eu já passei esse negócio de saúde, hoje eu penso assim: ‘eu não tenho dinheiro, mas eu tenho saúde’. E tu tendo saúde, não tem limite pra ti. Hoje eu penso: ‘hoje eu não tenho dinheiro, mas amanhã vô tê’. [...] Tudo que eu tenho é meu, não é nada robado. Hoje, se eu tiver um dinheiro, eu vô andar de táxi. Amanhã, se eu não tiver, eu pego ônibus, e se eu não tiver, eu vô a pé. E se eu tiver que chegar numa parada e pedir, eu vô pedir. (Fátima)

Ah, pobre, rico? Essas coisas assim? [...] Porque pobre... eu não me considero pobre, eu me considero bem sucedida, bem tranquila, porque eu prefiro não ter riqueza, vou te falar a verdade, eu prefiro não ser rica. Dinheiro demais corrompe, tudo que é demais corrompe a pessoa. [...] Tudo que eu pedi pra Deus eu tenho hoje, minha família, eu tenho o que comer, tenho o que vestir, trabalho, tenho força pra ir trabalhar, pra buscar. Harmonia é riqueza, pra mim isso é riqueza. (Mirela)

Classe social... como assim? [...] Eu acredito que tu tem que lutar pra tu ter o teu, se o teu pai tem, é o dele, vai ficar te escorando no teu pai até o teu pai morrer pra ti herdar aquilo que o teu pai tem? Eu não penso assim, eu penso que eu tenho que lutar pelo meu [...]. Cada um tem aquilo que busca, que nem, cada um colhe aquilo que planta, entendeu? (Xaiane)

A afirmação de Fátima de que “hoje, se eu tiver um dinheiro, eu vô andar de táxi. Amanhã, se eu não tiver, eu pego ônibus, e se eu não tiver, eu vô a pé. E se eu tiver que chegar numa parada e pedir, eu vô pedir” – por mais que se possa entender que o exemplo seja apenas figurado – serve como ilustração acerca do privilégio do hoje para o uso do dinheiro. Em outro momento, Fátima conta que comprou o tênis que está na área de serviço da patroa, aguardando o término do expediente para ser vestido, mesmo sendo caro. Ao avistá-lo na vitrine, ponderou sobre o quanto queria o calçado e seu alto valor, e, incentivada pela filha, acabou comprando. “Aí eu pensei, disse assim: ‘quando eu era criança, eu não tinha, então vou comprar’. Quase 800 pila, comprei, fui no shop comprar.”

Segundo Souza (2010, p. 51-52), “a capacidade de planejar a vida e de pensar o futuro como mais importante que o presente é privilégio das classes em que o aguilhão da necessidade de sobrevivência não as vincula à prisão do presente sempre atualizado como necessidade premente”. Fátima, embora não esteja hoje sob o “aguilhão da necessidade de sobrevivência”, o que permite a ela comprar um tênis de mais de um salário mínimo, sofreu com essa insegurança e carência na infância, o que, podemos considerar, estimula-a, até mesmo servindo como desculpa para si, a gastar o equivalente a oito ou dez de suas faxinas.

As avaliações sobre a classe a que pertencem não se assemelham, indo de “classe baixa” a “quase rica”. Adriele diz que é da “classe social do bem”. Mirela se considera da classe média, “pra mim tá bom, tá ótimo, pra mim é o que eu necessito”. Xaiane avalia que é da classe baixa, “porque a minha renda é pouca, a minha casa não é nenhuma mansão, tanto que a minha casa tem que passar por altas reformas”. Fátima afirma que é “quase rica”, depois desenvolve:

É, não é quase rica, uma classe média, no caso. Porque, eu não me considero pobre. Porque eu acredito que pobre, pra mim, é aqueles que não têm nem o que comer e hoje em dia não existe mais isso, porque tem bolsa escola, tem bolsa família, então, tem, já foi o tempo da pobreza. Eu não me considero pobre, porque hoje, hoje eu escolho o que comê. Hoje, se eu quiser, eu peço uma pizza, se eu quiser, eu peço X, se eu quiser, eu vô no shop, se eu quiser, eu vou numa pizzaria, se eu quiser, eu vô numa churrascaria, então eu não sou pobre. [...] Quando eu tava com ele, ele não queria comprar nada: ‘ah, pra quê que tu vai comprar uma cama, se tem um colchão. Bota o colchão no chão! Pra que cama?’. Pô, tu trabalha, tu merece dormir numa cama confortável, tu trabalha, tu merece uma geladeira boa. (Fátima)

Nas avaliações que as raladoras fazem acerca de ser mulher, salientam que ao gênero é exigido muito nas diversas esferas, sendo constante a caracterização das mulheres como guerreiras e batalhadoras. “É ser grande. Ser tudo, porque nós mulher somos pra tudo né?

Somo pra todo pau, como diz. A gente tem que batalhar, tem que ser mãe, ser mulher, ser amiga, ser de tudo um pouco, a gente nunca é uma coisa só, é tudo junto.” (Adriele); “É que a mulher ela é mais sobrecarregada. A mulher ela tem muito mais função do que o homem, né? A mulher tem muito mais coração que homem, ela tem mais responsabilidade. Às vezes eu não gosto de sê mulher, porque às vezes eu me sinto muito sobrecarregada por sê mulher.” (Fátima); “Ah, mulher é mãe, mãe, dona de casa, mulher, é isso, esposa.” (Mirela); “Eu me considero como uma guerreira, uma batalhadora. [...] Mulher pra mim é aquela que vai em busca daquilo que quer, não tem que tá dependendo de marido, de pai, de mãe.” (Xaiane).

Adriele e Xaiane destacam que a mulher ainda não é tratada com igualdade. Para Adriele, “tem ainda o preconceito, e não sei quando vai acabar esse preconceito”. Xaiane analisa que a mulher é vista como “objeto”.

Pra mim, o meu ponto de vista, hoje em dia, tá cruel. Porque pra mim eu acho que o homem ele tá hoje em dia enxergando a mulher como uma mulher-objeto. Que nem eu que costuma sair de noite, tu vê muita coisa, entendeu? O homem ele dá um copinho de cerveja ele acha que tu já tem que abrir as perna pra ele, entendeu? Só porque ele tá te dando um copinho de cerveja já quer tocar em ti. Eu, comigo, não tem dessas daí, ou vamo beber na parceria, na amizade, ou sai de perto de mim. [...] Que conversar comigo, quer falar, fala, mas pra falar não precisa me tocar, eu digo ‘eu não sou touch screen pra tu falar e tá passando a mão’, me tocou já perdeu a parceira. (Xaiane)

Todas elas têm filhos. Mirela foi mãe aos 16 anos, Fátima aos 18, Adriele e Xaiane aos 21. Elas afirmam que nunca pensaram em não serem mães. Adriele conta que “queria ter a sensação” de como é ser mãe, “já que todo mundo fala ‘ai, ser mãe é maravilha, a gente sente um amor muito grande’, e foi realmente”. Xaiane diz que ficou muito feliz ao saber que estava grávida do primeiro filho, pois estava construindo a vida com o marido e acreditando em um futuro feliz. No entanto, ao saber que teria o segundo filho, ficou “em desespero”, “apavorada”, pois já estava com dificuldades para criar o mais velho.

As melhores coisas de suas vidas são, para Adriele, Fátima e Xaiane, os filhos, resposta que dão sem titubear. Mirela, fiel à sua fé, diz que “a melhor coisa da minha vida foi encontrar... saber, conhecer Deus, saber que Deus existe”.

Entre os piores acontecimentos, Adriele destaca a morte do ex-marido. Ela assegura que “não por eu ter perdido o pai dele, porque sofrer eu já tinha sofrido quando a gente se separou”, mas por ver a tristeza do filho em perder o pai “ver a carinha dele de tristeza, ver o sofrimento dele de ver que nunca mais ia ver o pai dele”. Para Fátima, o pior momento que viveu foi quando os pais se separaram, que ela foi “pro mundo”. Assim como Lidianne relatou, a briga entre os pais a fez tomar a decisão de ir embora de casa. “Meu pai falava da minha

mãe, minha mãe falava do meu pai. Aí minha mãe arrumou um outro marido, aí o marido dela queria matar nós, eu, minha irmã e meu pai.” Como não gostava de morar no interior e sempre teve vontade de viver em Porto Alegre, fugiu. “Tudo que me lembra a minha infância eu não gosto.”

Mirela lamenta não ter ouvido os conselhos de outras pessoas, não ter estudado mais e não ter dado mais carinho a seus filhos quando eram menores. “Como eu era jovem, não tinha esse mesmo pensamento que eu tenho hoje, e não tinha Deus, pra me dar auxílio”. Para Xaiane, o pior é o medo de ela e os filhos passarem fome. “No momento eu tenho medo, mas eu procuro não pensar.”

Para as entrevistadas, a família é o mais importante para ser feliz, citada por Adriele, Fátima e Xaiane. Mirela aponta que “ter Deus” é o realmente essencial para ser feliz, “a felicidade nem devia ser felicidade o nome, deveria ser Jesus”. Xaiane, que vive um momento de grande dificuldade, preocupa-se em “não deixar faltar nada” para os filhos. “Pra mim já tá mais do que tranquilo, pode até faltar pra mim, uma roupa ou um calçado, mas os meus filho tando bem arrumado, pra não dá motivo de ninguém falar ‘ah maloqueiro’, isso aí pra mim já é o essencial.” O julgamento social também transparece em sua fala como algo que a preocupa. Um namorado ou um novo marido não é apontado como importante: “acho que é muito problema que eu não me vejo nem com cabeça pra namorar”. Diferentemente, Fátima gostaria de namorar novamente.

Eu peço todos os dias que Deus me bote um home que goste de mim. É só isso que eu quero. [...]. É o que tá faltando, um home que me ame e que... me faça feliz. Eu não quero casa, não quero dinheiro, eu não quero um home pra me sustentar. Nunca! Jamais! Porque eu trabalho, me sustento. Eu quero um home que me proporcione coisas boas. Tá entendendo? Que me leve pra sair. Eu e o meu filho, porque a minha filha vai casar, mas que goste da minha filha. Que goste de mim, não só pra me usa. Eu quero um home que goste de mim de verdade, que não me incomode, que não tire o pouco que eu tenho, que não bata nos meus filho. [...] Não quero home pra morar comigo, não quero home pra me sustentar. Eu quero um namorado pra curtir comigo. (Fátima)

As “exigências” de Fátima são compatíveis com as dificuldades enfrentadas por muitas mulheres, que sofrem rotineiramente com violência doméstica. A descrição do namorado que busca ilustra os obstáculos encontrados, especialmente pelos pobres, para viver o amor. Como Silva, Torres e Berg (2009, p. 168) refletem, “a crença de que, apesar de toda a miséria e de toda a vulnerabilidade, as chances de se encontrar o amor não se fecham para o destino dos que vivem em um universo de privação” é uma ilusão daqueles que não conhecem os percalços para se viver em harmonia e se desfrutar do amor romântico.

Fátima ficou 20 anos casada, mas desde a primeira gravidez, após menos de um ano de casamento, enfrenta problemas com o marido, que começou naquele momento a usar drogas e desde então é alcóolatra.

Ai, eu cansei. [...] Eu passei a vida todo dizendo pra ele, ‘o dia que tu tentar... o teu dedo vai cair no chão’, e ele não acreditou. Ele não acreditou. Depois que eu cortei ele, eu disse pra ele ‘te lembra o que eu falei pra ti? Eu te avisei, tu não acreditou, então, agora tá’. Eu vivia avisando. [...] A [filha mais velha] era pequena, e eu disse: ‘Ai, meu Deus, se eu me separar dele, como é que eu vou conseguir, sozinha?’. Eu pensava tudo isso, né? E nessa época a gente não tinha casa própria, sempre foi de aluguel, eu pensava ‘Meu Deus, eu vou tê que pagar aluguel, mais a minha filha pequena’. Aí fui suportando, fui suportando, fui suportando. Aí quando o meu apartamento saiu, que eu disse ‘ah, não, agora eu vou me libertar. Agora eu vô me libertar!’ [...] Eu já tava fazendo faxina, a [filha mais velha] já tava grande, já tava namorando. E eu, graças a Deus, eu sempre fui muito segura do meu trabalho. Eu sempre tenho trabalho, graças a Deus. Aí eu disse assim, ó: ‘Ah não, é agora que eu vou abrir a porta da gaiola e vou me largar’. E me larguei, não quis mais. (Fátima)

Adriele foi casada duas vezes, por oito e três anos. O primeiro marido, pai de seu filho, morreu assassinado há poucos anos, mas ela diz não saber o motivo. Xaiane, a mais nova, também foi casada duas vezes. Deixou o primeiro marido após ele se envolver com drogas, traficar, roubar e ir preso pela segunda vez. Mirela está com o segundo marido há 13 anos. Antes disso, ficou casada dos 14 aos 18 anos com o pai de seus dois primeiros filhos, que foi assassinado por estar envolvido com tráfico de drogas.

L: E o teu primeiro marido faleceu como?

M: Mataram. Ali no campo, ali naquele campo ali. Mataram, porque ele começou a mexer com droga, ele não usava, mas daí ele começou a mexer, aí ele acabou um tempo usando, e daí vieram e mataram ele. É isso que acontece né? E mataram ele. [...] Tava grávida, imagina, um desespero, entrei em depressão, fique quatro meses com depressão. Eu tava bem desesperada mesmo. (Mirela)

Sobre o futuro, os planos de todas dão ênfase aos filhos. Também falam de trabalho e dos problemas que não querem enfrentar, quase com a mesma proeminência em relação ao que de fato esperam.

Que a minha vida seja tranquila, tando do lado do meu filho, que a vida dele seja tranquila. Os meus pais, que eu esteja preparada pra qualquer tristeza na minha vida, tristeza assim que eu falo na perda que eu vou ter, não é que eu possa ter, que eu vou ter, dos meus pais. (Adriele)

Ah, eu penso que eu tenho que tá sempre boa de saúde. Só isso. Eu tendo meus filhos perto de mim, pra mim já é tudo. [...] Tomara que meu filho seja que nem a minha filha, calmo. [...] Eu não quero que meu filho cresça no meio do tráfico. Imagina eu, daqui a dez ano, visitando meu filho... Hoje ele tem sete, daqui a dez anos, ele vai tá com 17, é uma época daquela rebeldia, só querem fica nas esquina, traficando [ênfase], presídio [ênfase]. É isso que

eu não quero pra mim, eu quero que ele teje estudando, trabalhando, fazendo um estágio, namorando, até quero que ele namore, daí ele sossega. (Fátina)

Eu acho que eu trabalhando, esse casado, o outro também, que vai tá com 20 anos, eu com netos, imagino eu com netos, porque a menina já tá casada né? É isso que eu vejo, eu trabalhando ainda também, porque eu ainda sou nova, daqui a 10 anos eu vô tá com 43 anos, então eu vô tá trabalhando, eu acredito nisso. Na igreja. (Mirela)

Eu acredito que eu esteje... eu não sei se eu vou estar casada até lá... Acredite que esteje trabalhando, com os meus filho ainda estudando... tomara Deus que eles não deem nenhum tipo de dor de cabeça, que nem os pais me deram. Tomara Deus que eles estejam estudando direitinho, sendo filhos comportados. Eu não sei se eu vô tá casada ou não. Eu acredito que tomara que eu teje trabalhando. (Xaiane)

Destacamos, assim, que as restrições e carências desse grupo vão além do aspecto econômico, incluindo, queremos ressaltar, as perspectivas de futuro. Percebe-se que essas mulheres não possuem muitos projetos para si, cabendo, talvez, a seus filhos realizarem os sonhos dessas mães. Suas vidas se resumem à casa e ao trabalho. Nem mesmo na esfera amorosa elas encontram alento para amenizar as dificuldades cotidianas e o passado difícil.

8.3 MODOS DE VER: MÍDIA

As primeiras lembranças de **Adriele** sobre mídia remetem à Xuxa e à Angélica. Conta que o que mais assistia era o programa da Xuxa. Os desenhos animados, integrantes do programa, de que mais gostava eram She-ra e He-man. Do SBT, gostava de Ursinhos carinhosos, assim como do programa da Angélica, “tinha a música dela, aquela, Vou de taxi”. Outro programa infantil de que gostava era TV Colosso, transmitida na década de 90 na Globo. Costumava assistir a TV, especialmente aos desenhos, sozinha. Rádio costumava ouvir com alguém da família, com algum dos irmãos ou com os pais. Lembra de sempre ouvir a rádio 104 FM, citada como sua preferida atualmente, mas nunca enviou carta ou telefonou.

Considera que, em sua infância, a televisão “não ajudou nem atrapalhou, era só um meio de ter alguma coisa pra eu me entreter. [...] Eu olhava só por olhar, assim, não que me incentivou em alguma coisa.” Destaca que sempre gostou de assistir a TV e hoje não assiste tanto porque não sobra tempo, “eu saio cedo de casa, daí chego quase tarde, daí dá pra olhar alguma coisa só. A gente fica com sono, pesado, daí não dá pra olhar muita coisa. Antes eu olhava mais.”

Afirma que jornal e revista não tinham em casa. Quando adolescente, comprava às vezes algumas revistas sobre signos, que até hoje gosta. Também gostava das revistas *Atrevida* e *Capricho*. As notícias que mais a interessava eram sobre novela: “aquelas coisas de novela, que tinha dos artistas. Eu olhava só por ler assim, pra saber, por curiosidade.”

Atualmente, **Adrielle** possui televisor, computador, aparelho de som, aparelho de DVD e video game. Consome TV, jornal, revista e rádio. Nunca usou internet. Seu meio preferido é a televisão. O canal de que mais gosta é a Globo e o programa, *Tela Quente*¹⁵³. Costuma assistir a televisão sozinha ou com a companhia do filho. Assiste, em média, três horas por dia. Não possui TV por assinatura. A rádio preferida é a 104 FM¹⁵⁴, da Rede Pampa. Os programas de que mais gosta, por outro lado, são da Rádio Farroupilha¹⁵⁵: Programa do Gugu¹⁵⁶ e o “programa do Zambiasi”, *Comando Maior*¹⁵⁷. Costuma ouvir rádio em casa, por cerca de uma hora e meia por dia. Não lê jornal diariamente. Quando o faz, escolhe o *Diário Gaúcho*, disponível em seu trabalho, especialmente as seções com resumo das novelas, policial e de serviço. Gosta de ler revista às vezes, geralmente uma vez por mês compra a revista *Atrevida*¹⁵⁸ ou uma que trata de signos e sonhos, mas que não recorda o nome. Não costuma ler livros.

Fátima, até sair de casa, aos 12 anos, não possuía TV em casa. Ela e sua irmã assistiam a televisão, especialmente aos seriados *Chaves* e *Elo perdido*, sobre o último, explica: “era tipo um filmezinho, assim, que era o pai, a filha, uma macaquinha que era a Chaca e eles viviam num... nos dinossauro, entendeu? No mundo dos dinossauros, que era só eles, os dois que eram humano, e eles conversavam com a macaquinha.”

Normalmente, porém, tinham pouco tempo para lazer, pois assim que chegavam do colégio tinham que cumprir as obrigações domésticas, que era limpar a casa de três peças, lavar a roupa e fazer comida. Seu pai possuía um “radiozinho”, mas apenas ele escutava, principalmente para acompanhar os jogos de futebol. “Ele ligava o rádio assim só pra escutar

¹⁵³ *Tela Quente* é uma sessão de filmes exibida pela Rede Globo nas noites de segunda-feira desde 1998.

¹⁵⁴ A Rádio 104 FM é uma rádio de Porto Alegre, da Rede Pampa de Comunicação. Sua programação transmite música sertaneja.

¹⁵⁵ A Rádio Farroupilha é uma estação de Porto Alegre, pertencente ao Grupo RBS. Na maioria dos programas, há participação dos ouvintes, que ligam e falam diretamente com o apresentador, no ar.

¹⁵⁶ Programa da Rádio Farroupilha apresentado das 11h30min às 15h por Silvio Roberto Gugu Streit, “traz diariamente para os ouvintes notícias, diversão, prêmios, fé e muita solidariedade”.

¹⁵⁷ O *Comando Maior* é um programa da rádio Farroupilha, apresentado por Sérgio Zambiasi (locutor, ex-senador pelo Rio Grande do Sul), das 6h às 11h. Mescla informação e prestação de serviço.

¹⁵⁸ A *Atrevida* é uma revista brasileira publicada mensalmente pela Editora Escala e direcionada ao público adolescente feminino. Possui linguagem adolescente, trazendo assuntos como amor, relacionamento, sexualidade, beleza, moda, música, artistas e atualidade. Pode ser assinada ou comprada avulsa, neste caso, o preço de capa é R\$ 4,90.

jogo. E o rádio era sempre no ouvido, só ele que ouvia. Aqueles radiozinho com aquela anteninha.”

Quando saiu de casa, aos 12 anos, e foi morar com a tia, passou a ter televisão onde morava, mas, pela falta de hábito, não costumava ligar a televisão e não a assistia muito.

Aí aqui sim, aqui eu cheguei e era um outro mundo, entendeu? Tanto é que, a minha tia tinha sofá, ela mandava, mandava não, ela dizia assim: ‘ah, tu quer ligar a televisão, pode ligar’. Eu não ligava a televisão e, quando ela ligava eu sentava no chão, porque nós não tinha sofá, entendeu? Nós pegava tijolo botava pra sentar, nós sentava nos banco, nós morava pra fora, então, eu sentava no chão, eu era bicho do mato... Nunca que eu ligava a televisão, nós não tinha televisão. [...] Aí era outra vida. Mas mesmo assim, eu nunca ligava a televisão. Ela dizia assim ‘ah, olha o Chaves, olha o desenho’. Eu dizia, ‘não, eu não quero olhar porque depois a gente acostuma’ e depois de acostuma tu vai querê toda hora olhar. (Fátima)

Com a tia, já adolescente, assistia apenas a novela. “A minha tia sempre foi noveleira, a gente assistia a novela. Aí, quando terminava a novela, ela desligava pra ir dormir, né. Essas coisa assim depois da novela, que dava, nós não assistia, era só as novela.”

Em seu ponto de vista, a televisão não teve nenhum papel em sua vida. “Pra mim não mudou nada, pra mim não significou nada. [...] Eu tenho televisão em casa hoje porque eu gosto de assisti clipe, eu não durmo sem uma televisão ligada, mas não assim de assistir programa e por causa do [filho].”

Quando namorava, antes dos 17 anos, Fátima escutava o programa de rádio Love Songs com o namorado. Ela relata:

Ele tinha aqueles rádio-relógio, sabe? Que ele botava despertar. E ele sempre escutou. Ele era sozinho, ele se deitava, então, ele chegava de noite do serviço e ligava. E ele gostava, era de casal de namorados: ‘ah, tô mandando um alô pra minha namorada que eu tô viajando’; ‘ah, quero mandar um beijo pro meu namorado’, e ele curtia. Aí, depois que eu comecei a namorar com ele, que eu ia pra casa dele, a gente começou a curtir, a escuta. Aí a gente casou... Inclusive eu ainda tenho o radinho relógio até hoje. (Fátima)

Conta que depois de se separarem, o que aconteceu há dois anos, colocou o rádio a funcionar e, por uma semana, voltou a ouvir Love Songs. Logo não deu prosseguimento ao hábito e guardou novamente o rádio, pois estava dormindo muito tarde por causa do programa. “Acabava perdendo o sono. ‘Ah, essa música é boa, depois dessa música vou dormir’. Aí a música vinha do meu tempo de guria, que eu comecei a namorar com ele, aí começava a lembrar, dependendo da música, já dava uma chorada.”

Atualmente, **Fátima** possui televisor (led), home theater e video game. Consome TV, rádio e, raramente, jornal. Nunca usou internet. A mídia de que mais gosta é o rádio. Suas

emissoras favoritas são Record e Mix TV¹⁵⁹. Os programas que destaca são Cidade Alerta¹⁶⁰, Legendários¹⁶¹ e Balanço Geral¹⁶², na Record, e Jornal do Almoço¹⁶³, na RBS/Globo. Assiste em casa, sozinha ou com o filho, por cerca de duas horas diárias. Não possui TV por assinatura. O rádio é sua companhia por muitas horas, enquanto trabalho, quando está em casa ou no ônibus, e diz que fica “perdida” se esquece o fone de ouvido em casa. Sua estação preferida é a Jovem Pan¹⁶⁴, que toca o estilo que ela diz ser seu preferido, o dance, com destaque para as cantoras Rihanna, Lady Gaga e Mariah Carey. Quando perde o sono, ouve o programa Love Songs¹⁶⁵, mas seu programa preferido é Missão Impossível¹⁶⁶. Não tem o hábito de ler jornal, quando o faz, opta pelo Diário Gaúcho, que compra uns dois sábados por mês. Lê sobre seu signo, a editoria policial e a seção Corações solitários¹⁶⁷. Livros diz que não lê porque “dá dor de cabeça”.

Entre os primeiros programas que **Mirela** lembra de assistir, estão o Sítio do Pica-pau amarelo, Carrossel e desenhos animados, como Pica-pau, He-man e She-ra, “essas coisa assim, programa de criança, normal”. Recorda que gostava da Mara Maravilha e da Xuxa. Também assistia a noticiários, como Bom Dia Brasil e Jornal Hoje, principalmente na casa da avó. Quando assistia a algo com a mãe, geralmente novela, não conversavam sobre os programas, pelo contrário, apenas se lembra de ela pedir silêncio. “Me mandava calar a boca, pra presta atenção.”

Gostava de ouvir rádio, geralmente em estações que tocassem música sertaneja, mas não se lembra de nenhuma em específico. Quando adolescente, o programa radiofônico que mais escutava era “aquele, é, quando eu era adolescente eu me lembro de escutar essa, que dá

¹⁵⁹ A Mix TV é uma rede de televisão brasileira do Grupo Objetivo voltada ao público jovem. Integra o Grupo Mix de Comunicação, composto pela Mix FM, o canal de varejo Mega TV e o canal SuperMix. Tem programação voltada à música, com exibição de videocliques.

¹⁶⁰ Cidade Alerta é um programa jornalístico policial brasileiro da Rede Record, apresentado atualmente por Marcelo Rezende, a partir das 17h20min.

¹⁶¹ Legendários é um programa da Rede Record que estreou em 2010. Apresentado por Marcos Mion e exibido aos sábados à noite, é um programa de variedades.

¹⁶² Balanço Geral é o um formato padrão de programa jornalístico local da Rede Record, transmitido ao meio-dia. No Rio Grande do Sul, é apresentado pelo jornalista Alexandre Mota. Segundo o site, “O programa, que transita entre o jornalismo e o entretenimento, mostra reportagens exclusivas, denúncias, prestação de serviço e assuntos que mexem com o dia a dia da comunidade - como problemas nos bairros, segurança e saúde pública.”

¹⁶³ Jornal do Almoço (JA) é um telejornal exibido pela RBSTV ao meio dia. A apresentadora atual é Cristina Ranzolin.

¹⁶⁴ Jovem Pan FM é uma rede de rádios brasileira em FM voltada ao público jovem.

¹⁶⁵ Love Songs é um programa de músicas românticas transmitido das 20h às 2h pela Rádio Cidade FM, pertencente ao Grupo RBS. Está no ar desde 1984.

¹⁶⁶ Missão Impossível é um programa da rádio Jovem Pan FM transmitido de São Paulo via satélite. No programa, os apresentadores Evandro Santo, Lígia Mendes e Bob Fernandez resolvem problemas de relacionamento dos ouvintes. É transmitido das 17h30min às 18h.

¹⁶⁷ Seção do Diário Gaúcho que apresenta pessoas que procuram encontrar um “um grande amor”.

de noite, as de românticas... L: Love Songs? M: É, esse negócio, eu me lembro de escutar. De adolescente eu me lembro.” Também gostava de ler a revista *Atrevida*, que a tia, que morava no centro, presenteava ou que alguma amiga comprava.

Acerca do papel da televisão em sua infância e adolescência, ela considera que servia apenas “pra se informar mesmo, pra vê o que tá acontecendo, porque outras coisas não lembro, que eu tenha aprendido alguma coisa com televisão, não lembro”.

Atualmente, **Mirela** possui televisor (led), aparelho de som, home theater e vídeo game. Costuma consumir jornal, rádio e internet. A emissora de TV de que mais gosta é a Record, “12 eu nem ligo” (referindo-se à TV Globo), porque considera “bagaceiro, contra o que Deus criou”. O programa favorito é o Balanço Geral, na Record (também chama de “programa do Mota”). Assiste a TV em casa, principalmente com o marido, por cerca de uma hora diária. Não possui TV por assinatura. Sua rádio preferida é a “1390 AM”, a evangélica Rádio Esperança¹⁶⁸. Os programas radiofônicos de que mais gosta são Restauração, Despertar, Cristo vem, todos evangélicos. Costuma ouvir rádio em casa, no trabalho e no ônibus, o “dia inteiro”. Lê Diário Gaúcho e Correio do Povo¹⁶⁹, com destaque para a editoria policial. Costuma lê-los em casa e no ônibus e os compra mais de uma vez por semana. Gosta de ler livros evangélicos. O último que leu foi “Apocalipse”. Usa a internet cerca de uma hora por dia, em casa, principalmente para acessar o Facebook e fazer pesquisas no Google, especialmente sobre receitas culinárias e crochê. Acessa a internet pelo celular. Não tem computador com acesso à internet.

Xaiane traz à memória, como primeiras recordações sobre mídia, os desenhos animados do SBT e as rádios Cidade e El Dourado, que ouve desde criança. Os desenhos preferidos eram Sailor Moon, Ursinhos carinhosos e Pica-pau, “eu gostava bastante de olhar eles, muito bom”. Outro programa de que gostava era Chaves, “até hoje, agora, há pouco, tava olhando o DVD ali, do Chaves. Chaves eu olhava direto, e ainda olho”. Os apresentadores favoritos, quando criança, eram Xuxa, Eliana e Faustão. Ainda hoje gosta da Eliana, “até hoje, gosto ainda do programa da Eliana, que dá ainda”. Sobre o Faustão, garante: “agora já me anojô”.

Costumava assistir a televisão em companhia da irmã, pois os pais trabalhavam e não ficavam muito tempo com os filhos. O único programa que assistiam em família era novela.

¹⁶⁸ A Rádio Esperança AM é uma emissora de Porto Alegre, irradiada para toda a Região Metropolitana. Tem sua programação voltada ao segmento evangélico. Foi fundada em 1986.

¹⁶⁹ É um diário editado em Porto Alegre, fundado em 1985 por Caldas Júnior. Atualmente, pertence à Rede Record.

Conta que como a mãe não dava muitas orientações a elas, aprendeu muito sobre certo e errado na revista *Atrevida*.

O que eu aprendi, o que pode, o que não pode, muito, eu lia, muito na revista, aquela... *Atrevida*. E assim fui aprendendo umas coisas, mais no colégio, o que pode e o que não pode. [...] Na *Atrevida*, aquelas coisas de curiosidade adolescente, entre meninos e meninas. Ela fala bastante coisa sobre virgindade, sobre sexo, esses negócio assim. Porque o que eu mais lia na revista *Atrevida* era isso.

Também consumia “aqueles livrinhos de romance da Sabrina, livros de história eu pagava bastante na biblioteca”.

Segundo Xaiane, o papel da televisão era de informação e entretenimento, incluindo a novela como meio de informação, “praticamente todas passam bastante informação. Uma lição, na verdade, é um espelho. O que tá passando com a pessoa na TV pode, a qualquer momento, acontecer comigo, né? Pode acontecer comigo também, com qualquer um. É uma lição, vem uma lição.” Relata que também assistia *Jornal Nacional* e *Globo Repórter*, para se manter informada.

Atualmente, **Xaiane** possui televisor, computador, aparelho de som e aparelho de DVD. Consome TV, jornal, rádio e internet. Sua preferência é a TV, especialmente o “5”, SBT. O Programa Silvio Santos¹⁷⁰ é o seu favorito. Costuma assistir a TV em casa com os filhos, com exceção de alguns programas, como o próprio do Silvio Santos, a que assiste sozinha. Assistente a TV por mais de cinco horas diárias. Sua estação de rádio preferida é a El Dourado¹⁷¹. O programa radiofônico preferido é o *Cafezinho*¹⁷², na Pop Rock (atual Mix FM), que ouvia com mais frequência quando trabalhava à noite. Diz que, quando era mais nova, gostava muito de ouvir *Black Night*¹⁷³ e *Love Songs*. Ouve rádio “até o dia todo”, principalmente quando está limpando a casa, o que às vezes, conta, entra a madrugada fazendo. Lia o jornal *Diário Gaúcho*, especificamente a seção de signos e policial. Costumava pegar o jornal emprestado do segurança, no trabalho. Agora não tem lido jornal. Lê cerca de três livros por ano. Fazia leituras no ônibus, usando fone de ouvido para não ouvir as conversas das outras pessoas, e no intervalo do trabalho, quando estava sozinha. Em casa, não

¹⁷⁰ Programa dominical do SBT comandado pelo apresentador Silvio Santos. Em formato de auditório, possui vários quadros e é transmitido das 20h à 0h.

¹⁷¹ El Dourado é uma rádio FM de Porto Alegre, pertencente à Rede Pampa de Comunicação. Sua programação é baseada principalmente em pagode, contando também com programas de funk. Atinge principalmente o público jovem.

¹⁷² *Cafezinho* é um programa da rádio, antes da Pop Rock, hoje da Mix FM, em formato *talk show* transmitido ao meio-dia. O programa trata de atualidades, comportamento e música. São constantes as piadas e as interações com os ouvintes.

¹⁷³ O *Black Night* foi um programa musical da extinta rádio Metrô FM de Porto Alegre, que pertencia ao Grupo RBS. O programa apresentava seleções de rap, funk internacional, charm e hip hop.

costuma ler. O último livro que leu foi Batalha do Apocalipse. Não usa a internet diariamente porque precisa do celular da irmã emprestado, pois o seu está sem acesso à rede. Quando o faz, permanece conectada por cerca de uma hora, especialmente vendo seu Facebook. Não tem acesso à internet em casa.

Tabela 5 – Consumo de mídia (Raladoras)

	TV	Rádio	Internet	Jornal	Revista	Preferido
Adriele	3h/dia	1,5h/dia	-	Raramente	Raramente	Televisão
Fátima	2h/dia	Muitas horas	-	2/mês	-	Rádio
Mirela	1h/dia	Dia inteiro	1h/dia	2 ou +/- semana	-	Jornal
Xaiane	+ de 5h/dia	Dia inteiro	Raramente	Raramente	-	Televisão

Desse modo, evidencia-se a presença da televisão e do rádio como mídias dominantes nesse grupo. Na televisão, a telenovela se mostra o produto mais importante, não havendo menções a telejornais, por exemplo. O rádio compõe a trajetória dessas mulheres, com destaque para o programa Love Songs, que carrega um significado afetivo, pelas lembranças e, provavelmente, pelo conteúdo romântico. O jornal, citado como preferência por uma entrevistada, é de consumo esporádico e se limita ao popular Diário Gaúcho. Por último, a internet não foi acolhida pelas raladoras, uma vez que duas nunca tiveram a experiência de se conectar à rede e as outras duas que a acessam não o fazem rotineiramente, limitando-se ao uso do Facebook.

8.4 MODOS DE VER: TELENODELA

Todas as raladoras deram destaque à telenovela ao construírem suas histórias de mídia. Na primeira questão sobre meios de comunicação direcionada a elas – “Quais as primeiras lembranças envolvendo um meio de comunicação?” –, as quatro mulheres falam de novelas.

As novelas mais importantes para Adriele foram *Fera radical*¹⁷⁴ (1988), *Carrossel*, *Sonho meu*, *Maria Mercedes*¹⁷⁵ (1996), *Marimar*, *Maria do Bairro*, *Celebridade*, “são tantas,

¹⁷⁴ De Walther Negrão e com direção-geral de Gonzaga Blota, a telenovela da Rede Globo, *Fera Radical*, foi exibida entre março e novembro de 1988, em 203 capítulos, no horário das 17h55min. A telenovela narra a história de uma jovem que retorna ao interior para vingar a morte de seus pais. Foi inspirada na peça *A Visita da Velha Senhora*, do suíço Friedrich Dürrenmatt.

¹⁷⁵ *María Mercedes* (no Brasil, *Maria Mercedes*) é uma telenovela mexicana da Rede Televisa, exibida entre 1992 e 1993. No Brasil, foi apresentada pelo SBT em 1996, em 87 capítulos. A telenovela é uma remontagem de outra novela mexicana *Rina*, baseada na radionovela *Enamorada*, de Inés Rodena. É a

que agora não tô conseguindo lembrar”. Ela argumenta sobre o que a faz gostar ou não de uma trama: “Eu gosto quando não tem muito drama, muita frescura... tem umas novelas que têm muita frescura, muita frescura pra o casal ficar junta, muita briga.”

Fátima destaca *Ana Raia e Zé Trovão*¹⁷⁶ (1990), *Pantanal*¹⁷⁷ (1990), ambas da extinta Rede Manchete, e *Laços de família* como suas novelas inesquecíveis. Ela conta que não assistiu a muitas novelas, primeiramente por não ter TV em casa, depois, por não se sentir à vontade para assistir a TV na casa de sua tia, onde morou dos 12 aos 17 anos, e, depois, por uma escolha, que explica: “Se eu sentar, começou essa novela, hoje, se eu sentar e olhar hoje, eu vô querê todos dia olhar, porque eu não vou querer perder nenhum capítulo. Tá entendendo? Então eu nem me apego, então, eu prefiro escutar um rádio.”

Mirela tem dificuldades para se lembrar das novelas, precisando de ajuda para recordar os nomes das novelas que considera mais importantes, como *Mulheres de areia* e *Caminho das Índias*, “que vinha de fora, aquelas coisas todas. Eu achava engraçado e até gostava.” A novela de Glória Perez foi a última a que Mirela assistiu, pois depois se envolveu mais com a igreja e não era indicado assistir a novelas, especialmente da Globo, “depois eu não quis mais a Globo”.

Xaiane diz que gostava muito de ver *Malhação*, “eu gostava muito mesmo, naquela época era bem melhor”. Lembra que assistiu até a época de personagens como *Cabeção* (Sérgio Hondjakoff), e do grupo *Vagabanda*, presente na temporada de 2004, quando tinha 19 anos, “aquele tempo lá, eu era superfã”. Também cita entre as preferidas *Mulher de Areia* e *O cravo e a rosa*.

Adriele destaca as cenas de encontros entre *Téo* (Rodrigo Lombardi) e *Morena* (Nanda Costa). “Ah, eles se encontravam no motel, se encontravam nas casas deles, era muito romântico o encontro dos dois [...] era lindo.” Entre todas as cenas românticas, a preferido foi a do reencontro do casal depois que *Morena* voltou da Turquia pela primeira vez, “foi mais romântica ainda. Também, depois de tanto tempo, que ele pensava que ela tava morta... Aí primeiro teve aquele draminha, daí depois ele viu que não tem como ele ficar longe dela.”

história de uma jovem vendedora de bilhetes de loteria que aceita se casar com um homem próximo da morte para herdar a fortuna dele e vingá-lo da irmã.

¹⁷⁶ A História de Ana Raia e Zé Trovão foi uma telenovela da Rede Manchete exibida entre dezembro de 1990 e outubro de 1991. A trama principal envolvia o amor entre duas atrações de caravanas, a peoa Ana Raia e o peão Zé Trovão. Dirigida por Jayme Monjardim, teve 251 e foi escrita por Marcos Caruso e Rita Buzzar.

¹⁷⁷ *Pantanal* foi uma telenovela produzida pela extinta Rede Manchete e exibida originalmente às 21h30min, de março a dezembro de 1990, em 216 capítulos. De autoria de Benedito Ruy Barbosa e dirigida por Jayme Monjardim, conta a história de um peão que vai morar no Pantanal e, anos mais tarde, vira um fazendeiro rico. Ele se envolve com uma mulher da classe média carioca. A trama conta ainda com elementos sobrenaturais.

Para Fátima, a cena mais marcante foi aquela em que *Camila* (Carolina Dieckmann), de *Laços de Família*, vítima de leucemia, raspa a cabeça, “porque eu tenho muito problema de câncer na minha família. [...] E a minha irmã tá com um nódulo no seio, a mais velha, que não mexe, de medo. [...] Então, aquilo me marcou da guria, né? Ela tinha leucemia, né, nada mais, nada menos que um câncer.”

Mirela não se recorda de nenhuma cena. Xaiane lembra da cena em que *Magali* (Daniela Pessoa), de *Malhação* (temporada 1997), que estava grávida, revela que o pai do filho que esperava era um alienígena. Outra passagem que cita, dessa vez de *O cravo e a rosa*, refere-se à *Catarina* jogando *Petruchio* no chiqueiro dos porcos.

Entre os personagens preferidos, Adriele cita *Morena*, “pelo jeito que ela era, assim, espontânea. Ela ia atrás do que ela queria, não pensava no depois.” Reconhecia-se na personagem pelo amor aos filhos, “que ela não pensava duas vezes em fazer alguma coisa por eles, tava sempre juntando pra dá do bom e do melhor pra eles”.

Fátima conta que sua personagem favorita é *Juma* (Cristiane Oliveira), de *Pantanal*, “ela era bem grossa, assim, sabe? Ela não gostava das pessoas, ela gostava mais dos bichos e eu achava interessante, aquela mulher falando com os cavalo, com as cobra, os jacaré, aí quando chegava as pessoas ela ficava retraída.”

Mirela diz não se lembrar de nenhuma personagem de que gostou. Xaiane conta que *Tonho da Lua* (Marcos Frota), de *Mulheres de areia*, e o *Cadeirudo*, de *A indomada* – “aquele que caminhava, atacava as mulher na rua” –, foram marcantes.

Acerca da relação da família com a telenovela, percebe-se que o programa proporcionava socialização familiar em praticamente todos os casos. A presença dos pais (homens), contudo, não é mencionada por nenhuma das entrevistadas como companhia para assistir a novela.

Adriele conta que seus pais, assim como ela, assistiam ao programa, mas em cômodos diferentes da casa, não havendo conversas ou comentários a respeito. Fátima relata que não assistia a TV com seus pais porque a família não tinha televisor em casa. De modo geral, as conversas com os pais eram restritas, limitadas ao “necessário”. Mirela assistia a novela na companhia da mãe, e destaca *Tititi*¹⁷⁸ (1985), quando tinha cinco anos, e *Mulheres de areia*, aos 10 anos, como algumas que ambas gostavam. A novela era o único programa que lembra de assistir com a mãe. Xaiane conta que os pais não costumavam passar muito tempo junto

¹⁷⁸ A telenovela da Rede Globo, *Ti ti ti*, 1ª versão, ambientava-se nos bastidores do mundo da moda em São Paulo, com um enredo cômico. A novela foi escrita por Cassiano Gabus Mendes, teve direção-geral da Wolf Maya, sendo exibida entre agosto de 1985 e março de 1986, no horário das 19h, em 185 capítulos.

com os filhos, pois os dois trabalhavam. Alguns dos poucos momentos em que a família se reunia, mesmo assim sem o pai, era para assistir a novela. “Eles olhavam bastante novela, a gente olhava também. [...] A mãe era bastante noveleira, o pai ficava sempre trabalhando, naquela época lá.” De acordo com suas lembranças, a novela era também o programa sobre o qual mais conversavam. “Acho que mais era comentando sobre as novela. [...] falando das cenas, todo mundo empolgado, ‘ai, que vai acontecer isso, vai acontecer aquilo’. Coisa de novela.” Relata que os diálogos envolvendo a novela, porém, não incluíam orientações sobre comportamento ou outros ensinamentos.

Na atualidade, apenas Adriele diz que gosta de assistir a novelas, sempre gostou: “desde sempre, desde quando eu me descobri como gente. Até as maneira que as atriz se vestem, o jeito que elas conversam, o jeito que elas agem. Eu me encanto com isso. Mas não que eu faço o que elas faz. Só pra dizê ‘ah, é bem legal o que ela se veste, o jeito que ela fala’.” Fátima, Mirela e Xaiane asseguram que hoje não gostam mais. Fátima diz que evita assistir para não se “prender à novela”. Xaiane pensa que perdeu o hábito de ver novelas quando estava trabalhando de noite. Como o horário não permitia, ela acabou se habituando a não assistir. Sua preferência passou a serem as séries norte-americanas que passam no SBT. Abre exceções quando percebe que todos estão falando sobre a trama: “quando eu vejo que tá todo mundo olhando, tipo essa novela, daí eu: ‘ah, vô vê o quê que a mulher vai fazer’, a tal de Aline, né? Daí, ontem eu dei uma espiadinha, ‘vamo vê o que vai acontecer hoje’, que tá todo mundo empolgado, ‘ah, final da novela, final da novela’.” Mirela parou de assistir a novelas quando fortaleceu sua ligação com a igreja evangélica.

M: Sim, quando eu era pequena, não entendia, não entendia como era aquilo ali, né? Eu até gostava, mas agora que eu entendo, aquilo ali não vale nada pra mim. Não perco meu tempo de jeito nenhum.

L: O pastor conversa sobre novela?

M: Não, porque ele já incentiva a não olhar a televisão, mesmo reportagem assim, eles não incentivam. Como é que eu vou te dizer, eles não proíbem, mas não incentivam também. Então, perder tempo, o tempo da gente eles procuram dá incentivo a pessoa fazer coisas, outras coisas, escutar hino, por exemplo, ajudar outra pessoa na oração, visitar uma família que tá precisando de uma, de um apoio, uma palavra amiga. Então eles não incentivam a televisão, eles nem falam. [...] É a palavra de Deus, é que eles ensinam assim: ‘tudo te é lícito, mas nem tudo te convém’. Então é isso que eu procuro manter. A novela, eu posso olhar a hora que eu quiser, eles não vêm aqui na minha casa me proibir. Eu mesma vou me tirar por causa disso, que aí eu vou deixar meus filhos olhar violência, eles insinuando que todo mundo tem um pouco de gay na sua vida... Que isso? Como é que tu vai falar isso? É contra a palavra de Deus, não é uma verdade, não adianta. Não é querer ser homofóbico, nem nada, a palavra de Deus ensina nós a continuar amando e pronto. (Mirela)

Entre as novelas que estavam no ar, Adriële – que também é evangélica – assistia a *Joia Rara*. Fátima e Xaiane estavam acompanhando o final de *Amor à vida*, pois ficaram curiosas devido à repercussão: “eu quero saber o negócio do pai dele, porque o pai dele é preconceituoso” (Fátima); “todo mundo falando né? Quê que a Aline vai fazê, porque o César isso...” Mirela, apesar das restrições, assistiu a alguns capítulos da reprise de 2013 de *O cravo e a rosa* e, às vezes, à nova versão de *Chiquititas*. Percebe-se, portanto, que embora três delas digam que não gostam do gênero e que não o assistem, todas estavam vinculadas a alguma novela no momento.

Adriële, que admite francamente todo seu gosto pelo produto, afirma que costuma ler sobre novela na revista *Contigo* ou no jornal *Diário Gaúcho*, “às vezes eu pego ali, leio só o resumo do que vai acontecer na novela. [...] O quê que vai acontecer, o que eles [atores] faziam antes, que às vezes eles dão as entrevista. Isso aí é bom saber, já que a gente não é famoso, a gente vê dos artistas mesmo.” As outras três raladoras não têm o hábito de ler respeito.

Questionadas se identificam diferenças nas temáticas e abordagens das novelas de acordo com o horário em que vão ao ar, nenhuma delas aponta qualquer diferença. “Tudo igual, tudo uma baboseira só.” (Fátima); “A mesma coisa, por causa que é, só vê, nada contra, mas tu só vê lésbica, gay e assalto, briga, só isso que tu vê. Só vê isso, não vê outra coisa.” (Mirela); “Olha, pra mim as história são sempre as mesma, sempre tem um ambicioso, é muita mulher querendo um homem, ou vice-versa, é fulano querendo matar ciclano, por causa de herança. Pra mim, são praticamente os mesmos assunto, sempre os mesmo assunto.” (Xaiane). Adriële, não entendendo a pergunta, responde: “É, o horário delas antes era, quando era às seis, era às seis. Agora já é seis e pouco, como a das oito também, era oito e meia, agora é nove horas que dá. Trocou os horários. Já deu pra ver uma diferença.” Colocada a pergunta de outra forma, tem a mesma opinião das demais: “elas quase diz sempre as mesmas coisa, só muda os atores, né? Mas assim, o que acontece numa, tá acontecendo na outra.”

Da mesma forma, percebe-se a dificuldade de entendimento de outra questão, agora por Xaiane, mesmo que a entrevistadora imagine a confusão e esclareça sobre o que quer saber.

X: Autor de novela?

L: É, o escritor.

X: Escritor eu nem sei quem são. Mas autor de novela... eu acho legal aquele, o *Petruchio*, não tô ligada no nome dele. Aquela mulher que é, como é que é o nome dela? Que é ex-mulher desse *Cesar* aí. Aquela...

L: Susana Vieira.

X: Aquela Susana, ela é legal, acho tri, as novela que ela faz. (Xaiane)

As outras raladoras também não conhecem os autores das novelas. Adriele, ao dizer que não sabe, justifica:

Eu só olho, eu só olho assim, pra olhar, sabe? Mas saber quem são, eu não sei...

L: E tem algum que tu sabe, que tu gosta, dos mais famosos, Glória Perez, Manoel Carlos...

A: Pra tu vê que isso aí eu nunca cheguei a notar. Nunca prestei atenção, saber quem é que escreve, era mais era pra olha mesmo a novela. A única que eu sei, dessa, da Glória Perez aí, que a filha dela, que fazia do *Bebê a bordo*, parece que era do *Bebê a bordo*, eu acho... era?

L: *De corpo e alma*.

A: Eu não sei qual é que é a novela que era, mas que o cara até, o que fez par romântico com ela, matou ela na vida real, que eu sei. A única coisa que eu sei dessa, da autora das novela. Que dos outros mesmo não me interessa sabe quem é que escreve, quem é que deixô de escrevê, que eu olho só pra olhar mesmo. Eu só não tô gostando mesmo é dos finais das novelas, que tá acontecendo, os finais muito sem graça. Muito sem graça os finais das novelas. Eles não tão fazendo final muito bom, não.

L: Como seria o final bom?

A: Ah, assim... Antes, por exemplo, no final as atrizes ficavam grávidas, chegavam a ganhar os bebês, né? Agora elas ficam grávida já no fim da novela, não chegam umas a ganhar. Os final muito sem graça. Tem toda aquela emoção na novela, mas chega no final, não tem, muito sem graça.... na novela, antigamente, era mais emocionante os finais. Agora não. (Adriele)

Mirela também se recorda do caso do assassinato da filha de Glória Perez, mas não sabe as novelas de sua autoria. “Nunca me interessei nisso. Já ouvi falar, que nem aquela que ficou em evidência, que é mãe daquela guria que mataram. [...] Mas assim, eu não lembro nem nome.”

Elas acreditam que os brasileiros gostam muito de telenovela. “Ah, muitos olham. Eles adoram. Ih, se a gente for vê, acho que até homem agora tá gostando de novela.” (Adriele); “Eu acho que a maioria tá a favor. A maioria adora.” (Mirela); “Eu acho que o povo brasileiro, em geral, são muito viciados em novela, né?”. Adriele e Mirela apoiam suas afirmações expondo que é isso que veem no ônibus, onde pessoas, *inclusive homens*, comentavam o programa e mostravam pressa de ir para casa assistir a novela, no caso mencionado por Adriele, *Avenida Brasil*. “Avenida Brasil, pra ti vê, no final da novela, só dava pra vê aquilo, o comentário no ônibus, ‘ah tem que chegar cedo, porque tem que vê o final da Avenida Brasil’.” (Adriele); “Porque tu vê no ônibus, escuta só bobagem. Em vez das pessoas falar da realidade, fala só da novela.” (Mirela). Apenas Fátima tem opinião divergente, e considera que “ninguém assiste”, citando o exemplo de duas patroas, uma que

não assiste a televisão e outra que só assiste ao Big Brother. Entende que a filha e a mãe, que são “noveleiras”, são exceção.

Mirela, por não assistir, diz que fica perdida em muitos assuntos, sem saber o que é ficção e o que é realidade. Além disso, relata que, tanto no ônibus quando no Facebook, vê pessoas “debochando da palavra de Deus”, especialmente o personagem *Félix*, de *Amor à vida*, uma afronta a sua crença.

Disseram pra mim, acho que foi até minha irmã: ‘ai, tu é a fulana’. Aí eu disse: ‘quem é essa?’; ‘Ai, tu nem sabe, tu não viu ontem’; ‘Quando, aonde?’; ‘Na Globo’; ‘Ah, bom, eu não vi.’. Ela falô da mulher, que eu não me lembro, que era da igreja, ela falou o nome da mulher. [...] Outra que falam, *Valdirene* [Tatá Werneck], eu não sei quem é *Valdirene*, ‘da onde, quem é essa loca?’. Sempre tem alguma coisinha, que tu acaba prestando atenção, no final. Essa, principalmente essa aí que tá dando, que tá em evidência, que eu vejo no Face também, que eu tenho Face, daí eu olho as vez, daí vem no comentário, ‘Félix não sei o que, não sei o que’. [...] Até, ele faz deboche da Bíblia, que no Face tem, os deboche que ele faz, sempre. Teve uma vez que ele falo assim, que a minha irmã me falou, ‘ai, eu acho que arranquei os cabelos de Sansão’. Isso é um deboche, Deus não gosta de deboche, de deboche nas coisas de Deus. Não quer seguir, tudo bem, mas não vem debochar. E a Globo tá fazendo isso, pras pessoas seguirem e debocharem também. Então é isso aí que tá acontecendo, porque as pessoas tão debochando no ônibus. Isso aí é blasfêmia, querendo ou não. Muitas vezes as pessoas fazem sem querer, mas faz. (Mirela)

Todas acreditam que o público de novela não segue um perfil específico. “Eu acho que pra mim todos assistem, tanto rico como pobre eu acho que assiste. Acho que não tem diferença nenhuma, de o pobre assistir mais, o rico assistir menos e vice-versa. Chega em casa, de noite, liga a televisãozinha, pra descansar.” (Adriele); “Eu acho que é homem, porque... o meu padasto gosta de novela, o meu genro gosta de novela. Tem uma amiga minha aqui, que o marido dela também, às vezes, ela tá tomando chimarrão comigo, e ele ‘pshh’. Ele chega a levantar o volume, pra nós se flagrar.” (Fátima); “Acredito que todo o grupo, sempre tem, de dez, sempre tem oito que assiste novela. Tem até home que é viciadinho em novela também. Tem bastante viciado em novela.” (Xaiane)

Mirela pensa que o público preferencial é a dona de casa, porque é quem tem mais tempo em casa para assistir a televisão. Mesmo assim, considera que a novela não fica restrita a esse grupo. No que se refere a diferenças de classe, relata que suas patroas “ricas” também assistem, assim como sua mãe. “Eu trabalho pra uma mulher lá, ela fica o dia inteiro sentada na frente da televisão, no 12. Ela é rica, bem rica, bastante dinheiro. [...] Até o cachorro tava acoando outro dia, e ela disse: ‘espera, Max, tá terminando, Max, espera. Agora tá no fim. Espera, Max’.”

Todas as raladoras acreditam que as novelas são realistas. Xaiane, ao responder se as novelas são realistas, diz que sim: “Ah, passa muito bem, dá pra se dizê que é o que acontece em algum lugar, por aí deve tá acontecendo uma cena daquela ali. É a vida real, que tá acontecendo hoje em dia.” Antes, porém, havia expressado outra opinião, respondendo outra pergunta, “eu, pra mim, é muito de fantasia, novela. Ficam fantasiando coisinhas que nada a ver.” O que se nota é que elas não têm, necessariamente, uma opinião formada sobre os assuntos, e acabam expondo diferentes pontos de vista.

Adriele e Mirela falam sobre a influência que o programa pode ter sobre as pessoas, sendo que Mirela entende que a novela “coloca minhoca na cabeça das pessoas”, influenciando-as a agirem de forma errada, enquanto Adriele pensa que ela apenas mostra a verdade, e cada um faz o que achar melhor.

Com certeza. Pra tu vê: a vida real acontece marido traindo a mulher, na novela também. Pode ser a mulher mais linda que for. Tem a mulher bem linda, maravilhosa, cherosa e casa e trai. É que nem novela, novela só mostra o que na vida real acontece. Dizem: ‘ah, isso daí influencia’. Não! Tu tem que ter cabeça, tem que ter mente, aquilo ali tu não tem que tá fazendo. Isso não faz bem pra ti. Ali, eles vão tá mostrando, que nem tem muitas novelas mostrando casos de drogado e tudo, os parente, uns ficam ali apoiando, pra tirar das droga. Tem na vida real também. A maioria agora tão mostrando o que acontece na vida real. (Adriele)

Fátima avalia que ao retratar diferentes formas de preconceitos, a novela mostra a realidade, tendo um efeito positivo.

Eu acredito que eles se baseiam na vida real, né? Tipo do Félix, é uma coisa que acontece, só que o povo quer esconder. É a realidade, só que, ao público, ninguém que enxergar. Tipo assim: ‘tu vai ter que me engoli. Eu sou assim, eu não pedi pra ser assim’. Acaba mostrando o que é, tipo uma doença, tu vai ter que conviver. [...] É que nem a AIDS, a AIDS tá aí, se tu não usar preservativo, se tu não se cuidar, ela vem. Só que não adianta a médica chegar e te falar, eu chegar e te falar, então tu tem que vê, como é que ela é, como é que tu pega, como é que é o vírus. (Fátima)

Adriele concorda que as novelas retratam diferentes formas de discriminação, destacando a representação de homossexuais – *Félix* é novamente mencionado – e de negros – nesse caso, cita o exemplo de *Lado a lado*, novela da qual não recorda o nome, mas sabe que recebeu o Emmy de melhor novela do ano, “tava no jornal, a melhor novela que teve, do ano”. Xaiane destaca que o primeiro personagem homossexual de que se recorda é *Sarita* (Florian Peixoto), em *Explode coração*, exibida quando tinha 10 anos, argumentando que o tema está em pauta nas novelas há bastante tempo. Para Mirela, a televisão não só mostra formas de discriminação, como “aumenta um pouco também”.

Apesar de considerarem positivo esse tipo de representação e de fazerem questão de mostrar que não são preconceituosas, a forma como se expressam sobre o tema traz marcas da discriminação.

Tu vê, pensa bem, tá. Tipo assim: eu não me importo, não sendo comigo. Mas assim, tu tá num, tá num, aí senta dois homem, se beijando, os dois homens, tu vai achar o cúmulo, aquilo. Na novela aparece. Tu é preconceituosa, mas a novela te mostra. Na novela tudo é lindo, tudo é bonito, mas tu não gosta. Eu não vou me importar. Não tá fazendo comigo, tu vive a tua vida e eu vivo a minha vida. (Fátima)

Mirela e Fátima relatam já terem sofrido algum tipo de discriminação. Mirela diz que nota que mulheres jovens e bonitas são tratadas com privilégios, enquanto ela não tem benefícios. “A gente aponta pra um ônibus, eles não param, daí tu vai vê, se uma guria aponta, eles lá na esquina, eles param no meio da rua.” Não lembra, no entanto, de ter assistido a nada semelhante. Fátima, que, quando questionada se já se identificou com algum tipo de discriminação mostrada na novela, disse que “nenhum tipo”, logo a seguir, ao falar sobre as classes sociais nas novelas, disse que já passou pelo que muitas empregadas passam nas novelas. “Só porque a pessoa tem dinheiro, que vai me pagar, ela acha que tem que exigir mundos e fundos de mim. E não é bem assim, não é bem assim. Ela disse: ‘Eu quero um faxina, mas eu não quero’, ela foi bem direta, ‘eu não vou botar qualquer pessoa dentro da minha casa’”. Considerou que a falta de confiança da cliente estava relacionada a ela ser pobre.

Acerca das representações de classe nas telenovelas, entendem que as novelas mostram a discriminação que a sociedade tem contra os pobres. “Ah, na novela, se tu é rico, tu é rico, se tu é pobre, tu é pobre. A discriminação.” (Adriele); “Mostra eles fazendo coisa errada, que geralmente, a gente sabe, que tem pobre que não faz.” (Mirela).

Por exemplo, a droga sempre existiu, só que no tempo da minha vó era mais escondido. A cocaína, há um tempo atrás, só cheirava pó quem tinha dinheiro, a maconha era só os pobrezinho. Hoje em dia, minha filha, tá parelha a coisa: o rico fuma, o pobre cheira. Até porque agora não tem mais pó, agora é a pedra. E quem é que fuma a pedra, não é o pobre e o rico? E o pobre quando fuma e cheira, o quê que ele é? Na mídia, o quê que o pobre é? Maloqueiro, drogado, vagabundo, sem vergonha. E o rico, o quê que é? ‘Ai, tem que ir pruma clínica... dependente químico, psicólogo’. Então, já tá aí o preconceito. Então, eles botam na novela aquilo que tu não vê na realidade. O rico tem que ir pruma clínica, tem que ir pro psicólogo. E o pobre? Pra cadeia. Vagabundo, sem vergonha. (Fátima)

Conforme Adriele e Fátima, as relações entre classes, na vida real, são como nas novelas. Fátima também avalia que há ricos maltratando pobres, mas também vê a possibilidade de relacionamento, inclusive amoroso, entre os estratos, como existem nas novelas. “Eu acredito que acontece. Eu tinha uma amiga mesmo que, claro, além dela se

pobre ela era prostituta, e ela fazia ponto, ali em Ipanema, nem era na beirada da praia, era um lugarzinho bem fubá. E ela conheceu um velho rico, que tirou ela dessa vida. E hoje ela tá bem.”

Mirela e Xaiane pensam que o modo como as telenovelas retratam as relações de classe não condiz com a realidade, pois a ficção mostraria que ricos e pobres não se relacionam bem, o que não consideram verdade. “Tipo: se o do bairro rico vai lá e se relaciona com o do bairro pobre, aí eles ficam falando. [...] Tipo: ‘ah, minha filha não vai namorar o pobretão’, ou ‘ai, que tu quer com empregadinha?’.” (Xaiane). Mirela indica que, diferente do que se passa na TV, ela é bem tratada pelas patroas: “Trata bem, com respeito. Ela até é mais educada do que eu até. Porque quando eu chego, eu não procuro dá a mão e cumprimentar. Ela não, ela vem, ‘ai, como tu tá?’ e me abraça. Eu até fico constrangida. Pergunta se eu tô com fome, ela mesma faz o suco, bota no copo, leva lá.”

Ou seja, capturam a novela da mesma forma: ela mostra que as relações entre ricos e pobres é de discriminação com os de classe social inferior. Porém, enquanto Adrielle e Fátima entendem que é assim na vida real (embora Fátima saliente que há exceções), Mirela e Xaiane consideram que, na realidade, essa segregação da classe baixa não acontece com frequência.

A mulher nas telenovelas, avaliam as entrevistadas, é mostrada de forma bastante realista. Adrielle considera que essa representação mostra dois tipos de mulher: a “boazinha” e as “muito chatas, muito malvadas”. Já as demais, consideram que a mulher é retrata de como “vulgar”, “uma qualquer”, “interesseira”, “brinquedinho”. “Eu acredito que a mulher é mostrada bem vulgarmente.” (Fátima); “A mulher não é mais respeitada, que nem antigamente, não é, eu acho, na novela e no dia a dia também, é a mesma coisa”. (Mirela); “Tem algumas cenas que eles mostram que a mulher é tipo um brinquedinho, uma interesseira, tipo, chega a matar pra conseguir aquilo que quer. Mulher, na novela, é considerada uma vilã. Que é, hoje em dia, o que tá acontecendo também.” (Xaiane).

Elas opinam que a prioridade da mulher na telenovela é uma, o dinheiro: “Tem umas que já vão pro lado da família, tem umas que já vão pro lado do financeiro. Como a *Aline* [Vanessa Giácomo], a *Aline* tá fazendo o papel que ela quer se dá bem na vida, quer ficar rica. Tu não viu que ela disse, que eu vi uma vez, que quando ela conseguisse, ela ia dá a criança.” (Adrielle); “Eu acho que é o dinheiro. Aliás, não é só na novela. É na vida real. O dinheiro sempre fala mais alto. O dinheiro compra tudo. Se tu é uma pobre, chegou uma pessoa que tem mais que tu, te comprou”. (Fátima); “Dinheiro. É dinheiro, dinheiro, dinheiro. Família eles não tão nem aí.”; “Nas novelas, o dinheiro. O que tá acontecendo nas novela é o dinheiro. Não importa como é que é o cara, desde que ele seja rico, bem de vida. É o que elas querem

nas novelas.” (Xaiane). Adriele é a única que acredita que, assim como o dinheiro, muitas vezes a família aparece como prioridade, de acordo com a personagem. Assim como a personagem *Aline*, de *Amor à vida*, ilustra a mulher com foco no aspecto financeiro, *Paloma* [Paolla Olivera], da mesma novela, representa aquela que prioriza a família. “A *Paloma* já quer a família, vai pela família, assim, mais pelos outros também.”

A sexualidade feminina nas novelas, por seu turno, é relacionada pelas raladoras a promiscuidade. “Hoje em dia, os meninos e as meninas, eles não tão com um parceiro só. Hoje eles tão com um, amanhã eles tão com outro, e na novela a mesma coisa, a novela e a realidade é tudo a mesma coisa. Só que a realidade tu não que vê, e na novela tu acaba vendo.” (Fátima); “A mulher não tá se valorizando. Então, essas coisas de funk, essas coisas desvaloriza muito a mulher. E se prostitui, anda com um, com outro, trai o marido, isso aí é que eles mostram mesmo. Porque eles botam como se a mulher fosse livre pra andar com qualquer homem.” (Mirela); “Mulher na novela tá traindo, e os homens também.” (Xaiane).

Adriele é a única que pensa diferente. Crê que a mulher não é apresentada em relação de igualdade nas novelas, como deveria, e com os modos de julgar mulher e homem ainda são desiguais. “Na novela, ‘ai tu ficô com um, com outro’, é galinha. O homem não, o homem, ‘ai, o homem é homem, pode tudo’. Mulher, se ficar com vários, já é galinha, já é puta. [...] Devia ser diferente a maneira de pensar da pessoa, se um pode, o outro também pode. Tinha que ser igual.”

No que se refere aos trabalhos exercidos, mais uma vez a visão de Adriele se distancia das demais. Ela escolhe duas profissões que representam os trabalhos de homens e mulheres nas novelas: administrador de empresa para eles, e professora para elas. Ela destaca que tem crescido a importância da profissão para as mulheres nas tramas, mas ainda há diferenças importantes: “o homem já aparece mais ‘ah, que ele é um rico empresário’.”

As outras raladoras dizem que há igualdade no que concerne a trabalhos dos dois gêneros. “Eu acho que tá equilibrado. É a mesma coisa, equilibrado, a mulher e o homem. Até porque a mulher, ela já adquiriu o espaço dela faz anos né?” (Fátima); “Tá igual. Eu acho que não deveria ser assim. Mulher é mais delicada, não precisaria a mulher tá carregando pedra. Oba, no meio de *homaiada*, acho que fica meio estranho [...] que nem hoje em dia eles tão botando na televisão. [...] Eu pra mim não é conquista nenhuma.” (Mirela). Na avaliação de Xaiane, as ocupações mais comuns para homens e mulheres são: “Advogados, donos de fábrica e empresas, coisas grandes. Tem alguns que trabalham em lancheria, de garçom, em boate também. [...] Mulher, algumas são secretárias, umas faxineiras, é, mais o que aparece

nas novelas, é isso.” Entretanto, após apontar funções distintas, conclui: “Tá meio igual, tá meio que se igualando as profissões nas novela.”

Com isso tudo em vista, quais personagens representariam a típica mulher brasileira? Para Adrielle, essa mulher seria *Paloma*, de *Amor à vida*: “ela luta pelo que ela quer, ela se emociona, se entristece, é mãe”. Xaiane escolhe *Pereirão*, de *Fina Estampa*: “que não precisa de homem pra fazê as coisas, não depende de homem pra fazê as coisas, ela mesma vai lá e faz.” Para Fátima, *Juma*: “ela tinha medo do ser humano, e ela não tinha medo dos animais”. Assinalamos que Fátima parece ter entendido a pergunta como “o modo como a mulher deveria ser” e não a “típica mulher”. Por fim, Mirela diz que a típica mulher brasileira não está representada na novela. “Sinceramente, não tem, porque tem lutas que a gente passa, que na novela mostra completamente diferente.” Para ela, essa mulher seria “uma mãe de família. Uma pessoa de respeito, que não seja vagabunda. Não coube aquele ali, separa, mas não fica com três, quatro. Eles chamam isso de independência. Pra mim, isso não chama independência, chama vagabundice.” Ela acrescenta que essas mulheres existem fora da televisão: “Essas mulheres existem, existem, principalmente lá na igreja. Existe sim, eu conheço várias pessoas assim, que, não é que seja perfeita, não é esse o caso. Uma pessoa normal. Sabe, uma pessoa que valoriza a família.”

A única que fez uma identificação espontânea com alguma situação ou personagem apresentado em novela foi Adrielle. Ela não recorda os nomes, mas sabe que mais de uma novela abordou o drama das famílias que possuem algum ente viciado em drogas, como foi o caso de seu irmão. Em sua opinião, essas tramas caracterizaram bem as dificuldades enfrentadas.

Por fim, as raladoras elegeram aquelas personagens que, por algum motivo, elas mais gostaram ou se identificaram. Adrielle apontou *Amelinha* (Bianca Bin), de *Joia rara*. “Ela é assim, pobre, ela ama a filha, gosta, é apaixonada pelo *Franz* [Bruno Gagliasso]. [...] Não tem o meu *Franz*, mas já tive o meu *Franz*, e amava muito o meu *Franz*. Pode aparecer outro, mas o meu *Franz* vai ser o meu *Franz*.”

Fátima gostava de *Elô* (Giovanna Antonelli), de *Salve Jorge*: “que te falei, que o meu sonho era sê delegada. Eu olhava pra ela assim, ‘ah, se eu tivesse estudado, se eu fosse... hoje, eu seria ela’. Bem realista, bem autêntica, fala na cara. Não tem medo, faz o que acha que tem que fazer.”

Mirela escolheu *Armênia* (Aracy Balabanian), de *Rainha da sucata*¹⁷⁹ (1990): “Tava sempre ali ajudando, ensinando. Os filhos já eram grande e ela ensinava, tava sempre ali ajudando e dando conselho bom. Tava sempre procurando prezar pela família. Hoje em dia, se tu não é família, tu não é nada.”

Xaiane não lembrou de nenhuma personagem.

A impressão é de que as raladoras, ao longo da entrevista, foram salientando, mais e mais, o realismo das novelas. “A novela é, bem dizê, a vida real é uma novela, como falam: ‘tua vida parece uma novela’.” (Adriele); “A novela e a realidade é tudo a mesma coisa. Só que a realidade tu não que vê, e na novela tu acaba vendo.” (Fátima); “O que passa na novela é o que tá acontecendo na vida real.” (Xaiane). Apenas Mirela faz leitura distinta, ressaltando que, em sua perspectiva, a novela não mostra a realidade.

¹⁷⁹ *Rainha da Sucata*, telenovela da Rede Globo exibida entre abril e outubro de 1990, contou a história de uma mulher empresária que enriqueceu a partir do comércio de sucatas, retarando a relação entre novos ricos e classe média tradicional. De Silvio de Abreu, e com direção-geral de Jorge Fernando, a novela foi exibida no horário das 20h30min e teve 177 capítulos.

9 SIMILITUDES E SINGULARIDADES

Este capítulo é dedicado à análise comparativa entre os três grupos estudados, partindo das descrições e análises apresentadas nos capítulos anteriores (6, 7 e 8). Está organizado conforme os três eixos de análise: modos de viver, modos de ver a mídia e a telenovela. Buscamos identificar as principais semelhanças e divergências entre os grupos, em relação aos modos de vida e ao consumo e usos sociais de mídia e telenovela; e, especificamente, perceber as relações do grupo de batalhadoras com raladoras e classe média. Este exame, seguramente, não desenvolve todas as comparações possíveis, visto que as possibilidades são imensas. Desse modo, produziremos um recorte a partir daqueles pontos que consideramos centrais e que, de algum modo, ilustram o que queremos pôr em relevo, tendo em vista os objetivos do trabalho.

9.1 MODOS DE VIVER

Iniciando por aquela que é o princípio da estruturação de qualquer indivíduo, a família, como reflete Bourdieu (1983b), percebem-se as consequências da história familiar na conformação das entrevistadas. Um elemento que se revela significativo para entendermos determinadas trajetórias diz respeito à separação dos pais durante a infância ou a adolescência de algumas pesquisadas. Na classe média, a entrevistada cujos pais são separados demonstra uma relação madura com o acontecimento.

Quando eles começaram esse processo de separação, tanto eu quanto a minha irmã ficamos aliviadas, a gente devia ter 17, e a gente deu graças a Deus que eles separaram, porque até pra gente faz muito mais sentido lidar com um e lidar com o outro, meio que de forma separada. Apesar que eles continuam amigos, não é como se eles fossem inimigos, mas eles são pessoas muito diferentes, que não combinam juntos, na minha opinião. (Gaia)

Por outro lado, as consequências são mais severas para batalhadoras e raladoras. Nenhuma das batalhadoras e apenas uma das raladoras têm pais casados. O “culpado” pela separação, em quase todos os casos, são os pais, pelo envolvimento com outras mulheres e o alcoolismo. Acerca das implicações, nos casos de duas batalhadoras e uma raladora, a separação foi considerada o estopim para saírem de casa. A batalhadora Lidiane, cujos pais se separaram quando ela tinha nove anos, conta ter ficado em meio a uma disputa também em relação a com quem ela moraria. Acabou ficando com a mãe, mas sempre em meio a muitos

conflitos, o que a fez sair de casa aos 18 anos e, desde então, há 11 anos, não vê nem fala com a mãe. Ruth também conta que ficou “rebelde” após a separação dos pais, decidindo se mudar quando eles deixaram de morar juntos. Nesses casos, assim como no de Rafaela, a separação trouxe consequências financeiras, pois o rendimento familiar caiu. A raladora Fátima decidiu se mudar de Caçapava do Sul para Porto Alegre quando seus pais se separaram. Ela tinha 12 anos e ficou morando com uma tia até os 17, quando se casou. Esse foi, para ela, o pior momento de sua vida, quando ela foi “pro mundo” – “Meu pai falava da minha mãe, minha mãe falava do meu pai. Aí minha mãe arrumou um outro marido, aí o marido dela queria mata nós, eu, minha irmã e meu pai.”

Ainda, Mirela, seus dois irmãos e sua mãe, passaram por notáveis dificuldades após o pai sair da casa da família e ir viver com outra mulher. Sem ter onde morar, precisaram se mudar diversas vezes em busca de um local onde pudessem ficar. Como a mãe de Mirela expõe, foi por isso que a filha não conseguiu estudar – “Como é que tu vai ter um colégio certo, se tu não tem nem um paradeiro, uma casa, uma lugar pra morar?”.

Assim, podemos perceber que há uma ruptura importante, não só do casal, mas da organização familiar, no sentido emocional e financeiro. Especialmente nos casos de Lidiane e Ruth, batalhadoras, e Fátima e Mirela, raladoras, podemos entender que “a ‘dureza’ fruto do abandono e do descuido se transforma em autonomia, em virtude moral” (MATTOS, 2009, p. 179), pois elas, de alguma forma, tiveram que “se virar”. De certa forma, como Bourdieu (1987) reflete, faz-se da necessidade virtude, uma vez que se orgulham de terem se tornado independentes cedo. Enquanto isso, três mulheres da classe média, uma com 27 e outras duas com 29 anos, permanecem morando na casa dos pais.

Outros fatos colaboram para uma vida familiar conturbada nas classes de batalhadoras e raladoras, especialmente no que se refere ao vício dos pais em drogas e álcool, relatados por duas batalhadoras, três raladoras e nenhuma componente da classe média. Nesse sentido, o enfrentamento de questões familiares como essas aproximam batalhadoras e raladoras.

Assim, entendemos que a constituição familiar e, conseqüentemente, os *habitus*, são afetados. Como desenvolve Freitas (2009), essa conjuntura está na origem de famílias desestruturadas, entendidas pela autora do seguinte modo:

Quando falamos de vida familiar organizada estamos nos referindo a qualquer configuração familiar que seja constituída por pessoas capazes de oferecer uma situação de vida segura, estável e emocionalmente equilibrada às crianças. Uma família organizada (ou estruturada) não é necessariamente aquela em que exista a figura biológica do pai e da mãe, mas sim aquela em que as funções sociais de pai e mãe sejam preenchidas, independentemente do vínculo biológico com a criança. [...] Esse tipo de estrutura familiar se

contrapõe ao que chamamos de família desorganizada, que é o tipo de configuração familiar marcada pela desorganização da vida econômica e moral de seus membros. A família desorganizada é aquela que não consegue cumprir a função de garantir o desenvolvimento satisfatório da segurança afetiva entre seus membros, não conseguindo garantir aos seus filhos a segurança de ‘saber-se amado’. (FREITAS, 2009, p. 282-283).

Outra diferença expressiva que se percebe entre as famílias nas distintas classes, refere-se aos principais valores transmitidos a elas pelos pais. Sintetizamos esses ensinamentos em três: honestidade, entre as raladoras; esforço, entre as batalhadoras; e estudo, na classe média. Os casos ilustram isso, e ratificam o que Souza (2009, p. 425) assegura sobre a ralé: “toda a educação dos filhos e toda a noção de moralidade que comanda a vida familiar na ‘ralé’ [...] é dirigida a se evitar a ‘queda na delinquência’”.

- Classe média – valor da educação:

“O que meu pai e a minha mãe, os dois, diziam era estudo, assim: ‘tem que estudar, tem que estudar, tem que estudar, tem que se formar, tem que trabalhar, tem que ser independente’, isso era o que eles mais nos passavam.” (Cíntia);

“A minha mãe já comentou que ser independente financeiramente é fundamental. Concorde né? Fazer um trabalho que goste, ser realizada profissionalmente, ter uma família, essas coisas.” (Milena)

- Batalhadoras – valor do esforço:

“Ensinaaram a correr sempre atrás do que a gente quer. Trabalhar muito [...], e tu sempre batalhar pelo que tu quer, tu trabalhar, tu ir atrás. [...] Isso o pai sempre nos ensinou, embora de uma maneira bem grosseira, porque o pai, como eu digo, é um diamante não lapidado.” (Lidiane);

“Todas nós sempre trabalhamos, a gente estudou, que nem eu tô estudando, a minha irmã pouco tempo atrás fez curso de técnico em contabilidade [...]. Eu acho que isso muito a gente deve à criação que a gente teve.” (Rafaela).

- Raladoras – valor da honestidade:

“Eles passaram os melhores valores possíveis: não roubar, não matar, não mentir.” (Adriele);

“Olha, só o fato de eu não tá roubando, me prostituindo e nem matando, pra mim tá tudo bom.” (Fátima);

“Ser honesta, não ser mentirosa, isso aí a mãe sempre passou pra nós.” (Mirela).

Agora, muitas delas já têm uma nova família para zelar. Cinco entrevistadas têm filho, as quatro raladoras e uma batalhadora. Na classe média, nenhuma das mulheres tem filho ou é casada, e elas demonstram dúvidas sobre a importância do casamento e da maternidade para a felicidade delas. Embora seja possível afirmar que prepondera o desejo de casar e ter filhos entre as mulheres da classe média, todas elas problematizam esse ideal de felicidade feminino.

No grupo das batalhadoras, Lidiane é a única, e de forma mais intensa entre todas, que garante não ter o desejo de constituir uma família no modelo tradicional. Sua prioridade é o trabalho e ela entende que abrir mão de marido e filhos é um sacrifício necessário e válido para ser bem sucedida e realizar seus anseios profissionais. Uma das batalhadoras, Ruth, tem dois filhos e já foi casada três vezes. Diná se casou há pouco mais de um ano e agora enfoca a esfera familiar de sua vida, e quer se tornar mãe este ano. Rafaela, que ficou noiva recentemente, sonha em casar e ser mãe, e o avançar da idade claramente a deixa angustiada. Primeiro, quer concluir a faculdade de psicologia, quando terá 37 anos, e calcula que precisará, então, ser rápida.

Na ralé, essa questão – sobre ser ou não mãe, em que momento, casar ou permanecer solteira – não aparece. Os filhos vieram cedo, aos 21 anos ou antes, e ocupam um espaço muito importante na vida de todas elas. Nesse grupo, as separações, tal como ocorreu com seus pais, já são realidade para todas. Para Mirela, a morte do primeiro marido, que é uma separação de outra ordem, ocorreu quando ela tinha 18 anos e estava grávida do segundo filho. Ele foi assassinado por estar envolvido com tráfico de drogas. Adrielle foi casada duas vezes e se separou em ambas. Três anos atrás, quando ela já estava casada novamente, o primeiro marido também foi assassinado, mas ela não explica as circunstâncias. Fátima, após quase 20 anos de casada, “cansou”, e depois de muito questionar “‘Ai, meu Deus, se eu me separar dele, como é que eu vou conseguir, sozinha?’”, ela, ao ter moradia própria, através do programa do governo federal “Minha casa, minha vida”, não precisou mais “suportar”, e pode decidir “se libertar” – “‘Ah não, é agora que eu vou abrir a porta da gaiola e vou me largar’. E me larguei, não quis mais”.

No capítulo 7, destacamos a necessidade de dupla jornada ou de longas cargas horárias pelas entrevistadas batalhadoras, apontando essa como uma característica do grupo, como mostrado por outros autores (FLEURY, 2013; MADSEN, 2013; SOUZA, 2013). Conforme a descrição da rotina das mulheres de classe média, nota-se que a dupla jornada – trabalho e estudo – é também a realidade dessas. Cabe, no entanto, ressaltar algumas diferenças.

Primeiramente, cargas semanais de trabalho superiores a 40 horas não estão entre as características desse grupo, mas são uma realidade para as batalhadoras. Não estamos afirmando que rotinas fatigantes de trabalho não são realidade para a classe média, pois sabemos ocorrer por meio de horas-extras, trabalho levado para casa, justaposição de empregos, mas não entraremos no mérito desses casos, pois não foram encontrados na pesquisa empírica. Nas circunstâncias das entrevistadas da classe média, todas conciliam trabalho e estudo – no caso de Milena, o estudo é apenas em casa, como preparação para concursos. O que queremos salientar é uma diferença substancial no que se refere às causas e às consequências da dupla jornada para batalhadoras e classe média. Na segunda, o estudo faz parte da busca por realização pessoal ou pela concretização de ambições profissionais, não representa o princípio de uma carreira ou a realização de um sonho, como se verifica entre as batalhadoras.

Para as batalhadoras Rafaela e Ruth, a faculdade que cursam é a primeira, um sonho para a família de Rafaela. Diná, que não imaginava fazer o ensino superior, o que só foi possível por causa de um benefício do governo, está satisfeita ganhando seu salário de R\$ 1,7 mil e, ao menos a médio prazo, não se dedicará a tentar outro emprego. Além disso, com exceção de Rafaela, que mora com a família, as outras mulheres do grupo são donas de casa e Ruth também é mãe. Conforme Quadros, Gimenez e Antunes (2013, p. 39) observam sobre essa que é considerada a nova classe média, o grupo experimenta “renda instável, vida precária e trabalha o máximo que pode” – essa última característica é clara em Lidianie e Ruth, que recebem de acordo com sua produtividade.

Por seu turno, as mulheres da classe média puderam se dedicar integralmente ao ensino superior, assim que concluíram o ensino médio, ingressando no mercado de trabalho apenas após a conclusão do curso. Assim, nenhuma delas está cursando a primeira graduação, que dará bases para uma carreira que exija nível superior. Camila cursa doutorado. A titulação, quando obtida, permitirá um aumento de 75% sobre o salário-base (como mestre tem 50% de aumento no salário-base). Outra possibilidade que ela enxerga é a carreira docente. Já Cíntia buscava um curso que lhe propiciasse satisfação pessoal, o que não encontra com a Fisioterapia – “Pra mim não era uma satisfação pessoal fazer isso [...]. Hoje, nessa graduação, eu entendi que não, que é possível pra um crescimento meu”. Gaia diz que tem o costume de “dar tiro para tudo quanto é lado”, por isso teria ingressado na segunda graduação. Sua condição, sustentada pela mãe, permite. Milena estuda para concursos com um foco claro: ter um salário superior a R\$ 10 mil.

Quando estavam no período de faculdade, algumas “regalias de classe média” podem ser percebidas. Camila começou um curso e trocou. Cíntia e Gaia estão na segunda graduação buscando “encontrar”. Cíntia relata a dificuldade de eleger um curso, ao término do ensino médio. Sem saber que caminho seguir, seguiu a orientação do pai e permaneceu fazendo cursinho pré-vestibular. Milena, durante o curso de Publicidade, não tinha certeza se havia feito a escolha certa, então, foi morar por um semestre no Rio de Janeiro com uma amiga para “dar um tempo”. Depois de concluir a graduação, morou um ano em Londres para aprofundar o inglês e se qualificar para o mercado de trabalho.

As batalhadoras têm, em geral, mais horas de trabalho – a classe média tem, no máximo, 40 horas de carga de trabalho semanal, enquanto entre as batalhadoras esse é o mínimo¹⁸⁰ –, e o estudo não é para “se encontrar”, ou seja, visando a satisfação pessoal, ou ter um nível salarial elevado. O ensino superior foi uma possibilidade construída, não o “caminho óbvio”. Para a classe média, percebe-se que ele é entendido como fundamental. Inclusive, para Cíntia, que levou dois anos após o fim do ensino médio para ingressar na faculdade, a situação já estava angustiante: “todos os meus colegas já estavam na faculdade”. É diferente de Ruth, que já trancou vários semestre do curso por não ter dinheiro para a mensalidade; ou de Rafaela, que só conseguiu ingressar na faculdade desejada após 15 anos da conclusão do ensino médio, pois só agora ganha um salário que a permite arcar com a mensalidade; ou de Diná, que nem imaginava ingressar na universidade, fez um curso técnico buscando se qualificar para o mercado de trabalho e, graças a um auxílio governamental, conseguiu se graduar no ensino superior – com o reconhecimento dos dois principais prêmios oferecidos pela faculdade, de melhor amiga da turma e de melhor coeficiente de notas entre os formandos.

Para as raladoras, a necessidade de escolha, de sacrifício da escola, ou de desinteresse e desilusão com o sistema de ensino, ocorrem ainda na educação básica: Xaiane é quem vai mais longe, porém para na metade do ensino médio; Adriele, Fátima e Michele, ainda no ensino fundamental, não seguiriam ir adiante. Afinal, “aos que foram condicionados pela vida familiar a um ritmo pautado pela imediatividade e que não adquiriram em casa nenhuma ligação afetiva com o conhecimento, a escola não oferece mais do que tudo um espaço para a articulação de um estilo de vida que a nega” (ROCHA; TORRES, 2009, p. 218). Hoje, a

¹⁸⁰ Sobre a rotina diária, vale observar que as mulheres da classe média conseguem se dedicar mais àquilo que mais importa para elas, que é trabalho, estudo e lazer. Diferentemente das raladoras, e assim como as batalhadoras, com uma exceção, elas não precisam se dedicar aos filhos. Não cuidam da casa, pois há quem faça isso, e gastam menos tempo se deslocando.

rotina descrita pelas raladoras transparece a monotonia da vida, o cotidiano resumido ao ambiente do trabalho e à casa.

A escola, para jovens e adultos da ralé, aparece atrelada a um sentimento de frustração, um fracasso pessoal, de quem teve a oportunidade de estudar e não foi bem sucedido por um demérito individual. “Ai, eu não era muito estudiosa, eu já não gostava muito de estudar, ia na escola mesmo pra ter um, terminar um pouco os estudos, mas no fim eu nem terminei, né?” (Adriele). Assim, a escola pública “apenas ‘confirma’ e legitima com o ‘carimbo’ do Estado um destino já montado desde muito antes”. (SOUZA, 2009, p. 427).

Enquanto uma das características das batalhadoras é a obediência às normas do sistema, buscando tirar dele o máximo para seu proveito pessoal, sem se dar conta que ele tira muito mais delas, as raladoras mostram comportamento diverso. Elas não aceitam as regras do jogo, não querem ninguém lhes dizendo o que fazer. Por isso, relutam em trabalhar “com carteira assinada”. Não conseguem ter chefe. Fátima e Mirela deixam isso claro ao justificarem porque preferem fazer faxinas autonomamente em casas de família. Adriele, a única do grupo com emprego formal, e Xaiane, que largou o serviço em 2013 por entender que não tinha como trabalhar porque precisava cuidar dos filhos, também declaram que não gostam de ficar seguindo ordens. Xaiane diz: “Eu não gosto que fique mandando ‘ah, vai lá fazê aquilo ali’. Eu tô vendo, não precisa me mandar, entendeu?”.

Xaiane, que entende que precisa ficar em casa cuidando dos filhos e que o salário que recebe não cobre os custos que teria para mantê-los estando fora de casa, parece ser como alguns casos de mulheres inglesas referidos por Skeggs (2008, p. 7), que aponta as possibilidades das mulheres da *underclass*. “O que é uma opção? Ficar em casa com seus filhos e suas amigas, que também não trabalham, ou ir trabalhar onde você é tratada como merda? É uma escolha fácil uma vez que há muito pouca diferença economicamente”. A escolha de Xaiane é passar a maior parte do tempo com sua irmã, que também não trabalha, e com os filhos, e buscar ajuda do governo e dos pais das crianças para se manter, percebendo essa como a melhor opção para si.

Mesmo no cenário apresentado, muito mais positivo, as mulheres da classe média se mostram insatisfeitas com as posições profissionais que ocupam. Batalhadoras e raladoras, por outro lado, consideram-se bem sucedidas. Percebe-se que essa perspectiva está relacionada às expectativas construídas por cada classe. As mulheres da classe média estão aquém do que almejam. As batalhadoras aspiram mais, mas estão satisfeitas, têm mais do que esperavam, afinal, são a “nova classe”, a classe que ascendeu. Já as raladoras tinham expectativas muito restritas, são a classe sem futuro, como afirma Souza (2009), e assim

permanecem. Não fazem planos para si, o foco está nos filhos. Elas, ainda na primeira metade da vida, não enxergam muitas possibilidades para si, embora o sonho de uma “transformação mágica” não deixe de estar presente. “A ilusão de que ‘tudo pode acontecer’ é apenas um recurso necessário a quem vive numa condição social em que somente a aposta na sorte pode manter viva a esperança na possibilidade de fugir do ‘destino’.” (ROCHA; TORRES, 2009, p. 239). Nota-se, assim, uma melodramatização das vidas (ESCOSTEGUY et al., 2013), em que se aguarda que os sonhos se realizem e a salvação chegue.

Mackintosh e Mooney (2000), Skeggs, Thumim e Wood (2008) e Ronsini (2012) refletem sobre a “relatividade” da pobreza: aqueles classificados como pobres segundo determinados critérios usados pelos pesquisadores, com frequência não se consideram pobres. Geralmente, a justificativa compreende o fato de haver pessoas mais pobres do que eles próprios. Além disso, há o estigma que envolve a pobreza, e por isso não querem estar incluídas nesse grupo.

Em nossa pesquisa, a autoidentificação de classe das raladoras ratificou essa ideia. Primeiramente, elas fazem questão de desvincular o valor das pessoas da classe. Além disso, não se consideram pobres. “Pobre... eu não me considero pobre, eu me considero bem sucedida, bem tranquila, porque eu prefiro não ter riqueza, vou te falar a verdade, eu prefiro não ser rica. Dinheiro demais corrompe, tudo que é demais corrompe a pessoa.” (Mirela). A única do grupo que afirma ser “classe baixa” é Xaiane, pois sua “renda é pouca”. Todavia, não emprega o termo “pobre” para se definir.

Batalhadoras e classe média fazem uma autoavaliação que coincide com a classificação efetuada na pesquisa. A classe média é a mais consoante e direta, e se identifica como classe média. Entre as batalhadoras, duas afirmam se enquadrar como classe C, uma diz que é classe média baixa e outra se considera classe média, deixando claro que tem dificuldades financeiras, mas que avalia se encontrar no meio da pirâmide social.

Jessé Souza (2003, 2006), como referido no segundo capítulo, combina Bourdieu e Taylor para pensar sobre os diferentes tipos de *habitus*: precário, primário e secundário. Tomando as definições acerca de cada um dos *habitus* e realizando uma interpretação sobre a realidade dos grupos de entrevistadas, conseguimos tecer alguns apontamentos sobre o tipo de *habitus* que cada classe possui. A proposta de Souza se mostrou intrigantemente correspondente às classes consideradas. De acordo com a própria análise do autor, a “ralé” possuiria um *habitus* precário, uma vez que não desenvolve as disposições básicas para se inserir satisfatoriamente na moderna sociedade capitalista. As raladoras desta pesquisa, embora compartilhem do conhecimento de importantes regras sociais, não possuem as

disposições básicas de disciplina e prospecção suficientemente desenvolvidas, o que não permitiu a elas completarem um nível de estudo considerado útil à sociedade, tornando acessível a elas apenas as ocupações que exigem *corpo*, o que as faz menos úteis no sistema produtivo atual. Daí as atividades que exercem: diarista (2) e auxiliar de serviços gerais.

As batalhadoras desenvolveram o *habitus* primário, visto que possuem os requisitos que permitiu a elas ascender de classe e desempenhar funções produtivas na sociedade capitalista. Elas se mostram bastante úteis ao sistema, uma vez que tem capacitação suficiente e significativo empenho para prosperar, o que se traduz em dedicação aos patrões e busca por qualificação.

Para aqueles indivíduos com *habitus* secundário, um diferencial fundamental diz respeito à “estilização da vida”, que distingue esse grupo daqueles que possuem *habitus* primário. O *habitus* secundário exige capital econômico e, especialmente, capital cultural elevado. Considerando essas características, entendemos que as pesquisadas de classe média possuem esse *habitus* diferencial, uma vez que seu capital cultural se mostra tanto no estado corporizado quando no institucionalizado, não havendo um grau significativo de capital cultural no estado objetivado, apresentado na forma de bens culturais. Do mesmo modo, percebemos a “estilização da vida” e distinção como valores dessa classe, que se dá em forma de viagens internacionais, cursos de pós-graduação, cursos de línguas, modo de falar e aparência.

9.2 MODOS DE VER: MÍDIA

Em pesquisa encomendada ao Ibope por Souza e Lamounier (2010), chama a atenção o destaque dado pelas pessoas ouvidas à posse de aparelhos de comunicação. Entre os bens indispensáveis em uma residência de classe média, três, dos cinco itens mais citados, são produtos de comunicação: televisão em cores (100%), rádio (98%), vídeo-cassete ou DVD (98%), que são acompanhados por geladeira (100%) e máquina de lavar roupa (90%). Esses dados corroboram a reflexão de Mackintosh e Mooney (2000), que salientam a complexidade de se definir o que é ou não “necessidade” para cada grupo. Concebemos que a televisão, no caso brasileiro, pode ser apontada como necessidade, pois é assim que é percebida, e não como um produto supérfluo ou secundário. Uma necessidade que abarcaria as diferentes classes, e que pode ser relacionada à tendência de aumento do poder aquisitivo dos brasileiros e outras facilidades para o consumo, em que muitos bens se popularizam.

O acesso ao crédito banalizou o consumo de bens até então inacessíveis às classes mais baixas, erodindo seu valor simbólico para a definição de uma identidade de classe média. [...] A reação ao consumo de massa e à diluição das distinções de classe estimula a valorização de novas barreiras, materiais e simbólicas. Contrapondo-se ao consumo puramente material, valoriza-se a feição ‘cultural’ de determinadas atividades de lazer, como a exclusividade de acesso a conteúdo de mídia, os eventos artísticos e as viagens internacionais. (SOUZA; LAMOUNIER, 2010, p. 41).

Tomando a tese de Bourdieu sobre a necessidade de distinção das classes mais altas, e assim como apontam Souza e Lamounier, tem-se que outros objetos ou comportamentos serão usados com tal objetivo de distinção. Para Bourdieu (1983, p. 85), “o que é raro e constitui um luxo inacessível ou uma fantasia absurda para os ocupantes do nível anterior ou inferior, torna-se banal ou comum, e se encontra relegado à ordem do necessário, do evidente, pelo aparecimento de novos consumos, mais raros e, portanto, mais distintivos”.

Sobre os produtos de mídia que existem nas casas das entrevistadas, televisor, aparelho de DVD e aparelho de som aparecem em todas os casos. Do mesmo modo, todas possuem celular, sendo que duas raladoras têm acesso à internet pelo celular, e todas as das outras classes. O televisor de *led* está em todas as casas da classe média, não está em uma casa das batalhadoras e em duas das raladoras. Há telefone fixo somente nas residências da classe média e de uma batalhadora. Computador e notebook predominam na classe média. Notebook não aparece apenas na casa de uma batalhadora. Por outro lado, nenhuma do grupo possui computador, enquanto duas raladoras têm o equipamento (velhos, como elas apontam, talvez de segunda mão). Nenhuma possui nenhum notebook nessa classe. Em compensação, é na casa das raladoras que é mais comum encontrar videogame, o que verificamos em três casos (nos três, as entrevistadas têm filhos entre sete e 14 anos). *Home theater* existe em apenas uma casa de classe média, uma de batalhadora e duas de raladoras. Vídeo cassete está na casa de duas de classe média, uma batalhadora e nenhuma raladora. O retrato mostra que os itens mais “tradicionais”, como telefone fixo, vídeo cassete e computador, estão presentes nas casas da classe média. Notebook e internet aparecem com indispensável para a classe média e, praticamente, também para as batalhadoras, mas faz menos parte do universo das raladoras. Do ponto de vista de Grzybowski (2013, p. 99), “a democratização do acesso à informação entre nós não passou da popularização dos telefones celulares pré-pagos (uso caríssimo, por sinal) e pela compra facilitada de televisores cada vez mais sofisticados para ver a Globo e algo mais de nossa mídia altamente concentrada.”

Percebe-se que esses produtos estão ou não na casa das diferentes classes não em função do preço que custam, mas pela importância que se dá a eles. Telefone fixo se apresenta

como um item importante para a classe média, mas dispensável para as outras classes, que entendem que o celular cumpre a função. Do mesmo modo, para as raladoras, que desenvolvem trabalhos braçais, o notebook é pouco importante, duas nunca usaram a internet e duas o fazem pelo celular. Para a classe média e para as três batalhadoras que cursam ou cursaram faculdade, a internet é indispensável.

Na infância e na adolescência das mulheres, a diversificação de meios consumidos era significativamente menor do que o que se encontra hoje. A televisão foi o meio que apareceu em todos os grupos. Rádio, revista e internet, essa última somente na classe média, surgem durante a adolescência. A maior diferença que se percebe entre as classes é o papel que ocuparam rádio e internet nesse período. Se para as batalhadoras e raladoras, o rádio era quase unanimidade, a internet, para a classe média, passou a fazer parte da vida de todas elas durante a adolescência, quando o meio chega para consumo doméstico no Brasil, na década de 1990. A instalação da internet em casa e os primeiros produtos consumidos na rede aparecem como lembranças importantes para esse grupo.

Quanto ao consumo atualmente, percebe-se um aspecto espacial claro em relação ao consumo dos meios de comunicação: a televisão é consumida em casa; o rádio, no deslocamento, geralmente para o trabalho, cotidianamente (no carro ou no ônibus); a internet, em qualquer lugar e em qualquer momento, trabalho, casa, aula, deslocamento; em relação ao consumo de jornal e revista, não há uma prevalência, sendo a leitura desses feita tanto em casa, quanto no trabalho e no deslocamento.

A televisão é consumida diariamente em todas as classes, com exceção de Gaia, da classe média, que não assiste a televisão todos os dias. O rádio, pode-se afirmar, é mais popular na classe mais baixa, em que todos consomem várias horas de rádio, e o consumo diminui conforme a classe aumenta, com duas mulheres de classe média afirmando que ouvem, mas apenas no deslocamento, por pouco tempo. As emissoras e programas favoritos variam. Enquanto a classe média prefere programas de música, o consumo das batalhadoras inclui programas de variedades, programa jornalístico e músicas, e, entre as raladoras, chama a atenção a preferência pelo programa Love Songs, da rádio Cidade – constituído por músicas românticas, tradução de letra de música do inglês para o português, opinião sobre atualidades do apresentador e recados românticos –, referido por todas, e também citado em vários casos na classe batalhadora, e nenhuma vez pela classe média. Sobre o consumo do programa radiofônico, concordamos com Cook (2000, p. 100), que destaca: “Nós gostamos do que gostamos não apesar da classe, mas porque isso expressa nossas diferenças de classe dos outros.” (COOK, 2000, p. 100).

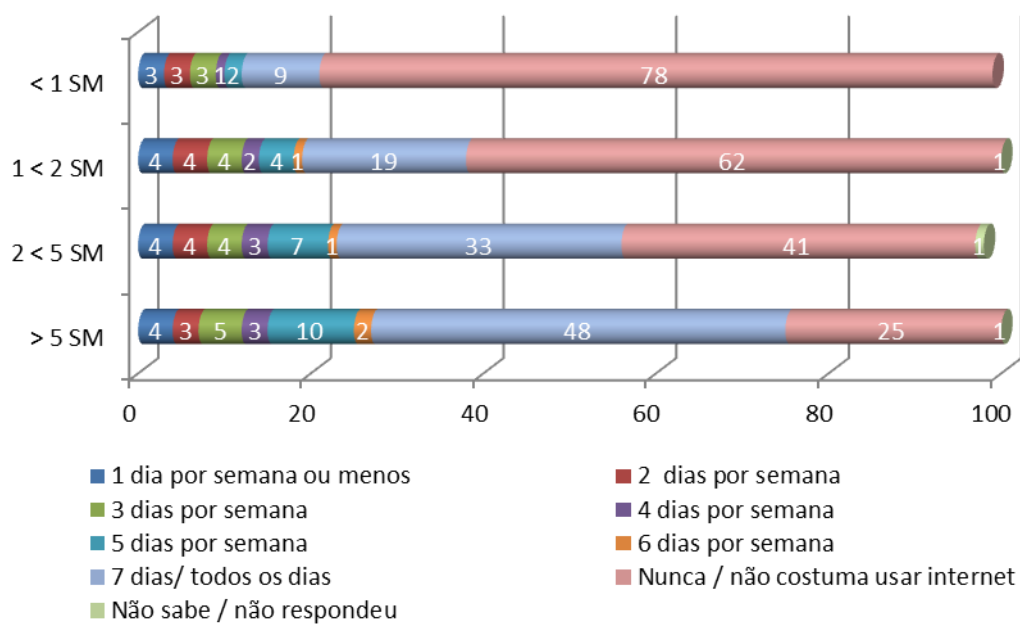
Revista se mostra o meio menos consumido, não havendo um interesse maior nem mesmo pela classe média, que costuma ser o alvo dessas publicações. O jornal é lido esporadicamente por todas as classes. Todavia, enquanto a classe média escolhe a Zero Hora, as raladoras optam pelo Diário Gaúcho, ambos do Grupo RBS, e esse último destinado às classes populares. Na classe batalhadora, prevalece o consumo de Zero Hora. Além disso, destaca-se como seção favorita do jornal, entre as raladoras, a editoria policial, citada por todas, resumos de novelas, informe sobre signos e, aparece ainda, um espaço sobre “corações solitários”. Sobre a preferencias dos relatos policiais, Sunkel (2002) já destacava que esta pode ser atribuída à proximidade de suas respectivas vidas com o ambiente violento.

Tabela 6 – Consumo de mídia (Todas as classes)

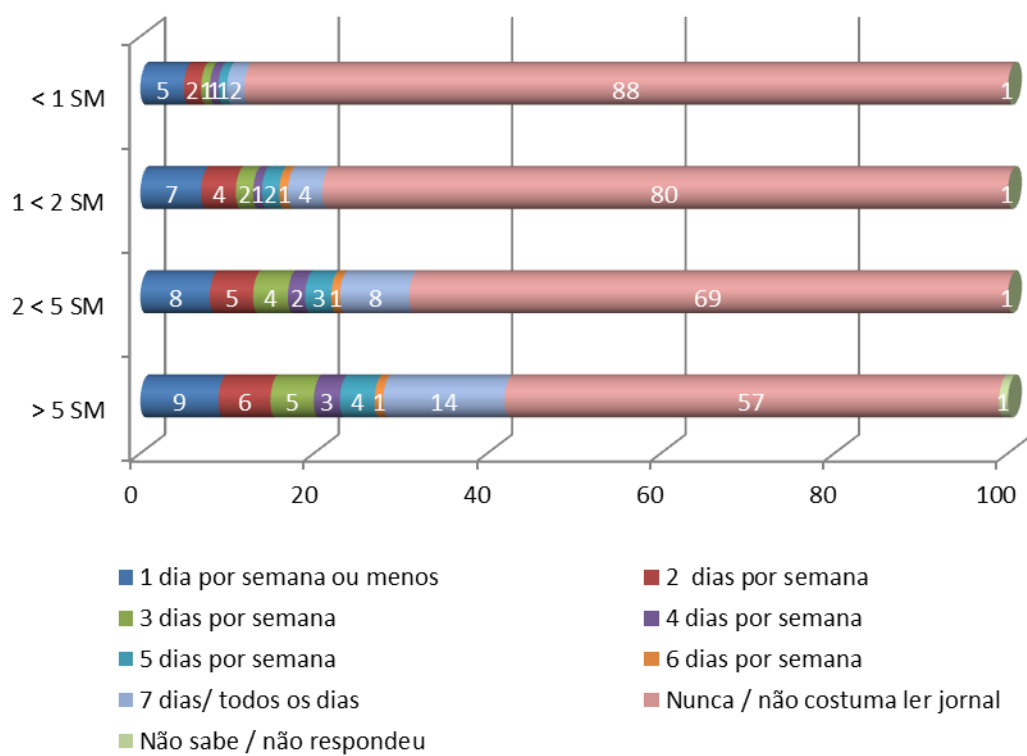
Meio	Classe média	Batalhadoras	Raladoras
TV	4	4	4
Rádio	2	3	4
Jornal	3	3	4
Internet	4	4	4
Revista	1	1	1
Livros	3	3	2
Preferido	Internet (4)	Televisão (2); Internet (2)	Televisão (2); Jornal (1); Rádio (1)

Entre batalhadoras e classe média, a maior diferença é que a internet é unanimemente escolhida como o meio preferido na última, enquanto recebe dois votos de batalhadoras, e outros dois a TV recebe. A TV por assinatura ainda é preponderante na classe média, em que apenas uma não possui – a que menos assiste a TV, Gaia –, enquanto apenas uma entre as batalhadoras possui – aquela que vende pacotes de TV por assinatura – e nenhuma raladora.

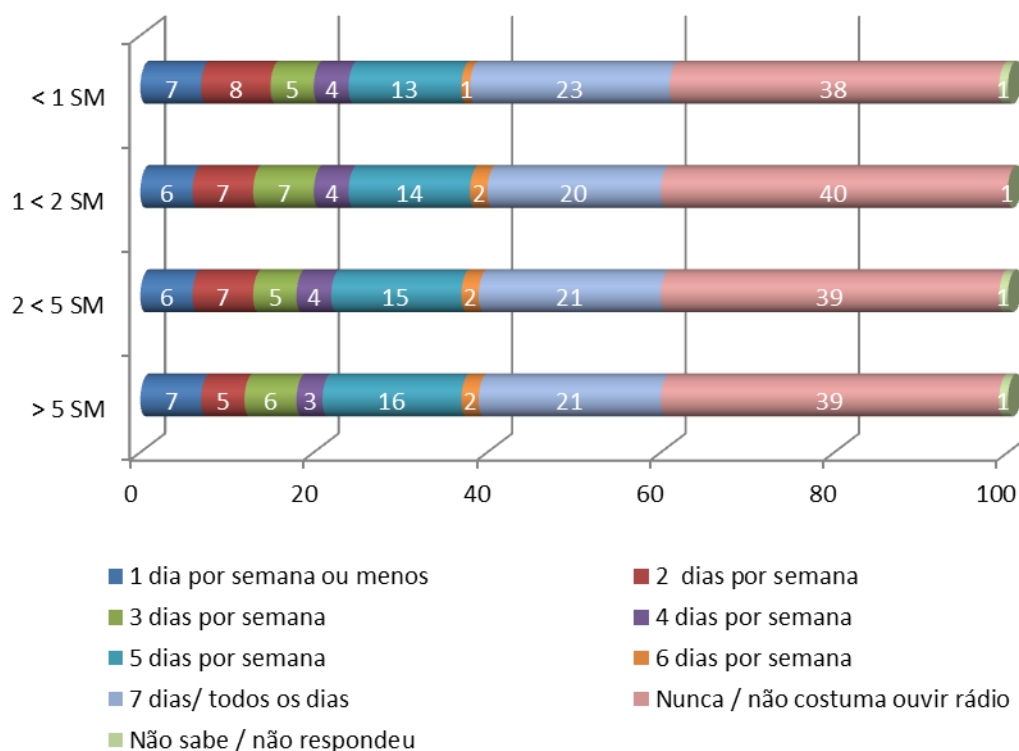
Podemos dizer que, em questão de consumo de mídia, assistir a TV e acessar o Facebook – para aquelas que usam a internet – é o que há de mais *transclassista*, embora os usos variem, seguramente. Apesar de termos uma amostra pequena, sabemos que a tendência do consumo dos meios de comunicação entre as pesquisadas se confirma nas respectivas classes. Como o objetivo de referendar esse dado, apresentamos, a seguir, seis gráficos (Gráficos de 9 a 14) sobre o consumo de meios de comunicação por classes de renda.

Gráfico 9 - Quantos dias da semana, de segunda a domingo, utiliza internet

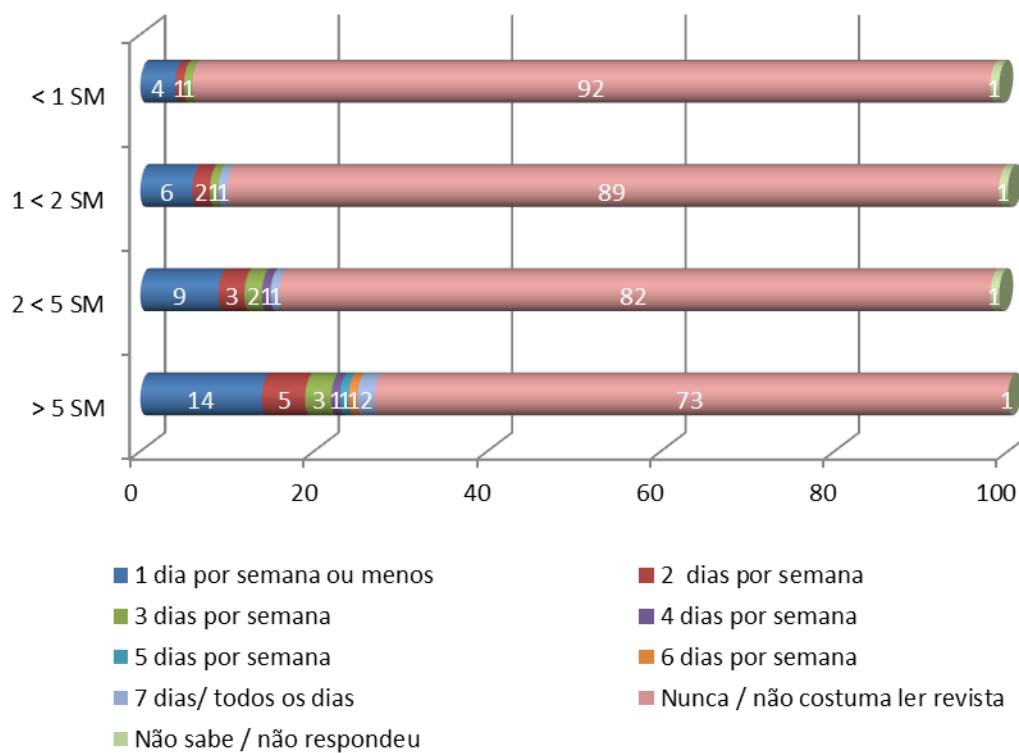
Fonte: Brasil (2014)

Gráfico 10 - Quantos dias da semana, de segunda a domingo, lê jornal

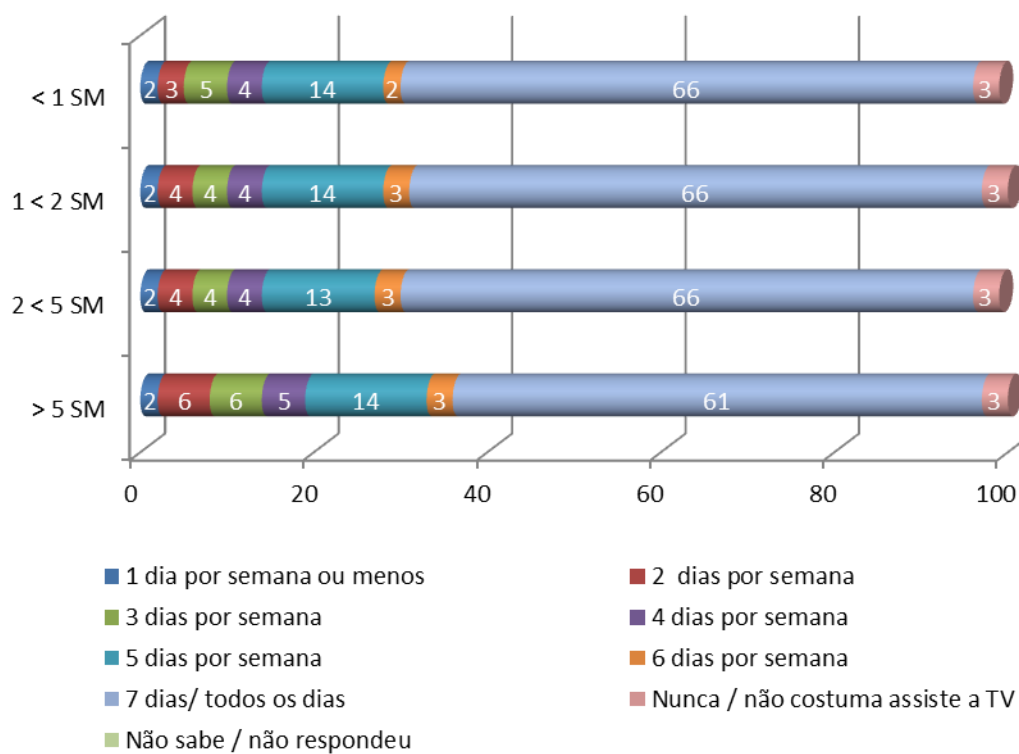
Fonte: Brasil (2014)

Gráfico 11 - Quantos dias da semana, de segunda a domingo, ouve rádio

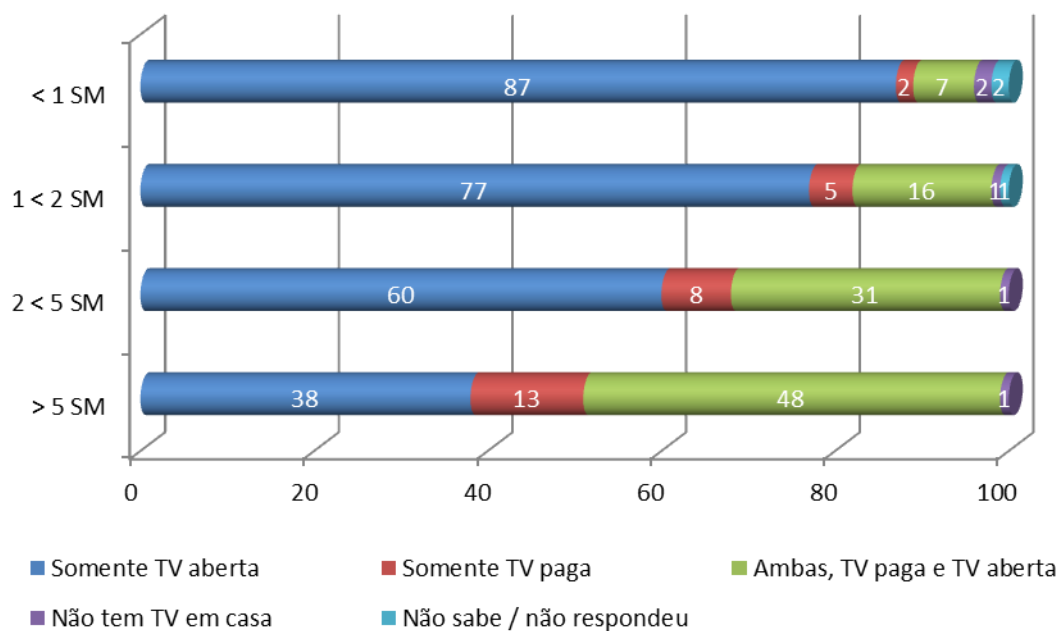
Fonte: Brasil (2014)

Gráfico 12 - Quantos dias da semana, de segunda a domingo, lê revista

Fonte: Brasil (2014)

Gráfico 13 - Quantos dias da semana, de segunda a domingo, assiste a TV

Fonte: Brasil (2014)

Gráfico 14 - Na residência, TV aberta, paga ou ambas, por renda familiar

Fonte: Brasil (2014)

A análise apresentada por Skeggs e Wood (2011), em “Turning it on is a class act: immediated object relations with television”, é útil para pensarmos diversos elementos de consumo de televisão e telenovela. Em vários aspectos, nossos resultados divergem daqueles encontrados pelas autoras.

Primeiramente, elas apresentam uma diferença significativa em tempo e estilo de consumo de produtos midiáticos conforme a classe social – basicamente as mesmas estudadas aqui, só que no contexto inglês. Em relação à audiência de televisão, assinalam: “Nossas respondentes da classe trabalhadora demonstraram uma orientação muito diferente [da de classe média]. O tempo não era desperdiçado em frente à televisão porque ele não era considerado um recurso precioso” (SKEGGS; WOOD, 2011, p. 949). Acerca do consumo de televisão, os dados a que chegamos é de que o tempo dedicado a esse meio é praticamente o mesmo em todas as classes. Além disso, a relação das mulheres de classe média com a televisão difere substancialmente daquela exposta por Skeggs e Wood em relação a suas pesquisadas. As autoras se referem a um “prazer com culpa” por parte do grupo de classe média, que, em diversos momentos, apresentam justificativas e “desculpas” para assistir a televisão. Aqui, em nenhum momento as respondentes se mostram preocupadas em argumentar sobre o porquê assistem à televisão.

O que parece ser a estratégia delas é destacar que todos assistem, e que quem diz que não vê novela não está sendo sincero. “Todo mundo fala mal, mas todo mundo vê” (Camila); “Todo mundo liga a TV e... Ai, na boa, vai ficar na novela, sabe?” (Cíntia). A justificativa que elas indicam, podemos entender assim, é de que a novela é um produto que se relaciona com a identidade nacional, característico da cultura brasileira, e elas não se preocupam em se distanciar dessa cultura. A postura delas está ligada a um desprendimento em relação a julgamentos que podem ser feitos. Na verdade, o interesse por determinados produtos populares, como TV e telenovela parece ser *transclassista*. Enquanto outros, como Diário Gaúcho e o programa Love Songs, são específicos das batalhadoras e, mais ainda, das raladoras, não sendo mencionados pela classe média. As mulheres com maior nível de escolaridade, nomeadamente as de classe média, não se mostram interessadas em um consumo midiático mais “qualificado”.

O grupo de batalhadoras se aproxima da classe média em alguns aspectos e se distancia em outros. Elas não articulam uma “defesa geral” como a da classe média, de que “novela é um produto brasileiro que fala da cultura nacional e todos assistem”, porém também não se preocupam em tentar se distanciar da televisão. Diferentemente, e talvez indo em sentido contrário aos achados de Skeggs e Wood (2011), são as raladoras as que mais se

preocupam em informar que não assistem muito à televisão, de que a novela é “tudo uma baboseira só”. Ao mesmo tempo, são as que mais apontam o realismo da novela, dizendo que aquilo que se passa ali não é nada mais que a vida real, opinião claramente distinta da classe média.

Ainda, Skeggs e Wood (2011) apontam que a classe média se preocupa mais em investir o tempo com atividades educacionais e culturais, enquanto as classes trabalhadoras passam o tempo estando com a família. A esse respeito, em apenas um caso a entrevistada demonstrou a preocupação em investir seu tempo com uma atividade mais “produtiva”, ainda que através do consumo da própria televisão. Diná expôs que não fica mais tempo assistindo a novelas – estava acompanhando a novela das sete no período da pesquisa – por optar por programas que considera mais informativos e culturais. Suas escolhas são o TVCOM Tudo +, programa de variedades em que ela se interessa por falar, entre outros assuntos, de “cinema e educação dos filhos”, e o programa de debates Conversas Cruzadas, transmitido na sequência no mesmo canal, constituído por um mediador e quatro debatedores, que defendem no mínimo dois lados de um tema polêmico. Do mesmo modo, ela faz questão de ouvir programas matutinos da rádio Gaúcha, como Gaúcha Atualidade, para estar atualizada. Ainda, afirma que deverá assinar TV fechada em breve, para poder ter opções de canais melhores.

9.3 MODOS DE VER: NOVELA

Acerca da relação da família com a telenovela, percebe-se que o programa proporcionava socialização familiar na infância em praticamente todos os casos. Da adolescência em diante, contudo, o relato das mulheres de classe média mostra um consumo mais individualizado de televisão, pois nesse grupo as mulheres têm TV, escolhem sozinhas e assistem, normalmente, sem companhia ao programa de seu interesse. Apesar de ser uma característica da classe média, vale apontar que isso também acontece na casa de Fátima, onde ela e o filho, de sete anos, assistem cada um a seus canais em sua TV.

É quando se fala sobre assistência de TV em família que as entrevistadas da classe média falam pela primeira vez sobre telenovela, ainda sem serem questionadas. Já as raladoras tocam no tema desde que a primeira pergunta sobre mídia lhes é feita, indicando que as primeiras lembranças envolvendo algum meio de comunicação trazem à tona recordações de novelas.

As novelas mexicanas transmitidas no SBT, como *Marimar*, *Maria do Bairro*, *Maria Mercedes*, *Usurpadora*, com exceção de *Carrossel*, foram citadas, mas não comentadas. Outras novelas de outras emissoras mencionadas foram *Ana raio e Zé trovão* e *Pantanal*,

exibida pela Manchete, e lembradas pela raladora Fátima, *Chiquititas* e *Carrossel*, citadas majoritariamente pelas mulheres de classe média e batalhadoras, e *Betty, a feia*, reprisada pela RedeTV, citada por Camila (que disse assistir para fazer companhia ao irmão, que estava passando uns dias em sua casa). O canal fechado Viva também foi citado, por Cíntia, por ter reprisado a novela *Por amor*, produzida pela Globo.

As informantes responderam se gostam ou não de novela, da seguinte maneira:

Tabela 7 – Você gosta de assistir a novela?

	Sim	Se tiver tempo	Mais ou Menos	Não
Camila	X			
Cíntia		X		
Gaia				X
Milena	X			
Diná	X			
Lidiane	X			
Rafaela		X		
Ruth	X			
Adriele	X			
Fátima			X	
Mirela				X
Xaiane			X	

Não há diferença significativa no consumo de novela por parte da classe média e batalhadoras. Assistem novela. Sim, gostam. Entre as raladoras, todavia, pode-se afirmar que o interesse é menor. As entrevistas com esse grupo deixam a impressão de que elas têm tendência de se colocarem *contra*. A exceção é Adriele, que adora novelas, e mostra a influência dos elementos da ficção em suas opiniões, como na profissão que gostaria de ter, de secretária, como vê nas novelas: “Ai, eu queria acho que ser secretária, secretária, não sei porque, mas eu gosto, não sei se é porque eu vejo muito nas novela.”

Tal como Almeida (2003, p. 221), percebemos que “quanto menor o capital cultural, mais o espectador sente que aprende pela televisão, quanto maior, mais tempo de educação formal, mais ele ou ela é crítico e reconhece que pela televisão se aprende apenas uma visão parcial.” Nesse sentido, segundo Xaiane, o papel da televisão é de informação e entretenimento, sendo que a novela pode ser incluída como meio de informação, uma vez que “praticamente todas passam bastante informação. Uma lição, na verdade, é um espelho. O que tá passando com a pessoa na TV pode, a qualquer momento, acontecer comigo, né? Pode

acontecer comigo também, com qualquer um. É uma lição, vem uma lição.” Para a entrevistada, a novela informa porque é verossimilhante, ou seja, porque

[...] a novela expõe os espectadores a mundos e situações por vezes muito distintas daquilo que eles vivem, como eles próprios reconhecem, mas ao fazer isso os familiariza com esses mundos que parecem ser de início tão distantes dos seus. Ao mesmo tempo, usa de sentimentos e relações sociais – especialmente relações amorosas e familiares – que permitem a compreensão de todas essas situações, mesmo quando referidas a universos sociais muito distintos daquele vivido por cada espectador. É nesse sentido que a novela é tanto considerada por alguns como uma história verdadeira e realista – na medida em que trata de sentimentos humanos que alguns espectadores consideram até “universais”, como o amor romântico e os conflitos nas relações familiares – ao mesmo tempo em que é considerada fantasia demais, ou “pura fantasia”. (ALMEIDA, 2003, p. 209).

Do mesmo modo, La Pastina, Rego e Straubhaar (2004, p. 2), comparando a novela brasileira com aquelas produzidas nos demais países do continente, afirmam “As [novelas] brasileiras são as mais realistas, com narrativas historicamente embasadas, assim como uma contextualização temporal e espacial clara.”

Porém, após dizer que as novelas passam verdadeiras “lições”, Xaiane avalia que as novelas são “muito de fantasia”.

Acerca do que podemos chamar de “gramática da telenovela”, percebemos que, em diversos aspectos, as raladoras não têm conhecimento a respeito, diferentemente das batalhadoras e da classe média, que sabem reconhecer muito bem, por exemplo, as peculiaridades de cada horário de exibição de telenovela, especificidades que Hamburger (2005) aponta como fundamentais sobre as novelas da Globo. Da mesma forma, batalhadoras e classe média conhecem, ao menos minimamente, os autores de novela e suas marcas, especialmente nos casos de Manoel Carlos e Glória Perez. As raladoras, apesar de também assistirem a novela anos a fio, como no caso de Adriele, que mais vive o mundo das novelas, não conhecem nem mesmo um autor de novelas. Ainda, verificou-se a dificuldade de compreensão das próprias questões: uma delas, respondendo à pergunta “Você nota diferença entre as novelas de acordo com o horário”, diz que tem percebido que a novela não começa mais no horário pontual; e outra fala que não conhece nenhum dos escritores, mas cita Susana Vieira (não lembra o nome da artista, precisa de ajuda, referindo-se à ex-mulher de Cesar) como uma das autoras que fazem novelas “tri”.

No que toca à temática de relações de gênero, identificamos a classe média como a menos conservadora acerca das leituras feitas acerca da representação feminina, especialmente no que se refere à sexualidade. Em relação a seus comportamentos cotidianos,

vemos que em nenhum dos grupos prepondera as idealizações de amor romântico. No caso das raladoras, inferimos que as decepções com companheiros as fazem construir menos expectativas, todavia não significa que as dores passadas arranque delas o sonho de encontrar um novo amor, observação que serve para as três que estão solteiras, que dizem que gostariam de ter alguém, mas somente se for para não trazer mais problemas. A classe média e a classe batalhadora, nas figuras de Lidiane e Ruth, apontam uma saturação em relação ao tema amor e casamento, com a diferença de que a primeira nunca se casou e a segunda se casou três vezes. Diná, casada e Rafaela, noiva, têm histórias diferentes nesse quesito, pois Diná namora desde os 20 anos o seu, hoje, marido, e Rafaela, com 32 anos, está em seu terceiro relacionamento, sendo que nos outros dois os namoros não passaram de poucos meses.

As leituras das batalhadoras e da classe média apontam na mesma direção das conclusões do trabalho de Messa (2006) sobre o seriado *Sex and the City*, “As mulheres só querem ser salvas: *Sex and the City* e o pós-feminismo”. Elas avaliam que, nas novelas, a prioridade e a solução para as mulheres são sempre o casamento. Gaia diz que a mulher da novela, em diversos sentidos, não aparece como *agente* quando o assunto é sua felicidade. A classe média indica que, em relação à sexualidade, é como se a mulher não tivesse a sua, como se ela não pudesse existir e atuar nesse âmbito, enquanto as raladoras relacionam à sexualidade feminina na novela à promiscuidade. As batalhadoras dão atenção à independência feminina nas tramas, mas se dividem quando duas consideram que as mulheres nas novelas são independentes, como na vida real, e outras dizem que deveriam ser mais independentes, tanto no folhetim quanto na realidade.

As raladoras, por sua vez, como dito anteriormente, fazem uma análise conservadora ao focarem em aspectos comportamentais femininos, expondo que consideram as personagens femininas muito “vulgares” e “interesseiras”. Sobre sexualidade, Mirela faz sua avaliação a partir do ponto de vista da religião, preponderante em sua visão de mundo: coloca no mesmo nível o problema das novelas mostrarem muita violência e homossexuais: “*nada contra*, mas tu só vê lésbica, gay e assalto, briga, só isso que tu vê. Só vê isso, não vê outra coisa”.

Mirela passou a participar dos cultos na igreja evangélica depois que perdeu o marido, assassinado por envolvimento com tráfico de drogas, quando ela tinha 18 anos e estava grávida do segundo filho; antes disso, teve uma infância difícil, especialmente pelo fato de seu pai ter se separado de sua mãe, quando tinha seis anos, e terem ficado de um lado para outro procurando onde morar, fazendo com que, por exemplo, ela perdesse anos na escola por não conseguir acompanhar o ano letivo em um mesmo local. Fazemos essa observação, e referenciamos Rocha e Torres (2009), pois não visamos a fazer uma análise que vincula

crentes a alienados, sendo importante considerar o contexto de vida que torna a religião a melhor saída, na busca, ao menos, de esperança, tão ausente para a ralé.

[...] a relação entre a condição de classe e a religiosidade dos ‘crentes’ diz respeito a aspectos muito mais profundos; esta se deve a características muito mais radicais da existência dessas pessoas do que à suposta ‘burrice’ ocasionada pela falta de instrução escolar. Na verdade, longe de ser a causa principal, a falta de conhecimento é, juntamente com a predisposição para a conversão mágica, um efeito de condicionamento que remontam à totalidade do modo de vida dessa classe social. (ROCHA; TORRES, 2009, p. 205-206).

De outro lado, a temática das classes nas novelas é uma das que mais despertam interesse das entrevistadas, aparecendo naturalmente nas respostas mesmo quando o assunto que está em discussão. Certamente, as diferentes experiências de vida conformam análises bastante distintas sobre a questão. Divergindo do que o senso comum poderia esperar, porém, são as mulheres de classe média que fazem a leitura mais opositiva ao modo de representação das classes baixas, que, basicamente, mascara as diferenças sociais, fazendo-se pensar que há harmonia nas relações entre as classes e que os pobres não só são felizes, como são os mais felizes, não sofrendo da mesquinhez característica dos ricos.

Os pobres é a coisa mais [...] a festa, é sempre o churrasco, a festa e aquela coisa exagerada, assim, daquela coisa de fazer fiasco. [...] *Eu acho que é bem isso assim, ‘que a gente é pobre mas é alegre’, então não tem problema ser pobre. Mesmo com pouco a gente consegue se feliz. Eu acho que a novela acaba mostrando que sempre ser pobre é mais legal do que ser rico. Que os ricos tão sempre sofrendo, tem sempre os problemas, assim, e os pobres são o núcleo onde as pessoas sempre são alegres...* (Gaia)

Permite, assim, uma interpretação conformista da novela e da realidade, de que tudo vai bem – que, excepcionalmente, poderíamos dizer, a “classe média estudada” não faz. Muitas vezes, esse é o julgamento das raladoras, que entendem a novela, mais uma vez, como realista nos seus modos de retratar as classes sociais, seus membros e suas relações.

Estamos em acordo com Souza e seus colaboradores em “A ralé brasileira” (2009), que defendem a importância de não deixar de se apontar elementos como a falsa felicidade dos pobres representada nas novelas, ou em outros espaços, em um posicionamento politicamente correto que não colabora para se desvendar questões importantes na pesquisa científica. O resultado desse mascaramento é “a ‘idealização dos oprimidos’ feita por esses estudos, que não percebem que um dos efeitos da dinâmica do não reconhecimento desses indivíduos é gerar nestes a necessidade de criar autoilusões e ‘racionalizações’ para justificar a própria existência, a própria vida.” (MATTOS, 2009, p. 198). Da forma semelhante, Munt (2000, p. 8) salienta que “nossas metodologias não procuram impor dignidade onde não há

nenhuma, impor o orgulho da classe popular onde há apenas vergonha, insistir que o único bom trabalhador é o revolucionário”, pois não é assim que se colabora para a questão posta, sendo cúmplice da invisibilização dos problemas.

Por seu turno, as batalhadoras fazem, em certa medida, uma análise aproximada a da classe média, embora de uma forma menos elaborada. É interessante perceber que elas são “meritocráticas para si”, visto que acreditam que seu empenho pessoal trará frutos, mas percebem que para aqueles de classe abaixo à sua, faltam, antes de tudo, oportunidades. Ou seja, entendem, de certo modo, as mazelas que sofrem as classes inferiores, sem notar de que maneira elas próprias são subjugadas, talvez as mais exploradas pelo sistema, que se vale de seus sonhos e anseios para produzir lucro.

Além disso, as batalhadoras se reconhecem parcialmente nas novelas, uma vez que se identificam direta ou indiretamente com as personagens guerreiras e lutadoras que dizem ser apresentadas nas tramas. A ralé, por sua vez, não aparece nas novelas – e talvez isso gere um certo desinteresse ou desdém pelas novelas, já que não falam delas. Já as entrevistadas da classe média, – que gostam das novelas de Manoel Carlos, que elas mesmas destacam tratar de uma elite pouco ou nada representativa do Brasil – são, de certa forma, quem está representada na maior parte dos personagens das tramas. Apesar de não morarem no Leblon e de não terem motoristas e inúmeros funcionários as servindo 24 horas por dia, como comentam sobre as novelas, Milena já morou em Londres, assim como no televisionado Rio de Janeiro. Camila passou esse último carnaval em Nova York, para onde Cíntia já foi algumas vezes visitar a tia que lá vive há muitos anos. Gaia foi, há pouco mais de um ano, passar alguns meses no Japão com o namorado, que está concluindo o doutorado lá; no carnaval deste ano, estava em um cruzeiro, passeando de Búzios a Montevideú. Universo que tem a ver muito mais com as personagens das novelas de Manoel Carlos, lá do Rio de Janeiro, do que com as vidas das vizinhas raladoras, que talvez até venham a fazer uma faxina em suas casas uma hora dessas.

Essas raladoras não podem ser mostradas nas novelas porque tal representação escancararia o grave problema social brasileiro, que os churrascos nas lajes na favela não revelam. É a classe que luta, sofre e não vai a lugar nenhum. Talvez por isso as raladoras, mesmo sem articularem suas ideias mais “criticamente”, acham a novela uma “baboseira”.

10 CONCLUSÃO¹⁸¹

Esta tese de doutorado, que encerra um ciclo de formação, reúne interesses de pesquisa que alimento desde a graduação. Abracei os estudos de classe social na iniciação científica, e não me desvinculei mais deles porque acredito que muito se entende e se explica pela análise de classe. Todavia, poucos estão fazendo esse exercício, especialmente na Comunicação. Nesse sentido, venho nutrindo, desde a graduação, o anseio de me aprofundar no estudo de Bourdieu, mas, talvez por falta de maturidade, acabava não adentrando nas teorias do sociólogo. Nesse trajeto, o sociólogo Jessé Souza foi fundamental, pois traduz para a realidade brasileira a proposta do francês. São recorrentes as críticas ao uso de Bourdieu no Brasil, com o argumento de que sua teoria, pensada no contexto francês, não teria validade por aqui. Jessé comprova o quão equivocado é esse raciocínio. De todo modo, os usos de Bourdieu por terras tupiniquins requerem, de fato, mais do que a transposição de conceitos. Por isso Jessé Souza é central. Para além da contribuição teórico-reflexiva do sociólogo brasileiro, seu trabalho é especialmente rico pelo emprego empírico das noções-chave de Bourdieu na investigação de dois grupos que dizem muito sobre a sociedade brasileira: a ralé (SOUZA, 2009) e os batalhadores (SOUZA, 2010). Aqui, tornaram-se raladoras e batalhadoras, e tiveram a companhia de mulheres de classe média nesse estudo comparativo, outro interesse nutrido e aqui concretizado.

Ao todo, foram 10 meses de pesquisa de campo, em que entrei na vida de 12 mulheres. A pesquisa empírica com pessoas, em meu ponto de vista, cria um vínculo especial com a própria pesquisa que se está desenvolvendo. Para além de todas as teorias, métodos, objetos e análises que envolvem qualquer pesquisador em seu estudo, nesses casos o trabalho é construído a partir de vidas, de histórias, temores, sonhos. Para entendermos o consumo de um produto midiático que um grupo, ou alguns grupos, fazem, é preciso conhecer um pouco essas vidas.

Sobre essas vidas, tecemos alguns comentários finais. Os dados chamam a atenção para as diferenças nas trajetórias, hábitos e costumes, perspectivas de futuro. De um lado, temos uma classe criada com todas as condições para ser bem sucedida na escola, no trabalho, na vida amorosa. Uma classe em que, apesar das vidas atribuladas dos pais, especialmente do componente masculino, em alguns casos pouco presentes no cotidiano das filhas, mesmo assim, acompanharam, exigiram e incentivaram os estudos. Fica clara a centralidade da

¹⁸¹ Assim como no capítulo metodológico, aqui mesclamos a primeira pessoa do singular e do plural.

escola, da qualificação para o mercado de trabalho e a preocupação com o futuro, representado por uma boa colocação profissional. Dessa maneira, as pesquisadas da classe média, mesmo tendo uma ocupação de acordo com a formação de nível superior, desejam mais. Almejam salários e trabalhos que lhe garantam satisfação. Para isso, possuem planos que se esforçam para seguir, com organização e disciplina, que, como nota Milena, não é “natural”, necessita de treino e vigilância. O casamento e a maternidade estão, em alguns casos, num horizonte distante, em outros, não aparecem hoje como uma possibilidade. As mulheres da classe média são “mulheres modernas”, no sentido de Mattos (2006), visto que o trabalho é sua principal fonte de reconhecimento e as relações amorosas são encaradas como um “fim em si mesmo”, quando mulheres independentes buscam também a realização no âmbito emocional.

As raladoras, na outra ponta, não é exagero dizer, estão mais preocupadas em sobreviver, do que em viver. No momento da pesquisa, fica clara a preocupação de uma das entrevistadas, Xaiane, com o mais essencial, ter o que dar de comer aos filhos e a si. As outras informantes estão em um momento econômico mais cômodo, porém as suas histórias de vida comportam situações severas, da alimentação limitada à falta de moradia. Em todos os casos, a educação formal foi afetada, pois as bases para o sucesso escolar não foram fornecidas. Da necessidade de mudança de escola no meio do ano letivo à falta de entusiasmo para perseverar nos estudos em um ambiente escolar desestimulante, passando pela autoavaliação de que não tinham a capacidade necessária para se saírem bem, todas acabaram por desistir do ensino escolar antes de concluírem a educação básica. Elas próprias já sabiam que essa “escolha” reduziria drasticamente suas chances no mercado de trabalho, porém a consciência não vence sozinha as adversidades que as raladoras precisam enfrentar para tentar escapar da exclusão social. Se a vida na família de origem foi penosa, elas tinham uma nova chance ao constituírem suas próprias famílias. Contudo, a sorte delas foi lançada ainda na infância, quando, em um ambiente familiar desestruturado (FREITAS, 2009), não foram providas das disposições básicas, não apenas para o sucesso escolar e profissional, mas até mesmo para as relações amorosas. É o que Silva, Torres e Berg (2009) apontam em “A miséria do amor dos pobres”, mas que é difícil acreditar. Na prática, as raladoras de nossa pesquisa repetem a “anti-fórmula de sucesso” em seus relacionamentos. A delinquência que ronda a ralé – e que seus pais, como principal ensinamento, esforçaram-se para tentar garantir que não fosse o caminho das filhas – encontrou todas elas por meio de maridos viciados em álcool ou drogas, envolvidos com crimes, violentos. Agora, resta tentar oferecer algo distinto aos filhos, nem que seja preciso “pegar no braço e levar e ficar lá até o horário de bater, ele vai pra escola”.

E como se caracterizam as batalhadoras em relação a esses dois grupos? As mulheres dessa classe, que têm como discurso familiar estruturante o valor do esforço pessoal, não tiveram as mesmas oportunidades que as mulheres da classe média, porém, ao mesmo tempo, tiveram uma socialização familiar e um envolvimento escolar distintos das raladoras. Problemas familiares, como separação dos pais, não deixaram de afetá-las, inclusive economicamente. Contudo, a família conseguiu se manter organizada, proporcionando um desenvolvimento emocional equilibrado, em que a segurança econômica e afetiva são diferenciais. Entre elas, apenas uma não concluiu o ensino médio, Lidiane, que, entre todas as entrevistadas, é a que consideramos estar em uma linha mais tênue, especialmente no que se refere à origem familiar. De todo modo, o valor do empenho, com planejamento e disciplina, foi claramente estabelecido. Além do mais, apresenta ideias sobre casamento e maternidade de forma próxima às mulheres de classe média, priorizando o trabalho.

O ensino superior foi uma conquista das demais componentes do grupo, em um momento posterior, não na sequência da conclusão do ensino médio, como com as mulheres da classe média, para quem a faculdade era o caminho espontâneo. Diná, que se graduou aos 25 anos, já estava concluindo um curso técnico, seguindo o caminho que julgava aberto, quando viu a chance de fazer graduação. Em seu caso, fica claro o papel dos projetos governamentais colaborando para a constituição de uma nova classe trabalhadora. Filha de empregada doméstica, ela representa o caso típico de uma nova geração que alia mérito pessoal e oportunidades políticas para ascender. De qualquer forma, as batalhadoras superaram a fronteira fundamental que separa aqueles que têm as condições sociais, morais e culturais básicas, e que são, portanto, úteis para a sociedade produtiva contemporânea, e aqueles que não têm.

Assim, ratificamos o que viemos afirmando desde a introdução, em nível teórico – e que foi problematizado, ainda no âmbito da teoria, no terceiro capítulo –, agora com a fundamentação empírica, de que essa classe que ascendeu em contexto recente e, de fato, passou a ter uma vida mais confortável e chances de futuro mais promissoras, não pode ser entendida como uma *nova classe média*. Se, de um lado, é nítida sua distinção em relação às raladoras, portadoras de um *habitus* precário, de outro, as diferenças em relação à classe média também são agudas. Essa última incorporou um *habitus* secundário proporcionado pelos capitais cultural, econômico e social em quantidade mais significativa. Desempenham trabalhos com maior reconhecimento profissional e social, têm renda maior – mesmo que os rendimentos pessoais não se distanciem muito aos das batalhadoras, mantêm o nível de vida

amparadas pelos pais, com que ainda moram –, possuem cursos de língua, pós-graduação, conhecem outros países.

Os resultados da pesquisa também nos permitem examinar as apropriações da mídia, de forma ampla, e da telenovela, de modo específico, em relação ao capital cultural disponível em cada classe considerada. Parece claro que quanto mais elevado o capital cultural das entrevistadas, mais profundidade na análise da telenovela elas conseguem alcançar.

No que concerne às leituras das relações de gênero, as mulheres da classe média reivindicam uma posição mais igualitária para a personagem feminina do que as batalhadoras e, principalmente, do que as raladoras. Essas não deixam de destacar a importância da independência feminina e apontar como positivos os exemplos de mulheres profissionais nas novelas. Contudo, o julgamento das raladoras acerca das personagens é principalmente moral, repreendendo o comportamento feminino considerado vulgar, promíscuo e, portanto, vergonhoso.

A avaliação que fazem sobre as personagens que representariam a “típica mulher brasileira” está entre as mais consoantes entre as classes, o que se percebe, por exemplo, ao uma mulher de cada grupo indicar *Pereirão* (Lília Cabral – *Fina estampa*) como exemplo. Do mesmo modo, a justificativa exposta envolve, entre as entrevistadas dos diferentes grupos, características como: lutadora, independente e mãe.

O objetivo ao averiguar as leituras de gênero não foi desenvolver uma análise de gênero propriamente, o que buscamos deixar claro já na introdução. A intenção foi compreender, comparativamente, como as mulheres das diferentes classes interpretam as representações de gênero, pois entendemos que esse é um dos aspectos em que poderíamos identificar a relação entre capital cultural e leitura da novela.

As reflexões sobre a representação das classes sociais nas telenovelas encaminham as pesquisadas quase sempre para uma comparação entre aquilo que é mostrado na telinha e aquele veem no “mundo real”, antes mesmo de serem requisitadas sobre esse aspecto pela entrevistadora. A comparação com a realidade chega a conclusões distintas em cada classe. Um dos pontos ressaltados pela classe média é de que o “fluxo” entre núcleos pobres e ricos, com relacionamentos amorosos frequentes, não representam o que de fato ocorre. Afirmam que, em seus casos, não têm contato nem com pessoas pobres nem com os ricos do tipo retratado. A leitura da classe batalhadora é semelhante, uma vez que também indicam que as representações não condizem com a realidade. Fazem uma crítica ao modo como o pobre é mostrado, como “ignorante”, “lá embaixo”, que não aparece como uma preocupação da classe média. As raladoras, assim como as batalhadoras, dão ênfase na representação dos

personagens pobres, salientando que eles são apontados nas tramas como alguém sem valor. Fica claro que cada classe olha mais para o modo como a “sua classe” aparece. Mesmo assim, a classe média visualiza melhor os problemas sociais enfrentados pelas classes populares do que as próprias raladoras, que afirmam, por exemplo, que a novela não é realista quando mostra um relacionamento amoroso entre classes distintas sofrendo julgamentos sociais. Ainda, uma das entrevistadas da classe média assinala que embora as diferenças de classe apareçam nas novelas, isso não significa que a questão da desigualdade social seja abordada.

Como ressaltamos no capítulo comparativo, as raladoras são as que menos têm conhecimento do que estamos chamando de gramática da telenovela. Não reconhecem as diferenças do tipo de abordagem conforme o horário de exibição e não conhecem os autores das novelas, nem mesmo os mais famosos. Por outro lado, as classes média e batalhadora desenvolvem uma identificação precisa das características das novelas de cada horário.

Embora o trabalho não tivesse entre seus objetivos examinar o papel da telenovela na sociedade brasileira, as análises das entrevistadas nesse sentido chamaram nossa atenção. Com uma exceção, as entrevistadas foram enfáticas ao afirmarem que a novela está arraigada na cultura nacional e que o povo brasileiro é especialmente “noveleiro”: “uma ligação entre todo o povo”, “as pessoas gostam muito”, “se identificam e imitam”, “é uma influência”, “brasileiro ama novela”, “tudo gira em torno da novela”, “sempre acaba acompanhando”, “bem noveleiro”, “acho que até homem agora tá gostando de novela”, “a maioria adora”, “muito viciados em novela”. Ademais, aquelas que disseram não assistir ou assistir pouco a novela, mostraram que sabem do que as novelas, especialmente a das nove, estão falando. Para a classe média, a “proliferação” ocorre hoje, essencialmente, pelo Facebook. Entre as raladoras, destaque para as conversas no ônibus. Mirela, por exemplo, raladora evangélica, que se mostrou a mais contrária a novelas, relatou demorar a entender quando as pessoas, no ônibus, no seu trabalho e no seu convívio íntimo, estão falando de personagens de novelas ou de pessoas reais, tal o tipo de narrativa que se constrói.

Acerca do método comparativo de análise, avaliamo-lo como realmente profícuo para um estudo de classe social. Entendemos que, em diversos momentos, comparar permitiu enxergar, ver, através das diferenças, características de cada grupo, especialmente tendo em conta que nossos objetivos estavam no âmbito das similitudes e singularidade dos modos de viver e dos modos de ver novela.

Assim como Ronsini (2012) observa na conclusão de seu livro sobre a recepção da crença na ideologia do mérito por jovens, e Wright (1997) indica nos resultados de suas comparações de classe em “Class counts”, queremos assinalar que, seguramente, classe não

explica tudo. Absolutamente. Além do mais, em estudos comparativos, as fronteiras entre uma classe e outra não são tão largas, assim como a sociedade, ao menos a brasileira, não se organiza em tribos isoladas sem contato umas com as outras. Sendo assim, outras categorias são também fundamentais para lançar luz sobre o objeto de pesquisa: a mídia.

Aqui, nossa opção foi iluminar o objeto com a lanterna da análise de classe. Ao fim desse estudo, avaliamos que o objeto, em relação aos nossos objetivos, esteve suficientemente iluminado. Nesse estudo sobre consumo, enfocamos em três aspectos: modos de viver, modos de ver a mídia e a telenovela. Antes de tudo, precisávamos conhecer a história, o presente e os projetos de futuro dessas pessoas. Também julgamos que, principalmente por se tratar de um estudo comparativo de classe, seria importante mapear o consumo de mídia dos três grupos. Por último, cabia examinar a esfera das apropriações de telenovela, onde queríamos chegar.

Em um estudo comparativo, embora possa ser mais difícil aprofundar e conhecer os meandros de cada um dos grupos, ganhamos, por outro lado, com os contrastes permitidos. Identificamos que as três classes apresentam tanto singularidades quanto similitudes no que tange ao consumo de mídia e à leitura de telenovela. Acerca da classe batalhadora, especificamente, ela não é nem um braço nem das raladoras nem da classe média. Entretanto, se formos analisar, como Souza (2010), que essa classe se desvincula das raladoras, poderíamos entender, a partir do exame dos modos de viver e de ver, que ela caminha a passos largos em sentido contrário a esse grupo, estando, poderíamos considerar, a meio caminho de uma e outra.

Com nosso feixe de luz, certamente não enxergamos todos os ângulos do objeto. Avaliamos que ficam muitas questões, entre outras tantas, acerca dessa nova e instigante classe que cresceu no Brasil na última década. Quais as suas peculiaridades quanto ao consumo dos diversos tipos de mídia? Em relação à telenovela, ela está representada? Ela se sente representada? Esses foram alguns dos tópicos que nos intrigaram durante a pesquisa, tendo em vista que esse ainda é um grupo pouquíssimo estudado, especialmente no nosso campo da Comunicação. Enfim, a lanterna fica à disposição.

REFERÊNCIAS

- ADKINS, Lisa. Introduction: feminism, Bourdieu and after. In: ADKINS, Lisa; SKEGGS, Beverley. **Feminism after Bourdieu**. Oxford: Blackweel Publishing, 2004. p. 3-18
- ALAMO, Oscar Nicolás. Las NTICs en latinoamérica. influencia para un cambio de paradigma a partir de los 80. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v.5, p. 176-186, 2006.
- ALMEIDA, Heloisa Buarque de. **Telenovela, consumo e gênero**: “muitas mais coisas”. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- ALASUUTARI, Pertti. **Researching Culture**: Qualitative Method and Cultural Studies, London: Sage, 1995.
- _____. Three Phases of Reception Studies. In: ALASUUTARI, Pertti (Ed.). **Rethinking the media audience**. The New Agenda. London: SAGE Publications, 1999. p. 1-21
- ANG, Ien. **Watching Dallas**: soap opera and melodramatic imagination. London/New York: Routledge, 1985.
- _____. **Living room wars**: Rethinking media audiences for a postmodern world. London/New York: Routledge, 1996.
- BARROS FILHO, Clóvis; MARTINO, Luís Mauro Sá. **O habitus na comunicação**. São Paulo: Paulus, 2003.
- BARROS, Ricardo et al. **Texto para discussão N° 1460**: Determinantes da queda na desigualdade de renda no Brasil. Rio de Janeiro: IPEA, 2010. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2572/1/TD_1460.pdf. Acesso em: 6 de nov. de 2013.
- BARTELT, Dawid Danilo. Introdução. In: _____ (Org.). **A “nova classe média” no Brasil como conceito e projeto político**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013. p. 4-13
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 7 ed. 2 v. Rio de janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BORELLI, Silvia Helena Simões. Telenovela brasileira: balanços e perspectivas. In: **XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação**. Campo Grande, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983a. p. 46-81
- _____. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983b. p. 82-121
- _____. **Choses dites**. Paris: Minuit, 1987.
- _____. Pierre Bourdieu: os mandamentos do intelectual. (Entrevista concedida a Juremir Machado da Silva) **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 10, p. 7-16, jun. 1999.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. **A Distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.

_____. **O senso prático**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

BRANCO, Patrícia. Do gênero à interseccionalidade: considerações sobre mulheres, hoje e em contexto europeu. **Julgar**, Coimbra, n.4, p. 103-117, 2008.

BRASIL. Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE). **Vozes da Classe média**. Brasília, 2012a. Disponível em: < <http://www.sae.gov.br/site/wp-content/uploads/Cartilha-Vozes-Classe-Media.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2014.

_____. **Vozes da Classe média**. Caderno 2. Brasília, 2012b. Disponível em: <<http://www.sae.gov.br/vozesdaclassemedia/wp-content/uploads/Vozes-da-Classe-Media-2%C2%BA-Caderno.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2014.

_____. **Vozes da nova Classe média**. Caderno 3. Brasília, 2013a. Disponível em: <<http://www.sae.gov.br/site/wp-content/uploads/3%C2%BA-Caderno-VCM-Vers%C3%A3o-Final-20130506.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2014.

_____. **Vozes da nova Classe média**. Caderno 4. Brasília, 2013b. Disponível em: <<http://www.sae.gov.br/site/wp-content/uploads/4%C2%BA-Caderno-Vozes-da-Nova-Classe-M%C3%A9dia.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2014.

BRASIL. Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE). **Comissão para definição da classe média no Brasil**. Brasília. Relatório s/d. Disponível em: <<http://www.sae.gov.br/vozesdaclassemedia/wp-content/uploads/Relat%C3%B3rio-Defini%C3%A7%C3%A3o-da-Classe-M%C3%A9dia-no-Brasil.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2014.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2014**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. – Brasília: Secom, 2014. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/>. Acesso em: 15 mar. 2014.

BRUNSDON, Charlotte. A thief in the night: stories of feminism in the 1970s at CCCS. In: MORELY, David; CHEN, Kuan-Ksing (Orgs.). **Stuart Hall**: Critical Dialogues in Cultural Studies. London: Routledge, 1996. p. 276-286

BUTLER, Judith. **Gender Trouble**. New York, Routledge, 1990.

CABELLO, Roxana. Sobre los usos de los “juegos en red” en áreas periurbanas de Buenos Aires. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v.6, p. 176-185, 2007.

CAMACHO AZURDUY, Carlos A. **Metodología de la investigación en Comunicación**: Una aproximación desde el estudio del consumo cultural de la radio entre mujeres migrantes de la ciudad de El Alto. [ed. online] Bolivia, 2007.

CANTÚ, Ariadna; CIMADEVILLA, Gustavo. Orientación, Consumo, Recepción y Uso de los Medios: una propuesta de articulación conceptual. **Rev. Bras. de Ciên. da Com.**, v. XXI, n. 2, jul/dez, São Paulo, p. 41-54, 1998.

CATAÑO, Mónica Marión. Enfoques teóricos y metodológicos en los estudios de recepción-audiencia. In: BONILLA, Jorge; CATAÑO, Mónica; RINCÓN, Omar; ZULUAGA, Jimena. **De las audiencias contemplativas a los productores conectados**. Cali: Universidad Javeriana, 2012.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 18. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

CLARKE, John; CRITCHER, Chas; JOHNSON, Richard (Ed.). **Working-Class Culture**. Studies in history and theory. New York: St. Martin's Press, 1979.

COOK, Jon. Culture, class and taste. In: MUNT, Sally (Ed.). Introduction. In: MUNT, Sally. **Cultural Studies and the working class**. London: Cassel, 2000. p. 97-112

COSTA, Luci Cortes da. Classes médias e as desigualdades sociais no Brasil. In: BARTELT, Dawid Danilo (Org.). **A “nova classe média” no Brasil como conceito e projeto político**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013. p. 43-54

CURRAN, James. El nuevo revisionismo en los estudios de comunicación: una revaluación. In: CURRAN, James; MORLEY, David; WALKERDINE, Valerie (Orgs.). **Estudios culturales y comunicación**. Análisis, producción y consumo cultural de las políticas de identidad y el posmodernismo. Barcelona: Paidós, 1998. p. 383-415

_____. Depoimento James Curran. In: ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografia dos Estudos Culturais**. Uma versão latino-americana. [ed. on-line]. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DOVER, Caroline. Everyday Talk: Investigating Media Consumption and Identity Among School Children. **Particip@tions**, v. 4, Issue 1, 2007.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Circuitos de cultura/ circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, v. 4, n. 11, p. 115-135, 2007.

_____. Quando a recepção já não alcança: Por uma revisão no objeto e método. In: **XVII Encontro da Compós**. São Paulo, 2008.

_____. **Cartografia dos Estudos Culturais**. Uma versão latino-americana. [ed. on-line]. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____; JACKS, Nilda. Práticas de recepção midiática: impasses e desafios da pesquisa brasileira. In: **XIII Encontro Anual da Compós**, São Bernardo do Campo, 2004.

_____; SIFUENTES, Lírian. As relações de classe e gênero no contexto de práticas orientadas pela mídia: apontamentos teóricos. **Revista E-compós**, v. 14, n. 2, p. 1-13, Brasília, 2011.

_____. et al. História de mulheres: heroínas de uma narrativa melodramática. **Intexto**, n. 28, p. 100-117, Porto Alegre, jul. 2013.

FLEURY, Sonia. A fabricação da classe média: projeto político para nova sociabilidade. In: BARTELT, Dawid Danilo (Org.). **A “nova classe média” no Brasil como conceito e projeto político**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013. p. 69-80

FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra**. Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

_____. Classe e a recusa etnográfica. In: BRITES, Jurema; FONSECA, Claudia (Orgs.). **Etnografias da participação**. Santa Cruz: EDUNISC, 2006.

FRANCHETTO, Bruna; CAVALCANTI, Maria Laura; HEILBORN, Maria Luiza. Antropologia e feminismo. In: FRANCHETTO, Bruna et al. (Org.) **Perspectivas antropológicas da mulher**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

FREITAS, Lorena. A instituição do fracasso. A educação da ralé. In: SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 281-304

GARCÍA CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Itania Maria Mota. **Efeito e recepção**. A interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os media. Rio de Janeiro: E-papers, 2004.

GRAY, Ann. Audience and Reception Research in Retrospect: The Trouble with Audiences. In: ALASUUTARI, Pertti (Ed.). **Rethinking the media audience**. The New Agenda. London: SAGE Publications, 1999. p. 22-37

_____. **Research Practices for Cultural Studies**. London: Sage, 2003.

GRZYBOWSKI, Candido. Entre sair da pobreza e ingressar na cidadania. Nova classe média, utopia de um futuro fugaz? In: BARTELT, Dawid Danilo. **A “nova classe média” no Brasil como conceito e projeto político**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013. p. 106-114

GUERRA, Alexandre et al. **Classe média**. Desenvolvimento e crise. São Paulo: Cortez, 2006.

HALL, Stuart. The problem of ideology: marxism without guarantees. In: MORLEY, David. CHEN, Kuan-Hsing (Ed.). **Stuart Hall: Critical dialogues in Cultural Studies**. London: Routledge, 1996a. p. 25-46

_____. Cultural studies and its theoretical legacies. In: MORLEY, David. CHEN, Kuan-Hsing (Ed.). **Stuart Hall: Critical dialogues in Cultural Studies**. London: Routledge, 1996b. p. 262-275

_____. Cultural studies and the politics of internationalisation: an interview with Stuart Hall and Kuan-Hsing Chen. In: MORELY, David; CHEN, Kuan-Ksing (Ed.). **Stuart Hall: Critical Dialogues in Cultural Studies**. London: Routledge, 1996c. p. 392-408

_____. **Da diáspora**. Identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____; JEFFERSON, Tony. **Resistance through rituals**. Youth subcultures in post-war Britain. London: Hutchinson/CCCS, 1975.

HAMBURGER, Esther. **O Brasil Antenado**. A sociedade da novela. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2005.

_____. Novelas como proto-interação, ou para uma crítica dos estudos de recepção. **Interin**, v. 9, Curitiba, 2010.

HANCOCK, Ange-Marie. Intersectionality as a normative and empirical paradigm. **Politics & Gender**, v. 3 (2), p. 248-254, 2007.

HAYLETT, Chris. 'This is about us, this is our film!' Personal and popular discourses of 'underclass'. In: MUNT, Sally. **Cultural studies and the working class**. London: Routledge, 2000. p. 69-81

HERMES, Joke. Media Figures in Identity Construction. In: ALASUUTARI, Pertti (Ed.). **Rethinking the media audience**. The New Agenda. London: SAGE Publications, 1999. p. 69-85

HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura**. Aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referências a publicações e divertimentos. Lisboa: Editorial Presença, 1973 [1956].

HUPPATZ, Kate. **Gender capital at work**. Intersections of femininity, masculinity, class and occupation. London: Palgrave Macmillan, 2012.

IBGE. **Censo Demográfico 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

_____. **Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar (PNAD), 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

_____. **Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar (PNAD), 2012**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

IBOPE. **Classe C urbana do Brasil: somos iguais, somos diferentes**. São Paulo: Ibope Mídia, 2010. Disponível em: <http://www4.ibope.com.br/download/Classe_C.pdf>. Acesso: 02 de mar. 2014.

IORIO, Patrícia de Miranda. “Avenida Brasil” e o Subúrbio Carioca: apontamentos para um estudo sobre a telerrealidade na narrativa ficcional televisiva. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXXVI, 2013, Manaus. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2013. p. 1-14. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-1464-1.pdf>> Acesso em: 17 fev. 2014.

IPEA. **Comunicado da Presidência n. 9**. Brasília: IPEA: 2008.

JACKS, Nilda. Tendências Latino-Americanas nos estudos de recepção. **Revista Famecos**, v.5, p. 44-49, Porto Alegre, 1996.

_____. Estudos de recepção. In: SOCIEDADE Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Ed.). **Enciclopédia Intercom de comunicação**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.

_____; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Comunicação e Recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

_____; _____. La investigación brasileña: impases y desafíos. **Diálogos**, 73, p. 38-45, 2006.

_____; JOHN, Valquíria Michela; SILVA, Lourdes Ana Pereira. Estudos de recepção no Brasil: panorama da última década. In: Encontro Anual da Compós, XXI, 2012, Juiz de Fora. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: Compós, 2012. p. 1-23

_____; MENEZES, Daiane; PIEDRAS, Elisa. **Meios e Audiências**. A emergência dos estudos de recepção no Brasil. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.

JANCOVICH, Mark. David Morley, Los Estudios de “Nationwide”. In: BARKER, Martin; BEEZER, Anne (Orgs.). **Introducción a los estudios culturales**. Barcelona: Bosch, 1994. p. 149-163

JENSEN, Klaus Bruhn; ROSENGREN, Erik. Five traditions in search of the audience. **European Journal of Communication**, v. 5, p. 207-238, London, 1990.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, estudos culturais? In: SILVA, Tomás Tadeu da (Org.). **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 7-131

KERSTENETZKY, Celia Lessa; UCHÔA, Christiane. Moradia inadequada, escolaridade insuficiente, crédito limitado: em busca da nova classe média. In: BARTELT, Dawid Danilo. **A “nova classe média” no Brasil como conceito e projeto político**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013. p. 16-31

KIM, Sujeong. Rereading David Morley’s The ‘Nationwide’ Audience. **Cultural Studies**, v.18, n.1, p. 84-108, 2004.

LA PASTINA; Antonio. REGO; Cacilda; STRAUBHAAR, Joseph. La centralidade de las telenovelas en la vida cotidiana de América Latina: Tendencias pasadas, conocimiento actual e investigación por venir. **Global Media Journal**, v. 1, n. 1, Monterrey, 2004.

LAKATOS, Eva Maria. **Sociologia geral**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1981.

LEAL, Ondina Fachel. **A leitura social da novela das oito**. Petrópolis: Vozes, 1986.

LINDLOF, Thomas R.; TAYLOR, Bryan C. **Qualitative Communication Research Methods**. 3. ed. Thousand Oaks: Sage, 2011.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Estratégias metodológicas da pesquisa de recepção. **Intercom-Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo, v. XVI, n. 2, p. 78-86, jul/dez. 1993.

_____. Para uma revisão das identidades coletivas em tempo de globalização. In: _____ (Org.). **Telenovela. Internacionalização e Interculturalidade**. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. **Pesquisa em comunicação**. 8.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

_____. Ficção televisiva e identidade cultural da nação. **Alceu**, v. 10, p. 5-15, 2010.

_____. Uma agenda metodológica presente para a pesquisa de recepção na América Latina. In: JACKS, Nilda (Coord.). **Análisis de recepción en América Latina**: un recuento histórico con perspectivas al futuro. Quito: CIESPAL, 2011. p. 409-428

_____. (Org.). **Estratégias de transmidiação na ficção televisiva brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

_____; BORELLI, Silvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. **Vivendo com a telenovela**: mediações, recepção, teleficcionalidade. São Paulo: Summus, 2002.

_____. (Org.). **Ficção televisiva transmidiática no Brasil**: plataformas, convergência, comunidades virtuais. Porto Alegre: Sulina, 2011.

LOVELL, Terry. Thinking feminism with and against Bourdieu. **Feminist Theory**, London, v. 1 (1), p. 11-32, 2000.

LUDVIG, Alice. Differences between women? Intersecting voices in a female narrative. **European Journal of Womens's Studies**, London, v. 13 (3), p. 245-258, 2006

MACIEL, Fabrício; GRILLO, André. O trabalho que (in)dignifica o homem. In: SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira**: quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 241-277

MACKINTOSH, Maureen; MOONEY, Gerry. Identity, inequality and social class. In: WOODWARD, Kath (Ed.). **Questioning identity**: gender, class, nation. London: Routledge, 2000. p. 79-114

MADSEN, Nina. Entre a dupla jornada e a discriminação contínua. In: BARTELT, Dawid Danilo. **A “nova classe média” no Brasil como conceito e projeto político**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013. p. 136-145

MARCONDES FILHO, Ciro (Org.). **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Editora Paulus, 2009.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones**: comunicación, cultura y hegemonía. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

_____. Recepção de meios e consumo cultural: travessias. In: SUNKEL, Guillermo. **El consumo cultural en América Latina**. Construcción teórica y líneas de investigación. Bogotá: Convenio Andrés Bello, 1999.

_____; TÉLLEZ, Maria Patrícia. Los estudios de recepción y consumo em Colombia. **Diálogos de la Comunicación**, n. 73, p. 57-70, 2006.

MATA, María Cristina: **Cómo conocer la audiencia de una emisora**: los sondeos de audiencia. Quito: Aler, 1994.

MATTOS, Patrícia. A dor e o estigma da puta pobre. In: SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira**: quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 173-201

_____. A mulher moderna numa sociedade desigual. In: SOUZA, Jessé (Org.). **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 153-196

MAURO, Rosana; TRINDADE, Eneus. O estereótipo da vila emergente na construção das identidades discursivas de Carminha em Avenida Brasil. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXXVI, 2013, Manaus. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2013. p. 1-14. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-0389-1.pdf>> Acesso em: 17 fev. 2014.

McANANY, Emile G.; LA PASTINA, Antonio C. Telenovela Audiences: A Review and Methodological Critique of Latin America Research. **Communication Research**, p. 828-849, 1994.

McQUAIL, Dennis; WINDAHL, Sven. **Modelos de comunicação para o estudo da comunicação de massas**. Lisboa: Notícias, 2003.

MEDHURST, Andy. If Anywhere: Class Identifications and Cultural Studies Academics. In: MUNT, Sally. **Cultural studies and the working class**. London: Routledge, 2000. p. 19-35

MEIRELLES, Renato. Classe média: novas demandas de um novo Brasil. In: BRASIL. Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE). **Vozes da Classe média**. Brasília, 2012. Disponível em: <<http://www.sae.gov.br/site/wp-content/uploads/Cartilha-Vozes-Classe-Media.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2014.

MESSA, Márcia Rejane Postiglioni. **As mulheres só querem ser salvas**: Sex and the City e o pós-feminismo. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, Porto Alegre, 2006.

MILIBAND, Ralph. Analisis de Clases. In: GIDDENS, Anthony et al. (Org.). **La teoría social, hoy**. Madri: Alianza Editorial, 1990. p. 418-444

MONTÚFAR, Fernando Checa. De la “recepción” al “consumo”: una necesaria reflexión conceptual. In: JACKS, Nilda (Coord.). **Análisis de recepción en América Latina**: un recuento histórico con perspectivas al futuro. Quito: CIESPAL, 2011. p. 13-18

MORLEY, David. Where the global meets the local—notes from the sitting room. **Screen**, 32(1) (spring), London, 1991.

_____. **Televisión, audiencias y estudios culturales**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

_____. Populismo, revisionismo y los “nuevos” estudios de audiencia. In: CURRAN, James; MORLEY, David; WALKERDINE, Valerie (Orgs.). **Estudios culturales y comunicación**. Análisis, producción y consume cultural de las políticas de identidad y el posmodernismo. Barcelona: Paidós, 1998.

_____. Unanswered questions in audience researchs. **E-compós**, p. 2-26, Brasília, 2006.

_____. **Media, Modernity and Technology**. The geography of the new. London: Routledge, 2007.

_____. Depoimento de David Morley. In: ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografia dos Estudos Culturais**. Uma versão latino-americana. [ed. on-line]. Belo Horizonte: Autêntica, 2010a.

_____. Class-ificações Mediadas: Representações de classe e cultura na televisão britânica contemporânea. **Matrizes**, ano 3, n. 2, jan/jul, p. 11-33, 2010b.

MOURA, Iara Gomes de. A nova classe C ascende à TV: apontamentos sobre a representação de classe na telenovela brasileira. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXXVI, 2013, Manaus. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2013. p. 1-14. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1681-1.pdf> > Acesso em: 17 fev. 2014.

MUNT, Sally. Introduction. In: MUNT, Sally. **Cultural Studies and the working class**. London: Cassel, 2000. p. 1-16

MURDOCK, Garnham. Comunicação contemporânea e questões de classe. **Matrizes**, ano 2, n. 2, p. 31-56, 2009.

NERI, Marcelo C. **A nova classe média**. Rio de Janeiro: FGV, 2008. Disponível em: <http://www3.fgv.br/ibrecps/M3/M3_ ANovaClasseMedia_Port_2.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2014.

_____. **A nova classe média**: o lado brilhante dos pobres. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

_____. **A nova classe média**: o lado brilhante da base da pirâmide. São Paulo: Sraiva, 2012.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. La condición comunicacional contemporânea. Desafíos latinoamericanos de la investigación de las interacciones en la sociedad red. In: JACKS, Nilda (Coord.). **Análisis de recepción en América Latina**: un recuento histórico con perspectivas al futuro. Quito: CIESPAL, 2011. p. 377-408

ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983.

PHOENIX, Ann. Interrogating intersectionality: productive ways of theorising multiple positioning. **Kvinder, Kon & Forskning**, v. 2-3, p. 21-31, 2006.

_____.; PATTYNAMA, Pamela. Editorial. Intersectionality. **European Journal of Women's Studies**, London, v. 13(3), p. 187-192, 2006.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v. 11, n. 2, p. 263-274, jul./dez. 2008.

POCHMANN, Marcio. **Nova classe média?** O trabalho na base da pirâmide social brasileira. São Paulo: Boitempo, 2012.

POLITICS & GENDER. Intersectionality. **Politics & Gender**, v. 3 (2), p. 229-231, 2007.

PORTO, Mauro. Telenovelas and national identity in Brazil. **BRASA**. New Orleans, 2008.

QUADROS, Waldir José de; GIMENEZ, Denis Maracci; ANTUNES, Davi José Nardy. Afinal, somos um país de classe média? Mercado de trabalho, renda e transformações sociais no Brasil dos anos 2000. In: BARTELT, Dawid Danilo (Org.). **A “nova classe média” no Brasil como conceito e projeto político**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013. p. 32-42

RADWAY, Janice. **Reading the Romance: Women, Patriarchy and Popular Literature**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1984.

ROCHA, Emerson; TORRES, Roberto. O crente e o delinquente. In: SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 205-240

RODRIGUES, Cristiano. Atualidade do conceito de interseccionalidade para a pesquisa e prática feminista no Brasil. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 10, 2013, Florianópolis. p. 1-12. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384446117_ARQUIVO_CristianoRodrigues.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2014.

RONSINI, Veneza Mayora. **Entre a capela e a caixa de abelhas: identidade cultural de gringos e gaúchos**. Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP. São Paulo, 2000.

_____. **Mercadores de sentido: consumo de mídia e identidades juvenis**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção). In: **XIX Encontro da Compós**, 2010. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: COMPÓS, 2010.

_____. **Crença no mérito e a desigualdade.** A recepção da telenovela do horário nobre. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SCHNEIDER, Sergio; SCHIMITT, Cláudia Job. O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 49-87, 1998.

SCOTT, Joan. Gender: a useful category of historical analysis. **The American Historical Review**, v. 91, n. 5, p. 1053-1075, 1986.

SHALEV, Michael. Class divisions among women. **Politics & Society**, v. 36, n. 3, p. 421-444, set. 2008.

SIERRA, Francisco. Función y sentido de la entrevista cualitativa en investigación social. GALINDO CÁCERES, Jesús Luis. (Coord.). **Técnicas de investigación en sociedad, cultura y comunicación.** México: CNCA/Addison Wesley Longman, 1998. p. 277-345

SIFUENTES, Lírian. **Telenovela e a identidade feminina de jovens de classe popular.** Dissertação (Mestrado em Comunicação). Santa Maria-RS: Universidade Federal de Santa Maria, 2010.

SILVA, Emanuelle; TORRES, Roberto; BERG, Tábata. A miséria do amor dos pobres. In: SOUZA, Jessé. **A Ralé brasileira.** Quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SILVERSTONE, Roger; HIRSCH, Eric (Eds.) Consuming technologies. London: Routledge, 1992.

SKEGGS, Beverley. **Formations of Class and Gender:** Becoming Respectable. London: Sage Publications, 1997a.

_____. Classifying Practices: Representations, Capitals and Recognitions. In: MAHONY, Pat; ZMROCZEK, Christine (Ed.). **Class matters.** 'Working-class' Women's perspectives on Social Class. London: Taylor & Francis, 1997b. p. 127-142

_____. Context and background: Pierre Bourdieu's analysis of class, gender and sexuality. In: ADKINS, Lisa; SKEGGS, Beverley. **Feminism after Bourdieu.** Oxford: Blackweel Publishing, 2004. p. 19-34

_____. Respectability and resistance: interview with Professor Beverly Skeggs. Por Chameleon. **Redemption Blues**, 2006. Disponível em: <<http://www.redemptionblues.com/?p=215>>. Acesso em: 18 fev. 2014.

_____. On the economy of moralism and working-class properness. An interview with Beverley Skeggs. (Entrevista concedida a Sofie Tornhill e Katharina Tollin) **Eurozine**. p. 1-10, 2008. Disponível em: <http://www.eurozine.com/journals/fronesis/issue/2008-04-02.html>. Acesso em: 14 fev. 2014.

_____; THUMIM, Nancy; WOOD, Helen. 'Oh goodness, I *am* watching reality TV'. How methods make class in audience research. **European Journal of Cultural Studies**, London, v. 11(1), p. 5-24, 2008.

_____; WOOD, Helen. Turning it on is a class act: immediated object relations with television. **Media, Culture & Society**, London, 33(6), p. 941-951, 2011.

SOBRAL, Jaqueline. O protagonismo das classes populares na telenovela brasileira: uma reflexão a partir da "Avenida Brasil". In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXXV, 2012, Fortaleza. p.1-14. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-2046-1.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2014.

SOCIEDADE Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Ed.). **Enciclopédia Intercom de comunicação**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.

SOUZA, Amaury; LAMOUNIER, Bolívar. **A classe média brasileira**: ambições, valores e projetos de sociedade. Rio de Janeiro: Elsevie; Distrito Federal: CNI, 2010.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania**. Para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. (Org.). **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

_____. **A ralé brasileira**: quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009a.

_____. Prefácio. In: JUNQUEIRA, Lília. **Desigualdades sociais e telenovela**. Relações ocultas entre ficção e reconhecimento. São Paulo: Anna Blume, 2009b.

_____. **Os Batalhadores brasileiros**. Nova classe média ou nova classe trabalhadora. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

_____. A insivibilidade da luta de classes ou a cegueira do economicismo. In: BARTELT, Dawid Danilo (Org.). **A "nova classe média" no Brasil como conceito e projeto político**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013. p. 55-68

SPARKS, Colin. Stuart Hall, cultural studies and marxism. In: MORLEY, David. CHEN, Kuan-Hsing (Ed.). **Stuart Hall**: Critical dialogues in Cultural Studies. London: Routledge, 1996. p. 71-101

STEEDMAN, Carolyn. **Landascape for a good woman**. London: Virago Press, 1986.

STOLKE, Verena. La mujer es puro cuento: la cultura del género. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.12, n.2, p. 77-105, 2004.

SUNKEL, Guillermo. **El consumo cultural en América Latina**. Construcción teórica y líneas de investigación. Bogotá: Convenio Andrés Bello, 1999.

_____. **La prensa sensacionalista y los sectores populares**. Bogotá, Norma, 2002.

TARAPANOFF, Fabíola Paes de Almeida; FERNANDES, Julio Cesar. Reflexo de uma ascensão: O imaginário de classe C nas novelas “Cheias de Charme” e “Avenida Brasil”. . In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXXV, 2012, Fortaleza. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2012. p. 1-15. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-1291-1.pdf>> Acesso em: 17 fev. 2014.

TOALDO, Mariângela; JACKS, Nilda. Consumo midiático: uma especificidade do consumo cultural, uma antessala para os estudos de recepção. In: Encontro Anual da Compós, XXII, 2013, Salvador. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: Compós, 2013. p. 1-9. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_2115.pdf> Acesso em: 17 fev. 2014.

TURNER, Graeme. **British Cultural Studies: An Introduction**. 2. ed. London: Routledge, 1996.

UNGER, Roberto Mangabeira. Prefácio. Os batalhadores e a transformação do Brasil. In: SOUZA, Jessé. **Os Batalhadores brasileiros**. Nova classe média ou nova classe trabalhadora. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VEGA MONTIEL, Aimée. Feminismo e Comunicação – questão científica e política. Entrevista com Aimée Vega Montiel. Por Ana Carolina Escosteguy e Lírían Sifuentes. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 567-577, set./dez. 2013.

VICENTE, Eliana. Nova classe média: um delírio coletivo. In: BARTELT, Dawid Danilo. **A “nova classe média” no Brasil como conceito e projeto político**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013. p. 81-92

YACCOUB, Hilaine. A chamada “nova classe média”. Cultura material, inclusão e distinção social. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 17, n. 36, p. 197-231, jul./dez. 2011.

WALKERDINE, Valerie. **Schoolgirl fictions**. London: Verso, 1990.

WRIGHT, Erick Olin. **Class counts**. Comparative studies in class analysis. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

_____. A conceptual menu for studying the interconnections of class and gender. In: BAXTER, Janeen; WESTERN, Mark (Ed.). **Reconfigurations of class and gender**. Stanford-CA: Stanford University Press, 2001. p. 28-38

Material jornalístico consultado:

ALLEGRETTI, Fernanda. **Oi Brasil, estamos aqui!**: Bem-vindo ao país da periferia, tão próximo e às vezes tão distante de tantos brasileiros. Formado pelas classes C, D e E, é um universo de 155 milhões de pessoas que compram mais dos que a Suíça e a Holanda. Veja, São Paulo, p. 62-79, 20 jan. 2014.

BARRIONUEVO, Alexei. **Strong Economy Propels Brazil to World Stage**. New York Times, Nova York, 31 jul. 2008. Disponível em: http://www.nytimes.com/2008/07/31/world/americas/31brazil.html?pagewanted=all&_r=0. Acesso em: jul. 2012.

CANELLAS, Marcelo. **Pesquisa revela que maioria dos moradores de favela não quer deixar a comunidade**. Fantástico, Rede Globo, 23 fev. 2014, Programa de TV. Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/videos/t/edicoes/v/pesquisa-revela-que-maioria-dos-moradores-de-favela-nao-quer-deixar-a-comunidade/3168351/>. Acesso em: fev. 2014.

CARDOSO, Fernando Henrique. **O papel da oposição**. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 14 abr. 2011. Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/radar-politico/2011/04/14/leia-a-integra-do-artigo-de-fhc-o-papel-da-oposicao/>. Acesso em: out. 2012.

CARNEIRO, Júlia Dias. **Groundbreaking soap opera grips Brazil**. BBC News, Londres, 19 out. 2012. Disponível em: <http://www.bbc.com/news/world-latin-america-20001198>. Acesso em: fev. 2014.

CASTRO, Natalia; BRITTO, Thaís. **A TV se rende à nova classe média**. O Globo, Rio de Janeiro, 25 maio 2012. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/a-tv-se-rende-nova-classe-media-4934814>. Acesso em: fev. 2014.

CORREIO BRAZILIENSE. **Subúrbios e favelas batem ponto na teledramaturgia e aprimoram abordagem**. Brasília, 19 out. 2012. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/especiais/quem-e-voce-na-novela/2012/10/19/InternaNovela,329002/suburbios-e-favelas-batem-ponto-na-teledramaturgia-e-aprimoram-abordagem.shtml>. Acesso em: fev. 2014.

COSTAS, Ruth. **Conquistas da nova classe média devem sobreviver à desaceleração**. BBC Brasil, Brasília, 31 jul. 2013. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/07/130702_classe_media_ru_cc.shtml. Acesso em: nov. 2013.

D'AGOSTINO, Rosanne. **Nova classe média inclui ao menos 50% das famílias em favelas do país**. G1, Rio de Janeiro, 01 out. 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2012/10/nova-classe-media-inclui-ao-menos-50-das-familias-em-favelas-do-pais.html>. Acesso em: out. 2012.

DOWNIE, Andrew. **Boom Times for Brazil's Consumers**. New York Times, Nova York, 24 maio 2008. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2008/05/24/business/worldbusiness/24brazil.html?pagewanted=all>. Acesso em: ago. 2012.

DUFFY, Gary. **Brazil sees middle class emerging**. BBC News, Londres, 17 set. 2007. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/business/6993546.stm>. Acesso em: jun. 2012.

EDITORA ABRIL. **As poderosas da classe média**. Editora Abril, São Paulo, Set. 2011. Disponível em: <http://poderosasdanovaclassemedia.com.br/index.html>. Acesso em: fev. 2014.

ENTRE ASPAS. **A classe média cresce no Brasil**. São Paulo: Globo News, 05 ago. 2008.

FRANÇA, Ronaldo. **O reino do meio:** Pesquisas confirmam a redução da pobreza e mostram que mais de metade da população pertence à classe média. Veja, São Paulo, p. 68, 13 ago. 2008.

FRIEDLANDER, David; MARTINS, Ivan; MOON, Peter. **A nova classe média do Brasil:** Como vivem esses 100 milhões de brasileiros e o que eles representam para o futuro do país. Época, Rio de Janeiro, p. 92-101, 11 ago. 2008.

GUEDES, João; MÜZELL, RODRIGO. **Pirâmide acima:** A classe média em alta. Zero Hora, Porto Alegre, p. 4-5, 06 ago. 2008.

HAMBURGER, Esther. **A vingança da empregadinha.** O Estado de S. Paulo, São Paulo, 19 jun. 2012. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,a-vinganca-da-empregadinha,907513,0.htm>. Acesso em: fev. 2014.

ISTOÉ. **O sonho começou:** Pela primeira vez, classe média vira maioria no País e almeja casa própria e automóvel. São Paulo, p. 52-53, 13 de ago. 2008.

JORNAL DA BAND. **Classe média representa mais da metade da população economicamente ativa do país.** São Paulo: TV Band, 05 ago. 2008. Programa de TV.

JORNAL DA CULTURA. **Classe média já é mais da metade da população, aponta FGV.** São Paulo: TV Cultura, 06 ago. 2008. Programa de TV.

JORNAL DA GLOBO. **O emprego no país cresceu e com ele a renda das famílias.** São Paulo: Rede Globo, 06 ago. 2008. Programa de TV.

_____. **A economia brasileira comemora a ascensão de uma nova classe média.** São Paulo: Rede Globo, 13 abr. 2010. Programa de TV.

LOBATO, Elvira. **Classe média emergente se acha pobre.** Folha de S. Paulo, São Paulo, p. B9, 10 ago. 2008.

NICACIO, Adriana; PINHEIRO, Lana. **A nova classe média brasileira:** Quem são os oito milhões de pessoas que, beneficiadas pelo aumento da renda, se tornaram o novo motor da economia. Istoé Dinheiro, São Paulo, 26 set. 2007. Disponível em: http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/6066_A+NOVA+CLASSE+MEDIA+BRASILEIR. Acesso em: jun. 2012.

NOSSA, Leonêncio; MONTEIRO, Tânia. **Nova classe média é uma das grandes conquistas do País, afirma Dilma.** O Estado de S. Paulo, São Paulo, 26 abr. 2011.

O ESTADO DE S. PAULO. **Classe média já é maioria no Brasil.** 06 ago. 2008, Capa. São Paulo.

O GLOBO. **Menos pobres e mais divergências:** Ipea e Getúlio Vargas chegam às mesmas conclusões mas enxergar causas diferentes. Rio de Janeiro, p. 23, 06 ago. 2008.

RAMALHO, Anna. **É de lascar!.** Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p. A15, 08 ago. 2008.

REPÓRTER BRASIL. **A maioria dos brasileiros pertencem a classe média.** Brasília: TV Brasil, 05 ago. 2008. Programa de TV.

SÁ, Nelson de. **Maioria nova.** Folha de S. Paulo, 06 ago. 2008. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0608200824.htm>. Acesso em: jul. 2012.

SBT BRASIL. **Pesquisas divulgadas nesta terça-feira indica que a renda dos brasileiros cresceu.** São Paulo: SBT, 05 ago. 2008. Programa de TV.

THE ECONOMIST. **Latin America's middle class:** Adiós to poverty, hola to consumption. Londres, 16 ago. 2007. Disponível em: <http://www.economist.com/node/9645142>. Acesso em: jun. 2012.

TODESCHINI, Marcos; SALOMÃO, Alexa. **Um mergulho na nova classe média.** Época Negócios, Rio de Janeiro, 04 nov. 2009.

VENTUROLI, Thereza. **A nova mulher da nova classe C:** O crescimento econômico fez nascer uma consumidora exigente e capaz de expandir um mercado até então tímido. Veja, Edição Especial: Mulher, São Paulo, maio 2010. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/especiais/mulher/nova-mulher-nova-classe-c-p-076.html>. Acesso em: fev. 2014.

APÊNDICE A - A “nova classe média” no jornalismo: estudo preliminar

Para muitos críticos da crença em uma nova classe média, a mídia desempenha papel fundamental na profusão da mensagem hegemônica de existência de uma nova classe. Sobre o tratamento ao tema da “nova classe média” pela mídia, Pochmann avalia:

Causa constrangimento [...] o viés político difundido pelos monopólios sociais constituídos pelos meios de comunicação e seus ‘oráculos’ midiáticos que terminantemente manipulam o consciente da população em prol de seus próprios desejos mercantis, defendendo consumismo e negando a estrutura de classe na qual o capitalismo molda a sociedade. (POCHMANN, 2012, p. 7).

Aqui, traremos alguns exemplos de como a temática foi abordada pela mídia, especialmente em matérias jornalísticas que retratam o “boom”¹⁸² da “nova classe média”, em 2007 e 2008. Também apresentaremos reportagens dos anos seguintes, até fevereiro de 2014, mostrando que o tópico continua em pauta. Demonstraremos que a abordagem opositiva/questionadora sempre esteve presente, embora seja a minoria. Nosso objetivo é ventilar aspectos da abordagem midiática da questão em foco, visto que essa é uma problemática recorrentemente mencionada em estudos que tratam da nova classe média (SOUZA, 2010; YACCOUB, 2011; POCHMANN, 2012; BARTELT, 2013; FLEURY, 2013; VICENTE, 2013). Entre todos esses trabalhos citados, o único que faz referência com ilustração “do que mídia está falando” é o de Yaccoub (2011), em artigo intitulado “A chamada ‘nova classe média’. Cultura material, inclusão e distinção social”. A autora cita alguns grandes veículos que deram destaque ao tema, expondo que “na maior parte das reportagens eram apresentadas histórias de vida nas quais personagens oriundos dos estratos sociais mais baixos ‘venceram na vida’ a partir do trabalho duro, empreendedorismo e conquistas consumistas” (Ibid., p. 204).

O boom: a nova classe média entra na agenda

Localizamos referências ao crescimento da nova classe média brasileira, em jornais e revistas, ainda em 2006, embora sem grande destaque. Naquele ano, as menções encontradas estão principalmente em falas de Lula. Na matéria “Lula direciona programa para classe média; Alckmin fala de saúde e cita dossiê”, da edição de 26 de outubro de 2006 da Folha de

¹⁸² Neri (2010) usa diversas vezes o termo “boom” para se referir ao crescimento da classe “C” brasileira.

São Paulo, o então presidente afirmou que seu governo visava a atender, em suas palavras, “a emergência de uma nova classe média, mais empreendedora e moderna”.

No entanto, é no ano seguinte que encontramos os primeiros registros mais expressivos sobre a temática, principalmente em jornais e revistas estrangeiros. Identificamos a primeira reportagem de relevo sobre a nova classe média na edição de 16 de agosto de 2007 da revista inglesa *The Economist* (2007). A reportagem, intitulada “Adiós to poverty, hola to consumption”, versou sobre a classe média em ascensão na América Latina, com ênfase para o Brasil. A matéria destacou o ponto de vista dos moradores da periferia de São Bernardo do Campo sobre as condições de vida naquele momento: “Muitos pessoas aqui são muito pobres, mas muitos estão se tornando classe média”; “Cada ano tem sido melhor que o anterior”. Essas pessoas são denominadas na matéria como “membros de uma nova classe média que está surgindo quase da noite para o dia em todo o Brasil e em grande parte da América Latina”.

Entre os especialistas entrevistados, Fernando Henrique Cardoso, apresentado como “ex-presidente que também é sociólogo”, declarou: “Estamos indo mais rápido em direção a uma sociedade de classe média do que poderíamos ter imaginado 20 anos atrás”. Para demonstrar isso, o repórter elenca melhorias nos serviços públicos, que estariam “melhorando rápido: praticamente todos têm eletricidade, água encanada e esgoto. [...] E o clima de otimismo é palpável.” (Ibid.).

A reportagem não deixa de aludir à complexidade do tema da classe média, resultado da “subjetividade” do termo classe-média, o que a diferencia da pobreza, que, conforme o texto, é mensurável. “O tipo de pessoa que costumam chamar a si mesmos de classe média, na América Latina, costuma estar no topo da escala: profissionais prósperos com muitos empregados, filhos na escola privada e férias na Europa ou em Miami” (Ibid.). A classe média que estaria emergindo, porém, seria diferente: “Ela é mais bem descrita como baixa classe média”. Em meio as diferenças entre ambas as classes, a matéria cita a diferença na educação, mais fraca na nova classe, que frequenta a universidade privada, e não a pública – chamada de elitista –, como a classe média tradicional.

No dia 17 de setembro, o site da BBC (DUFFY, 2007) declarava: “Brazil sees middle class emerging”¹⁸³. A matéria inicia expondo a ruidosa desigualdade brasileira, mais especificamente aquela que se reconhece em apenas um olhar, entre o Morumbi e a favela de Paraisópolis, divididos por uma avenida. Se essa já era uma realidade vinculada ao Brasil, a

¹⁸³ O texto cita a reportagem do *The Economist*, o que colabora para a entendermos como “precursora”.

novidade estava na melhoria das condições de vida dos habitantes da favela. “Entre as pessoas de Paraisópolis, parece haver um sentimento de otimismo de que essa é uma comunidade que está fazendo progresso no sentido de uma vida melhor”. A mensagem narrada pela BBC é otimista, embora a cautela fique clara: “Uma porta que já esteve fortemente fechada finalmente facilitou sua abertura para deixar entrar um pouco de luz.”

Ainda em 2007, na publicação de 26 de setembro, a *Isto é Dinheiro* explicava sobre “um movimento discreto, mas contínuo, que aos poucos começa a mudar a cara do Brasil. É o surgimento de uma nova classe média brasileira” (NICACIO; PINHEIRO, 2007). Nessa matéria, intitulada “A nova classe média brasileira”, os dados apresentados já adiantavam o que viria a ser reunido nos dois estudos de 2008 e o foco no consumo já se fazia presente: “Com a confiança em alta e uma renda maior, a nova classe média vai às compras.”

Outras duas reportagens de “inauguração” figuraram nas páginas do *New York Times*, em 24 de maio de 2008 e em 31 de julho do mesmo ano, menos de uma semana antes da publicização dos dados das pesquisas da FGV e do Ipea. A primeira delas, “Boom times for Brazil’s consumers”, iniciava o texto comparando o momento vivido nos Estados Unidos com aquele experienciado no Brasil. No país do Tio Sam, os consumidores estavam com o sinal de alerta aceso, enquanto em terras tupiniquins parecia não haver “palavra em português para recessão”; de um lado, americanos de classe-média cheios de angústia, de outro, classe média brasileira crescendo. “Resumidamente, mais brasileiros têm mais dinheiro.” (DOWNIE, 2008). As causas do bom momento eram relacionadas pelo jornal à “competente gerência” de Lula.

O consumo era, certamente, o cerne da reportagem. “Pessoas que não tinham uma geladeira, uma máquina de lavar roupas, máquina de costura, um aquecedor para o inverno, um ar-condicionado para o verão, eles podem comprar isso agora e melhorar sua qualidade de vida substancialmente”. A expressão “nova classe média” não é usada, todavia se afirma o crescimento da classe média. O mesmo se verifica na matéria “Strong economy propels Brazil to world stage”, de 31 de julho de 2008. Os casos ilustrativos dessa reportagem vêm de Fortaleza. Traz, entre os exemplos de superação, a história de dona Maria Benedita, que, com seu trabalho como costureira, possibilitou à filha cursar a Faculdade de Farmácia, tornando-se a primeira universitária da família. “Você não pode imaginar a felicidade que estou sentindo” (BARRIONUEVO, 2008), dizia a costureira ao jornalista.

Entende-se que essas reportagens eram todas, basicamente, variações do mesmo relato de desenvolvimento. O foco: o consumo. O resultado: o crescimento da classe média – com a

ressalva do The Economist de que, na verdade, essa seria uma baixa classe média, ressalva essa poucas vezes encontrada entre as matérias nacionais a respeito.

O que denominamos de “boom” da nova classe média no jornalismo se refere à proliferação de reportagens sobre a nova classe média que ocorreu a partir de 5 de agosto de 2008, com a divulgação das pesquisas de FGV e Ipea, citadas no início desse Apêndice, sobre o novo momento socioeconômico brasileiro. Na coluna Toda Mídia, assinada por Nelson de Sá, da Folha de São Paulo de 6 de agosto, destaque para a cobertura das pesquisas pela mídia:

Veja.com, Agência Brasil e outros foram de Ipea, ‘Pobreza diminui 30% em cinco anos; a indigência, 50%’. Folha Online, Globo.com e outros escolheram a FGV, ‘Classe média já é mais da metade. O ‘JN’ juntou e, na manchete, ‘Duas pesquisas apresentam resultados positivos para o Brasil: o número de pobres diminuiu e a classe média se tornou maioria’ (SÁ, 2008).

As pesquisas foram pauta de reportagens, nos dias 5 e 6 de agosto, dos principais telejornais nacionais¹⁸⁴. Destacamos aqui: da Rede Globo, Jornal Hoje, Jornal Nacional, Jornal da Globo e Bom dia Brasil; do SBT, SBT Brasil e Jornal do SBT; da Bandeirantes, Jornal da Band; da Rede TV, Rede TV News; da TV Cultura, Jornal da Cultura; da TV Brasil, Repórter Brasil.

Nos telejornais, especialmente, o uso de exemplos reais, como expõe Yaccoub (2011), citada anteriormente, foi uma constante, sendo verificado em todas as reportagens consideradas. Destacamos algumas falas que ilustram a apresentação de histórias reais de brasileiros que melhoraram seu poder aquisitivo (Quadro 1).

Quadro 1 - Opinião de brasileiros, em telejornais, sobre sua situação financeira atual

SBT Brasil	Eliaana Barcellos, auxiliar de serviços gerais: “Eu consigo pagar minhas contas direitinho, consegui comprar um computador.” Fernando, gerente de lanchonete: “Tenho minha vida realizada, tem dois filhos, casa própria, tenho o meu carrinho e tô satisfeito com esse emprego.”
Jornal da Band	João de Souza, vendedor: “Hoje tá mais fácil que antigamente, né? da gente conseguir as coisas.”
Jornal da Globo	Lucineide Rodrigues, manicure: “A gente consegue comprar mais, né? Comprar coisas diferentes: chocolate, pizza, iogurte mais fino, né?”
Jornal da Cultura	Maria das Graças Rodrigues, cabeleireira: “Quando eu comecei, eu morava de aluguel, né? Hoje eu tenho as minhas duas casas, tenho carro.”

Fonte: Sifuentes (2014)

¹⁸⁴ O clipping disponibilizado pela FGV não apresenta nenhuma reportagem da Record. Fazendo uma busca diretamente no site da emissora, os vídeos mais antigos disponíveis, independente do assunto, são de 2009. Assim, a Record não está incluída nessa observação.

Entre os telejornais considerados, apenas o Jornal da Band e o Jornal Hoje¹⁸⁵ não apresentaram a fala de nenhum especialista. Marcelo Neri foi fonte em sete, das dez reportagens; Márcio Pochmann, em três, duas vezes na mesma reportagem que Neri e uma vez sozinho¹⁸⁶; contaram, ainda, com a opinião de outros dois especialistas: o economista Decio Muniz, no Bom dia Brasil, além dos dois responsáveis pelas pesquisas; e o professor de economia da USP Naércio Menezes, no Jornal da Cultura, juntamente com Neri¹⁸⁷. Em nenhum desses casos a ideia de nova classe média foi contestada, embora Pochmann não leia os dados como resultado da ascensão de uma nova classe média.

Figura 5 - Jornal Nacional - 51,89% das famílias têm renda entre R\$ 1.064 e R\$ 4.591



Fonte: Jornal Nacional, edição do dia 5 de agosto de 2008

Figura 6 - SBT Brasil - 51,89% da população brasileira compõe a nova classe média



Fonte: SBT Brasil, edição do dia 5 de agosto de 2008

¹⁸⁵ Provavelmente, a ausência dos especialistas responsáveis pelas pesquisas na reportagem do Jornal Hoje se justifique pelo horário de transmissão do telejornal, no início da tarde, talvez antes da entrevista coletiva ou sem tempo hábil para usá-la.

¹⁸⁶ Não podemos precisar se houve de fato preferência por Marcelo Neri como fonte e mais atenção à pesquisa da FGV, do que a Pochmann e à pesquisa do Ipea, porque os vídeos foram obtidos por meio do clipping da FGV. Na maior parte das reportagens, as duas pesquisas são referidas juntas, porém, em algumas, como na reportagem do Jornal da Globo, é citada apenas a pesquisa da FGV.

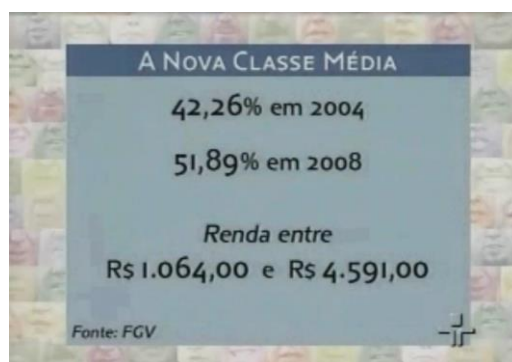
¹⁸⁷ Desde então, Marcelo Neri, especialmente, fez-se presente em inúmeras reportagens sobre o tema da nova classe média, chegando a ser chamado de “pai da nova classe média” (BARTELT, 2013). Foi considerado um dos 100 brasileiros mais influentes de 2010 e de 2012 pela revista Época.

Figura 7 - Jornal da Band - cresce o número de famílias na classe média (em gráfico)



Fonte: Jornal da Band, edição do dia 5 de agosto de 2008

Figura 8 - Jornal da Cultura- cresce o número de famílias na classe média (em quadro)



Fonte: Jornal da Cultura, edição do dia 6 de agosto de 2008

Em todos esses telejornais, o foco esteve nas pesquisas divulgadas em 5 de agosto pela FGV e pelo Ipea, com uso unânime de infográficos para demonstrar a ascensão social do brasileiro. O principal dado apresentado diz respeito ao fato de 51,89% da população ter chegado à classe média, a partir de informações da FGV.

Além de apresentarem casos de brasileiros que aumentaram seu poder aquisitivo e os dados das pesquisas da FGV e do Ipea, todos os telejornais da Globo, seja por meio dos apresentadores ou dos repórteres, deram destaque à falta de qualificação que impede que a população consiga empregos melhores e que o Brasil se desenvolva mais, indo ao encontro da fala de Neri: “O ponto fraco é a questão de educação, né? A gente saiu de um módulo de crise de emprego, onde as pessoas não tinham emprego, pro apagão de mão-de-obra” (JORNAL DA GLOBO, 2008). Todos os telejornais considerados aludiram à necessidade de melhoria na qualidade da educação (Quadro 2).

Quadro 2 – Telejornais da Globo destacam a necessidade de melhorar a educação no país

Jornal Hoje	Sandra Anenberg (apresentadora): “O aumento no número de carteiras assinadas fez a pobreza diminuir no Brasil nos últimos quatro anos, segundo a Fundação Getúlio Vargas.” Evaristo Costa (apresentador): “A pesquisa mostra também que a renda do trabalhador vem aumentando, mas ainda é preciso investir em educação e qualificação profissional.”
Jornal Nacional	Júlio Mosquera (repórter): “Os pesquisadores comemoram a redução da pobreza, mas consideram que a queda poderia ser ainda maior com melhoria na qualidade da educação e distribuição dos lucros das empresas para os trabalhadores.”
Jornal da Globo	Mila Burns (repórter): “O desafio do país agora é fazer quem chegou à classe C subir mais um degrau. Mas, para isso, é preciso investir mais para formar mão de obra qualificada.”
Bom dia Brasil	Renato Machado (apresentador): “Um novo Brasil de profundas transformações. A diferença já chegou ao dia a dia: televisão nova, a casa própria e até o descanso não são mais os mesmos. O que mudou? Mais emprego, menos pobres e uma nova classe média.” Renata Vasconcelos (apresentadora): “São novos hábitos, grandes desafios, mas também velhos problemas. Vamos voltar a conversar hoje com Claudia Bomtempo que está de volta. Claudia, aquele velho gargalho que a gente conhece: faltam também avanços na educação, na qualificação do trabalhador.”

Fonte: Sifuentes (2014)

A fala do comentarista do Jornal da Globo, Carlos Alberto Sardenberg, em diálogo com a apresentadora Christiane Pelajo, além de revelar o entendimento de que houve o “crescimento” e a “geração” de uma classe média, evidencia o enfoque na necessidade de aprimoramento da educação para um maior crescimento do país.

Sardenberg: A classe média que está aparecendo aí não é resultado da Bolsa-família, a classe média é resultado de emprego, geração de emprego e sobretudo mais emprego formal, dada a estabilização da economia, é isso que está gerando esse crescimento e gerando essa classe média que é crucial pro país.

Christiane Pelajo (apresentadora): E como essa classe média pode subir mais um degrau e chegar à classe B? A gente viu na reportagem o Marcelo Neri, coordenador do programa, dizendo que o que precisa é educação, mão de obra especializada.

Sardenberg (comentarista): É, educação, e isso que nós vimos [...] aquela mulher falando no final, você vê ali o desejo de enriquecer, o desejo de melhorar de vida, essa é a característica da classe média, o desejo de melhorar de vida. [...] Duas coisas que nós precisamos, portanto, educação e espaço pra classe média enriquecer. (JORNAL DA GLOBO, 2008).

Não houve, contudo, nenhum questionamento dos telejornais da Globo à existência de uma nova classe média brasileira, como se percebe nos exemplos já expostos. A chamada da

reportagem exibida pelo Jornal Nacional, apresentada por Fátima Bernardes, indica: “Duas pesquisas divulgadas hoje mostraram, *em números*, a redução da parcela mais pobre da população brasileira. Os cidadãos de classe média são agora a maioria”.

A abordagem de exaltação de uma nova classe foi a mesma em outros telejornais. No Repórter Brasil, da TV Brasil, o apresentador anuncia: “E o Brasil deixa de ser um país de pobres”. Já na matéria, o repórter Hebert Henning comemora: “Cresce a economia, diminui a pobreza. Este ano, a queda foi de 3,5%, a maior dos últimos seis anos. O fenômeno faz surgir na periferia das grandes cidades uma nova classe média” (REPÓRTER BRASIL, 2008).

A notícia circulou nos grandes jornais nas versões online no dia 5 e nas impressas no dia seguinte. Alguns deles deram destaque de capa ao assunto, como Zero Hora e O Estado de S. Paulo. Neste, a manchete anunciava: “Classe média já é maioria no Brasil”; seguida pela linha de apoio: “Com estabilidade econômica, faixa social intermediária avançou de 44,19% para 51,89%”. Também em destaque, a declaração de Marcell Neri: “A nova classe média é aquele grupo emergente que cresceu a partir do próprio trabalho. A carteira assinada é seu grande símbolo” (O ESTADO DE S. PAULO, 2008).

Na reportagem, um texto secundário apresentou a opinião de uma psicóloga com renda de acordo com a classificação de nova classe média. Com seu salário, conta que possui alguns confortos, mas de forma limitada, como jantar fora, pois não pode “fazer isso sempre”. Na avaliação da entrevistada, suas condições financeiras ainda estão longe de ser o “ideal do que se considera ‘médio’” e critica a forma como é feita a cobrança de Imposto de Renda, que prejudica a classe média ao cobrar dela o mesmo índice que da classe alta. Por fim, analisa que “esse crescimento vem do esforço próprio”, e não é de “nenhuma ajuda como o Bolsa-Família”.

Figura 9 – Destaque à ascensão da classe média na capa do Estado de S. Paulo de 06/08/08



Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, edição de 06 de ago. de 2008, capa.

Na capa da Zero Hora, além de manchete expressando a mesma ideia que a do Estado de S. Paulo e de um texto resumido apresentando o conteúdo das pesquisas, dois pequenos gráficos indicam os dados da FGV e do Ipea. No interior do jornal (GUEDES; MÜZELL, 2008), o tópico ocupou a seção Reportagem Especial, nas páginas (tablóide) 4 e 5. Acompanhando o texto principal, muitos infográficos traziam os dados da pesquisa de forma visualmente mais atrativa, e boxes, ocupando o topo de cada página, apresentavam, de um lado, informações sobre o momento econômico do Brasil ao longo de 21 anos, e, de outro, a história de vida de um casal e seus dois filhos, exemplos da classe média que desfrutava de uma situação econômica mais confortável. Essa família, entretanto, não representava o caso típico de ascensão da classe média, como o jornal pretendeu mostrar, mesmo com renda familiar de R\$ 4,5 mil, no topo da faixa. Em 1994, o casal de Porto Alegre adquiriu casa própria e carro zero; em 2001, compraram o segundo carro e casa na praia. Diferentemente do que as pesquisas mostravam naquele agosto, a família já se encontrava na classe média quando o fenômeno de crescimento econômico iniciou, em 2003, e, em 2008, já poderia considerada uma classe média estabelecida.

Figura 10 - Destaque à ascensão da classe média na capa da Zero Hora de 06/08/08



Fonte: Jornal Zero Hora, edição do dia 06 de ago. 2008, capa.

Entre as revistas com maior circulação no país, Veja chama a atenção para “O reino do meio” (FRANÇA, 2008), enquanto Isto É anuncia “O sonho começou” (ISTOÉ, 2008), ambas em 13 de agosto de 2008. A fala de Pochmann salientada pela Isto É mostra a diferença de seu discurso para o de Neri. O presidente do Ipea afirmava: “O Brasil está deixando de ser um

país de pobreza absoluta para ser um país de pobreza relativa, diminuindo a distância entre o topo e a base da pirâmide”.

Em “A nova classe média” (FRIEDLANDER; MARTINS; MOON, 2008), reportagem de Época de 8 de agosto, a revista da editora Globo aspira exibir como vivem “esses 100 milhões de brasileiros”, chamados de “ex-pobres que acabam de pôr o pé na classe média”. Inicia demonstrando o estranhamento de uma manicure ao ver-se considerada de classe média: “Classe média, eu?”, questiona ela. A moradora da Rocinha atende mulheres da zona sul do Rio de Janeiro a domicílio, e, apesar de estar na faixa de renda da classe C, com rendimento mensal entre R\$ 1,5 e R\$ 2 mil, não se considera classe média. Provavelmente por se comparar com suas clientes com padrão de vida bastante superior ao dela. Entrevistado pela revista, o economista Delfim Netto colaciona o momento vivido pelo Brasil com aquele experimentado nas décadas de 1960 e 1970, quando houve uma ascensão social do “mesmo gênero”. Agora, porém, ela seria ainda maior. Para o ex-ministro, “menos importante que o tamanho da renda é o povo sentir que progrediu”.

Apesar de a maioria das reportagens ter dado atenção quase exclusiva à notícia da existência de uma nova classe média, sem questioná-la ou apresentar divergências, alguns veículos salientaram questões geradas pelos dados e suas interpretações. Na TV, dois telejornais demonstraram a contradição de considerar mais da metade da população brasileira como membro da classe média, com rendas familiares a partir de pouco mais de mil reais mensais. No SBT Brasil, o apresentador Carlos Nascimento, ao final da exibição da reportagem que apresentou os dados das pesquisas da FGV e do Ipea, rejeita a inclusão de um grupo tão extenso sob essa rubrica: “Bom, 4.500 reais como renda familiar da classe média até que está razoável. Agora, é preciso perguntar para quem recebe mil reais de renda familiar se se considera de classe média, né? Porque, pelos critérios clássicos, essa renda nunca foi de classe média no Brasil” (SBT BRASIL, 2008).

Da mesma forma, no Jornal da Band, após reportagem que seguiu o mesmo padrão das demais, o comentarista Joelmir Beting questiona o “crachá de classe média” fornecido pelas pesquisas. O apresentador pergunta ao comentarista: “Joelmir, que classe média é essa? Tá certo esse critério do Ipea? O cidadão ganha mil reais e é considerado de classe média?”. Joelmir Beting responde:

Não, porque o próprio DIEESE acaba de divulgar, na semana que passou, um outro estudo dando conta de que para o atendimento das necessidades básicas de uma família de casal e duas crianças, o orçamento deveria ser de, no mínimo, dois mil reais. Então nós temos aí, nesse estudo, classe média que não tem como renda mensal sequer metade de suas necessidades básicas, ali no limite quase que da sobrevivência biológica. Mas... esse tipo de

estudo... dá nisso, a gente não entende certos critérios, certos conceitos. A única coisa que fica na certeza é de que houve realmente crescimento da renda de baixo pra cima por aumento do emprego geral, do salário mínimo e do Bolsa-família. [...] O que estamos aqui questionamento é apenas o conceito, o critério, que estabelece esse crachá de classe média ou classe baixa. (JORNAL DA BAND, 2008).

Na TV fechada, a Globo News dedicou o programa *Entre Aspas* do dia 5 de agosto a discutir a temática por 24 minutos. O “slogan” do programa, apresentado pelo gerador de caracteres, anunciava o tópico do dia: “Surge uma nova classe média”. Os especialistas convidados foram Waldir Quadros, professor da Unicamp, e Claudio Felisoni, professor da USP. Quadros destacou que, em termos de estrutura de pirâmide, o estrato que cresceu é “mediano”, mas que “classe média” tem significado diferente. “Um padrão de vida de classe média hoje é inacessível a essa chamada classe C. [...] O jovem que não tem esse padrão de vida, ele tá fora do jogo da classe média” (ENTRE ASPAS, 2008).

Assim como no programa da Globo News, em jornais e revistas nacionais, aqueles que apontaram as incongruências da pesquisa foram especialistas, muitas vezes em colunas. Ou seja, a crítica ficou para a área de opinião, e não de informação, em que prevaleceu a difusão da ideia da nova classe média. Além disso, a maior parte dos questionamentos pode ser encontrada em jornais de menor relevo, como *Tribuna da Imprensa* e *Monitor Mercantil*, ambas do Rio de Janeiro. Há, ainda, os casos em que a oposição é feita, porém em tom de piada. No *Jornal do Brasil*, em 8 de agosto, a colunista Anna Ramalho aponta:

A Fundação Getúlio Vargas, através de seu órgão de pesquisa, classificou como pertencente à classe média um porteiro que ganha R\$ 460 por mês, complementa a “renda” comercializando celulares usados, tem um carro de 1996 e comprou recentemente uma TV de 19 polegadas. Das antigas, nada de LCD. Classe média, coitado? Só se for a do Burundi. (RAMALHO, 2008).

Entre os veículos de maior expressão, ressaltamos as ponderações feitas por O Globo de 6 de agosto e *Folha de São Paulo* de 10 de agosto. Os especialistas ouvidos na matéria d’O Globo discordam de uma faixa de renda tão ampla ao se definir a classe média, especialmente por ser considerada a renda familiar, o que implicará em grandes diferenças de acordo com o número de membros da família. Além disso, são assinaladas as divergências entre as pesquisas da FGV e do Ipea.

Marcelo Neri, da FGV, aponta a geração de emprego com carteira assinada como fator preponderante para que mais de metade da população tenha ascendido. Marcio Pochmann, do Ipea, fala em aumentos reais do mínimo e programas sociais. A classe média de Neri tem renda domiciliar de R\$1.064 a R\$4.591. São hoje 19 milhões de pessoas. Pochmann não quantifica essa

fatia da população, mas calcula que três milhões terão deixado a pobreza até o fim deste ano. (O GLOBO, 2008).

A reportagem salienta que as conclusões são as mesmas, mas que as causas seriam diferentes. Na verdade, seria possível afirmar que as conclusões são diferentes, e por isso as causas também divergem. Como explicita o final do trecho citado, Pochmann não quantifica a fatia da população de classe média, mas, sim, destaca a saída da pobreza de um número significativo de brasileiros. Por isso se refere ao aumento do salário mínimo e aos benefícios oferecidos pelo governo, visto que esses atingem diretamente os mais pobres. Para a entrada na faixa de renda a partir de R\$ 1.064 por família, a carteira assinada, de fato, terá papel importante, assim como o aumento do mínimo.

Na Folha, a matéria intitulada “A classe média emergente se acha pobre” (LOBATO, 2008) revela que, embora famílias nessa faixa de renda afirmem que houve uma melhora do padrão de vida, não se consideram de classe média. Um aposentado ouvido opinou: “É uma baixaria. Fiquei revoltado quando vi a notícia na TV. A classificação é vazia e mentirosa.” Com renda de R\$ 2.400 e com três filhos para manter, considera-se pobre. Do mesmo modo, uma mãe de cinco filhos, moradora do Rio de Janeiro, com renda de R\$ 1.800, declarou: “A única roupa que comprei para mim neste ano foi um vestido, de R\$ 10. Nunca fui no cinema. Trabalho todos os dias e não tenho lazer. Classe média, para mim, tem lazer.”

Enquanto quase a totalidade das reportagens trazia ilustrações para os gráficos produzidos a partir dos dados da FGV, buscando mostrar, “na vida real, o que o pesquisador da FGV viu nos números” (GUEDES; MÜZELL, 2008), como divulgava Zero Hora; o relato da Folha fez o contrário. Essa abordagem foi absolutamente minoritária. A expressão “nova classe média” se espalhou pela mídia e no cotidiano dos brasileiros.

O tema continua em pauta

A nova classe média brasileira continua como pauta importante no jornalismo brasileiro até hoje. Numa busca no Google pelo termo “nova classe média”, em cada um dos anos considerados – 2009, 2010, 2011, 2012 e 2013 –, os resultados gerados são numerosos, seja no jornalismo, em trabalhos acadêmicos ou em material do governo federal. Nesta seção, apresentaremos uma ilustração de cada ano – não pretendemos constituir um recorte que permita uma análise com estratégia metodológica mais apurada.

Na edição de 4 de novembro de 2009 da revista *Época Negócios*, a reportagem de capa, “Um mergulho na nova classe média”, visou a apresentar “representantes típicos das famílias da nova classe média”. Dois repórteres conviveram por quatro meses com famílias de bairros periféricos de São Paulo. Resumem da seguinte maneira algumas de suas percepções:

Geladeira velha recheada de mimos, como achocolatado instantâneo. Casas miúdas em que o espaço é dividido entre pessoas e computadores. Quartos onde não entra uma cama de casal, mas com armários abarrotados de roupas e perfumes. A mistura caótica entre o velho e o novo, a privação e a abundância, o popular e o clássico [...] traçam o *retrato fiel* de uma camada específica da população brasileira: a classe C, ou a nova classe média. [grifo nosso] (TODESCHINI; SALOMÃO, 2009).

As quatro pessoas que figuram na capa da edição são “antenas” do instituto de pesquisa A Ponte, especializado em estudar a “nova classe média” e fornecer informações para clientes. “Antenas” são moradores da periferia treinados e pagos para estudar os vizinhos e repassar as informações, assim como fotografias e vídeos, para o instituto.

Figura 11 – Capa da revista *Época Negócios* de 04/11/09



Fonte: Revista *Época Negócios*, edição do dia 04 de nov. de 2009, capa.

Ao tratar sobre “os sete mitos da nova classe média” em um box, a reportagem expõe uma novidade em relação à abordagem que se encontrou no “boom” da “nova classe média”, pouco mais de um ano antes, visto que já há um “mito” a combater, bem como informações e interesse para fazer isso, buscando apresentar um *retrato mais fiel* do grupo.

Do ano de 2010, destacamos uma série de reportagens do Jornal da Globo, exibida entre 13 e 16 de abril e produzida por Ernesto Páglia. Como se conclui naturalmente, o fato de um tema merecer uma “série” em um importante telejornal e de um dos jornalistas mais respeitados da emissora ser designado para apresentar o assunto, diz da importância que ele tem para o veículo em questão.

Em 13 de abril de 2010, William Waack apresenta o objeto da série: “A economia brasileira comemora a ascensão de uma nova classe média. Assim são definidas os milhões de pessoas que passaram a ter um patamar superior de consumo” (JORNAL DA GLOBO, 2010). As quatro reportagens, como tantas outras, enfatizaram o viés consumidor desse grupo. Na primeira, o foco foram compras para a casa, especialmente a aquisição de computador pelo estrato. A segunda abordou a chegada da nova classe média ao aeroporto e a possibilidade de viajar de avião e fazer turismo, especialmente devido ao parcelamento.

A terceira reportagem expôs como empresas de marketing estão se especializando nesse nicho tão lucrativo. Uma das famílias pesquisadas é a da dona de casa Maria Aparecida. Ernesto Páglia pergunta à entrevistada se ela se considera como classe média:

Repórter: E a senhora se sente classe média, dona Aparecida? A senhora acha que faz parte dessa classe?

Entrevistada: Eu acho que não.

Repórter: Por que não?

Entrevistada: Eu acho que a classe média hoje tá quase junto com a classe alta.

Repórter: Mas a senhora é dessa nova classe média, tá todo mundo de olho... porque vocês são bons consumidores.

Entrevistada: Nós consome.

Com renda familiar de R\$ 3 mil, a família de Maria Aparecida desejava naquele momento começar a pagar a faculdade para o filho mais velho, para propiciar um futuro melhor que o dela. É com o tema da educação/qualificação que se encerra a terceira reportagem e inicia a quarta e última. O assunto, pode-se dizer, permanece o consumo. Carlos Augusto, funcionário do setor de cargas do aeroporto de Congonhas que conciliava o trabalho à faculdade de Logística, ilustrou a matéria. Ele iniciava as aulas na faculdade às 23h e chegava em casa às 2h. “É duro, mas a gente tem que ser firme”. O repórter entrevistou o reitor da faculdade onde Carlos estudava, e questionou se a nova classe média estaria passando por ali. O reitor respondeu que sim, que “o nosso foco é esse inclusive”.

Em 2011, a notícia do site do Estadão de 26 de abril repercutia declarações da presidenta Dilma sobre a nova classe média. Em “Nova classe média é uma das grandes conquistas do País, afirma Dilma” (NOSSA; MONTEIRO, 2011), a dupla de jornalistas

indica que a temática estava em pauta nas semanas anteriores devido a um artigo de Fernando Henrique Cardoso (2012), publicado em 12 de abril daquele ano na revista online Interesse Nacional. No artigo “O papel da oposição”, FHC sugere que a oposição se volte para a nova classe média – embora ressalte que a denominação, assim como “classe C”, é imprecisa.

Para Dilma, “essa nova classe média é uma das grandes conquistas e das maiores e melhores heranças que tenho do governo Luiz Inácio Lula da Silva” (NOSSA; MONTEIRO, 2011). Apesar de a matéria ser menos extensa que as demais consideradas e, excepcionalmente, não apresentar “histórias reais de brasileiros que ascenderam”, destacamo-la por demonstrar que o tema estava em discussão naquele momento.

Em 2012, mais precisamente em 10 de outubro, o site G1 anunciava: “Nova classe média inclui ao menos 50% das famílias em favelas do país” (D'AGOSTINO, 2012). O tema das favelas e a condição socioeconômica de seus moradores passam a aparecer com força, estando presente até hoje. As histórias de um morador da Rocinha, no Rio de Janeiro, e de dois de Heliópolis, em São Paulo, ilustram a reportagem. Naquele momento, o número de brasileiros na classe média chegava a R\$ 104 milhões, conforme a Secretaria de Assuntos Estratégicos. Também foi destacado o dado de que 5% dos moradores de favela pertenciam à classe alta.

Na Rocinha, 65% das famílias se encontrariam na classe média. “O G1 foi até o local falar com moradores sobre o critério de renda adotado pelo governo e encontrou famílias típicas de classe média, com carro novo na garagem, televisores de LCD com pacote de TV a cabo, que viajam de avião e têm filhos universitários”. Mesmo assim, os moradores rejeitavam o rótulo, visto que “rico não mora na favela”. Além disso, o promotor de vendas relatou estar cheio de dívidas. Já a aposentada Maria José, moradora de uma favela em São Paulo, com renda familiar de R\$ 2,4 mil para manter seis pessoas, vive com dificuldades, contentando-se com um computador de modelo antigo. Sobre a definição de classe média utilizada, questão que continuava em pauta de modo discreto, a economista da SAE defendia que o conceito usado “É para ter um recorte, para olhar a evolução”.

Sob o título “Conquistas da nova classe média devem sobreviver à desaceleração”, a matéria do site da BBC Brasil, de 31 de julho de 2013, foi escolhida para representar 2013 por registrar a desaceleração do crescimento econômico brasileiro e os protestos de junho daquele ano. O arrefecimento do crescimento, informa a reportagem, deve causar um freio no fenômeno de redução da pobreza e ascensão da “nova classe média”, mas não significaria reversão das conquistas. Assim como em 2008, seguem sendo apresentados dados que

mostram, em número absolutos e em população relativa, a quantia de brasileiros que “melhoraram de vida”, explicando faixas de renda, fazendo comparações, etc.

Assim, o que podemos apontar é que a problemática da “nova classe média” segue ainda em evidência na mídia. Percebe-se que a abordagem se complexificou um pouco, embora fossem encontrados desde o “boom” da temática textos com abordagem mais aprofundada, assim como matérias “lugar-comum” são ainda maioria. As questões econômicas e os protestos certamente têm papel central no encaminhamento da questão, mas não temos elementos para desenvolver uma análise nesse sentido. O que podemos sintetizar, é que, de acordo com o jornalismo, temos uma “nova classe média” no Brasil, embora as discussões mais aprofundadas nos mostrem outra coisa.

APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista 1

Nome: _____

Data: _____

Local: _____

DADOS PESSOAIS

Idade: _____

Profissão: _____

Escolaridade: _____

Religião: _____

Raça/etnia: _____

Estado Civil: _____

Filhos: _____

1. Gostaria que você contasse sobre sua história de vida.
2. Como você se apresentaria hoje (fale de você).
3. Como é sua rotina?
4. O que você gosta de fazer no tempo livre?
5. Como é a sua família? (relacionamento, valores, criação, desejos para o futuro)
6. Vocês costumava viajar quando você era criança? E hoje?
7. Qual são suas principais lembranças da escola?
8. Quando estava na escola, o que queria ser?
9. E hoje, qual o seu trabalho dos sonhos?
10. Você se considera bem-sucedida profissionalmente?
11. Qual você diria ser o papel da educação para você?
12. O que você entende por classe social?
13. Qual seria a sua classe social? (quando criança e hoje)
14. O que é ser mulher para você?
15. O que acha essencial para você ser feliz?
16. Qual a melhor e a pior coisa de sua vida?
17. Como você imagina sua vida daqui a 10 anos?

APÊNDICE C – Roteiro de Entrevista 2

Nome: _____

Data: _____

Local: _____

1. Quais suas primeiras lembranças envolvendo algum meio de comunicação?
2. Como sua família se relacionava com esses meios?
3. A que meios de comunicação você tinha acesso na sua infância?
4. Qual era o papel da televisão na sua infância?
5. Você lembra de algum programa em especial?
6. Sua família assistia novela quando você era pequena?
7. Quais foram suas novelas preferidas? Por quê?
8. Você recorda de uma cena de novela em especial?
9. E de algum personagem?
10. E na sua adolescência, como era sua relação com a mídia?
11. E hoje, qual o papel da mídia no seu dia a dia?
12. Qual o seu meio preferido?
13. Como você se mantém informada?
14. E quando você quer relaxar, que meio de comunicação usa?

APÊNDICE D – Roteiro de Entrevista 3

Nome: _____

Data: _____

Local: _____

1. Você gosta de assistir novela?
2. A que novelas você assiste?
3. Você lê algo sobre novelas?
4. Você nota diferença entre as novelas de acordo com o horário?
5. E de acordo com os autores? Tem um autor favorito?
6. Qual você diria que é a opinião do brasileiro sobre novela?
7. Todos assistem à novela, independente de sexo e classe social, por exemplo?
8. Você acha a novela realista?
9. O que as novelas mostram como o maior problema no Brasil?
10. As novelas mostram algum tipo de discriminação? Você já se identificou com alguma?
11. Como você diria que as distintas classes sociais são mostradas nas novelas?
12. Como são as relações entre as classes nas novelas?
13. E é assim na vida real? Como você diria que são as relações entre as classes na realidade?
14. Como a mulher é mostrada na novela?
15. Qual você diria que é a prioridade da mulher nas novelas?
16. Que funções homens e mulheres costumam exercer na novela?
17. Como é retratada a sexualidade feminina?
18. Qual personagem de telenovela você considera a típica mulher brasileira?
19. Você já se reconheceu em algum personagem ou em alguma história apresentada?
20. Se fosse para escolher alguma personagem de novela que de alguma forma pareceria com você, quem poderia ser?

APÊNDICE E – Formulário Econômico-Midiático

Nome: _____

Data: _____

Local: _____

I. Educação

1. Escolaridade da entrevistada: _____
() Escola Pública () Escola Particular
2. Curso de Línguas () Sim () Não Qual(is)? _____
3. Curso de informática () Sim () Não
4. Curso profissionalizante () Sim () Não Qual(is)? _____
5. Outros cursos: _____
6. Escolaridade da mãe: _____
7. Escolaridade do pai: _____
8. Escolaridade irmão 1: _____
9. Escolaridade irmão 2: _____
10. Escolaridade filho 1: _____
() Escola Pública () Escola Particular
11. Escolaridade filho 2: _____
() Escola Pública () Escola Particular
12. Escolaridade filho 3: _____
() Escola Pública () Escola Particular

II. Econômico

13. Renda familiar e salário entrevistada: _____
14. Moradia () Própria () Alugada
15. Se própria, quando adquiriu? _____
16. Carro () Sim () Não Ano: _____
17. Em que bairro você mora? _____
18. Quais suas formas de lazer? _____
19. Quem contribui para o rendimento da casa? Quais as profissões?

20. Profissão do pai: _____
21. Profissão da mãe: _____

III. Mídia

22. Que aparelhos de comunicação você tem (TV, computador, notebook, telefone fixo, celular, som, rádio, DVD, vídeo cassete, home theater, videogame...)?

23. Que meios de comunicação você usa?
() TV () Rádio () Jornal () Revista () Internet
24. Qual o principal meio para você? _____
25. () TV Emissora: _____
Programas: _____
Local: _____
Companhia: _____
Frequência: _____
Possui TV a cabo em casa? () Sim () Não
26. () Rádio Emissora: _____
Programa: _____
Local: _____
Companhia: _____
Frequência: _____
27. () Jornal Jornal: _____
Seção: _____
Local: _____
Frequência: _____
Quem compra? _____
Assina? () Sim () Não
28. () Revista Revista: _____
Local: _____
Frequência: _____
Quem compra? _____
Assina? () Sim () Não
29. () Internet Site: _____
Local: _____
Frequência: _____
Acessa internet no celular? () Sim () Não
Tem computador/acesso internet em casa? () Sim () Não
30. () Livros Quantos por ano: _____
Último que leu: _____

APÊNDICE F – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada para participar, como voluntária, em uma pesquisa. Após ser esclarecida sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine no final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora.

Título do projeto: **“Consumo e usos sociais de mídia e telenovela por mulheres”**

Pesquisadora: **Lírian Sifuentes**

Telefone para contato: **8436-3631**

Orientadora: **Ana Carolina Escosteguy**

O objetivo desta pesquisa é conhecer o consumo e usos sociais de mídia e telenovela por mulheres. A sua participação na pesquisa consiste em entrevistas, a serem gravadas em áudio, que serão realizadas pela própria pesquisadora. Os procedimentos aplicados por esta pesquisa não oferecem risco a sua integridade moral, física, mental ou efeitos colaterais. As informações obtidas através da coleta de dados serão utilizadas para o desenvolvimento da tese de doutorado da pesquisadora e possíveis desdobramentos da mesma, como artigos e papers. Caso não queira mais fazer parte da pesquisa, favor entrar em contato pelo telefone acima citado.

Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o sujeito participante da pesquisa. Você poderá retirar o seu consentimento a qualquer momento.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____,
RG _____ CPF _____,
abaixo assinado, concordo em participar do estudo como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos, bem como os benefícios decorrentes da minha participação. Foi me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento.

Local: _____ Data ____/____/____

Assinatura da entrevistada

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO

Título da pesquisa: **Consumo e usos sociais de mídia e telenovela por mulheres**

Pesquisadora: **Lírian Sifuentes**

Você está sendo convidada para participar, como voluntária, em uma pesquisa. Após ser esclarecida sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine no final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora.

Título do projeto: **“Consumo e usos sociais de mídia e telenovela por mulheres”**

Pesquisadora: **Lírian Sifuentes**

Telefone para contato: **8436-3631**

Orientadora: **Ana Carolina Escosteguy**

O objetivo desta pesquisa é conhecer o consumo e usos sociais de mídia e telenovela por mulheres. A sua participação na pesquisa consiste em entrevistas, a serem gravadas em áudio, que serão realizadas pela própria pesquisadora. Os procedimentos aplicados por esta pesquisa não oferecem risco a sua integridade moral, física, mental ou efeitos colaterais. As informações obtidas através da coleta de dados serão utilizadas para o desenvolvimento da tese de doutorado da pesquisadora e possíveis desdobramentos da mesma, como artigos e papers. Caso não queira mais fazer parte da pesquisa, favor entrar em contato pelo telefone acima citado.

Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o sujeito participante da pesquisa. Você poderá retirar o seu consentimento a qualquer momento.

Assinatura da pesquisadora